Daniel Mastral
Isabela Mastral
A História de
Mithry
Quando os sonhos parecem reais demais
Volume 2
Editora
Arcadia

EDITORA
ARCADIA

lisa Koton

Daniel Mastral
Isabela Mastral

A HISTÓRIA DE MITHRY

Quando os sonhos parecem reais demais

Volume 2

1ª Edição
2021

EDITORA ARCADIA

Copyright © Daniel Mastral
Copyright © Editora Arcádia, 2021

Todos os direitos de edição e publicação adquiridos pela EDITORA ARCÁDIA. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc, sem a permissão da editora.

Editor Executivo
Edivaldo Dias

Produção Editorial
Editora Arcádia

Revisão Ortográfica e Gramatical
Mari Vieira

Ilustradora
Lise Katori

Capa
Joy Designer Editorial

Diagramação
Editorial Félix

Editora Arcádia

www.editoraarcadia.com.br

Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Ciclo 5
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15

Para
M & C

Era uma vez,
Muito, muito tempo atrás,
Um Reino distante onde vivia um povo de coração puro.
Esse foi o primeiro povo que existiu em todo o Universo, antes de qualquer outro;
Eram chamados Filhos do Rei.
Não conheciam a cobiça, o ódio, a mentira, ou a soberba;
E suas leis eram regidas por princípios simples:
Pelos laços do amor, da amizade e do respeito mútuo,
Pois essa era a sua essência.
E não se pode fugir de quem se é.
A natureza dos Filhos do Rei, no princípio,
Era como a dos animais, ou das crianças bem pequenas.
E o Rei governava com bondade, dignidade e justiça;
Amava seu povo com o coração.
Havia paz e harmonia entre os Filhos do Rei, e os irmãos cuidavam um do outro.
Pobreza ou doença não havia, nem quem conhecesse lágrimas sem consolo.
Tudo era abundante, e tudo era para todos.
Até nas rivalidades inexistia a maldade;
As diferenças não produziam nem inveja, nem desprezo.
Por causa da Virtude os Filhos do Rei eram imortais.
Porém, era necessário alimentar-se da Árvore Mágica.
A Árvore produzia doze Frutos diferentes;
Cada Fruto marcava uma Estação;
E cada Doze Estações marcavam um Ciclo.
No início das Estações havia festas em todo o Reino
Para celebrar a colheita!
Todos os Filhos do Rei comiam os Frutos da Árvore Mágica,
Cada qual em sua Estação.
Mas apenas um dos Frutos concedia a Eternidade.
O Rei sabia que, sem obstáculos, não existe aprimoramento.
Os seus queridos precisavam enfrentar as dores eventuais, os conflitos;

As reações de causa e efeito...

E esperar pela Festa da Vida!

Pois a dor desvanece, mas o ganho fica!

O Fruto da Vida retirava os espinhos que porventura ferissem a alma,

E mantinha os Filhos do Rei eternamente jovens;

Assim os Filhos do Rei floresciam, amadureciam, alcançavam a sabedoria.

Pois, sem tal, não é possível apreender o todo do Universo

E nem usufruir da plenitude da Vida.

Essa era a Colheita mais importante!

Prólogo

Louisville, Kentucky; Estados Unidos.
Dezembro, 1959 d.C.

Victoria D'Angerville acordou sobressaltada, dando quase um pulo da cama. Por pouco não caiu no chão. Seu coração estava acelerado como se tivesse corrido... não. Não corrido, nem nadado... ou lutado *muaythai.* Mas parecia que estava... se afogando.

Alguns segundos respirando rápido... Não estava se afogando de verdade.

Era pânico. Terror. O som de disparos, rajadas de tiros atordoantes misturadas a gritos; e sangue. Ela se afogava no sangue *deles*! Não tinha forças para correr, não tinha forças para gritar. Estava acordada? O suor frio encharcava seu corpo todo, até o couro cabeludo. Ou seria *sangue*?!

Assustada, virou aos trancos na direção da mesinha de cabeceira, procurando freneticamente o interruptor do abajur. Quase bateu a cabeça no móvel. O som dos tiros reverberava pela mente. Finalmente, à luz suave, ela virou e revirou as mãos procurando sangue. Passou os dedos pelo pescoço, pelo peito. Não tinha sangue...?

Não.

Suas roupas estavam limpas, ela estava limpa. Só molhada de suor. Caiu de volta no travesseiro.

Agora, silêncio. Um silêncio como de surdez, tamanho o barulho anterior produzido pelas armas – e por gritos aterrorizados. Victoria sentia como se estivesse com a cabeça debaixo d'água. Depois, ficou só um zumbido forte e persistente nos ouvidos.

Olhou em derredor. O coração ainda parecia que ia sair pela boca. Tinha sido tão real... *tão* real. Seu corpo todo tremia. O

cobertor foi parar debaixo do queixo. Ela se encolheu. Que pavor era aquele? De onde *vinha*, meu Deus?

Vinha do pesadelo, claro. Mas ela não se lembrava de nada. Nada! Estava perdida num terror que não tinha contexto, mais forte do que a realidade em torno dela.

Por sinal... Onde estava mesmo...?

Ah.

No quarto da Pousada. Era a segunda noite que passava lá.

Victoria demorou um tempo até sair da cama. Até sentir que suas pernas iriam mantê-la em pé. Separou uma das roupas que ganhara na véspera e finalmente entrou no chuveiro bem quente. Ficou lá até sentir-se mais calma.

Mais ou menos uma hora e meia depois, a jovem estava dentro do táxi que Maxwell, o dono da Pousada, havia chamado para levar a hóspede à cidade.

"Eu mesmo cuido disso, *miss* Waldegrave", esclarecera Maxwell, solícito. E com o costumeiro sorriso largo, acrescentou: "Depois vou me recolher um pouco e descansar. Essa minha carcaça aqui é osso duro de roer. Ainda aguentava ficar por aqui, mas a patroa não deixa. 'Você trabalha demais *senhor Maxwell Ferdinand*!'. E quando ela diz "*senhor Maxwell Ferdinand*", é porque eu tenho que obedecer. Ah, essa minha querida Ruth..."

"Ela só quer o seu bem", respondeu Victoria no automático.

"Sim, sim. Bem, ora, são 40 anos de casado. Ela sabe que às vezes tem que tomar as rédeas. Minha pobre Ruth! E então eu obedeço, para não a deixar nervosa à toa".

"Faça isso mesmo, senhor Maxwell".

"Bem, ora é o que eu faço. Você vai conhecê-la. Minha Ruth estará aqui durante o restante da manhã e à tarde, depois meu filho mais velho chega do trabalho às dezesseis horas pontualmente".

"Então vou conhecer toda a sua família", Victoria já não estava prestando atenção. Pouco antes ela tinha tomado seu café da manhã como um zumbi, sem a alegria costumeira diante de pratos deliciosos.

"Bem, *miss* Waldegrave, temo que isso seja impossível. Tenho nove filhos e filhas e quinze netos".

"Uau, parabéns!', a moça disse, sinceramente surpresa.

"E serei bisavô muito em breve", ele até estufou um pouquinho o peito. "Minha neta caçula completa 12 anos! Ora, veja, *miss* Waldegrave, talvez a senhorita consiga conhecer a maior parte de minha família, afinal: a festa da minha neta vai ser aqui, no salão da Pousada. Nesse fim de semana".

"Quem sabe, não é?"

O homem esticou o pescoço para o lado, atento, e olhou pela cortina já aberta de uma das janelas. — Seu táxi, *miss*.

Victoria se despediu e ia saindo; mas, num repente, se virou de novo para o simpático dono da Pousada. Sentia-se transtornada, no entanto, fez o possível para não passar essa impressão. "*Nesse* fim de semana? — Ela não tinha ideia de em qual dia da semana – ou do *mês*! – eles estavam.

"Hum... já nevou por aqui? —— Victoria tentou fazer a pergunta soar completamente normal.

"Ainda não, *miss*. Mas deve ser logo! Quem sabe teremos a sorte de um Natal Branco, não?

"Pois é."

"Sei que senhorita talvez não se lembre, mas 'A Grande Tempestade de Gelo de 1951', como passamos a chamá-la, durou quatro dias. De 30 de janeiro a 2 de fevereiro. Deixou um caminho de gelo de Louisiana até Ohio, mas as piores nevascas caíram no

Tennessee, de Memphis a Nashville, e aqui pertinho, inclusive, em Lexington. Já Bowling Green enfrentou quase 30 graus negativos".

Maxwell, pelo visto, não estava com nenhum sono, e apoiou os cotovelos sobre o balcão.

"É um frio insuportável até para quem sempre morou por aqui! A senhorita gosta de frio?

"Bem... não desgosto. Mas isso que o senhor está contando já é meio demais".

"Nem me diga! De repente, estávamos sem energia e sem telefone em diversos lugares.

"Hã-hã..."

"Mas o problema não termina aí, não!" — Maxwell ergueu o dedo indicador e o gesticulou com força. – Sei que outros passaram pelo mesmo, mas meus canos de água estouraram certa madrugada por causa do frio extremo.

"Minha nossa!"

"A senhorita não imagina o tamanho do prejuízo! Nem os *Bulldozers* davam conta de raspar o gelo. Ruas e estradas ficaram intransitáveis, viajar era praticamente impossível. Esse foi o inverno mais caro dos Estados Unidos. Mais tarde as notícias davam que os danos foram de cem milhões de dólares, a senhorita acredita? Mais da metade desse valor foi por causa dos pobres pecuaristas e donos de lavouras..."

Victoria só queria sair dali: "Fico feliz que sua Pousada tenha sobrevivido a esse incidente. Onde *mais* eu iria ficar?

Maxwell gargalhou.

A fria temperatura do inverno se espalhava para dentro do táxi, mesmo que só em parte. Victoria estava bem agasalhada, mas de vez em quando estremecia. Ela não sabia exatamente o porquê, se era apenas o frio, ou os resquícios do pesadelo. Puxou a gola do casaco e cruzou os braços fortemente sobre o peito.

"Mais um", pensou Victoria, contrariada. *"Mais um sonho".*

Aquele tinha a mesma "aura de realidade" dos sonhos antigos, mas a sensação petrificante de pavor era novidade. O som das rajadas. Eram muitos tiros. Ao mesmo tempo. Um som ensurdecedor. Depois, a sensação de estar ensurdecida. E o zumbido nos ouvidos, que permaneceu até a hora do café da manhã. Então... então mais nada. Branco total. Ela não sabia de mais nada.

Com o rosto imóvel, tentou, por uma última vez, achar alguma coisa, *qualquer* coisa, um fiapo de lembrança, algum fio solto na memória e que ela pudesse *puxar*...! Mas... não havia nada.

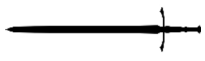
Algo tinha acontecido. Isso ela sabia. Algo terrível. *"Quem sabe mais tarde eu lembro..."*

Seria efeito da ausência de sedativos por quase dois dias? Estava com abstinência de sedativos? *"Meu Deus, que sinistro... Não pode ser".*

Mas a verdade é que toda a conversa de Maxwell sobre a nevasca de 1951 não dera pista sobre dia ou mês. Sabe-se lá quanto tempo Victoria ficou naquele lugar desgraçado... E uma vozinha intrometida soava dentro de sua mente: "Você não sabe *realmente* por quanto *tempo* tomou medicações".

Victoria meneou a cabeça com certa veemência. O motorista a olhou pelo espelho, curioso. Victoria sorriu brevemente e desviou a atenção para a janela. "Está tudo bem", ela murmurou para si mesma. "*Tudo vai bem*".

Tratou de se concentrar na beleza da manhã de inverno pairando sobre os campos, o sol colorindo tudo, refletindo diamantes nas águas do rio Ohio, e um céu tão azul e límpido. O motorista começou a assobiar alegremente uma velha canção de Glenn Miller, "*In the Mood*".



Depois de um tempo, Victoria estava acalorada. Sufocada. Ela não se conteve e abriu a janela para tomar uma lufada de vento

gelado no rosto. "*Ahh* ...". Assim, agora, com a janela aberta, ela não se sentia presa de modo algum.

"Sim. Você escapou. Foque nesse fato".

Mas sua mente estava dividida, indo e vindo, e misturando sentimentos: "Só pense que você *escapou* de lá! Você escapou de um pesadelo em vida".

A jovem de dezessete anos inspirou fundo. Começou a sentir o frio do inverno de novo, e então subiu a manivela. Apoiou a cabeça no encosto do banco. Mas seus olhos continuavam observando o dia.

Poucos minutos depois e Victoria já abria a janela de novo – só metade. Deixou entrar mais uma lufada de ar frio sobre o rosto. Aquilo parecia segurá-la no mundo real. Fazia escoar todo o sofrimento. Não estava presa.

Deixou-se envolver pela ventania gelada. Frio, calor, frio, já nem sabia o que estava sentindo. Seus longos cabelos dourados eram jogados para todos os lados. Ela o segurou, enrolou-o e puxou-o para a frente, colocando-o sob os braços cruzados.

Victoria notou que o motorista olhava para ela pelo espelhinho. A julgar pelo cachecol que o homem usava, e as luvas de couro forradas, ele não estava satisfeito com a ventania.

— Está tudo bem, *miss*? — indagou o homem, agora um pouco preocupado ao perscrutar o rosto da jovem.

Victoria sabia que devia estar pálida como osso. Abriu a boca para responder, mas não soube o que dizer.

— Eu... eu... *hum...*

— Está se sentindo bem? — o condutor tornou a perguntar, com mais de atenção. — A senhorita precisa que eu pare, que lhe arrume um copo de água? Tem um posto de gasolina logo adiante, com uma lojinha, e...

— Não, não. Está tudo bem. — E foi fechando a janela. Sentia as mãos fracas e trêmulas ao girar novamente a manivela.

Fato: se houvesse o que saber, ela acabaria por sonhar novamente. Era capaz de então vir cheio de detalhes.

Um pensamento aterrador: rápido como uma ave de rapina atrás da presa, Victoria foi abalroada por ele. *"E se for alguma coisa que minha mente não está pronta para aceitar, ou entender? Será que alguma coisa aconteceu de verdade, e eu simplesmente esqueci?".* Ela se sentiu meio louca naquela hora. Um pressentimento ruim abalroou a boca do estômago.

Levando em conta o recém-descoberto "trabalho" do seu pai, será que ela poderia ter vivenciado alguma situação assim? Talvez na infância? Algo tão assustador, que sua mente empurrara tudo para as profundezas do inconsciente?

Não.

Claro que não *aconteceu* de verdade! Tinha sido só mais um sonho, igual aos de Cleópatra ou Jeanne D'Arc, quando Victoria revivera tanto parte de suas vidas quanto suas experiências de morte.

"Tudo bem, ... *É* esquisito" – uma imensurável quantidade de detalhes lhe sobrevinha, coisas que ela não tinha nem como saber. E os campos de concentração e extermínio da Segunda Guerra Mundial? Tão reais quanto tinha sido a ventania, pouco antes. Nos campos só havia mais morte! Esse era o denominador comum entre todos os sonhos: Morte... e uma visão cristalina, uma empatia, um... reconhecimento. "Meu Deus do Céu...!".

Tinha explicação? Não. Victoria só sabia que não eram delírios! Quanto às crises de pânico: também foram verdadeiras.

Uma única vez a sensação estranha de reconhecimento (ou lembrança?) que os sonhos traziam *não veio* num sonho. Ela estava acordada, lendo uma revista, uma reportagem sobre diversas mulheres... e algumas histórias lhe saltavam à vista de um jeito estranho, como se estivessem chamando seu nome: "Aqui... leia, leia isso". Tinha acontecido quando estava indo de trem para a

fazenda de seu avô. Antes de descobrir tudo sobre o seu pai... antes da internação...

Mas, fossem sonhos ou sensações perturbadoras de identificação, obviamente o pesadelo daquela noite tinha superado tudo. Estava recheado de morte. Ela sabia. Mas o contexto era um branco total.

A jovem suspirou. "Vai ver também não é nada demais! Talvez o pesadelo dessa noite seja só uma reação tardia de pavor". Ela refletiu um pouco mais. A internação tinha feito com que perdesse bastante peso. Era um sinal externo de uma exaustão muito maior, que começava na alma. Duas noites na Pousada e boas refeições não iriam magicamente colocá-la em forma física; muito menos, psíquica.

"Estou muito, muito cansada. Exausta. Vai ver esse foi o jeito de minhas emoções em frangalhos se expressarem. Só tenho que descansar, ficar quieta; comer bem, dormir bastante... De preferência sem nenhum sonho".

Victoria também pôs na balança os efeitos que a noite da fuga poderiam, porventura, produzir. Tinha sido uma epopeia física e emocional! A caminhada de horas, os quilômetros que vencera seguindo o mapa rabiscado pelo médico desconhecido – seu salvador! Foi essa a lembrança que finalmente colocou um leve sorriso nos lábios.

Sem ele, jamais teria escapado daquele lugar. Victoria se deteve nisso, obrigou-se a prestar atenção na *felicidade* de ter escapado de um lugar tão monstruoso.

Ficou pensando naquele médico. Ela não era bem o tipo de pessoa que acreditava em milagres, mas *tinha sido* um milagre de Deus! Se não vivesse a experiência por si mesma, não acreditaria. Sem falar na bagagem que recebera depois. Inacreditável! Era nisso que ela tinha que pensar. A perspectiva de ver novamente o médico a punha ansiosa, mas aí era de um jeito bom.

Talvez ela devesse ter ficado na Pousada. Precisava, urgentemente, descansar. Fora no ímpeto que saíra de lá naquela

manhã. Antes havia a necessidade de comprar algumas roupas, mas agora ela já tinha tudo de que precisava. Mas, como já tinha se programado na véspera, a garota só seguiu o plano inicial, que era dar uma volta no centro de Louisville.

Ela quase pediu ao motorista para dar meia-volta. Porém, naquele instante Victoria notou que estavam saindo da estrada – eles seguiam pela Dixie Highway – e pegavam as ruas laterais que dariam na cidade logo mais. Então... assim ia ser. Daria uma volta no centro de Louisville, apesar dos membros pesados e do corpo dolorido e de todas as sequelas da internação. Só uma voltinha.

Para sentir o sol no rosto, a brisa, e ver gente normal e bonita, com olhos saudáveis e falando coisas que faziam sentido.

"Será terapêutico para mim. Tão bom quanto o repouso. Ver que a vida aqui fora continua, e a maior parte das pessoas *não* é louca, nem está à mercê de médicos sádicos...".

Victoria cortou incontinenti o pensamento que a levava de volta, subjugada, ao doutor Ralf Muller. Inspirou fundo, mas dessa vez parecia que o ar não entrava tão bem. "Eu *vou* superar"; ela se esforçou para acreditar. Queria tanto acreditar! Aquela página de sua vida estava encerrada!

Olhou ao redor e começou a ver outros carros, e pessoas. Não fazia mal espairecer. Talvez aí nem sonhasse mais! Talvez aquele fuzilamento *realmente* fosse uma alegoria inconsciente do que tinha vivido nas últimas semanas. E esse pensamento, dessa vez, finalmente, a acalmou.

Tinha lavado o corpo da sujeira do sanatório, agora era necessário lavar a alma também. Não que pudesse fazer isso em *uma* manhã! Sua alma requeria uma cura mais lenta. Mas Victoria sorriu. Lavar a alma e o espírito – era isso! Respirou fundo. Dessa vez o ar entrou profundamente.

A garota nem reparou na palavra que seu cérebro escolheu, aleatoriamente: "Fuzilamento".

Capítulo 1

Tobolsk; Sibéria.
Dezembro,1917 d.C.

Uma garota de cabelos curtos e louros, levemente arruivados, estava pensativa no momento.

Passava do meio da tarde, e logo seria servido o Chá (ou o que a família agora chamava de "Chá"). Estendida de bruços sobre a cama com um livro aberto diante de si, volta e meia o pensamento dela voava inquietantemente de volta para o mesmo lugar – como faz um passarinho que é libertado da gaiola, mas continua voltando sempre, aprisionando a si mesmo. Tinha dias nos quais ela se sentia como o passarinho...

Ainda bem que eram *poucos* dias, graças a Deus!

Ela não podia imaginar *como seria* se não tivesse outras coisas para fazer e pensar. Bem... Não tantas coisas quanto costumava ter, é verdade, mas ainda assim era abençoada com uma mente fértil e criativa. Nada como a criatividade! Quando dava por si, a criatividade já tinha arquitetado um monte de coisas para pensar e fazer.

Mas hoje não era um desses dias.

Hoje ela era o passarinho, debatendo as asas contra a gaiola. Finalmente desviou os olhos do livro para a janela, e divagava. Com dezesseis anos, era natural que lhe surgissem as "Questões". Não que fossem recentes, as "Questões" já incomodavam há uns dois anos. Cabe dizer, a favor da garota, que, de modo geral, seu temperamento não era dado a preocupações.

Acontecia só de vez em quando. Só quando coisas que deveriam mudar demoravam a fazê-lo, ou quando queria muito uma resposta que não vinha. Totalmente avessa a respostas sem-graça e desinteressantes, daquelas que são dadas às crianças só para que parem de incomodar, a verdade é que as *melhores informações*

obtidas nos dois últimos anos tinham sido ouvidas sorrateiramente atrás das portas.

Mas agora... quando tudo já tinha *acontecido*... não havia respostas. Não tinham informações. Teriam que esperar que chegassem. E esperar pode ser difícil.

A menina se pegou refletindo, remexendo nas lembranças. As ideias estavam se debatendo contra as grades da gaiola. Não dava para sair dali. Se ao menos ela pudesse se distanciar do olhar e da memória infantil que tivera um dia, talvez assim conseguisse *ver*. Ver onde aquilo começou. Onde estavam os *sinais*.

Ela apoiou a bochecha sobre o livro aberto, ainda olhando para a janela. Estava ventando bastante, mas já nem havia folhas para serem carregadas como plumas por aí. Apenas uma friagem misturada com geada que só pioraria durante a noite. Ela apertou de novo o cachecol.

"Bom, eu *consigo* entender uma parte", ela começou a deixar sair, por fim, o que estava acumulado. "Eu entendo perfeitamente que a preocupação e as medidas tomadas pelo meu pai em relação à proteção e segurança da nossa família eram por motivos *verdadeiros.* Entendo que os motivos eram permanentes, por isso as medidas, igualmente, jamais mudariam.

"*Agora* consigo captar e elucidar a mente de meu pai, pois não sou mais uma criança". Mas, por ser a caçula, era pequena demais para se lembrar de *detalhes* relevantes, para *reparar* em tudo. "Sendo sincera, não havia *em quê* reparar: Segurança, e oficiais de segurança, nos cercavam naturalmente desde sempre. Meu pai tinha inclusive uma Guarda particular. Para nós, garotas, para meu irmãozinho, isso não era nada demais; era normal. Como sempre foi. A prioridade da segurança sempre foi perene.

"Compreendi que as exigências do meu pai não estavam erradas. Havia necessidade de medidas protetivas *extremas*, sim. Ele não as negligenciou. Era prioridade absoluta. Só que antes isso não era perceptível para nós, os filhos".

Engraçado. Ela notou que até seus doze, treze anos, nunca notara que esse *modus operandi* de Segurança não era exatamente regra em outros países, onde eles tinham parentes. Também não se estendia a tios e primos. Por que com *eles*, então? Sua família era, por acaso, diferente?

De repente, como um balão que sobe até o céu, em sua mente ressurge uma viagem feita à Inglaterra anos antes – ocasião na qual os jantares e festejos aconteceram principalmente dentro do iate do seu pai. A garota franziu a testa. Era uma viagem de férias...

"*Por quê*, então?".

O que tinha acontecido naquela época? Ela nunca refletira realmente sobre esse fato: que seus pais mal desceram à terra. Naquela tarde, porém, volta e meia essa memória voltava e voltava. Era isso que estava atrapalhando sua concentração nos estudos, deu-se conta, afinal.

Os alegres dias de verão no sul da Ilha...

Agora ela quase conseguia *capturar* de novo aquela estranha sensação, que se entremeava de vez em quando, como um espírito ruim, aos risos e aos divertimentos. Quase podia senti-lo. Um mau agouro. Tal e qual podia sentir o impacto da bola na raquete de tênis. Estava ali, ao alcance... sempre estivera ao alcance.

Na verdade, ela havia reparado, *sim*! Em diversas pequenas coisas. Mas depois da viagem sua mente se incumbiu de apagar aquelas evidências indistintas, que não se encaixavam.

Ainda mais porque tinha sido uma viagem *tão* maravilhosa! Deu um suspiro de saudade. Tinha sido muito diferente.

Normalmente os verões eram passados em seu próprio país, na casa de veraneio da família, que ficava ao sul, na praia – um verdadeiro paraíso de céu e mar anil-esmeralda, e sol, sol, sol. Ela ficava cheia de sardas, e bronzeada apesar da pele naturalmente alva. Ah, que lembrança tão adorável e gratificante! Que felicidade estar viva naqueles dias na praia!

Ao invés de permanecer de bruços e com a cabeça baixa sobre o livro, ela se acomodou de costas, apoiando a cabeça nos

antebraços cruzados. Era uma posição muito mais otimista também, diga-se de passagem. Cruzou um tornozelo sobre o joelho dobrado da perna oposta, e sorriu.

"Oh, *menina*! Tolamente deselegante e inapropriada!", diria sua mãe. Mas bastante confortável.

Na casa de veraneio, o iate do seu pai, sempre escoltado por navios da Frota Imperial, ficava aportado na baía. Era uma época deliciosa de confraternização, quando se encontravam com primos, tios, parentes e amigos que também possuíam casas na região. Havia noites de saraus e festas, e jantares; vez por outra também bailes formais – dos quais ela não podia participar! Eram ocasiões "adultas demais", inadequadas para crianças. Foi uma dor no coração da caçula quando as duas mais velhas finalmente estavam prontas para tais eventos, e as duas menores, não. Como o mundo era injusto...

"Ah, como eu queria *debutar*!", ela se recordou. Pois era o único modo de comparecer aos bailes sem ser se esgueirando por trás de cortinas e embaixo de mesas gigantescas, sempre com o risco de ser capturada e posta no castigo. Ela sonhava com o dia de usar os cabelos para o alto num belo coque frouxo, e saias longas e ajustadas.

"Não que eu adore, *adoooore*, as saias longas. Faço justiça à liberdade dos vestidos curtos. Mas confesso, já que agora posso usá-las, que me caem bem e dão-me um elegante ar crescido e refinado; oh, sim, até mesmo a *mim*. Mama ficaria feliz, se não fossem... as circunstâncias do momento".

Sua mãe já não lhe dava aqueles merecidos tapas no topo da cabeça, reclamando quando ela passava dos limites aceitáveis para uma senhorita – o que era quase sempre: "*Por que*, ó, meu Deus? Deste-me uma filha que preferia ter nascido moleque!". Uma mãe de cinco filhos, sendo quatro moças, pode se dar o direito de esbravejar de vez em quando, mesmo tendo mais de uma governanta. A garota nem ligava.

Depois dos bailes das irmãs mais velhas, absorta, o queixo apoiado nas mãos, ela sorvia cada palavra. Tinham sempre muitas histórias para contar sobre *fulana-beltrana-sicrana*, e sobre os oficiais da Frota ou da Guarda, por quem se apaixonavam. Cada uma tinha seu preferido; até mesmo ela! Embora não fosse tão apaixonada como as outras.

Aquele convívio nunca foi coibido. Pelo contrário: Aqueles oficiais eram tão próximos quanto a família, e considerados mais que dignos pelo pai delas, já que usufruíam da companhia de suas filhas. Os mais antigos as tinham visto crescer. Os mais jovens lidavam com as meninas sem medo e sem tanta inibição, como podia acontecer com outras pessoas. Mesmo os alvos de flertes respeitavam a posição das irmãs, mesmo em face da beleza florescente das adolescentes, como irmãos mais velhos o fariam. Não era segredo que fossem alvo de amores platônicos.

Pla-tô-ni-cos – muito bem estabelecidos. Era do conhecimento geral que nunca poderia haver um casamento. Eles desempenhavam a função de guardiões, mas também se tornaram o mais próximo que elas conheciam como amigos de verdade. Companheiros de conversas e travessuras, companheiros de jogos, de partidas de tênis e natação, os pais preferiam a presença dos oficiais a de certos cortesãos.

"Minhas brincadeiras preferidas eram com eles!", um novo sorriso brotou no rosto da garota. "Nossas correrias feito loucos, e o esconde-esconde para cima e para baixo nas tardes de sábado em casa de Titia! Quase quebramos aquele guarda-roupa, ao nos escondermos dentro dele!" – dessa vez, um suspiro entrecortado, triste. E a garota tentou mudar o rumo dos pensamentos de imediato.

Lembrar-se dos rapazes e daquela época tão feliz a faria *miserável* naquela tarde...

Será que os encontrariam novamente? Muitos ainda estariam longe, talvez, na Grande Guerra da Europa. E quando retornassem – *se* retornassem... – elas não estariam mais em casa para recebê-los. Sequer *haveria* oficiais imperiais, ela não sabia, mas só a ideia

parecia funesta, além de um disparate. Com um murmúrio de desespero momentâneo, chacoalhou a cabeça, espantando os fantasmas.

Ia pensar nas *férias anuais da família*. Nas *FÉRIAS*! (Claro que, ao fazer isso, a lembrança dos oficiais se tornava quase palpável, até. Mas, faria uma seleção de ideias! Nada como a imaginação nessas horas. E ela sempre tivera muita criatividade).

Além da temporada na praia, todo ano eles costumavam navegar pelo litoral da Finlândia, contornando estreitos, maravilhando-se com os fiordes entre as montanhas e descendo nas belas ilhas totalmente isoladas. Colhiam flores, pescavam. Seu pai mergulhava nas águas geladas, e elas o seguiam. Quase nunca havia ninguém, exceto nos povoados, mas a escolta sempre estava presente. Era um passeio muito esperado também, já que as garotas não saíam para viagens durante o ano. Era assim que era.

Mas *daquela vez* na Inglaterra! Oh, tudo tão arrebatador e instigante!

Fechou os olhos, inspirou fundo. Tinha oito anos de novo e estava no convés do iate do seu pai, podia sentir a brisa quase morna no rosto, carregada de maresia, brincando ao esvoaçar seus cabelos...

Estava fascinada quando o iate entrou no Canal da Mancha e eles se aproximaram finalmente da Ilha de Wight, que ficava ao sul de Southampton. Foi abalroada pela vista magnífica das ricas falésias na costa, o tom abrilhantado das pedreiras, as cores do mar, a vegetação ao alto, os veleiros deslizando como gaivotas sobre as ondas.

Um gritinho — "*Ah*!" — tinha escapado de seu peito. Ali iriam se encontrar com sua bisavó por parte de mãe.

Os tutores principais das meninas e do irmãozinho viajavam com a família. Tinham ensinado que "A Ilha", como era denominada

simplesmente a Ilha de Wight, era um condado cerimonial e não-metropolitano da Inglaterra. Enquanto se aproximavam, ela já adiantava no coração as delícias vindouras da estadia na residência de verão que fora construída pela rainha Victoria.

A voz de seu irmãozinho de cinco anos, com a roupa típica de marinheiro, falando ao lado dela com olhos arregalados: "Ouvi dizer que nessas pedreiras têem dinossauros enterrados", comentou.

"Fósseis, é o que você quer dizer?", ela respondeu, cheia de sapiência.

"Isso. Você acha que conseguiremos ver algum?"

"Bem, nada é impossível", ela afirmou, mesmo achando totalmente improvável. Mas gostava de vê-lo feliz. Os dois tinham uma ligação muito forte desde que ele era pequenino. Passou um dos braços sobre os ombros dele e olhou em torno, ansiosa.

Sua mãe viera morar na Inglaterra devido aos infortúnios da vida. Saíra de Hesse, na Alemanha, e permaneceu sob os cuidados da rainha Victoria até as Bodas.

A rainha considerava sua neta, a princesa Alice Victoria Helena Louise Beatrice, conhecida como Alix de Hesse e Reno, uma das moças mais bonitas que já vira. Sendo assim, a expectativa era de um excelente casamento. Na verdade, todas as irmãs de Hesse e Reno, belas e inteligentes, passaram a ser alvo de muita especulação e escrutínio internacional. Era implacável o mercado de casamentos reais da Europa. Porém, Alix sempre garantiu às suas filhas: "Fui muito abençoada. Casei-me por amor!". E seu pai dizia o mesmo.

O problema da segurança na Ilha começou cedo — (pensando nisso *agora*...).

Eles atracaram a certa distância da cidade portuária e civil de nome Cowes, de frente para o pedaço conhecido como East Cowes, na margem oposta do rio Medina – a mais distante deles. E lá ficaram.

"*Papa*!", a menina reclamou, notando a demora. "Quando vamos descer?!"

Só então foi informada que o encontro se daria a bordo do iate, e não em terra firme.

"Mas *por quê*? Não é possível!"

Seu pai nunca ficava nervoso. Não gritava, nem esbravejava como sua mãe às vezes fazia. Ali não foi diferente – era a calma em pessoa ao dizer:

"Vocês poderão descer. Mas não agora!"

Emburrada, ela apoiou com fúria os dois braços sobre a amurada e ficou namorando a paisagem. Cowes e East Cowes eram ligadas por uma ponte flutuante, e havia balsas. As garotas todas estavam especialmente frustradas (na verdade, muito!) por não poderem ver tudo de perto. Mas, frustradas ou não, foi ali que o iate permaneceu, ladeado por dois cruzadores e três *destroyeres* do seu pai.

O almirante-general da Frota Imperial, o tio "Beau", que acompanhava a família, trouxera uma enorme força militar que se agrupava em outros inúmeros barcos da Frota. E que frota realmente colossal tinha se reunido, mesmo sem levar em conta os navios britânicos que os aguardavam!

Foi quando ela se deu conta. Nunca vira tamanho esquema de segurança, *não* que se lembrasse. Parecia uma... *extravagância*. Havia ali um pequeno exército naval. Ninguém falou sobre aquilo, pais, professores, oficiais do iate, ninguém; talvez porque não houvesse nada a ser dito. Nem as irmãs mais velhas pareciam impressionadas, estavam rindo e comentavam coisas umas com as outras.

Mas, de repente a caçula sem querer bateu os olhos no rosto da mãe. E sua mãe parecia nauseada, olhando não para as filhas,

não para o filho, nem para o marido, mas em torno. Assustada.

Mas sua mãe se assustava *mesmo*, vez por outra, quando estavam fora de casa. Mesmo assim parecia-lhe haver algo estranho. Como uma centelha viva de temor, uma preocupação crescente. A menina percebia aquilo no semblante da mãe e de algumas pessoas próximas como um *feeling* fugidio, fugaz; nada alarmante. Só "algo" que parecia fluir dos outros e ela captava involuntariamente. Logo sumia, especialmente se notavam seus olhares curiosos.

No coração, uma sensação esvoaçante e indistinta dizia: "Tem alguma coisa *errada*, fora do lugar". E tinha a ver com a segurança deles. Mas logo em seguida o fervedouro da diversão a levava embora, ela nem se dava mais conta. Esquecia por completo. Bendita seja a vida das crianças!

Sem encontrar encaixe na sua mente infantil e nem despertar ecos similares para comparação, a menina encontrou uma resposta quase inconsciente: "É uma viagem ao estrangeiro. Mesmo que seja para visitar familiares, é uma terra distante. Precisamos de *mais* segurança do que em casa. Talvez as pessoas se aflijam um pouco, às vezes. É só isso. Quê mais?!". Pensamento interrompido. Entediada de não fazer *nada*, fala aos gritos para as duas irmãs acima dela em idade: "Espera, *espera*, também vou, quero *patinar* também!!!".

Ponto final. Saiu correndo. Ela só queria se divertir com as irmãs, o irmão, os primos que vinham chegando. E foi o fez, totalmente enlouquecida pela rara oportunidade de estar no "Mundo Lá Fora": Isto é, além de casa.

O enorme e liso convés do iate era uma ótima pista de patinação. Patinava como louca, sem parar, divertindo-se com seu irmão e suas irmãs. Só a mais velha prestava atenção – ainda que *não muito*, pois estava batendo um papo com seu oficial predileto – à revista naval grandiosa que ocorreu no porto de Cowes: cento e cinquenta e dois navios tinham se posicionado para dar passagem aos iates reais – o "Victoria and Albert" também vinha se aproximando –, além de uma armada de vapores, iates e veleiros enfeitados que dava as boas-vindas.

Depois de um tempo, o general-chefe da segurança pessoal do imperador e o responsável por uma importante seção da polícia secreta teve que começar a desembarcá-la. Tinham que assumir posições e começar o trabalho. Aparentemente esse desembarque chamava mais atenção para o fato de que a família imperial tinha chegado.

Mas essa logística toda passou meio que despercebida, pois as crianças só queriam patinar e correr.

Logo era noite.

O iate imperial e sua escolta rumaram para o Spithead, no Solent, para o encontro com a família real britânica a bordo do "Victoria and Albert". As crianças se debruçavam na amurada, gritando e acenando, antes mesmo de subirem ao iate real inglês.

Uma vez a bordo, as meninas mostravam grandes sorrisos, falando sem parar. Nem se importavam por estarem cercadas: oficiais do *dia a dia*, com quem estavam acostumadas, mas também guardas de elite da Escolta Pessoal do seu pai e agentes da polícia secreta. Sem contar que também havia detetives britânicos. Por fim, o cerco em volta das irmãs e de seu irmãozinho incluía governantas tentando governar de algum modo, mas fracassando totalmente. As irmãs estavam esfuziantes. Nem ligavam para tantos rostos que nunca tinham visto.

Parecia dia de festa, e era mesmo! Tudo ficou esmaecido pela primeira reunião familiar, os abraços, beijos, risadas, lágrimas, presentes, conversas e uma lauta refeição que ocupou a cabeça de todos.

Todos os meios de entrada da Ilha estavam sendo vigiados e guardados, o que incluía estradas, ferrovias, plataformas de desembarque e até pequenos vilarejos. Tudo estava sendo

monitorado por centenas de policiais e detetives britânicos. Muitos à paisana. Disso a garota nunca ficou sabendo.

Mas quando finalmente receberam licença para ir à terra firme, no dia seguinte, as jovens irmãs claramente notavam os policiais do pai, transitando à paisana por todo canto, em duplas, vistoriando ou acompanhando-as. Era impossível invadir um local pequeno como Cowes sem serem notadas tantas pessoas novas que, aparentemente, queriam se passar por turistas!

A caçula e seu irmãozinho riam à beça: será que as outras pessoas notavam que eram detetives e policiais fazendo esforço para não chamar atenção?

"Talvez eles *queiram* chamar atenção!", opinou a segunda irmã, de modo prático, indicando com o queixo algumas duplas que caminhavam a poucos passos delas.

Não deixava de ser engraçado!

Naquele dia foram a East Cowes encontrar com os primos e brincar na praia particular. Isso ocorreu por quatro dias. No caminho, acostumaram-se a acenar bastante e sorrir aos habitantes do local que conseguiam um ponto favorável para vê-los passar em seus trajes de banho.

Enquanto as adolescentes e as crianças se divertiam, Tio Beau desce escadas a passos firmes dentro do iate imperial e entra no gabinete principal, sem bater.

"Nicki!!", ele ruge, raivoso, com uma saudação. Nicki se volta para ele. Seus olhos mostram um límpido azul, e as roupas que usa são impecáveis e magníficas. Ele retira o cachimbo da boca com uma baforada.

"Fale, tio Beau", foi a resposta.

O Almirante-general da Frota Imperial é muito mais velho do que o sobrinho, mas, estando profundamente contrariado, pretende ser muito *claramente* ouvido: "Recebi o relatório da inteligência

britânica. Após lê-lo, fui obrigado a fazer uns telefonemas e gritar com algumas pessoas. E não posso deixar de achar que são uns incompetentes! Estão literalmente borrando as calças, e de cabelos em pé! Avisaram-me que a segurança na Ilha tem sido um completo *pesadelo* logístico!"

Nicki aponta uma cadeira à sua frente, e tio Beau se acomoda, bufando.

"Agora ouça: com gritos ou sem gritos, o fato é que eles não aconselham que o senhor desça em terra firme, conforme havia sido combinado. Nada de aparições para o povo, nada de discursos, nada de tapinhas nas costas do príncipe."

Nicki ergueu uma sobrancelha: "Mas ele não me havia dito nada sobre isso".

"Sim, provavelmente porque esperava que os encarregados ainda *conseguissem* realizar seu trabalho, que é proteger aqueles que precisam ser protegidos! Porém, como disse... a incompetência impera por aqui! Digo eu, de pés juntos, que não haveria de ser nada que um bom regimento militar não pudesse resolver, mas aqui é a *Inglaterra*. E estão enlouquecidos, temendo um atentado.

"Risco real?"

"Segundo eles, sim. O país está vivendo uma tensão 'horrível e constante', foi o que me disseram, por causa da 'nossa visita'. Suponho que seu primo 'Edward VII da *Inglaterra*' não vá querer arriscar-se diante desse pessimismo. Em suma: a ideia de que a visita pudesse melhorar sua imagem perante a Europa saiu pela culatra, é o que digo!".

"O que alegam, concretamente falando? Houve ameaças reais?"

"Parece que sim. É por isso que estou furioso! Recusaram-se a me dar muitos detalhes. Apenas avisaram que o príncipe Edward estava a caminho para conversar diretamente com você!! O que eles pensam? Que sou um incompetente igual?"

"Pois bem, fique aqui e o receberemos juntos!"

De fato, a visita não tardou. O príncipe Edward veio com dois lordes a acompanhá-lo. Aleksandra logo ficou sabendo da chegada deles e se juntou ao marido, ao tio Beau e ao general-chefe da polícia secreta que acabava de ser avisado e entrava por último. As notícias não eram nada boas.

"Será impossível que você desça do iate e se apresente ao povo. Há grupos radicais perigosos que o ameaçaram de morte caso pisasse em solo britânico. Não podemos correr esse risco. E a opinião pública está dividida"

Lorde Hardinge, subsecretário das Relações Exteriores, achava que tudo não passava de alarmismo desnecessário, e não deu muita importância aos manifestantes na Trafalgar Square. Já lorde Suffield, um nobre liberal, concordava com o príncipe, mas foi de poucas palavras. Por dentro, no entanto, estava abismado: "Ter que trazer a própria polícia secreta...", pensava consigo, "Não imagino algo mais desesperador. Que escravidão, meu Deus! É um preço muito alto a ser pago por qualquer realeza".

A pobre Aleksandra começou a sentir palpitações. As notícias arruinaram seus nervos já em frangalhos.

"E quanto a meus filhos?!", indagou, alarmada.

"Fique em paz. Estão bem guardados, e não há ameaça contra eles. Pelo contrário, as pessoas estão maravilhadas em poder vê-los de longe. A questão é com você, Nicki. Quando muito, poderiam descer rapidamente uma vez até a praia com seus filhos. A área é bem isolada. Mas nada além".

Era inadequado que falasse assim, mas a mãe das crianças quase não se conteve: "Não é à toa que um dos lugares onde me sinto mais livre e feliz é nos mares da *Finlândia*", ela pensou. Em seguida mandou servir um chá. Puxando o braço do serviçal que entrou para os atender, ela falou em voz baixa: "Calmante, esse chá, ouviu? *Muito* forte e calmante".

Nicki soltou outras baforadas de seu cachimbo, em silêncio. Tio Beau fez menção de começar uma discussão, mas o sobrinho

ergueu a mão: "Por favor. Não precisamos disso". E serviu uma dose generosa de vodca para todos.

"Tão cedo?", balbuciou lorde Suffield, nervoso, mas tentando sorrir enquanto pegava a sua. Jamais a recusaria, independente do horário sacrílego.

O primo Edward nem ouviu. Disse que os britânicos permaneciam em alerta máximo, mas o Parlamento e a imprensa estavam extremamente preocupados com a possibilidade de uma desgraça ocorrer mesmo assim. Bem debaixo de seus narizes.

"Quanto aos radicais, caro Nicki", acrescentou Edward sinceramente compungido, "fazem menção aos eventos de 1905 e à repressão política; não hesitam em condená-lo por tudo" – (como um déspota, pensou o príncipe, mas não o disse em voz alta).

"Sangue será lavado com sangue se você ousar colocar os pés no solo britânico. Pois, dizem eles, 'não podem compactuar com alguém cujas mãos estão cheias de sangue'. Confesso, caro primo, que estou desolado. Mas é desesperador. Aconselho-o, para seu bem, que não os desafie".

A única coisa que Nicki disse, olhando Edward nos olhos, foi: "Você sabe o que ocorreu em 1905". E aquilo não era uma tentativa de se explicar, nem de se desculpar.

"Caro primo...", suspirou o príncipe. "Eu lamento veementemente; mas não temos como controlar a situação".

"Se vocês mandassem enforcar alguns desses tratantes rebeldes, provavelmente não teria com que se preocupar agora!!", vociferou o almirante-general.

"Só más notícias, meu bom Deus...", os lábios de Aleksandra, que tocaram a chávena de chá com suavidade, estavam tremendo. "Não vejo a hora de que essa viagem acabe".

O príncipe não comentou mais nada, limitando-se a trivialidades e ao chá. Sabia, no entanto, que a situação dos visitantes era de tal modo inflamável que os comandantes ingleses imbuídos da segurança mais próxima chegaram, intimamente, a se

tomar de pena pelo imperador. Era um prisioneiro. Assim como sua família.

Capítulo 2

Tobolsk; Sibéria.
Dezembro,1917 d.C.

A garota de cabelos louro-arruivados lembrou como o sol da viagem deixou suas mechas mais claras, e ela adorou. Sua pele também adquiriu um bronzeado dourado. Ela e as irmãs, alheias aos problemas dos adultos, só queriam se divertir naqueles dias de praia. Precisavam aproveitar a oportunidade de convívio, de alegrias e travessuras. Todas elas tinham visto tão *pouco* do "Lado de Fora"!

O "Lado de Fora" – O Mundo além de sua residência.

E ali, na praia da Inglaterra, não importava que o país delas ocupasse um sexto das terras conhecidas; não fazia diferença a quantidade de riquezas incalculáveis, nem a opulência dos incontáveis palácios. Elas não davam atenção ao fato de serem herdeiras da família mais rica do mundo. E sequer avaliavam que seu pequeno irmãozinho substituiria o pai, um dia, no comando absoluto. Havia momentos em que só queriam ser... normais.

As duas garotas mais velhas, com 12 e (quase) 14 anos na época, geralmente faziam o que se esperava delas. Mas a caçula de 8 anos era praticamente um moleque vestido com saias (como apregoava a mãe), que ela arregaçava e segurava nos braços se necessário. A terceira irmã na hierarquia de 10 anos, tinha natureza mais tímida e plácida, mas acabava contagiada pela alegria esfuziante e as tramas da caçula, a quem amava profundamente. Ora era ela a "desencaminhada dos bons costumes"; ora era o irmão.

"Oh, que *lástima*!!!", gritou a caçula, impulsiva. Acabava de ficar sabendo que não lhe seria permitido desfrutar o passeio-extra com as duas mais velhas! Que indignação. Permanecer encurralada no iate quando as outras podiam sair para fazer *compras*?!

"Não sou tão incontrolável assim como você está dizendo, Mama! *Posso* me comportar!". Ela seguia a mãe pelo convés. Mas a imperatriz nem se deu o trabalho de parar, seguindo adiante, cercada por algumas de suas damas. Só falou uma frase: "Masha também não vai" – Ela já estava com o coração na mão pela conversa com o príncipe.

Mas foi-lhe garantido que as meninas estariam seguras, haveria segurança inglesa, e como mãe, achou injusto impedir as adolescentes de passearem. Ainda mais porque a polícia secreta do tio Beau, que também acompanharia as meninas, foi escolhida a dedo.

Aquilo encerrava o assunto.

As garotas voltaram maravilhadas de poder *caminhar* calmamente – e não simplesmente *ir de carro* –, pela rua principal em West Cowes. Aquilo era tão raro! Muito educadas e sorridentes, conversavam fluentemente em inglês e compravam tranqueiras bobas: cartões-postais e perfumes da farmácia. Depois, informadas sobre se havia um joalheiro, elas foram até lá para escolher presentes de agradecimento para os membros da tripulação imperial.

A caçula ouvia, entre perplexa e chateada, quando a mais velha disse, rindo: "Acho que a notícia acabou correndo à boca pequena, e de repente havia uma verdadeira multidão ao nosso redor, que nos seguia por toda parte.

"Uma multidão maior que a que nos espera perto da praia", acrescentou a outra. "Conversamos com todos que conseguiam se aproximar um pouco".

Tempos depois lhes chegaria às mãos o jornal *The Times*, que mencionava a visita das belas irmãs ao comércio local, sua beleza e os muitos sorrisos para a multidão. As quatro garotas encantaram a Inglaterra, pois todas foram avistadas descendo para a praia e

acenando para a multidão. O jornal mencionava até o pequeno herdeiro, descrevendo seu rostinho como angelical.

O restante da viagem transcorreu lindamente, com uma cerimônia majestosa após a outra. Durante aqueles quatro dias o filho do príncipe Edward, o príncipe David, se encantara com a segunda das filhas do imperador, mas era Aleksandra quem fazia notas mentais sobre o jovem vir a ser um bom par para a mais velha, futuramente.

A lembrança da caçula se alternou entre o brilho da água maravilhosa, como um espelho de fogo ao pôr do sol, e o brilho do céu noturno forrado de estrelas. Estrelas que ficavam ofuscadas quando as luzes de todos os navios e embarcações se acendia, aquela frota gigantesca, adormecida, flutuando numa outra nuvem de brilho. Ela tinha escutado até mesmo o general-chefe da polícia secreta comentar, certa noite, ao lado do seu pai: "É uma visão de conto de fadas, é o que posso dizer!".

Os ouvidos da menina rememoraram as músicas e as festas, e como as duas famílias reais confraternizaram a bordo dos iates todos os dias. Ela viu de novo o olhar de seu pai sobre os filhos, tão contente que eles haveriam de se lembrar de coisas boas, de paisagens diferentes e de alegria em família.

Na noite antes da partida houve bandas de música e danças e cortesias, e por fim, fogos de artifício. Logo que o baile começou, Aleksandra acusava a caçula de desencaminhar a terceira filha, Mariya, e se punha furiosa! Justo Mariya – sempre amável e simpática, chamavam-na "o anjo da família". De todas as quatro, muitos achavam que Mariya ia dar-se inigualavelmente bem como esposa de qualquer homem. Que a merecesse, naturalmente.

Já a mais jovem fora carinhosamente apelidada de "*Shvibzik*" (*diabinho*) pelas irmãs, e de "a criança terrível" por governantas e damas da imperatriz. Travessa demais, e muito esperta! Fazia imitações maldosas das pessoas que conhecia e se

punha a rir descontrolada, e era seu costume exceder os limites em brincadeiras – o que lhe rendia alguns castigos. Quando pequena, subia em árvores e apenas o pai conseguia fazer com que descesse.

"É tão difícil assim *aprender-a-se-comportar*?!", reclamava a irmã mais velha, também incumbida de tomar conta da "criança terrível". Lamentava ter que servir de exemplo o tempo todo, mesmo sendo tão jovem.

Naquela última noite na Inglaterra, então, foi impossível! Lorde Fischer, o almirante da frota inglesa, conduziu alegremente todas as irmãs nas danças, uma seguida da outra, e a caçula aproveitou para rodopiar além do alcance da mãe, das damas, das governantas. Quando os fogos estouraram já estava toda desarrumada e com a barra do vestido meio rasgada. Se pendurava à amurada, rindo e gritando. Tinha se divertido muito, e dançado e cantado, e arrumado esconderijos para se esconder e brincar de assustar os outros. "Venha, venha Máchenka... não faça barulho", dizia, chamando Mariya.

E Mariya seguia a irmã pé ante pé, a mão sobre a boca para segurar as risadas. A cada susto bem-sucedido elas se punham a rir e gritar loucamente.

Depois, à hora do jantar, os convidados se dividiram: As damas permaneceram no iate imperial com Aleksandra – e se ouviam vozes e gritinho femininos, e o nome de sua mãe correndo pelos quatro cantos: as mais formais chamavam "Aleksandra" acrescentando seu patronímico, demonstrando o devido respeito. Já as mais próximas falavam "Alix, *Alix*!".

Quanto aos cavalheiros, subiram a bordo do "*Victoria and Albert*", junto com o príncipe Edward e Nicki.

A mãe sentia-se desconfortável pelo comportamento da filha mais nova. Diante das primas inglesas, era tão, *tão* embaraçoso... se a rainha Victoria ainda vivesse, seria um vexame.

Ah, a querida Victoria...! justo ela, símbolo do poder feminino extremo, apregoava para os íntimos, meneando a cabeça: "Cargos de governança nunca foram adequados às mulheres!". Quem diria.

Aleksandra sorriu para si mesma. A verdade é que Victoria teria se deliciado com a impetuosidade irrefreável e o humor sagaz da sua filha mais nova. (“Mas onde estará mesmo a danadinha??”)

Contudo, *era preciso* educá-las, não? Podar suas asinhas, mesmo que doesse...

Tinham uma vida boa, suas quatro filhas. Boa, porém equilibrada, conforme desejava a mãe; e sem exageros. Os palácios em que viviam, por si só, já ostentavam riquezas demasiadas. Aleksandra introjetara fielmente a mais pura dignidade e moderação inglesas, vindas da própria rainha Victoria, de modo que após o casamento fora-lhe impossível compactuar com tais exageros: os brilhos de ouro rebuscadamente espalhados por todo lado, os espelhos e os rococós, as pinturas gigantescas até o topo das paredes, a mobília extravagante. Havia detestado todo aquele desperdício!

“*Ah*, e aquelas cortinas!”: quão horrendas e pesadas eram! A imperatriz sempre se lembrava das cortinas e do alívio em substituí-las. Novos móveis – recatados, de excelente qualidade – foram encomendados e passaram a cumprir perfeitamente seu papel em dar conforto apenas o suficiente, de forma bem mais simples.

Esbanjar desnecessariamente era um crime grave aos olhos da mãe. As meninas não precisavam de camas de plumas; ou vestidos de rendas e *frufrus* no *dia a dia*. A rotina das meninas, mesmo rígida, dava espaço tanto para os estudos quanto para as brincadeiras, de modo que os dias fossem ricos de muitas formas nobres, e de modo algum, frívolos. Avessa ao ócio e suas consequências, a imperatriz se empenhou em tornar a vida das filhas totalmente produtiva e perfeitamente saudável, incluindo sair da cama muito cedo, tomar banhos frios matinais no verão e ater-se a hábitos frugais de alimentação.

A prática vigorosa de exercícios ao ar livre era não só estimulada, mas bastante apreciada pelas garotas. Sua infância fora

rica em experiências criativas e tempo passado do lado de fora, subindo em árvores e brincando na casinha de madeira ao lado do riacho do lago, fazendo caminhadas junto com o pai pela propriedade, brincando na neve com o trenó, correndo com os cachorros.

Foi assim que as meninas se criaram sem os ranços "pecaminosos" da Corte que se aglomerava na capital, com nobres, aristocratas e boiardos entregando-se a seus prazeres. *Hum*. Um asco.

A Corte.

Só os verdadeiros conhecedores de História podiam estabelecer a diferença entre um nobre que alcançou título de nobreza pelos serviços prestados ao Império, dos verdadeiros nobres, os boiardos, cujas famílias constavam há séculos no livro dos Boiardos, independente de títulos. Essas antigas "famílias sem títulos" eram quase inumeráveis. Uma das mais importantes era a dos boiardos de Kievan, cuja longínqua raiz dera origem à aristocracia da segunda maior cidade do país.

Os patamares hierárquicos ganharam contornos mais bem definidos no começo do século XVIII, e foram escritos numa Tabela – a "Tabela de Posição Social", ou "Tchin" –, com 14 degraus a serem galgados. Segundo o Tchin ficava garantido, por exemplo, que ao atingir o topo da carreira, um oficial recebesse um título hereditário de nobreza.

Após dois séculos, a nobreza tinha sido dividida em duas: a antiga nobreza (mais ilustre, vinda da linhagem familiar) e a nobreza hereditária (conquistada com trabalho).

"Bem, mas enfim, pouco me importa" – sim, Aleksandra pouco se importava. "'Nobre puro-sangue', 'não-nobre' que se transformou em 'nobre', aristocratas de todo tipo, a Realeza... eram milhares de príncipes e princesas, condes e condessas, barões e baronesas ao lado de milhares de boiardos. Para dizer o mínimo: Era um pouco demais.

Aleksandra se tomou de aversão pelos modos da Corte estrangeira tão logo chegou, que traduzia tudo aquilo que ela repudiava. (Bem, que ela não "*aprovava*", apenas para manter a boa educação). A timidez natural da imperatriz e a dificuldade com o idioma foram confundidos com "frieza gélida", como dizem as más línguas, e os cortesãos pouco a pouco passaram a não suportar sua nova imperatriz.

A verdade é que Alix de Hesse e Reno teve a vida virada de ponta-cabeça após as Bodas repentinas. O falecimento do pai de Nicki foi completamente inesperado. A assustadora troca de religião aconteceu quase que do dia para a noite. Após o batismo, seu nome também mudou – agora ela era Aleksandra. Desde o início a moça se viu exposta como curiosidade num país estranho. As cerimônias de todos os tipos eram longuíssimas e às vezes desconcertantes, para não dizer "desnecessárias" – como quando ela se viu diante de uma fila de 550 damas da corte, logo no começo de sua vida de casada, para o *baise-main* da cerimônia de Ano-Novo – uma procissão para beijar sua mão, e que, por mais que tentasse evitar, a fazia se encolher de horror! (Piorava a situação o fato de sua sogra ser tida como sociável. E ser ainda muito jovem).

Não podendo mudar o mundo ao seu redor, Aleksandra construiu para a família um mundinho à parte nos palácios onde passavam a maior parte do ano e, sempre que podia, o casal evitava a temporada da corte. Nicki não era dos mais enturmados. Pensativo e mais calado, tinha passado de príncipe-herdeiro a imperador muito jovem, e tivera que lidar com os antigos tios e primos mais velhos que faziam parte da corte de seu pai. Na prática, passou de "subalterno" a "Chefe".

Difícil... *difícil*...

As regras rígidas foram deixadas de lado apenas quando o herdeiro nasceu. Embora as irmãs continuassem usufruindo os hábitos de uma família normal e sem imponência "rocambolesca",

com mãe e pai muito presentes, o tão esperado filho trouxe um alívio e uma alegria sem fim. Ele tinha um quarto de dormir e de brincar inimaginável, muito maior que o das irmãs, e todos os brinquedos possíveis, até um trem que andava de verdade sobre os trilhos.

Mesmo assim, as posses materiais não podiam lhe arruinar o caráter! Na devida idade, ele também seguia a rotina rígida e todas as regras de vida saudável e produtiva, e tinha tutores. O garotinho, com a mesma energia estonteante da filha caçula, ao descobrir, ainda pequeno, que as pessoas deveriam se curvar quando passasse, começou a fazer isso de propósito, indo e voltando diante dos oficiais e da Guarda pessoal do pai. Nicki lidou com isso a *seu* modo.

Usufruir da graça de uma família feliz e bem-estruturada incutiu valores nobres nas garotas e no pequeno príncipe-herdeiro. A mãe era incansável. O pai, sempre terno e amoroso com as filhas, amigo do filho, e companheiro incansável da esposa, sempre apreciou o tempo passado com a família.

Ao final daquela última noite na Inglaterra, o casal imperial presenteara regiamente os comandantes e policiais que fizeram sua escolta. Dia seguinte, na partida, a família toda ficou a acenar do convés do iate para seus parentes ingleses. Havia sido magnífico reencontrá-los, depois de tantos anos. Não sabiam, contudo, que seria a última vez que as duas famílias reais se reuniriam.

Depois da viagem, de volta a casa, Alix estivera enferma e muito cansada. As meninas se sentiam mal por vê-la tão indisposta e escreviam cartinhas para "a adorada Mama" quando ela ficava recolhida em seu *boudoir*[1] malva. Tinha uma fraqueza geral, dor no coração, inchaço nas pernas, nevralgias. Os médicos achavam que poderia ser uma doença de "fundo nervoso" ou "psíquico", que se "agravava com a idade", mas Alix não deu crédito a nada disso. Finalmente encontraram o doutor Bótkin, que passaria a cuidar da

saúde da família dali por diante, tornando-se médico da corte. Ainda que cuidar da imperatriz fosse uma tarefa árdua.

Foi ele quem incentivou a família a fazer uma viagem à casa de veraneio no início do outono daquele ano. Ao sugerir que Nicki podia aproveitar a ida para passar em revista as frotas locais, acrescentou: "O clima será perfeito para a melhora de sua esposa, senhor!"

Nesse ano as jovens jogaram tênis, nadaram e andaram a cavalo. O primo predileto, o príncipe Dmitri, que tinha completado 18 anos, passou bastante tempo com a família.

Na Alemanha, no ano seguinte, quando a família visitava parentes, ela se lembrou que também havia, novamente, extremo cuidado com a segurança. O drama envolvia a presença de *snipers* posicionados em pontos estratégicos e cães patrulhando o entorno do castelo. A escolta pessoal de seu pai tinha sido levada, bem como agentes especiais da polícia secreta.

Cada passo dado pela família era cercado. E o comandante das forças especiais tratava de disseminar notícias falsas sobre cada destino da família a fim de despistar assassinos e diminuir a quantidade de curiosos.

Haveria mesmo tanto perigo à espreita...?

O futuro mostrou que sim, havia. Seu pai *sempre* tivera razão. Ele tinha feito de tudo para proteger seus entes queridos, mas o inevitável acontecera... E ela não queria ter que refletir no que havia falhado tanto.

Ao longo de sua curta vida, seus pais as tinham ensinado a dar importância ao que *era* importante: a força espiritual, sem o quê tudo mais se perde; as riquezas do caráter; um coração afável e

generoso; a bondade e a paciência; o comedimento; a gentileza e a boa educação.

Sem se dar conta de que a vida poderia ser diferente de algum modo, as irmãs jamais se questionaram. O fato, contudo, é que viviam sem saber quase nada do que ocorria do lado de fora dos muros e portões dos palácios, quanto mais na capital. Então, que se dirá sobre o restante do país? Ou do mundo?

Foi somente durante a Grande Guerra da Europa que elas entenderam. A caçula, pela primeira vez compreendeu – de *coração* – algo que sua mãe sempre ensinara: "A honra e o dever devem vir acima de tudo!". Especialmente quando eram tão afortunadas. O dever não se resumia à família, ou a ser mais obediente; ia além. Todas tinham o dever de estender a mão aos necessitados, e havia muitos naquele momento.

Carecia-se urgentemente de enfermeiras, e já no outono de 1914, Aleksandra e suas duas filhas mais velhas participaram do curso dado pela Cruz Vermelha regional: agora, dada a necessidade, o treinamento tinha sido diminuído de dois, para um ano. Muitas mulheres não foram consideradas aptas, mas não foi o caso da imperatriz e suas filhas. Tornaram-se verdadeiras Irmãs da Misericórdia – o título dado às enfermeiras de seu país. Foram dois anos e meio de muito estudo e trabalho, e a figura pública de mãe e filhas no típico uniforme branco da Cruz Vermelha, com a cabeça coberta, inspirou centenas de outras mulheres a seguirem o mesmo caminho no esforço de guerra.

Aleksandra recebera treinamento para feridos previamente – herança da educação dada pela rainha Victoria. Mas Alix não tinha experiência com guerras. Aquilo ia além de tudo que pudesse imaginar, e ela não poupou esforços e incentivos. Assim que a guerra foi deflagrada, Alix reorganizou os depósitos de suprimentos médicos que ela tinha criado no Palácio de Inverno, bem como se adiantou em campanhas de arrecadação e produção de todos os outros itens indispensáveis para cuidar dos feridos ou enviar aos soldados. Exércitos de damas abastadas da sociedade foram

recebidos para operar máquinas de costura e para organizar e enviar todos os itens.

Todos os salões importantes do Palácio de Inverno foram convertidos em depósitos e enfermarias: fileiras e mais fileiras de camas de ferro alinhadas sobre o piso coberto com linóleo.

Quase não havia mais carruagens elegantes e carros caros circulando pela avenida principal da capital, mas ambulâncias *a todo vapor*: a capital do Império também se enchia de enfermarias. Logo o hospital colonial britânico – havia uma comunidade britânica relevante na cidade – abriu uma ala para feridos de guerra sob a orientação da esposa do embaixador. Mais de trinta vilas de veraneio dos boiardos e de nobres ricos foram cedidas para o mesmo fim. Havia tantos feridos que todos os prédios da capital, até os menores, acabaram sendo requisitados para abrigá-los.

Então, foi a vez de abrir parte da moradia principal da família imperial. Apesar de estar situada fora da capital, a distância era pequena, e foi implementada ali uma verdadeira vila de hospitais de guerra. Até os carros particulares de sua frota foram disponibilizados para traslados de feridos.

Era no Palácio onde moravam que as duas filhas do casal imperial atuavam, junto com a mãe – um Anexo criado para isolar pacientes infecciosos foi convertido numa unidade médica totalmente autossuficiente com sala de cirurgia e trinta leitos divididos em 6 alas.

Ali a médica-chefe responsável por todo esse complexo, doutora Gedroits, recebia pacientes transferidos do Palácio de Inverno que precisavam de cirurgia. Uma ala do Anexo era para feridos de todas as patentes do exército. As outras eram para oficiais. Ali sempre havia pacientes graves. Durante todo seu treinamento, Olga e sua irmã Tatyanna aprenderam os rigorosos padrões exigidos pela médica-chefe. Aleksandra havia dito que suas filhas não deveriam receber qualquer tratamento diferenciado do das demais voluntárias.

Conforme o treinamento se adiantava, Olga e Tatyanna foram lançadas de encontro ao horror dos feridos por bombas, sabres e balas. Não foram poupadas de nada. Do sangue e da sujeira, e dos gritos. A melhora dos pacientes era a recompensa maior. No final do dia, quando estavam melhor, às vezes os homens cantavam ao redor do piano da sala comunitária. Quem não conseguia sair da cama era agraciado com jogos de tabuleiro e as infinitas perguntas sobre a guerra e sobre o lar de seus pacientes.

Assim elas voavam para além de seu mundinho. Havia histórias de todos os tipos. Elas escutavam sempre com atenção genuína, e sempre levavam doces ou flores da estufa do palácio para enfeitar a enfermaria.

Quanto às duas garotas mais novas, não tinham idade para a Cruz Vermelha, mas isso não as impediu de ajudar. Às vezes podiam ficar no Anexo, mas geralmente visitavam hospitais, visitavam as famílias que haviam perdido entes queridos, visitavam cemitérios para colocar flores nos túmulos dos que tinham falecido nos hospitais de campanha abertos por Alix ou no Anexo.

Certa vez (a caçula se lembrava da situação, embora não estivesse presente), Olga e Tatyanna, ao assistirem uma cirurgia particularmente traumática e acompanharem a agonia do paciente, choraram amargamente quando ele morreu. Uma das chefes do serviço médico era particularmente tocada pela jovem Tatyanna. Ela era a mais forte emocionalmente, não recusando mesmo os piores serviços. Isso fazia dela a mais capaz.

Quando chorava, era porque tinha atingido o limite, e era raro. Vê-la derramar lágrimas, mesmo que tentasse escondê-las, ou vê-la consolar outros pacientes mexeu com a cirurgiã-chefe. Em seu diário, posteriormente, a médica escreve*: "Como são poéticos os carinhos de Tatyanna Nikolaevna. Que cordialidade ela tem ao pegar o telefone e ler os telegramas sobre seus feridos. Que menina boa, pura e profunda de sentimentos ela é".*

O imperador passou muito tempo fora, no quartel-general do exército – o Stavka – e muitas vezes o filho ia com ele. Quando isso acontecia, Alix se preocupava triplamente. Se preocupava tanto que

era melhor mergulhar de cabeça nas tarefas. Cartas eram tudo o que tinham naqueles dias.

"Meu amado Papa, rezo muito por você, para que venha logo para casa e que esteja bem..." — a menina se recordou de suas palavras.

A criança que ela tinha sido aos oito anos, aos dez, aos treze foi dando lugar outra vez à garota que ela era agora. Sua mente empurrou o passado devagarinho, e voltou para o presente. Tinha dezesseis anos de novo. Não havia mais sol, praia, maresia. Não havia os oficiais amigos delas. Mas seu pai também não estava de novo longe delas, estavam juntos. Isso era bom!

Pegou o livro surrado que estava apoiado a seu lado, suspirando, e leu, repetindo em voz baixa:

— VERBO *POUVOIR* = PODER*:*

Je peux
Tu peux
IL peut
Elle peut...

QUE É =:

Eu posso
Tu podes
Ele pode
Ela pode...

Uma corrente de ar gelado insistia em passear pelo seu pescoço, como um gato, se aninhando nas dobras do cachecol. Ela o apertou, e puxou o gorro mais para baixo. A vida não era mais a mesma, talvez jamais voltasse a ser, supunha. Mesmo assim, *mesmo assim*... com fé em que Deus lhes socorreria, ela anelava o momento em que um pouquinho da antiga realidade pudesse voltar. Eles iriam viver em paz, juntos. Livres.

Por ora, era esperar. E fazer de tudo para passar o tempo, até porque elas nunca ficavam ociosas! (Na vida. Nunca estiveram ociosas na vida, então...)

Ela tinha bastante vontade de escrever cartas. Todos na família estavam acostumados a escrever e receber muitas cartas. Mas ali, se escrevia muito e se recebia pouco. Haveria algum problema com o correio?

Depois poderia ler. Leituras também se mostravam como atividades bem agradáveis, mas não era possível ler o dia todo. E havia muitas horas a serem preenchidas num dia inteiro. Também gostava de desenhar e pintar; era bastante boa nas aquarelas, mas não as tinha em mãos. Sobrava desenhar com carvão. Outro passatempo eram os bordados. A qualidade do bordado da garota se equiparava ao da mãe e das irmãs mais velhas. Mas bordar, no presente contexto, era uma atividade bem menos interessante do que costumava ser: todas sentiam muita falta do ar livre, dos exercícios vigorosos, de gastar energia! Ir de uma tarefa parada a outra tão parada quanto não ajudava.

Todas as garotas tinham estudado piano, mas Tatyanna era a mais talentosa das quatro; tocava os clássicos perfeitamente, também cantava. *Por sorte*, havia um piano razoável ali na casa. Geralmente a pedido do pai, ela tocava as antigas melodias alegres, velhas conhecidas, ou canções folclóricas; e todos cantavam depois do jantar.

Já que "o dia todo era uma repetição do dia anterior, com pequenas variações", como ela tinha escrito, nessa questão a caçula invejava a irmã mais velha: que bênção conseguir lidar assim com o tempo! Sem inventar pretextos para escapulir das tarefas repetitivas e lições chatas, podendo voar para longe dali.

Naquela tarde mãe e filhas haviam estado diante da lareira da sala para a sessão de bordados. Uma admirava o trabalho da outra enquanto conversavam. Olga e Tatyanna, pensando em seus

enxovais que haviam ficado para trás, estavam fazendo o que viria a ser uma "inebriante" colcha de casal. Fariam várias dessas, esse era o plano. De Tatyanna, principalmente.

Já "inebriante" fora o termo dado pela caçula, rindo, e depois disso ela não parou mais. Todas começaram a rir com suas "tiradas" e brincadeiras bobas, exceto Olga. Na verdade, a intenção era *animar* Olga, mas não estava dando certo naqueles dias. A primogênita recordava dos grandes planos de casamentos que o pai tinha para cada uma delas. (Nenhum incluía casá-las contra sua própria vontade: era uma promessa! Seus pais tinham tido a graça de se casarem por amor – algo tão raro entre as famílias de sangue azul, cujos laços sempre visam fins políticos – e queriam o mesmo para elas).

Tudo interrompido agora. Não havia nem mesmo a companhia dos jovens oficiais, seus amigos de uma vida inteira. Não tinha mais jeito.

Apesar das brincadeiras, enquanto a caçula olhava para Olga notava a crescente tristeza estampada no rosto tão belo. Rosto que ia ficando mais afilado e sem vida conforme a moça emagrecia.

"Mesmo assim é tão raro Ôlia se queixar..." constatava a caçula. Era mesmo. Em oposto, dava graças sinceras por estarem todos juntos.

Mas havia dias em que ela se sentia tomada por um desânimo fora do comum. Conforme os meses corriam, tinha certeza de que, agora, *jamais* se casaria! O amor, a vida conjugal, as bem-aventuranças da maternidade... tudo escapara por entre seus dedos. Ela e Anya tinham praticamente saído do Anexo hospitalar para a prisão domiciliar, e agora estavam todos em Tobolski como párias. Ela "já estava velha aos 22 anos" e todas as propostas e preparativos para enlace, "completamente arruinados".

Recusando tornar-se um peso, evitava o assunto. Qualquer consolo vinha do apoiar-se em sua própria fé. Diariamente rezava pedindo que não lhe faltassem as forças.

Na verdade, todos rezavam, como sempre lhes fora de hábito. A fé não foi esquecida. Tornou-se mais forte, queimando, acesa nos corações, à espera de que a realidade assombrosa que se derramara sobre eles se desconstruísse, enfim... E um novo amanhecer chegasse, quando poderiam tornar a ver o sol com esperança renovada, e sem medo.

Observando as filhas, Aleksandra havia pedido à caçula que fosse estudar no quarto até o jantar. Sabia que, quanto mais risadas e besteiras, maior a necessidade da filha de ir fazer outra coisa. Então, antes que tumultuasse demais o ambiente, mandou-a embora. Além do mais, Olga não estava satisfeita; embora não dissesse, sentia-se particularmente amuada com os comentários sobre "como seriam lindos os casamentos delas todas".

Sozinha no quarto, a garota recitou de novo:

—VERBO *POUVOIR* = PODER:

Nous pouvous
Vous pouvez
Ils peuvent
Elles peuvent...

QUE É =*:*

Nós podemos
Vós podeis
Eles podem
Elas podem...

Ai.

Que chateação. Qual o propósito de tomar lições?

Os olhos vagaram para longe do livro outra vez. Ela desistiu logo depois. Estava cansada de fazer as lições. Se acomodou melhor na cama – que não era tão gostosa quanto a que tinha em casa. Continuava pensativa, sem conseguir se concentrar. Tantos

pensamentos na cabeça, rodopiando. Ideias que ficavam grudando nela como pequenos moluscos nos corais.

Os pais queriam que a rotina de todos fosse alterada ao mínimo. Acreditavam que a situação era temporária, e não deveriam se atrasar nos estudos e nem ficar ociosas. Mas alguma coisa estranha e terrível estava acontecendo, e de vez em quando ela... se preocupava.

Tinham tido uma vida familiar tão feliz até então. Um tanto indignada, refletia: "Então, agora quem liga para matemática e história e leituras desinteressantes e redações sem fim? Para que a revisão de verbos irregulares no francês? E um monte de aulas em francês e inglês, se já que todos somos fluentes?"

Bem, o tutor de francês, monsieur Gilliard, não achava que elas estivessem tão *bem* assim, e arrancava-lhes o couro. O irmãozinho de 13 anos já as tinha superado, ele dizia.

"E. Daí???"

Suspirou. Por outro lado, era tão grata aos pais e a Deus por ter sido poupada, bem como suas irmãs e o irmãozinho, até o último instante. Se fosse possível, as filhas seriam poupadas para sempre, até que se casassem e mesmo *depois*, vá saber! Maridos não desejam discutir política internacional com as esposas.

"Não ocorre qualquer mudança na nossa vida", a menina tinha escrito para a tia preferida semanas antes.

"Passaram-se meses desde que viemos de nossa casa para Tobolsk, e todos os dias são iguais. Queria tanto saber o que está se passando na capital! E quando haverá um jeito de as coisas voltarem ao normal. Mas seguimos todos bem e com saúde. Ah! E falando em saúde... Imagine que pensaram por aqui que o cabelo curtinho estava em moda na capital! Quando dissemos que tinha sido uma crise coletiva de sarampo, e que todas nós quatro começamos a perder tanto cabelo que foi preciso raspá-lo, ficaram todos sem palavras, pesarosos. Achei muito engraçado! Acaso pensam que grã-princesas não podem fazer pouco caso da vaidade? Mas um ar de certa reverência tomou os semblantes quando

contamos que nosso irmão, em solidariedade, raspara o dele também! Fiz questão de mostrar aquela nossa foto por trás do velho biombo de madeira: cinco cabeças carecas!! Só então começaram a rir! As fotos espontâneas são melhores que as preparadas: era tão chato ficar horas parada enquanto arrumavam nossas roupas e cabelos para fotografar. Ninguém deveria rir, nem se comportar mal. Mas acho que até disso tenho saudade. Bom, pelo menos ainda temos as câmeras brownie conosco, só não há muito o que fotografar. É mais divertido ver nossas fotos antigas de casa, das brincadeiras na casinha e no lago, no nosso tobogã de neve, ou os verões na casa de praia. Que saudades de lá, e de todos vocês ..., Mas, de resto, mantemos o espírito forte todos os dias!".

Por um instante a menina olhou para os ícones religiosos pregados nas paredes do quarto. Tinham conseguido trazer de casa só os mais preciosos e importantes. Ela ficou olhando, quieta; também as velas meio derretidas que tinham acendido na noite anterior. Longe de serem apenas objetos, os ícones e os quadros revelavam o segredo da família e seu principal sustentáculo: a fé ortodoxa. A espiritualidade das crianças fora cultivada desde sempre, era parte do *dia a dia*, era como comer ou se vestir. Era *necessária*; mas para elas especialmente agora.

Aleksandra, uma vez convertida, abraçou a nova religião e a cultivou ao longo dos anos com toda boa vontade. Mas era para Nicki que a fé era particularmente sagrada. Consciente de que não era um deus (embora seu povo o visse como um), ele precisava *de Deus*, precisava de algo que o suplantasse, algo maior que ele. Senão como digerir a vida? Nem todos os Autocratas pensaram assim, mas Nicki tinha na religião uma das prioridades de sua vida, ao lado do cuidado com a família, e então o povo. Povo que o chamava, em outros tempos, de Paizinho...

Paizinho. A Autocracia era um *dever sagrado*. Não o escolhera por vontade própria. Significava que ele nascera para tal, esse era o seu destino, escrito por Deus. Mas o verdadeiro exercício da Autocracia só tinha sentido, e só poderia ser realizado debaixo da

mais humilde fé, uma fé depositada incondicionalmente na Vontade Soberana de Deus.

"Deus; não eu...", ele sempre repetia a si mesmo. Sabia que havia errado, muitas vezes. Sabia que havia fraquejado em alguns momentos. Mas Deus era testemunha de que seus erros tinham visado o acerto. Ele não errava de propósito. Se não fosse assim, como suportar assistir o que estava ocorrendo? Como suportar ver seus entes queridos relegados ao pó, ao sofrimento, ao nada? Como suportar ver o que estava acontecendo nas ruas do seu país?

Ele esperava em Deus. A Ortodoxia fazia parte de quem era. Sem ela, deixaria de *ser*. Seria como existir apenas pela metade, sem significado para a existência, e cego.

Estivera tão acostumado a descer à grande capela do palácio para se sentar a sós, meditar, ler e orar... ali não tinha aquele refúgio. Mesmo assim, montaram no salão a capela de campanha, trazida de casa. E a fé perdurava. Em todos eles. Tinha orgulho de seus filhos! Desde pequeninas as crianças tinham aprendido a fazer as orações individuais. E a família se reunia pelas manhãs também à tarde para as preces em conjunto. Cada um tivera os próprios ícones religiosos no quarto de dormir, perto da cama. A decoração subia pela parede até o teto, misturando-se ao papel de parede, e até uns sobre os outros. Assim fora ao longo dos anos. As meninas tinham tanto carinho por eles como pelas bonecas.

Quanto ao seu filho caçula... Deus enviara um fardo muito pesado sobre os ombros dele. Que recaiu sobre os ombros de todos. Um fardo que jamais fora revelado.

O garoto também mantinha sua fé e força em Deus, e nos ícones muito próximos, quando passava pelas horas de agonia e dor, a presença de Deus o acalentava de um modo que ninguém mais conseguia – talvez, só os animais! Joy e Ortipo sempre o animavam; mas, se fosse impossível animá-lo, faziam companhia. Quanto ao mais, uma única pessoa tinha sido capaz de aliviá-lo, mas ela já não compartilhava do mundo dos vivos.

No *dia a dia*, Aleksei achava tudo um tédio. Porque era mesmo. "Tudo foi igual a ontem. Nada de novo". Ele se sentia em desvantagem por ser o único menino da família. Suas irmãs eram muito próximas, mesmo tendo temperamentos tão distintos. O garoto achava que era exatamente isso que as fazia tão próximas, tão fáceis em demonstrar afeto de maneira tão incondicional. Até usavam o pseudônimo "OTMA" para diversas situações em que as quatro estavam juntas, ou na assinatura de uma carta coletiva, por exemplo. Isso já mostrava o quanto elas eram incapazes de se separar.

Quando o frio chegou, Tobolski era uma confusão de casas de madeira e ruas de terra cobertas de gelo. Pelo menos ficaram livres dos mosquitos que tinham tornado a cidade famosa: malária e outras pestes era tudo que a cidade tinha a oferecer, exceção concedida às mais de 20 igrejas. O lugar ficava isolado por oito meses do ano, mas eles nunca podiam sair. Quando muito, à igreja!

"Quando fomos à igreja pela primeira vez – a primeira vez em seis meses!", escreveu a garota, "Isso chamou de tal forma a atenção das pessoas que o comissário responsável pela nossa Guarda terminantemente acabou com aquilo.

"Ainda por cima, nesse dia eu caí na rua! Estava tão embevecida, olhando em derredor, e depois para cima, que me distraí. As ruas por aqui não são boas para caminhar. Meu pai e minhas irmãs riram por me ver tão desastrada! Mama nem abriu a boca; está com dores na ciática e foi levada na cadeira de rodas pela rua. Acho que não vamos voltar a sair tão cedo, então avisei que não haverá diversão semelhante num futuro próximo.

"Pelo menos foi permitido que o padre de uma das igrejas e quatro freiras nos assistissem na liturgia aqui em casa – também trazendo ovos e leite. A comida é boa, e temos bastante.

"Afinal a questão da igreja não foi tão séria. Escolhemos o horário das oito horas, que é bem mais vazio, e foi-nos concedida a

graça de estar ali. Estamos nos sentindo tão presos! Quando não é o tédio que assola, há essa sensação de estarmos enjaulados. Não era tão terrível quando ainda estava quente. Podíamos nos sentar no telhado, todos nós, e Mama ficava na pequena varanda do quarto. Agora meu pai caminha pelo pátio, indo e voltando 40 a 50 vezes em uma hora. Nós, garotas, o acompanhamos, mas começamos a achar até mesmo essas caminhadas entediantes.

"Anya contou: são só 120 passos, uma distância consideravelmente mais curta que a do convés do iate... ela também disse que dá para percorrer o jardim da cozinha em apenas 3 minutos. Pelo menos vamos continuar sabendo andar. Agora ouça a última: Máchenka chegou ao cúmulo de afirmar que poderia morar em Tobolski para sempre, se ao menos pudéssemos passar tempo ao ar livre e sair um pouco de casa! Mas, o comissário vetou todos os pedidos de Papa para ir à cidade. Papa estava indignado 'O comissário imagina mesmo que eu seria capaz de fugir e deixar minha família para trás?'.

"Tudo serve para passar o tempo, e Papa é ótimo nisso. Construiu um laguinho com a ajuda do meu irmão tempos atrás, para se manter ocupado. Os patos e gansos que foram trazidos para cá ficaram felizes, e nós também. Papa também construiu um tablado de madeira no telhado da estufa, de onde podíamos tomar sol. Mas de nada isso nos serve agora, com este frio.

"Há apenas um balanço aqui, na parte de fora da casa, onde fico a ir para frente e para trás, e me atiro sobre a neve até cansar. Puxo meu irmão no trenó. Fora isso, a única atividade externa é cortar e empilhar lenha. Sim, aprendemos a rachar lenha muito bem, até porque é um ótimo exercício! Meu pai nos ensinou a todos logo que chegamos – sem imaginar que viria a ser uma das poucas tarefas que sobrariam para ser feitas no inverno. Providenciamos nossa própria lenha.

"No começo os guardas ficaram a olhar especialmente para nós, garotas, num ar entre aparvalhados e intrigados, embora não quisessem demonstrar. Certamente não esperavam que "gente como nós" se divertisse assim. Bem, é divertido. E respiramos ar fresco, o

que sempre faz tão bem...! O comissário-chefe ficou tão surpreso com a energia imbatível do Papa em serrar madeira que informou às autoridades locais sobre essa particular predileção, fato que rendeu o recebimento de uma enorme pilha de troncos de bétula! Seria perfeito se o tempo continuasse bom...

"Mas cá estamos às portas do inverno. Não dá para fugir. O tempo 'esteve divino' – segundo contou Ôlia em carta a seu adorado PVP – 'até quase o final de novembro'. Por esse motivo, 'não estava tudo tão ruim; como ele bem sabia, elas eram difíceis de desanimar...'.

"O sol melhora nosso humor na mesma hora!" – o comissário notou isso, e até nos disse, certo dia, quando percebeu que Máchenka usava uma pá quebrada para tirar neve. 'Mas por que não pediu outra pá, menina?'. E Máchenka: 'Ah, não é importante, gosto desse trabalho'.

Ele ficou olhando para ela, e por fim falou: 'Já percebi. Contanto que o tempo fique bom, vocês também ficam felizes.'. O sorriso de minha irmã confirmou tudo.

"Pena que não dá para ser sempre assim. Está muito frio, mas nós continuamos com as caminhadas e o corte de lenha, mesmo que Ôlia não venha. Limpamos a neve do pátio e dos telhados. À noite, bordados, jogos de tabuleiro ou baralho, *bumble puppy* ou *naim jaune*. E Papa, que vem relendo sozinho os clássicos nacionais e ingleses, em passo célere, nos lê histórias em voz alta! Paramos com "Sherlock Holmes" por um tempo, pois a época do ano pede algo especial. Papa está lendo "Um conto de Natal", de Charles Dickens, embora já conheçamos todos a história. A cada noite são os guardas que se achegam, interessados.

"Não me julgue mal, mas consegue crer que ainda temos aulas?! Não é tão ruim, só é difícil manter a concentração. O tutor Gibbes chegou no começo de outubro, antes que o rio se tornasse intransponível, e trouxe junto uma nova tutora! Klaudia. Decerto que estamos honrados com tanta gentileza por parte de mr. Gibbes e de monsieur Gilliard, que voluntariamente partilham de nossa

desventurada estadia em Tobolski – a tal ponto chega sua devoção! Mas... aulas?!?

"Outro dia eu fiz uma caricatura de Mr. Gibbes e quando passei para Masha ela finalmente segurou o riso, baixinho, pondo a mão sobre a boca. Fiquei passando-lhe bilhetinhos e outros desenhos, mas isso atrapalhou a concentração de Tatyanna, que começou a ficar vagarosa nas respostas e até mesmo teve que perguntar ao mr. Gibbes, certo momento: 'Desculpe-me. O que foi... que o senhor disse?'

"Anya, Anya", eu fiz um *tsc-tsc* sem querer. (Juro...). "Como que você não ouviu?

"E então ele finalmente explodiu. Estava tão furioso comigo que berrou, todo vermelho: 'Você ainda parece uma criança sem modos! Será que não vai aprender nunca? Desperdiçando meu tempo e o de suas irmãs com bobagens!'.

"Oh-oh. Ele realmente me conhece desde criança. E em seguida me mandou calar a boca! Fiquei quieta então, né? Mas na próxima tarefa que lhe entreguei, assinei como A. R. '*shut-up*!'. Não resisti.

"Klaudia também me acha um tormento. Diz que sou preguiçosa e mal-educada e que não levo nada a sério e *blá-blá-blá*. Bate com a régua na mesa à minha frente quando já está desesperada. Eu não ligo. Sei que ela foi professora de moças, imagine só. Mas tudo que faço é brincadeira! Se a gente não der um pouco de risada aqui, como fica? A preferida dela é Mariya. Concordo: Máchenka é meiga, dócil, solícita. Bondosa. Um orgulho. Orgulho do qual compartilho, pois somos grandes amigas, como você sabe. Até o comissário-chefe a adora! Gostaria de ser mais parecida com ela;

"Mas a tutora nova considera nossa educação escolar muito melhor do que esperava, pois o confidenciou a monsieur Gilliard. E eu sei que o doutor Bótkin gosta de mim, pelo menos.

De fato, o doutor Bótkin gostava dela, a despeito de seus muitos "defeitos". Ali, em Tobolski, ele até arriscava dizer que o comportamento subversivo, estouvado e irrefreável da menina era, na verdade, "um heroico esforço" em prol de seus entes queridos. Era seu jeito de ajudar a manter o bom ânimo e a disposição de todos, evitando que afundassem. Fosse numa melancolia apenas, ou no desespero e pânico. Ainda que cada membro da família tivesse sua própria força interior – e que não era pequena! –, a jovenzinha conhecia bem o poder de uma boa gargalhada! Era assim, no entender analítico do médico, que a garota mais malcriada e bagunceira da face da Terra forçava os demais a prosseguirem.

Rindo e se divertindo com ela... ou dando-lhe broncas e sermões. Nesse caso: Pobre Aleksandra.

Ela enlouquecia a mãe com risadas extravagantes fora de hora, e ao puxar Mariya para a mesma bagunça. Mariya, quando podia, imitava a caçula com devotado extremismo. Ele mesmo foi testemunha das gritarias e correrias pelas escadas, sustos nos coitados dos tutores, desobediência às governantas. Quando crianças, até Olga e Tatyanna entravam em disputas, entre si e com as irmãs. As quatro chegavam às vias de fato: brigas com empurrões ferozes, tapas e puxões de cabelo.

Aleksandra, se pudesse, afogaria a caçula momentaneamente numa tina d'água quando a via surgir, do nada, coquete, com aquele arzinho de desafio e contando piadas – às vezes sujas e indecentes (onde ela *aprendera* aquilo?!?) – na frente das visitas importantes do gabinete de seu pai. Era muito severa, Aleksandra, quando se tratava de educar as filhas. (O doutor Bótkin até se encolheu).

"Bem, minha querida amiga, essa carta haverá de entediá-la por completo. Isso se você a receber, pois tenho quase certeza de que nunca a lerá. De um certo modo é bom, pois é tão tola e sem-graça! Sinto muito, gostaria de ter novidades para contar... E, ah: tenho numerado todas as minhas cartas. Se por acaso as receber,

saberá a ordem. Aguardo ansiosamente por suas respostas. Não sei bem o que está havendo com a correspondência. Acho que o correio por aqui é muito lento".

A verdade é que não demorou muito para a família começar a perceber que sua correspondência estava sendo aberta e, em boa parte, confiscada. O mesmo acontecia com encomendas ou presentes que chegavam.

De todas as quatro, Tatyanna era a mais forte de espírito. Por isso, também se mostrou a mais indignada com a situação. Determinada e corajosa, seus traços delicados não faziam jus à sua força, a mesma força que usou para auxiliar nas piores cirurgias, para cuidar dos feridos mais terríveis e olhar nos olhos deles quando Alix e Olga não tinham estômago. Essa era a força que estava presente nas constantes cartas que escrevia. Independente se ia ou não receber respostas. Haveria de servir para alguma coisa, em algum momento.

Ela queria a todo custo saber como estavam todos e o que poderia ter acontecido. Queria notícias da capital. Queria notícias de parentes, antigos amigos e velhos pacientes. Queria notícias da Grande Guerra, ainda em curso. Nem que fosse preciso escrever mil cartas! Uma hora teria sucesso. Olga não queria saber pormenores da guerra. Sua mãe, idem. Já lhes bastava o mal de cada dia.

A força ensinara Tatyanna a não desgostar do silêncio daquele isolamento. Quando todos estavam ocupados com alguma tarefa individual, e mesmo os guardas pareciam nem existir, então sua alma se rompia e o som do piano tomava conta do ar, por horas. "Os dias passam rápido desse jeito, já se vão sem que nem os notemos", Anya escrevia, em seu diário.

Enquanto escutava sua filha tocando, era o pai quem lamentava a falta de informações mais do que qualquer um. Não havia nenhum jornal naquele fim de mundo. Ou melhor, havia: um folhetim informativo local muito mal escrito que só servia para tapar frestas nas janelas. Para completar, ele estava proibido de receber o *Times*. Uma notícia importante nunca chegaria. Era um completo vácuo. "Vivemos como em um barco no mar e os dias todos se parecem", Nicki escreveu para sua irmã, com resignação.

O tutor Gilliard lamentava, cabisbaixo, que o jornaleco de Tobolski era impresso em papel de embrulho e que as notícias eram resumidas e mal-acabadas. Nem telegramas chegavam da capital para qualquer membro da família ou da comitiva.

O que o imperador conseguira saber, ao longo das semanas depois da chegada a Tobolski, não tinha sido muito. Uma ou outra informação apenas, já que de início o comissário-chefe era de poucas palavras e os jovens locais que faziam a guarda não tinham conversa com Nicki.

Aos poucos, no entanto, o gelo foi-se quebrando. Algo que o comissário-chefe presenciou com extrema surpresa foi o modo como a família rezou junta no salão que servia de igreja. Na primeira vez, não lhe passou despercebido como Aleksandra trouxe um tecido enfeitado e cobriu o altar com toda a devoção, arrumando velas e ícones antes da chegada do padre e das freiras. Cada um – familiares, damas da imperatriz, médicos, professores e criados assumiram seus lugares na hora da liturgia. O comissário não tirava os olhos do imperador e de sua família. Viu como eram reverentes ao fazer o sinal da cruz muitas vezes, como cantavam com fervor.

Não parecia uma encenação, até porque aquilo se tornou constante. A meticulosidade religiosa da família era rotineira, não só na liturgia sagrada semanal, mas calmamente, todos os dias da semana. A prática e a aceitação religiosa faziam parte deles de um modo muito imprevisto. O comissário jamais imaginaria tal coisa!

Ele viu o imperador de olhos fechados, sua mão tocando de leve a mão da esposa, e aquilo era incabível... quer dizer... não era como se o homem estivesse desprovido da noção da realidade.

Desprovido do conhecimento de que estava preso, e sua família com ele. Como patriarca, acima de tudo, não se sentia derrotado diante da esposa, dos filhos? Como podia *rezar*?! Como podia não vomitar amargura e decepção diante de Deus...?

O comissário sabia que o homem diante dele havia sido destituído de tudo, mas começou a entender que o imperador e sua família estavam prontos para aceitar a Vontade Suprema de Deus. Essa devoção... *transparecia* aos que estavam em derredor. Não apenas o comissário-chefe a percebia. O grupo de guardas que tinha o hábito de fazer brincadeiras grosseiras com aquele homem, e o maltratavam diante das filhas e de quem estivesse por perto, agora nutria admiração velada pela pessoa que passava a conhecer: o imperador era um homem que recebia os gestos e as palavras desagradáveis, que deveriam humilhá-lo, sem perder a calma nem fazer ameaças. Na verdade, ele nem mesmo se mostrava realmente ofendido... o que era muito perturbador...

Continuava sempre puxando conversa com os rapazes, fazendo comentários, indagando sobre o que vinha acontecendo e o que eles pensavam sobre o assunto. A maioria era jovem o suficiente para serem seus filhos. Das respostas agressivas e rudes, o grupo passou primeiro a respeitá-lo, e depois até a conversar com ele. Sendo sinceros, a maioria mesmo... *gostava* dele.

E, aliás, era realmente impressionante que não houvesse quaisquer reclamações por parte de toda a família, e nem de seus acompanhantes. Inacreditável.

A boa educação e a gentileza estavam sempre presentes no trato, mesmo se as cartas estivessem sendo abertas, lidas, jogadas fora, e alguns presentes, sendo confiscados; mesmo se a melhor parte da comida às vezes fosse roubada; e mesmo com a casa ficando cada vez mais fria. A aceitação de todos pela sorte que lhes cabia era tão digna!

À noite, quem estava de serviço sempre podia ouvir as orações da família em conjunto, na sala. Ao silêncio que se seguia iam sendo adicionadas vozes, conversas e risadas diante dos tranquilos e costumeiros afazeres da noite. Os guardas timidamente

davam um jeito de ouvir as leituras do pai para a sua família. Ao se aproximar o Natal, as histórias de detetive foram trocadas por "Um conto de Natal". De um tal Dickens. Ou algo assim. Nenhum deles nunca tinha ouvido falar. Era um escritor inglês, então claro que não haviam ouvido falar. Mas eles gostavam da leitura e da história, e de ouvir os comentários das jovens.

O único que ficava mal-humorado às vezes era o filho caçula; mas era porque o menino sofria de alguma *coisa*, algum problema de saúde sério. O menino estava bem, brincando, falando, correndo com os cães, e de repente estava prostrado, com muitas dores, chorando, acamado, sem que nada houvesse acontecido de fato. Era muito estranho. E triste de ver como ficavam as garotas. Sim, as *garotas*, porque ninguém gostava de Alix – julgavam-na prepotente e arredia.

Naquela altura da vida, Alix se dava tal direito. Abominara os modos de todos eles no início, e essa ferida nunca se curou. Ela nunca quis saber de ninguém depois, embora não os desrespeitasse.

Deixava que o marido se incumbisse do relacionamento com os guardas, bem como suas filhas. Ela já sabia o que ia acontecer: Nicki continuaria falando, instigando os rapazes, e tendo nas conversas uma maneira agradável de passar o tempo. E cada uma das filhas ia se comportar a seu modo. Dito e feito. Cada uma a seu tempo e modo, elas também tinham acabado por desarmar aqueles desalmados. Era isso que elas sempre faziam: encantavam a todos. Por sua simples aceitação da realidade, primeiramente. Pelo jeito como faziam as tarefas pesadas como garotos e acabavam se divertindo com elas.

Quando pararam as animosidades contra o seu pai, os rapazes começaram a notar que a educação de todas era impecável, os sorrisos das moças mais velhas eram sinceros, a terceira filha, Mariya, era a mais quieta e a mais bela, e mesmo sem conversar muito, tinha um sorriso adorável. Quanto à caçula, era a moleca do bando. Falante e impertinente, se fazia engraçada de um jeito franco. Sua língua maior que a boca era vista sem maldade pelos guardas.

Assim, aos pouquinhos, eles relaxaram. Os mais jovens eram praticamente interrogados pelas irmãs, que desejavam saber tudo sobre a vida deles, de onde eram, como tinham vindo parar... ali. E o que estava acontecendo no país. Eles sabiam alguma coisa, mas não tudo. E nem tudo eles deveriam dizer. Na maior parte das vezes era só bate-papo.

Somados os fatos, alguns estavam começando a se sentir incomodados por estarem ali, além de indignos. Sujeitar um homem tranquilo e pacífico a tudo aquilo, sujeitar aquelas moças, aquelas pessoas a tudo aquilo. Não parecia mais a coisa certa a se fazer.

Então, faziam o que podiam: o que não contavam às filhas, contavam ao próprio pai. Tudo se resumia a responder às suas perguntas o melhor possível. Foi assim que Nicki ficou sabendo que "Tudo estava vindo abaixo". E "Tudo", pelo visto, era "*Tudo*" mesmo. A vida, o modo de vida, o governo, o modo de governo, o povo, os aristocratas, os burocratas, a igreja, tudo...

Mas foi especialmente depois que ocorreu novo Levante Armado na capital, em outubro, que o comissário e os guardas ficaram mais alarmados. O cuidado com a segurança da casa aumentou. Alguns estavam até mesmo assustadiços...

Todas as jovens fingiam ler, bordar ou escrever, mas se mantinham de olho no pai, com seu cachimbo na boca, muito concentrado, inclinado na direção do comissário-chefe, ouvindo. Eles falavam baixo, mas nada escapava aos ouvidos delas. Aparentemente havia um grupo pressionando o governo de Tobolski, uns supostos revolucionários de uma cidade próxima que exigiam o imediato envio da família imperial para a prisão.

"Como se estar aqui já não fosse uma prisão!", avaliou a caçula, indignada.

O comissário salientara que não passava de um bando de ignorantes, mas era sempre melhor estarem precavidos "contra qualquer coisa".

Certa tarde, quando se sentiu à vontade o suficiente, a caçula se viu perguntando com honestidade pungente para um grupo de guardas em serviço:

"Por que meu pai está sendo tratado como um criminoso desse jeito? Meu pai é bom! Fez grandes melhorias pela nossa terra, sabiam? Vocês não têm ideia de como foi para ele abdicar do trono; o dia mais triste de sua vida! Por que agora o povo se esquece de que governar o Império é um *dever sagrado*? Foi por vocês, por amar o povo e para evitar mais derramamento de sangue que meu pai, ouvindo seus conselheiros, espontaneamente entregou nosso país nas mãos dos revoltosos. Mas agora, só se vê insanidade! Contaram-nos que é ainda mais perigoso do que durante a Grande Guerra sair às ruas da capital. E não apenas lá! Até o Exército está sendo convocado a se unir aos amotinados."

Os olhares das irmãs se arregalaram de imediato. Olga se engasgou com uma tosse repentina.

"Bem", respondeu um dos guardas, a mão na cintura. "Se tudo isso está chegando até você é sinal de que, pelo menos, não há censura..."

"Mas vocês não concordam que, se censura significa coibir aqueles que intentam o mal e o deflagram para outros, então ela não é boa? A censura corrige erros. Mostra o quanto é danoso criticar as autoridades. Devemos amá-las e honrá-las! Deus escolheu os governantes para guiar o povo"

"Então o povo não pode declarar o que pensa? Não pode revelar os erros cometidos pelas autoridades? É justo que permaneçamos calados?"

A menina suspirou. "Foi por causa desses que dizem qualquer coisa a qualquer um, que vem a tragédia. Meu bisavô foi assassinado em público por uns que se diziam "A Vontade do Povo". Como a vontade do povo poderia ser assassinar o seu próprio soberano?! Para toda mudança há de haver um meio justo..."

"E que meio seria esse? Nunca nada mudará. Não sem que os obriguemos a mudar".

“Obrigar quem? Meu pai? Ele está aqui, estamos todos aqui, presos; mas o sangue do povo está correndo como um rio”.

“Não há outro modo”, insistiu, veemente, um segundo soldado, dando um passo à frente.

“Fique quieta”, advertiu Mariya segurando a outra pelo braço. E como não fosse de muitas palavras, muito menos de dar ordens, aquilo foi surpreendente para os guardas. Olga e Tatyanna lhe fizeram coro: “Isso não é assunto”.

Mas a caçula continuou: “Minha família tem governado o Império por mais de 300 anos. De que meu pai é culpado? Nem sei de que o acusam! Algum de vocês sabe? Meu bisavô, esse mesmo que foi assassinado, foi nomeado “Libertador”: porque teve a coragem de tornar os servos livres dos senhores de terras, e fez deles uma classe independente.

“Veja... você está falando de coisas que não sabe...”, disse um terceiro guarda, querendo tanto apaziguar o assunto como encerrá-lo.

“E não se trata só dos servos. Sob o regime do meu pai, muitas e muitas fábricas foram abertas deste o início deste século. Mais do que em qualquer outro momento da história. Se os operários têm emprego, como podem ser pobres? Isso não faz sentido. Quanto a nós... por que motivo haveríamos de querer que o povo passe fome e não tenha como alimentar os filhos?!”

Um silêncio opressivo inundou o recinto.

“Meu pai reformulou o sistema de ensino!”, a voz dela saiu um pouco mais aguda do que gostaria. “Ele procurou atender às diferentes classes sociais. A DUMA é um resultado dessa intenção. Meu pai... Por quê? Por que, de repente, ele passou a ser tão odiado?”.

“Não odiamos seu pai”

“Não estou falando de vocês, *vocês* aqui” — Gesticulou com a mão abarcando-os. “Mas tão amado até então ele foi, como único detentor do poder absoluto e um representante de Deus. *Sempre* foi

assim em nossa terra. Para onde essa confusão toda está nos levando? Parece um trem desgovernado"

"Já chega dessa conversa.", aparteou Olga, mais uma vez. Seu semblante estava pálido.

"Mas, Ôlia! São questões cabíveis, só estou sendo sincera, tentando entender. Não quero desrespeitar quem quer que *sej* ..."

"Vamos. AGORA" — os guardas não se moveram quando "a pianista" – maneira como eles às vezes chamavam Tatyanna –, tomou a linha de frente. Ela se ergueu resolutamente, a boca numa linha reta, e puxou a irmã mais nova pelo braço, quase arrastando-a em direção às escadas.

Entrando todas no quarto "a pianista" fez uso de seus dedos fortes e sua vontade férrea para chacoalhar a mais nova pelos ombros.

"*Não fale* assim com eles", bronqueou, com severidade alarmante. "Não entendem o que você está dizendo! Só veem sua própria desgraça, e não nos cabe desmerecê-la. É como eles dizem: falta muita coisa para o povo, e isso vem de longa data. Há pobreza e miséria. Eu consigo ver isso agora, e acho que você também. Não é culpa de Papa. É culpa do regime, por isso eles querem mudar o regime. Mas também querem alguém para culpar! Se você os provoca com discussões, pode ser ruim para todos nós, e especialmente para Papa!"

"Não estou provocando, Anya!" a caçula retrucou, baixinho. "O que eu acho é que, quando não souberem o que fazer com o Império, vão sentir falta do Papa. Só queria que pensassem nisso".

Houve uma bem-vinda mudança na rotina quando mãe e filhas começaram a fazer os presentinhos de Natal para amigos e a família que estava tão longe. Usavam o que tinham disponível – pedaços grosseiros de tecido e lã de baixa qualidade –, mas a habilidade de todas transformou o rústico material. Até a caçula se portou lindamente. Se não ajudasse, se eles não comemorassem o

Natal, que restava?! Além do mais, sua mãe fazia questão. Então, todas puseram mãos à obra.

Era mais uma oportunidade de se reunirem todas juntas, aconchegadas em mantas e casacos perto da lareira. Alix, as filhas e as damas ficavam a conversar enquanto trabalhavam, e o tempo, desse jeito, voava. Os cachorros ficavam enrolados junto a elas, ou no sofá com o irmãozinho: "Aleksei sempre se sentia muito bem perto dos animais e, encolhido com um livro, a cabeça no colo da mãe, também passava horas por ali.

Havia presentinhos para todos. Até para os guardas elas tricotaram coletes, meias e cachecóis. Para a família bordaram lindos tecidos, ou pintaram cartões.

Mas o frio começou a cair todos os dias vários graus abaixo de zero, e no começo de dezembro foi a 23ºC negativos. O termômetro despencaria ainda mais em janeiro, mas não sabiam disso no momento. A casa de Tobolski era grande, até confortável, pois tinha sido residência do governador. Mas havia grandes correntes de ar. Ficava frio mesmo do lado de dentro, o que obrigava todos a se vestirem com roupas pesadas de inverno. Até para escrever era difícil, porque os dedos das mãos ficavam meio congelados.

Havia dias em que era difícil até sair da cama. Eram dias tormentosos, com o frio aumentando. A despeito de tantas tarefas, ainda assim as meninas e os demais sofriam com o enregelamento de inverno. Nessas horas Alix sentia uma tristeza profunda, e Olga também. Chávenas e chávenas de chá passavam de mão em mão e as lareiras crepitavam dia e noite com a lenha que a família tinha cortado.

Aquele desconforto geral começou a deixar todos entristecidos e consternados, então o tutor Gibbes, querendo levantar o moral, sugeriu que as meninas e seu irmão encenassem uma peça – ele trouxera várias consigo, contou finalmente. Mariya, Aleksei e a caçula se dispuseram a preparar o pequeno espetáculo de vinte minutos, auxiliados pelo tutor. A apresentação, no salão do

segundo andar, foi tão divertida que todos queriam mais! Ajudava tanto a passar o tempo de forma saudável!

Combinaram que aquela seria a primeira de um conjunto de peças curtas que haveriam de realizar.

O coração de todos estava alegre. Tinham conseguido uma bela árvore de Natal!

"Alyosha, não arranque muitos raminhos" falavam as garotas, sorrindo para Aleksei, mas tentando preservar a forma da árvore. O garoto ficava com o raminho ora numa mão, ora na outra, cheirando-o. O aroma trazia uma sensação boa.

E, de fato, desprendia-se da árvore "um cheiro adorável e instigante", como constataram as garotas, cheirando animadamente o exemplar de abeto balsâmico – mas sem mutilá-lo. Enfeitaram-no de forma simples.

"Nunca tínhamos sentido um aroma desses, a resina que escorre lembra tangerina e coisas cítricas", a caçula tentou explicar em suas cartas. "Só não temos decoração natalina, exceto umas velas de cera para acender no dia. Velas de igreja. Fizemos uma segunda árvore para que os guardas comemorem também".

O único lamento pairando no coração da família era que o ano terminava e nada realmente acontecera. Não havia um norte a contemplar. Isso incomodava bastante.

"Que será do novo ano para todos nós?".

Uma das damas de Alix que havia permanecido na capital, a baronesa Buxhoeveden, recebera recentemente permissão para visitar a família. Pertinho do Natal. Ela viera apenas com uma acompanhante, e a viagem fora tremendamente longa. Mas, quando as visitantes chegaram à casa em Tobolsk, os militantes da Guarda não permitiram que elas se hospedassem ali.

Estaria havendo algum mal-entendido, ou o quê? As meninas acenaram, quase pulando pela janela para ir ao encontro daquela pessoa querida, mas não adiantou. A baronesa não conseguiu entrar. Tinha sido um presente dos Céus, uma pessoa que podia enfim trazer notícias de casa...! mas logo ficou claro que elas iriam vê-la só de passagem, ocasionalmente.

A frustração ameaçou corroer a caçula, que olhava pela janela e passava a mão com força pelos cabelos curtos, bagunçando-os um pouco. Não havia nada a ser feito, exceto esperar pelas vindas esporádicas da visitante. Quando fosse permitido. Nem mesmo no Natal puderam estar todos juntos...! De que tinham tanto medo?

A verdade é que a ordem parecia ter partido de algum patamar acima, e o comissário-chefe apenas obedecia. Ninguém deu explicações à família.

Ao lado da irmã na janela, Ôlia lamentou por tudo aquilo, mas foi de maneira conformada. Olhou para a caçula e falou: "Diz-se que o que é bom dura pouco. Mas, talvez, isso signifique também que até o que é horrível pode acabar um dia".

Apesar da vigilância, a baronesa conseguiu trazer notícias importantes. A julgar, porém, pelo semblante de mr. Gibbes e de seu Pai, a caçula percebeu que eles já sabiam. O tutor havia chegado a Tobolski em outubro e, além do mais, seu pai já conseguia se dar bem o suficiente com o comissário-chefe, de quem obtinha informações.

O Governo Provisório de Kerénski, criado após a retirada de seu pai do regime, tinha sido derrubado por uma nova onda revolucionária ainda mais intensa, e tingia de sangue as ruas da capital. Ela se lembrava de Kerénski: fora ele quem pusera sua família em regime de prisão domiciliar e estabeleceu as regras do confinamento. "Para garantir a segurança de todos vocês", dissera. Meses depois ele os enviara a Tobolski – pois já não era seguro permanecer em casa. O palácio ficava a poucos quilômetros da

capital. Tobolski, ao contrário, não tinha trabalhadores ou revolucionários capazes de criar um motim; a cidade era pacata e isolada.

Ao meio-dia da véspera de Natal estavam reunidos apenas a família e os poucos que tinham-lhes sido fiéis naqueles meses de exílio. Juntaram-se para a liturgia no salão da igreja e, após os cânticos, cheios de esperança, almoçaram. O clima era pacífico e íntimo.

A árvore da família, toda perfumada, abrigava sob si os presentinhos. As meninas os tinham organizado, para serem distribuídos à tarde. A despeito do episódio com a baronesa, a família ofereceu os mimos que tinham sido feitos para os soldados, aos quais Aleksandra acrescentara um pequeno evangelho e um marcador pintado à mão. Além de coisinhas para comer.

Sem se esquecer da amiga, Aleksandra pediu que enviassem à sua dama toalhas de mesa bordadas por ela e as filhas, com almofadas combinando. O marido pediu que fosse incluso no pacote um vaso pequeno marcado com o seu monograma.

Na manhã de Natal, a família toda caminhou debaixo de neve até a igreja. A missa ocorreu diante do ícone da Mãe de Deus que fora trazido de um mosteiro próximo a Tobolsk. Quando o padre entoou, porém, a oração para oferecer vida longa aos convidados especais, esqueceu-se de omitir os títulos de cada membro da Família Imperial. Isso enfureceu a Guarda, que proibiu terminantemente a ida deles à igreja.

A última coisa de que precisavam era chamar atenção de todos para o fato de que o *Tsar* e Autocrata de todas as Rússias, Rei da Polônia e Grão-príncipe da Finlândia, Nikolai Aleksandrovich Romanov estava sendo mantido cativo ali, em Tobolski, junto com a

Imperatriz consorte, a *Tsarina* Aleksandra Feodorovna, seu filho e Herdeiro, o Grão-príncipe, o *Tsarevich* e *Velikiy Knyaz*, Aleksei Nikolaevich Romanov e as quatro Grã-princesas Imperiais, Olga Nikolaevna Romanova, Tatyanna Nikolaevna Romanova, Mariya Nikolaevna Romanova e Anastasia Nikolaevna Romanova. Era muito, *muito* perigoso!

Aquilo foi tremendamente decepcionante. Não pelos títulos em si, mas pela atitude tomada a seguir. A culpa não era deles. Na véspera de Ano-Novo, cada um bebeu uma xícara de chá e foi-se logo para a cama. Estavam exaustos.

Cada uma das meninas fez suas próprias preces, Alyosha se juntando a elas, enrolado em cobertores e com a cabeça coberta por um gorro. Alix agradeceu o fato de estarem todos os sete membros da família juntos, e bem; e por terem sido protegidos por todo aquele ano.

Nikolai foi o último a se deitar: "Senhor Deus, que possas proteger meu país... A Desgraça se avulta; chegou o Juízo Final para a Rússia. Nos afogaremos em nosso próprio sangue. Estou cego de tristeza. Não vejo nada".

Ele abaixou a cabeça ainda mais, quase escondendo o rosto entre as mãos. "Se o pior ocorrer, eu não tenho medo. Sei que minha alma será recebida diante de Ti. Mas, por favor, Senhor... Cuide de minha família! Se eu for condenado, e me for para teus Braços, eles precisam ter onde viver em paz. Porque é chegado o fim da Rússia como a conhecemos".

Depois da passagem de Ano e o Natal, foi como se o mundo fosse congelar. No começo de janeiro a temperatura despencou, chegando quase a -30ºC numa noite. Todos os dias eram muito frios, e implacáveis. O vento cortante assobiava e as pessoas tinham sumido das ruas. Tobolsk era uma perfeita cidade-fantasma no fim do mundo.

O ânimo de todos decaiu, e as meninas ficaram doentes de novo. Se no começo do ano anterior tinha sido a forte crise de sarampo, agora era a vez da rubéola. Todas as meninas pegaram, bem como Aleksei. Mas a doença foi mais branda que o sarampo, "Graças a Deus!"

Dentro de casa, mesmo com fornos a lenha constantemente acesos, havia um ar gélido e mortal. A madeira úmida também produzia excesso de fumaça. Dava vontade de chorar. O quarto das meninas era excepcionalmente enregelante, pois pegava o vento que vinha direto do campo. Recentemente havia batido 44ºC negativos ali dentro, o que tornara o local insuportável. Fecharam a porta e optaram por dormir no corredor. Faziam assim, ou se aconchegavam juntas na cozinha, quando o frio estava demais.

Mas a sensação de paz em família perseverou. Ninguém ousava reclamar, pois aquilo poderia ser fatal. As jovens continuavam apoiando-se umas às outras. Alix e Nicki se mantinham unidos. Os tutores e o doutor Bótkin participavam da comunhão familiar.

Olga e Tatyanna, entretanto, mesmo sem fazer alarido, começavam a se preocupar severamente. O que iria ser deles? A julgar pela reação dos guardas na igreja, a situação era muito mais séria do que imaginavam. Quer dizer... o pior cenário era exatamente o que deveriam esperar. Mas o que isso significava para o pai delas? Qual seria o desfecho? Em algum momento haveria de ter um desfecho!

Os dedos delas mal conseguiam se mover direito. As janelas todas ficaram cobertas com gelo grosso, de modo que nunca tiravam os casacos e usavam botas de feltro em casa. No ápice do desconforto, as irmãs concentraram-se em mútuo esforço. Tentavam manter a coragem por causa dos pais. E nisso Mariya e Anastasia sempre ajudavam bastante. Quando notavam o menor ar de tristeza no rosto do Pai, por exemplo, já cochichavam entre elas: "Máchenka é preciso animá-lo", dizia Anastasia; e Masha: "É claro, vamos logo lá!

Então começavam a contar-lhe histórias engraçadas, com risadas a toda hora, até que Nicki se sentisse melhor. O bom humor contagiante de Anastasia ainda era capaz de entrar em ignição, ainda mais quando lhe pediam para *ser* engraçada. Naquele longo e desesperador inverno ela queria muito trazer o riso à família, como sempre trouxeram, mesmo que fosse só uma adolescente de dezesseis anos.

Diante de tantas dúvidas e insegurança crescentes, a coragem das jovens era digna de grande respeito. Resolveram dar sequência às encenações das peças, para ter com que entreter a mente e ajudar o tempo arrastado a passar. Novamente, a ajuda dos tutores Gibbes e Gilliard foi determinante no sucesso. Foram peças curtas, em francês e inglês, e todos participaram. Na melhor apresentação, a adolescente de cabelos louros-arruivados arrancou risos genuínos da pequena plateia com sua interpretação vigorosa de um personagem masculino, vulgar e hilário, casado com Mariya.

Até Aleksandra, que agora quase nunca sequer sorria, explodiu numa gargalhada franca, como há muito não acontecia. Foi um sucesso, que aqueceu os corpos e o espírito de todos.

Depois de receber os cumprimentos pela peça tão engraçada, junto com os demais "atores" da família, aos poucos a energia de Anastasia foi caindo. Já tinha feito de tudo para trazer risos e felicidade, mas se sentiu estranha ao deitar-se.

"Estamos *todos juntos*, o que é maravilhoso. Poderia ser muito, muito pior. Só gostaria que minha intuição estivesse errada. *Quero* me manter otimista, mesmo que seja difícil algumas vezes...".

Como naquele momento. Sentia-se assolada por emoções perturbadoras. Depois da noite tão agradável, depois de rirem tanto, fatalmente aquilo lembrava a vida que tinham *antes*. No fundo do coração, não fazia sentido. A situação em que se encontravam era..... bem, não tinha nome. Ela *jamais imaginaria* que o Império

poderia se alvoroçar àquele ponto. Quer dizer, a vida era do jeito que era. Sólida e imutável.

"Mudança" era uma palavra que se referia a outras coisas. Como crescer! Você cresce, você muda. Mas em relação à sua pátria? "Mudança" era como um pálido pensamento vagando solto; uma opção inexistente. "Será que meu pai... será que *ele* imaginou uma coisa assim, algum dia...?".

A verdade era uma só: tudo tinha sido posto em xeque. A existência estava em xeque.

Anastasia fechou os olhos, se encolheu no canto do corredor embrulhada em roupas quentes e cobertores, e se sentiu mais ou menos aquecida. Tentou não pensar em nada. Nada, nada. Amanhã era outro dia. E na maioria dos dias ela realmente se mantinha confiante e otimista.

Antes de adormecer, a menina só pensou que gostava bastante do seu nome: Anastasia. Significava "Ressurreição". E nunca coubera tão bem numa situação.

Capítulo 3

Louisville, Kentucky; Estados Unidos
Dezembro,1959 d.C.

Depois de descer do táxi, Victoria D'Angerville se sentia um pouco letárgica e levemente enjoada. No entanto, logo foi contagiada por uma sensação pulsante de liberdade, que era indescritível! As pessoas com seu direito de *ir e vir* preservado, caminhando sozinhas, em grupos; os casais de mãos dadas; a música que vinha de algum lugar... ela apurou os ouvidos: parecia que não ouvia música há séculos.

Aos dezessete anos, Victoria não se lembrava de já ter experimentado tal... tal *êxtase*! Não havia palavra melhor. E uma alegria sôfrega que não se equiparava a nada que já tivesse feito, fosse desaparecer pelos enormes bosques no entorno de Pérola do Sul – Pérola do Sul –, sua cidade natal, ou nadar na água fria dos incontáveis córregos transparentes, límpidos, que a represa formava.

Sem nem se dar conta ela parou, ergueu o rosto para cima por um instante e deixou o sol bater em sua face. A brisa, já não tão gelada, despenteou seus cabelos, mas dessa vez ela deixou que voassem. Riu. Nem notou que pessoas passavam por ela, olhando com curiosidade ou apenas desviando. Mas foram as risadas de crianças que fizeram Victoria voltar "a si": olhou, e o grupinho que passava por ela andando rápido, meio que correndo, estava acompanhado por duas moças jovens e uma senhora que sorriu para Victoria.

Victoria surpreendeu-se tanto por receber um sorriso, assim, de graça, que ficou abobalhada, olhando de volta. Há quanto tempo ninguém lhe sorria? Foi tão inusitado que a jovem deixou escapar algumas lágrimas quentes e travessas – ela não deveria chorar na rua, só pessoas loucas choravam sem motivo no meio da rua...

Pensar naquilo fez Victoria chorar mais. Deu um soluço. Foi incontrolável.

A senhora, percebendo a comoção, diminuiu o passo e se aproximou de Victoria, segurando o cotovelo dela:

— Tudo bem, querida? — indagou.

— Sim. — Victoria enxugou as lágrimas. Aquela resposta era tão perfeita que a garota a repetiu: — Sim, *sim*, estou muito bem, obrigada!

— Ah, que bom. Boas Festas para você! Deus te abençoe! — A senhora deu uns tapinhas no braço de Victoria, sorriu de novo e apressou o passo atrás das crianças.

— Deus te abençoe... — Victoria chorou ainda mais, só que dessa vez disfarçando. Abriu a mochila, fingindo procurar alguma coisa. Será que Deus sequer a conhecia? Victoria ficou parada, avaliando profundamente a questão.

Bem, talvez sim... Tinha saído daquele lugar por um milagre, pela pura bondade de um ser humano desconhecido. As lágrimas – de gratidão, percebia agora – queriam continuar descendo por suas bochechas. A garota as segurou: deveriam ficar guardadinhas, até que Victoria tivesse um travesseiro para molhar com elas.

"Nossa... parece que saí de um túmulo para a vida".

Então fechou a mochila e começou a caminhar, olhando tudo. Estava numa rua principal, cheia de lojas. Os estabelecimentos já estavam todos abertos, e ela espiava tudo com atenção, sem pressa. A intervalos, a via principal cruzava com outras ruazinhas, também repletas de lojas e estabelecimentos de serviços. Ela ainda não sabia qual era o dia da semana, mas tudo estava funcionando desde cedo, provavelmente por causa do Natal. Victoria nunca estivera sozinha numa cidade grande, por conta própria!

Havia cartazes de propaganda: Perfumes, Brinquedos, "O Melhor Presunto Rural", dentre outros. Na porta de uma mercearia que parecia só ter coisas caras havia um desenho grande e chamativo num cavalete sobre a calçada: "SÓ AQUI: INGREDIENTES PARA O MELHOR '*SHIRLEY TEMPLE*' DO SUL". Victoria até sentiu

água na boca. O drinque doce e sem álcool era sua bebida preferida nas festas de Fim de Ano.

Desde a infância. Aquilo a fez lembrar de sua mãe usando um avental bordado, impecável, abrindo um pote de cerejas *maraschino* Luxardo – uma iguaria que só era aceitável em datas especiais – e lhe dando algumas numa tigelinha. Ela ficava sentada ali na cozinha, comendo devagar, lambuzando os dedos, enquanto sua mãe cortava frutas para o pudim, amassava batatas para o purê e recheava um peru com a "receita especial secreta" da sua bisavó, guardada a sete chaves.

Victoria deu um suspiro fundo, sentindo que lágrimas intrometidas já queriam surgir outra vez. A mãe dela estaria sem a filha naquele fim de ano. E Victoria ainda não sabia qual destino a aguardava. Mas achou por bem não pensar em nada disso, e continuou andando.

Na verdade, o comércio no centro de Louisville era muito diversificado e completo. Podia-se encontrar de tudo por ali: lojas de discos, armarinhos, vitrines de roupas femininas, boticas, lanchonetes, lojas de moveis de madeira, lojas de roupas de cama, mesa e banho. De repente, deu de cara com uma loja de calçados artesanais (como a de seu pai) – Victoria sentiu a raiva queimando no peito. Deu só uma espiadela nos sapatos da vitrine e seguiu adiante. Afinal, o trabalho do seu pai, o *verdadeiro* trabalho, estava a léguas de distância da confecção de sapatos.

Ela atravessou a rua só para ficar longe dos sapatos. Ali ainda havia uma loja que vendia fantasias de Halloween! Pouco depois Victoria entrou numa livraria grande, onde ficou a xeretar por um bom tempo. Comprou dois livros de ficção, além de uma Life Magazine. Enfiou tudo na mochila.

Havia um desfile crescente de automóveis pelas ruas, especialmente no cruzamento com outra avenida, maior, onde ela podia divisar alguns prédios. Não estava preocupada com a hora e nem por onde estava passando. Uma coisa era incrível: ninguém no mundo sabia que ela estava ali!

Certa altura o cansaço pesou. Os pés doíam, o corpo doía. Resolveu entrar num Café, e pediu apenas uma garrafa de água só para recuperar o fôlego. Intrigante pensar que sua estadia no sanatório tinha contribuído para a piora de sua saúde, e não o contrário.

"Jamais voltarei para lá".

Ao entrar e sentar-se numa mesinha, sentiu os olhares se detendo nela: uma jovem senhorita atarefada na cidade. Sozinha. De novo Victoria sentiu um certo orgulho. Até retribuiu o sorriso de algumas pessoas. Enquanto bebia a água, ficou observando os transeuntes, o movimento dos carros e se alegrou mais uma vez com sua liberdade.

Aproveitou aquela sensação, e prometeu para si mesma que não seria mais aprisionada. Fosse num Hospital, ou simplesmente por regras, convenções ou sua condição de mulher. Ela descansaria e esperaria pelo médico, que prometera voltar a vê-la. Victoria tinha esperança de que ele a ajudasse a dar um norte para sua vida, pois se mostrara confiável. Mais do que tudo: ele confiara *nela*!

Distraída com o vai-e-vem incansável de pessoas e automóveis, e os sons da cidade, Victoria remexia de leve na alça da mochila. O gesto acabou desviando sua atenção para o "episódio da bagagem". Que *episódio*! Se não tivesse acontecido com ela, não acreditaria na história.

A bagagem "dela" chegara, e lhe fora entregue por Maxwell, o dono da pousada. Totalmente improvável, para não dizer impossível. Victoria sorriu abertamente e deixou-se levar de novo pela lembrança: um primo que ela não tinha e uma bagagem que nunca existia. Mas ambos literalmente se materializaram para suprir sua necessidade.

Victoria não chegara a se deparar com o tal "primo", mas o dito cujo falara com Maxwell bem cedinho e deixara a mala e a

mochila na recepção. Pela descrição do homem, só podia ser o médico. "Cabelo comprido". Só podia ser.

Victoria recebeu os pertences *estupefata.* Precisou se esforçar para não parecer louca, e sim comedida, controlada e segura, embora quisesse gritar e saltitar de alegria. (Sim, era óbvio que aquilo era mais um ato de bondade do seu médico desconhecido). A garota correra escada acima e entrara novamente em seu agradável quarto – parecia haver tantas coisas na bagagem! Colocou a mala e a mochila sobre a cama e se sentou ao lado.

A mala em si já era linda. Tinha adorado! Era do tipo baú, mas num belo tom de ameixa, profundo e vivo, um pouco brilhante; o que não era comum. De um lado a tampa cinza-claro era ocupada por desenhos suaves da torre Eiffel em cinza-escuro e lilás. No outro extremo havia um aplique em petit-pois preto e roxo e, num canto próximo à alça, uma flor grande de tecido enfeitando – roxa, cinza e preta, com um botão de pérola no centro. Embora não parecesse nova, nem fosse grande demais, a mala estava em perfeitas condições. E roxo era sua cor predileta! Que coincidência! A mistura de tons de roxo e cinza, o petit-pois e a figura da torre Eiffel agradaram-na imensamente.

Então, sorrindo, Victoria olhou para a pequena mochila de tecido. Nunca vira um modelo parecido. O tecido era encantador: pequenas flores cor-de-rosa e amarelas espalhadas delicadamente sobre um fundo preto de veludo, muito maleável e suave ao toque. Havia duas alças de couro macio marrom-escuro para apoiar nas costas, e dois bolsos grandes fechados com fivelas de metal acobreado. O interior da mochila estava vazio, mas era do mesmo tom de cor-de-rosa fúcsia das flores*, lin-do*. Victoria notou que um dos bolsos estava mais volumoso do que o outro, e o abriu rapidamente.

Encontrou um chaveiro de torre Eiffel roxo, com uma pequena chave na ponta. Remexeu no bolso mais um pouco e sacou um

cadeado. Entendeu que era para fechar o baú, quando necessário. Ela sorriu um pouco mais. Estava para lá de surpresa. Pois, verdade seja dita, todos os tons de roxo e todos os tons de cor-de-rosa eram seus favoritos. Um para cada dia, para cada estado de espírito. Será que aquele homem apenas dera sorte ao escolher aquelas coisas tão femininas? (E tão rápido assim?). Era estranho...

Com um suspiro, ela então se preparou para abrir o baú. Sentia o coração bater forte. Por um lado, era até provável que não gostasse muito do conteúdo, dado o gosto excêntrico do homem para roupas – o que Victoria constatara perfeitamente na véspera. Mas a gentileza absurda demonstrada por ele haveria de suplantar qualquer decepção. Respirou fundo, preparada para cores e modelos esquisitos.

Abriu uma frestinha. Não vislumbrou nada vermelho-*catchup*, nem amarelo-gema-de-ovo, então ela abriu de vez. Os olhos dela admiraram por alguns instantes a bonita forração interna do baú, de tecido acetinado cinzento, arrematado nos cantos com um barrado de petit-pois roxo e preto. Mas aí ela começou a verificar o conteúdo, que se mostrou como uma agradável surpresa. Quase como uma manhã de Natal na infância.

Victoria não sabia o que admirar primeiro. Sem pressa, ela foi tirando as peças com cuidado. Não havia coisas caras ou luxuosas, mas tudo era bonito e delicado, de bom gosto. E tinha de tudo. Aquele homem tinha simplesmente pensado em *tudo*.

Ela sentiu uma pontada de culpa: "Terei sido muito impertinente ontem à noite, quando disse a ele que o casaco e as botas eram extravagantes, chamativas demais?". Definitivamente havia sido uma grosseria de sua parte. Agora estava claro que sua roupa de fuga tinha sido improvisada de última hora. Decidiu que quando o visse novamente, haveria de se desculpar veementemente.

— Parece até que ele me conhece! — Ela murmurou de novo, de si para si, satisfeita. Nem se deu o trabalho de ficar apreensiva com a bizarrice de toda aquela situação.

Afinal, na véspera Victoria dissera a Maxwell, o velho dono da pousada, que havia esquecido sua bagagem no trem, e que seu primo, que a acompanhava, iria trazê-la no dia seguinte. Mas a verdade é que ela tinha chegado ali após a fuga de Waverly Hills – com a ajuda de um médico desconhecido –, seguindo um mapa feito a mão num pedaço de papel. E com a roupa do corpo.

(Por roupa do corpo entenda-se a camisola do sanatório debaixo do sobretudo de cor berrante e um par de botas estranhas que o próprio médico havia entregado na saída do Hospital).

Fora no bolso do sobretudo que ela encontrara uma soma considerável de dinheiro – cinco mil dólares, o que poderia sustentá-la bem por um bom tempo – e o mapa. As instruções eram simples. Victoria chegara à pousada indicada no meio da madrugada, e se fosse recebida por um homem mais jovem do que Maxwell, com certeza complicaria sua vida. Um jovem teria sido mais atento. Talvez tivesse informado a polícia, mesmo diante do documento que ela apresentara. Falso. Também encontrados nos bolsos do sobretudo.

Victoria cruzou as pernas sob a mesa e tomou mais uns goles de água sem nem perceber, perdida naqueles pensamentos, sem nem ver mais quem passava pela rua, ou estava ao lado.

Ela tinha colocado sobre a poltrona do quarto os dois vestidos de inverno para o dia, acompanhados de cintos. Depois havia retirado uma saia plissada de lã azul-marinho e os três pares de calça cigarrete – uma delas era jeans, a outra de veludo listrada e uma última de lã preta. Havia dois suéteres coloridos de cashmere, um cardigã xadrez, vermelho-escuro e verde, em padrão escocês, além de um *coat* de inverno forrado por dentro com pele sintética. Ela jamais usaria pele verdadeira. Várias blusas e camisas variadas, do tipo que ela gostava, acompanhavam o novo guarda-roupa. Por último, um vestido um pouco mais formal, verde-escuro. (Onde ele achava que ela iria usar *aquele*?!)

Também havia vários pares de meias soquete e meias-calças de *nylon*. Uma delas tinha estampa! Victoria pegara o tecido nas mãos para ver. Era inacreditável! A meia, de um tom suave de cinza,

deixava entrever a delicada trama de linhas que se cruzavam formando hexágonos. De onde saíra aquilo? Nunca tinha visto meias do tipo *collant* que não fossem lisas. Estava decididamente impressionada. Descobriu um par de luvas preto, um creme e um branco. Não faltava nada!

Ou melhor, faltava, sim...

"Não, não faltava!", refletia Victoria agora, encantada, quase dando uma risada audível. Num saco de algodão com fecho de cordinha, e que estava colocado por baixo de tudo, Victoria descobriu vários conjuntos de roupas íntimas em modelos básicos e confortáveis. E de cores que ela gostou. Havia mais dois sacos parecidos: um menor, com alguns lenços coloridos para o pescoço ou o cabelo, e algumas presilhas; e um maior e mais reforçado contendo um par de sapatilhas confortáveis que combinava com os vestidos, um mocassim, e um sapato Mary Jane. Bem melhores que a bota!

Ao olhar a numeração, Victoria ficara perplexa, até prendera a respiração num suspiro. Aquilo já extrapolava todos os parâmetros do acaso! Era o número dela.

Ao lado dos sacos achou um pequeno estojo de maquiagem estava apoiado no fundo da mala: pó de arroz, *rouge* e paleta de sombras com três tonalidades. Havia um frasquinho de rímel e um de delineador. Um batom, que ela tinha aberto imediatamente: rosa escuro, quase cor-de-vinho. Perfeito.

Ela encontrou uma escova de cabelo felpuda e uma escova de dentes. O conjunto de higiene consistia em xampu, condicionador, hidratante e desodorante da linha – aquilo era de *pasmar*! – Elizabeth Arden. E o sabonete? Victoria não tinha nada contra o sabonete amostra grátis da pousada, mas abriu o maior sorriso do dia. Ele tinha colocado sabonete White Shoulders, de Elizabeth Arden (*Elizabeth Arden*!).

"Como é possível? De onde esse homem me conhece? De onde ele tirou todos esses detalhes?!".

Não havia resposta para aquelas perguntas. Victoria pediu mais uma garrafa de água ao *garçon*. Estava com um pouco de calor agora, pois era praticamente hora do almoço, e o sol do começo do inverno estava picante. Tirou o suéter de cashmere azul-bebê e o apoiou sobre os ombros, ficando com a blusa branca de manga longa sobreposta sobre a cigarrette de veludo listrada em cinza e azul. Os mocassins eram bem confortáveis, ela já tinha percebido.

Ao apoiar novamente os braços sobre o tampo da mesinha, a pulseira ficou à mostra. Victoria a girou no pulso devagar, aproximando o rosto para avaliar novamente os detalhes do presente. Victoria o descobrira num bolsinho interno da mochila, quando a arrumava para sair. Ali havia um saquinho de cetim branco.

Curiosa e até meio trêmula, abriu-o, e teve a agradável surpresa de encontrar uma pulseira e um par de brincos. Não pareciam ser joias americanas; tinham um ar marroquino, ou indiano. A pulseira era do tipo bracelete: um elo estreito e rígido de prata, com um fecho embutido de um lado e uma pequena flor ornamentada do outro. A flor exibia pequenas pedras em tom fúcsia para compor suas pétalas. O brinco tinha o mesmo motivo. Simples e belo!

"Oh, mas que coisa mais linda...!".

Victoria tinha ficado olhando por um tempo, admirada, e até levara o conjunto para perto da janela onde batia sol. As pedrinhas ficavam lindas na luz, como um vitral! Ela notou uma pequena diferença de tonalidade entre as pétalas, um sutil contraste que dava mais vida à peça. E a prata estava polida e brilhante. A jovem colocara o conjunto de imediato, antes mesmo de escolher a roupa que usaria, e ficou a girar o braço e a cabeça, e a se olhar no espelho. Deu até alguns gritinhos de alegria. Tinha gostado *demais*! Especialmente por ser um presente! Claro que o restante das coisas também era, mas tratava-se de itens de necessidade.

Agora, ela olhava de novo, pensativa e ainda perplexa.

— Que flor será essa? — ela indagou, de si para si. Não sabia. Os olhos continuaram fixos na flor, mas sua mente voou longe.

Dessa vez ela se lembrou do rosto do médico, de seus olhos. Eram olhos que tinham alguma coisa de diferente, embora não soubesse definir o quê. E aquele cabelo fora de moda? Comprido, volumoso; claro como areia da praia. E o sotaque discreto? Victoria já tinha se dado conta de que estava pensando muito nele, de um jeito diferente desde a véspera, o que era surreal. E *descabido*. Ela não era desse tipo de garotinha tola que se embevece pelo "príncipe encantado..."

Apesar de que o médico estava mais para valente cavaleiro do que príncipe encantado. De *onde* ele surgira, no meio da noite? E por que a ajudara?

"Oh, meu Deus, nem o nome dele eu sei...".

Mas ela iria saber. Primeiro, tinha que se curar daquela internação medonha e da lembrança do doutor Ralf Muller; de tudo o que vivera naquele *maldito* lugar. Virar aquele capítulo de sua vida. E, depois, seguiria com sua vida. Ela tinha todas as condições para isso agora. A começar de uma identidade que atestava sua maioridade (mesmo que para os seus dezoito ainda faltassem algumas semanas).

Nessa nova vida, a jovem esperava, talvez o médico pudesse vir a ocupar um lugar... um lugar especial. Quem sabe?

Quando foi guardar o saquinho de cetim na mochila, no mesmo bolsinho encontrou também um pequeno frasco de perfume – que ela não conhecia. Não tinha sequer rótulo. Ela o girou nas mãos, encantada. O recipiente de vidro transparente não passava dos seis centímetros de altura, facetado, com formato de cone invertido: uma base estreita e a parte superior larga e arredondada. O frasco era fechado por uma tampa de vidro em formato de flor: uma rosa. O líquido também exibia um suave tom rosado.

Victoria abriu o frasco, e cheirou. Era fresco, floral... com um toque de especiarias. E concentrado. Diferente de tudo que já sentira. A necessidade de entender o aroma a obrigou a inspirar,

várias vezes seguidas, procurando reter suas notas. Delicioso. Estranho.

Também trazia uma sensação... como um ligeiro frenesi... como se tivesse bebido vinho. Victoria fechou os olhos, e inspirou novamente, tentando absorver...

Tinha cheiro de flores que não conhecia, mergulhadas em água morna, e do vento cantante da montanha quando soprava à noite. Cheiro de profusão de estrelas, um tiquinho de sal e das luzes de todas as cores; sabores e texturas se espalhando em todas as direções. Embora isso não fizesse qualquer sentido.

Cheiro de estrelas? Aroma de água, de luz? O canto do vento na montanha? Sal, e flores e frutas desconhecidas...

Não... não era o aroma em si, mas a sensação que evocava. Quase como se, ao inspirar, pudesse ver! Um lugar. Antigo e perpétuo. Mas indistinto. Apenas cores... sombras de coisas esquecidas... o sol passando entre folhas de uma árvore poderosa, e refulgindo sobre a água cristalina. Uma sensação de beleza e felicidade...

Victoria inspirou de novo, o frasquinho sempre debaixo do nariz, tentando lembrar. Era uma lembrança.

Não era?

Lágrimas tinham se formado sob suas pálpebras quando ela fechou os olhos, chacoalhando a cabeça numa negativa involuntária, justamente para evitá-las. Mas a garganta apertou.

"Meu Deus, o que significa isso? Por que me comove tanto, me toca tão fundo...? É apenas um perfume", ela tentou se convencer.

Então pegou a tampa e rosqueou a rosinha rapidamente, fechou o frasco, um pouco assustada. Não era aceitável que um perfume provocasse emoções daquele porte. Não desejava pensar no assunto, mas era impossível. Uma mescla de sensações e sentimentos brotavam em seu íntimo: o contraste pungente entre aquele aroma limpo e forte, tão gostoso, com o cheiro de Waverly

Hills, onde a carne dos pacientes fedia e até as paredes estavam impregnadas com o odor de sofrimento e morte.

O fato de alguém ter se importado com ela...

Victoria quase chorou de novo, ali mesmo, em sua mesinha no Café. Apanhou rápido o guardanapo e o levou ao canto dos olhos discretamente. Em meio a tantos maus tratos e desafetos por parte de todos, alguém a *enxergara*. Realmente a vira! E entendera claramente que ela não deveria estar em Waverly Hills, que aquele não era o seu lugar. O fato de o médico ter se arriscado para tirá-la dali, e como providenciara tudo...

Tinha sido um ato de profunda compaixão. De amor, até, por que não? Mesmo que ela não conseguisse entender, ou explicar, os motivos daquele homem. A moça inspirou fundo, lembrando – ou tentando se lembrar, pelo menos – do perfume.

Victoria não o tinha passado na pele. Parecia não ser o momento. Primeiro precisava estar mais purificada, seu corpo tinha que estar limpo por dentro e por fora; o que levaria mais que algumas horas. A água fresca com certeza haveria de ajudar, por isso ela bebeu a segunda garrafa de uma vez.

O frasquinho fora guardado na mala com todo cuidado. Por algum motivo, Victoria tinha medo de usar o perfume e acabar por gastá-lo todo. E então como poderia evocar as ~~lembranças~~... o *sentimento* que o aroma lhe proporcionara?

Na verdade, se fosse para escolher, a jovem preferia ter o frasco para apenas cheirá-lo, quando precisasse. (Quando "precisasse" ...? mas que escolha de palavra...).

Bem o fato é que tinha certeza de que cheirar o perfume lhe proporcionaria um bem maior do que passá-lo em seu corpo.

Em seguida Victoria escolheu rapidamente um traje, sem pensar muito, e prendera os cabelos num rabo de cavalo. Nem passou maquiagem. O dinheiro que estava no bolso do casaco vermelho da véspera foi parar dentro da mochila, junto com o documento. Saiu do quarto sem pensar em mais nada. Precisava espairecer a cabeça, e fora nesse ímpeto que deixara a pousada.

"Aliás... Por quanto tempo devo permanecer hospedada na pousada?"

Era mais uma das perguntas sem resposta. Será que haveria um novo encontro com o médico em breve? Talvez ele pudesse esclarecer suas dúvidas e lhe dar alguma direção porque, quanto a isso, ela não recebera recado algum. Nenhum bilhete dizendo que fosse embora, ou que ficasse. Victoria intuía ser arriscado permanecer mais do que duas noites no mesmo lugar. Tinha certeza de que já a estavam procurando. Se não a encontrassem logo, seus pais seriam avisados. E a polícia, definitivamente, já fora acionada. Mas, como eles não tinham bola de cristal, também não poderiam adivinhar para que lado ela fora.

E a julgar pelo guarda-roupa completo e a soma vultosa em dinheiro vivo, além da identidade falsa, uma certeza Victoria tinha: não deveria voltar para casa. Se o médico não desse sinal de vida até o final do dia seguinte, ela teria que dar um jeito de sair discretamente de Louisville. Tentaria voltar para procurá-lo mais tarde, de outro modo, quando a poeira baixasse.

Ela tinha planos. E queria ir atrás deles sem a sombra de Waverly Hills pairando sobre ela, portanto tinha que sumir do mapa. O que mais desejava era ir para o nordeste, arrumar um emprego, matricular-se numa escola para fazer o último ano da *High School*. Moraria numa pensão barata. Ligaria para a mãe de vez em quando. Poderiam até se encontrar ocasionalmente.

Ela abriu a mochila para pegar dinheiro e pagar a água. O chaveiro de torre Eiffel com a chave do cadeado estava bem ali, ao lado do dinheiro. Ela saiu de sua mesinha e caminhou um pouco mais, sem pressa. Estava segura andando no meio das pessoas, no centro da cidade.

Mas não por muito tempo. Victoria sabia que era preciso simplesmente ir embora para viver sua vida, ao invés de tentar sobreviver através das pequenas fissuras que seu pai lhe permitia. Ele não a deixaria em paz enquanto não a casasse com alguém de seu agrado e a prendesse para sempre na gaiolinha dourada de quatro paredes, cheia de eletrodomésticos para brincar e todo o

conforto que o dinheiro proporciona, onde ela seria uma bonequinha tão bela, tão prendada, exibida como troféu por um marido, um bibelô de avental bordado sobre um vestido de cintura marcada, corpete justo e saia esvoaçante; toda sorridente e cercada de filhos.

Victoria jantou na pousada, apreciando bastante o cardápio da noite: uma deliciosa sopa com queijo parmesão ralado acompanhada de pão quentinho e a manteiga caseira, a carne suculenta servida ao molho com batatas e legumes, e a torta de amoras excelente de sobremesa. Ela comeu e repetiu.

O rapaz da manhã que a havia encarado de todos os ângulos possíveis não estava lá. Não deveria ser do turno da noite se trabalhava cedo, é claro. Depois do lauto jantar, Victoria subiu para o seu quarto, ligou o aquecedor e entrou no banheiro. Tomou um banho quente e, sem forças para mais nada, cambaleou, arrastando-se como podia até a cama. Sentia o corpo e a mente num estado de pura exaustão. Não conseguia nem mesmo secar os cabelos, que se espalharam, molhados mesmo, pelo travesseiro.

Em poucos minutos estava ressonando alto.

Na manhã seguinte, Victoria levantou sabendo que precisava caminhar.

Durante a refeição matinal, por algum tempo ela ficou pensando no significado do sonho, e em todas aquelas garotas, aquela família... Sacudiu a cabeça. A certeza de que aquele não era um sonho comum fizera mais sentido *no sonho*, e logo ao acordar. Até a delirante ideia de que se tratava de sua família, fosse como fosse, num outro tempo... parecia aceitável. Só que agora, à luz da manhã, vendo outros hóspedes na pousada... faltava lógica naquilo.

"Francamente... não sou do tipo que acredita nessas coisas. Reencarnação e outras vidas. É tido bobagem. Vai ver estou

projetando algo do meu inconsciente, o fato de que não tenho mais família. Estou fabricando uma família postiça baseada em informações anteriores".

Mas, que informações? Victoria nem sabia direito de que se tratava aquilo. Deu um muxoxo quase audível, tal sua frustração. Talvez em breve entendesse; talvez não. "Droga". Tamborilou sobre a mesa, sem ligar para os olhares do mesmo *garçon* da véspera. Agora ela estava devidamente vestida, ele que se danasse. Virou o rosto para o outro lado e tamborilou com mais força na tentativa de se distrair. Só que por mais esforço que fizesse, lá no fundo dela ainda grunhia a tal da "quase-certeza": o sonho era real, era real!

Quer dizer, não necessariamente real no sentido de serem lembranças *dela* – tinha que admitir que seria um completo disparate, e Victoria teria que declarar-se esquizofrênica e concordar com o diagnóstico do doutor Muller. O que ela queria mesmo dizer é que era *real* no sentido de que ela tinha *ido* àqueles lugares, de *algum modo*. Victoria ficou avaliando aquilo. O "como" lhe faltava, tanto quanto o "por quê?"; mas não isentava o fato de sua verdade. Era real.

Ela bebia suco de laranja quando uma ideia lhe veio à mente, borbulhante: Será que ela poderia ter *viajado* também nos sonhos de antes? Visitara outros séculos!

(não visitara...?)

Sem contar que Victoria estivera também em locais que, embora ainda existissem *naquele* século – no século XX –, já estavam bem mudados. Soava bem estranho, ela sabia, mas *tinha visitado* Aushwitz-Birkenau... Bergen-Belsen... e os campos de extermínio estavam cheios! Era um eco do passado que Victoria pôde alcançar por algum motivo misterioso e indeterminado...

Ou era só fruto das imagens que vira estampadas em jornais e revistas? Victoria nascera em 1942; portanto tinha entre dois e três anos quando a Guerra acabou. Mesmo que ainda não compreendesse, ela estivera lá *durante* a Guerra. E em outros

lugares também, como se vivesse a vida de outras mulheres por um instante.

"Ai, ai, ai, Victoria... não surta", falou sua razão, dando um atlético pulo.

Em vão.

Mesmo contra a vontade dela, as emoções voltavam com força redobrada. Victoria simplesmente não queria mais pensar, porém, depois desse último sonho a sensação de *ter ido* não só até a Rússia (!), mas a *todos* os outros locais, se mostrou forte e contundente.

"Ai." – Victoria pôs a mão na cabeça.

Aquela sensação era nova e pungente. Ficava dando cutucões em seu cérebro, então a garota tentou de novo racionalizar a questão. Naturalmente, já ouvira sobre essa coisa de ficção científica, essas histórias de viagens pelo Tempo. "A Máquina do Tempo", de H. G. Wells, fora leitura obrigatória na escola, no segundo semestre do segundo ano. Contrariando as expectativas dela, Victoria curtira tanto o livro que lera também a novela de Asimov, "O fim da Eternidade", por conta própria – (Ora, não era exatamente um tema do qual garotas devessem gostar, mas *e daí*?) –, além do livro de Bellamy, "Looking Backward: 2000-1887".

Neste último o herói caía num coma hipnótico e só despertava 113 anos depois. E embora ele continuasse fisicamente no mesmo local, o mundo se mostra totalmente alterado – tornara-se uma utopia socialista. Tirando esse detalhe, era bem interessante.

E, *ah*! Victoria gostaria de poder acreditar que os seus próprios sonhos eram apenas influência desse tipo de leitura, que não passavam do reflexo mal digerido de ideias "progressistas e maléficas" (como diria seu pai), enroscadas em sua "cabecinha de vento feminina".

(Hum).

E então, esses devaneios literários fizeram-na vir a sonhar com... ela enfiou um pedaço de bagel com força na boca para interromper o curso da própria argumentação. "*Que besteira,*

Victoria D'Angerville!" – Pois é, *pois é*, pura besteira, ela tinha que admitir.

Ou não... A quem queria enganar? Alguma coisa muito inexplicável, mas ao mesmo tempo muito verdadeira, estava acontecendo. Ela suspirou. Ia ficar com aquilo, já bastava.

Não queria uma dor-de-cabeça; não queria pensar em pessoas estranhas que, de repente, deixam de ser estranhas. Não naquela manhã. Ela voltou ao quarto e voou para o chuveiro. Ia deixando as impressões do sonho se esvaírem junto com a água quente do chuveiro, uma a uma; e sentiu-se renascida.

Ela levou um tempo razoável para se arrumar, mais por causa do cabelo. Depois, saiu da pousada e por cerca de meia hora caminhou pelo lindo campo para o qual estava voltada a janela de seu quarto. Sem pressa. Aproveitando o calor do sol que tornava o ventinho frio agradável.

Tomou uma estradinha que provavelmente daria acesso à Dixie, a julgar pela direção, ela notou. Serpenteava pelos aclives e declives suaves do campo, entrando e saindo de amontoados de árvores. Como fizera o motorista do táxi no dia anterior, Victoria foi se afastando do rio Ohio. O dia prometia esquentar e tornar o passeio agradável.

A jovem foi andando, com a mochila às costas, até perceber que havia tráfego de bicicletas, motocicletas e bondes. Estava na periferia de Louisville. Tinha andado pouco mais de uma hora, o que, depois daquele café da manhã, não era muito. Pegou um bonde que a deixaria perto do centro, mas desceu num local diferente de onde estivera na véspera. Só então Victoria reparou nos enfeites de Natal!

"*Nossa*, eu nem ~~enxerguei~~... prestei atenção nisso ontem...", Victoria percebeu. "Estava tão extasiada por estar ao ar livre, *fora* de Waverly Hills, e depois de ter recebido aquela incrível bagagem! Acho que minha mente não conseguiu captar a decoração das ruas".

Era só uma parte da verdade. Seria mesmo só falta de atenção, ou...

"Talvez eu ainda estivesse cheia do resquício de sedativos". Mas logo se sentiu incomodada. Na verdade, era mais provável que fosse sua mente rejeitando inconscientemente aquele fato: que o tempo tinha passado, e já era Natal, e semanas se evaporaram perdidas no sanatório. Uma lufada de vento agitou seus cabelos soltos e arrumados, e ela sentiu um calafrio. Ainda estaria naquele lugar pavoroso, em Waverly Hills, se não fosse pela inesperada ajuda do médico desconhecido.

Outro calafrio. Victoria passou várias vezes os braços um sobre o outro, esfregando-os. Não sentia frio realmente – era pura adrenalina *negativa* –, e tirou com veemência o cardigan xadrez vermelho-escuro e verde para provar isso. Ficou apenas com a blusa macia de flanela de lã, que tinha um suave tom verde-oliva e dois bolsinhos perto da barra. Estava usando a confortável saia plissada azul-marinho com a fabulosa meia entremeada de desenhos, e as sapatilhas. Tudo que queria naquele instante era chegar logo à região central e se distrair vendo lojas. Apoiou o cardigan no braço direito e seguiu pela rua.

Mas não chegou a andar muito mais. Assim que virou a esquina, uma dúzia de passos além e ela esbarrou com uma loja onde havia uma série de motocicletas expostas. Era uma mistura de loja e oficina, ao que parecia. Será que as motocicletas eram para venda, ou apenas exposição?

— Uau...

Victoria babou. Motocicletas! Ela já tinha pedido ao pai que lhe desse uma no aniversário de dezoito anos, mas mr. Milton achava que não era "coisa de mulher". Ou melhor, era coisa das mulheres de Nova Iorque, "soltas" demais. Victoria sabia que jamais ganharia tal presente.

O 18º aniversário da jovem ainda não tinha chegado, mas seu documento dizia o contrário. Então Victoria foi parando para olhar. Começou a andar perto, observando. Havia preços afixados em cada

modelo. Um rapaz estava no fundo da loja, de papo com dois adolescentes, e não se deu pressa em vir atender uma garota.

Melhor assim. Victoria detestava vendedores grudentos que ficavam fungando em seu cangote e dando explicações idiotas que ela não pedira.

— Ei! — a jovem exclamou, baixinho, de olho nas etiquetas. — Eu *tenho* dinheiro para comprar uma dessas!

Por um instante (muito fugaz) Victoria refletiu se não seria "mais prudente" economizar os valores que recebera do médico. Tinha que avaliar quanto tempo iria permanecer no hotel, e como sairia da cidade, e para onde iria... O dinheiro *tinha* que durar. Mas diante da tentação ela foi dando passinhos... um pouco curtos e depois mais decididos, para dentro do estabelecimento.

"Ai, meu Deus..."

Victoria sabia que precisava sair da loja imediatamente. Se esforçou, olhando para a rua e tentou fazer seus pés rumarem para lá. Mas foi mais forte do que ela. E Victoria foi ficando. Nada fez sentido, exceto a visão das maravilhosas *lambrettas*.

— Eu sempre quis uma dessas, *sempre*! E não custa tanto assim. São *lambrettas* usadas, e tal. – *Ai*, meu Deus...

Victoria não resistiu. Seus olhos se voltavam de uma para outra, mas acabaram se fixando num modelo com *sidecar* em tom vermelho brilhante. Com uma das mãos apoiada na alça da mochila e a outra segurando o cardigan xadrez, chamou o vendedor.

Quinze minutos depois, com um sorriso estampado no rosto, o próprio gerente da loja, um rapaz jovem – que tinha surgido de algum lugar –, entregou-lhe chaves e documentos.

— Parabéns por sua aquisição! — ele estava feliz com a venda fácil, já que era relativamente cedo ainda.

— Obrigada! — Victoria passava a mão pelo guidão, pelo banco estofado, sem nem olhar direito para o homem. Ajeitou a mochila e o cardigan com cuidado no *sidecar*, depois de passar um dedo verificando se não estava empoeirado. Não queria sujar seus presentes preciosos. — Como a *lambretta* liga?

— Mas a senhorita não sabe?! — Espantou-se o homem. — E como pretende sair daqui? Alguém virá buscá-la?

— Não, não. Eu mesma vou levá-la. Você poderia me ensinar o que fazer? Não deve ser tão difícil.

O gerente coçou as costeletas. Aquilo não acontecia todos os dias.

— Está bem. Temos um pátio pequeno ali nos fundos. Vamos até lá.

Victoria nem tinha conseguido escutar direito sobre as especificações do modelo, do motor e outras bobagens. Tudo que queria era sentar-se ao volante e sair andando. No pátio, o gerente mostrou a Victoria como dar a partida e acelerar para sair.

— Tente você agora, com *cuidado* — enfatizou — senão vai dar de cara na parede. Não acelere demais.

Victoria se sentou no banco, sentiu o torque. E tentou sair. Mas o fez muito devagar, e o motor morreu.

— Tem que acelerar um pouquinho mais. Como você disse, não é tão difícil – o arzinho brejeiro no rosto do rapaz fez Victoria sentir-se muito irritada. — Não há perigo de cair por causa do *sidecar*, mas tem que se acostumar com o peso. Acelere mais — Ele a encarou, dessa vez com ar desconfiado. — Você *sabe* andar de bicicleta, certo?

Victoria olhou feio de volta.

— Ok, Ok. Já entendi — retomou o gerente da loja. — Então, acelere um pouco mais.

Ela o fez; e andou corretamente por alguns metros.

— Cuidado com o muro!

Victoria brecou bruscamente, sentindo sua bunda quicar no assento.

— Já sei —Victoria ergueu a mão. — Brecar com mais suavidade.

Mais algumas tentativas, e ela se julgou aprovada para sair da loja.

— Não quer treinar mais?

— Não. O treino agora tem que ser no mundo real.

— *Yes*, *ma'am*! — brincou o homem.

Victoria se acomodou. Então, de supetão, perguntou:

— Que dia é hoje mesmo?

— 23 de dezembro — ele respondeu, mecanicamente, ocupado em sacar do bolso um paninho de flanela para limpar uma manchinha invisível no *sidecar*. — E não se esqueça de abastecer... há um posto logo mais adiante, na outra esquina.

Victoria ofereceu uma nota de dez dólares para ele, que sorriu fartamente e ficou fazendo gestos vigorosos de "pode vir, pode vir", como se ela não conseguisse ver a distância entre as paredes. Por fim, até acenou quando a garota finalmente saiu e ganhou o mundo.

Victoria estava montada em sua *lambretta*, rezando aos céus para conseguir controlá-la. Carros e outras motocicletas passavam perto dela, dando um frio na sua barriga. Ela ficou perto da guia e acelerou com cuidado. Não era tão difícil! O pensamento recorrente ia e vinha:

"Ah, se meu pai me visse *agora*!"

E havia um quê levemente vingativo naquilo. Ela iria embora, quisesse ele, ou não. E iria montada naquilo, como uma garota rebelde a quem ninguém dá ordens. Já o segundo pensamento era um pouco mais imediatista:

— Que medo de bater em alguém e amassar esse tesouro, ou subir na guia... — ela ria para si mesma. A máquina era pesada. Aos poucos, porém, ganhou confiança e conseguiu sair da beirada da calçada para o meio da rua.

— Uau! É cem vezes melhor do que uma bicicleta! Finalmente eu *tenho* uma *lambretta*! — e dava gritinhos ao virar de uma rua para outra, a mochila nas costas, como uma mulher adulta e

responsável e senhora de si. — Eu tenho uma *lambretta*! — cantarolava.

A emoção da cidade grande era outro item de fascínio naquele momento. Era estupidamente incrível andar em meio aos carros grandes, bondes, táxis, e fazer parte de tudo aquilo. Por mais que Pérola do Sul fosse uma ótima cidade, estar ali era fantástico! Sentia-se viva e livre, e imaginava como seria quando estivesse em Nova Iorque.

Seu sorriso estava aberto. Nem se preocupou com o gasto financeiro. Diante de tanta satisfação, aquilo tinha menor valor. Era um sonho realizado. Victoria zanzou e zanzou, apreciando a sensação de liberdade. Passou diante de uma enorme quantidade de destilarias e se lembrou que Louisville era famosa pelo Bourbon. Depois acabou caindo na 9ª Street. Passou por um lindo parque ao cruzar a Park Avenue, e o foi contornando devagar, admirando.

Ali perto ela descobriu o antigo e famoso Conrad's Castle. Victoria já tinha ouvido falar que Louisville tinha a maior coleção de casas vitorianas nos Estados Unidos. Ela olhou a antiga mansão do século passado, uma construção de pedra maciça e arquitetura romanesca. A sólida fachada era magnífica. Havia Gárgulas, magníficos vitrais e arcos. Ela estacionou e desceu para ver.

Agora a mansão era uma moradia para viúvas, como logo notou. Uma senhora simpática viu que ela estava olhando a casa e deixou-a entrar, contando um pouco de tudo, como o Conrad’s Castle tinha encanamento interior e iluminação elétrica – novidades para a época em que fora erguida –, além de belos trabalhos de madeira e pisos de parquet. Era considerada uma das casas mais deslumbrantes da cidade.

— Agora a igreja Presbiteriana cuida de nós, mantendo a casa.

Victoria sorriu e agradeceu. Depois de sair, viu as indicações para o campus da Universidade de Louisville, que ela seguiu. Foi andando devagarinho, apenas contornando o lugar, olhando com olhos compridos e imaginando quando seria sua vez de entrar numa

universidade pela porta da frente, para estudar, para ter uma carreira.

Ela acelerou a *lambretta* novamente, aproveitando o vento suave nos cabelos. Apenas dirigia a esmo, para praticar a direção. Ao cruzar a Central Avenue teve vontade de ir até Churchill Downs, não distante, já que estava motorizada. Era considerada a "Home of the Kentucky Derby" e o lugar dos mais longos eventos esportivos na América. Uau! Mas Victoria também tinha vontade de ir ao Museu de História Natural e Ciência de Louisville, já que ficava perto do Rio Ohio e, portanto, a caminho do hotel. Estivera lá há dois anos, no início da *High School*, numa excursão. Ela tinha gostado muito, era o maior era o maior Museu de Ciência prático do Kentucky.

Resolveu almoçar antes de ir ao museu, pois já sentia o estômago roncando de fome. Estava passando por ruas perto do rio, onde havia várias lanchonetes e restaurantes. E viu um cuja fachada lhe agradou: havia um portão envidraçado com detalhes dourados de latão, e várias janelas com floreiras e cortininhas. Com vista para a água à distância.

Victoria conseguiu estacionar perfeitamente diante do restaurante. Orgulhosa, com a chave tilintando no chaveiro de Torre Eiffel e a mochila às costas, aproximou-se da porta, que foi aberta pelo lado de dentro.

— Boa tarde, *miss*! — Sorriu o *host*. — Queira me acompanhar, por favor. São quantos lugares?

— Apenas um.

Ele ia levando Victoria para uma mesa próxima ao bar, mas ela preferiu sentar-se perto da janela. Havia apenas uma ainda vazia ao lado de uma mesa para dois. Perfeito!

Uma vez acomodada, o *maitre* veio trazer-lhe o cardápio. Ele não pareceu notar nada de errado em uma garota sozinha.

— Espera mais alguém? — perguntou.

(Bem, talvez ele achasse estranho, sim).

— Não — a moça respondeu com voz firme.

— Meu nome é Rob Brown, seja bem-vinda à Casa. Deseja pedir a bebida, *miss*?

Victoria notou que ele não ofereceu a carta de vinhos. Talvez a achasse menor de idade? Ou achava que jovens senhoritas não bebiam vinho à tarde?

Ela pediu um suco de laranja.

— Pois não! — Rob Brown anotou na caderneta. Depois explicou qual era a sugestão do chef. Mas ela não queria peixe.

— Certo. — Victoria abriu o cardápio. — Obrigada.

— Assim que a senhorita olhar o cardápio, um dos *garçons* virá anotar seu pedido.

Victoria não precisou olhar muito para decidir o seu prato. Havia frango frito, e ela não comia um bom frango frito há *décadas*, parecia, por Deus!!!

Descansou o cardápio sobre a mesa e olhou melhor em derredor. De um lado havia a janela e de onde estava também podia ver o pianista, que tocava um *pot-pourri* de baladas da moda. Era muito agradável. Não existia um lugar assim tão chique onde ela morava.

Apesar de tudo, agora que parava um pouco, Victoria sentiu uma leve sensação de preocupação. Quando a tarde terminasse, ela teria que decidir o que fazer em seguida. Era óbvio que estavam atrás dela.

O pesadelo de Waverly Hills – pintado em cores fortes em sua mente e alma – não iria esmaecer tão cedo. Uma pontada profunda de tristeza. Jamais se imaginara em circunstâncias tão funestas: primeiro, internada num hospício; e agora, uma fugitiva.

Ela pousou os cotovelos sobre a mesa, exatamente como não deveria fazer, e cruzou as pernas sob a mesa. Semblante sério, olhos melancólicos por um segundo, como se uma nuvem de chuva pousasse sobre eles. — Sim, eu me sinto livre pela primeira vez..., mas a que custo? — questionou consigo.

Ficou olhando para fora, pela janela, pensativa. Ficaria mais uma noite na pousada? Parecia arriscado. Deveria pegar suas coisas e ir embora para outro lugar? Mas que lugar? Ela nem viu o suco sendo pousado sobre a mesa.

Mas ao ouvir uma versão de "Mona Lisa" tocada e cantada pelo pianista, voltou os olhos para o músico. Aquilo não deixava de ser um pouco *avant-garde*, já que Nat King Cole, dois anos antes, fora atacado durante um show em Birmingham, no Alabama, por três homens do *North Alabama White Citizens Council*. Que bando de selvagens! Cole caiu e chegou a se machucar. Terminou o show ali mesmo, e nunca mais se apresentou no sul.

Victoria gostava de Nat King Cole, com sua voz melodiosa, suave e marcante ao mesmo tempo. Ficou escutando, e logo chegou o seu frango frito com onze ervas, conforme descrito no cardápio, absolutamente crocante por fora e macio por dentro, um toque picante de páprica. A típica iguaria do sul.

A melancolia desapareceu. Era uma comida dos deuses. Quando estava quase terminando achou que ainda tinha fome, e pediu mais um suco e um *Jambalaya Creole*. Limpou a boca com o guardanapo. Estava decidida a ficar mais uma noite em Louisville. Ir além, seria arriscado. Teve que admitir para si mesma que ainda não tinha tomado um trem para o norte apenas na intenção de reencontrar aquele médico.

Tamborilava com os dedos sobre a toalha agora, mas de puro nervosismo. Estava alheia a tudo em derredor agora, imaginando se havia, afinal, perdido muito tempo e seria capturada assim que pusesse os pés de novo na pousada. Nem prestou atenção a "*That's Allright, Mama*", de Elvis, uma de suas favoritas.

Capítulo 4

De repente, um homem estava parado ao lado da mesa dela. O corpo de Victoria encolheu-se instintivamente, mas sua mente pôs-se alerta. Ergueu os olhos devagar. Não era o *garçon*.

Ela avaliou o estranho em segundos. Não mais que 25 anos. Um terno de *tweed* elegante, mas era preto – o que ninguém usaria –, combinando com uma gravata azul *royal* (espalhafatosa). Estava muito bem-vestido, mas havia algo estranho.

Oh, sim. Cabelos pretos *compridos*.

— Posso me sentar com você, senhorita? — indagou cortesmente o estranho, encarando-a com olhos de um azul muito claro. Será que ele queria que os olhos combinassem com a gravata?

Victoria piscou algumas vezes. Cabelo comprido. Como o do médico! Quer dizer, não tão comprido quanto o do médico, mesmo porque estava preso num rabo de cavalo, mas era um detalhe impossível de passar despercebido na terra da brilhantina e dos *teddy boys*.

A avaliação de Victoria foi acompanhada por um leve acelerar de coração. Quem *era* aquele sujeito?

Não fosse o cabelo, fazendo Victoria se lembrar do médico e ter uma pontada de tolerância – até curiosidade –, ela teria já dito que "Não, você não pode se sentar, *boa tarde*".

Havia também um suave aroma de perfume; mas que não parecia exatamente perfume. Isso acabou sendo decisivo. O íntimo de Victoria pulsou com uma centelha, como o cricrilar de um grilinho: Teria aquele homem vindo encontrá-la com algum recado do médico? Mesmo assim, tinha que ter certeza. Era melhor testar bem o entendimento. Poderia ser apenas um cara pronto para paquerá-la.

— E por que você deveria se sentar *aqui*? — Victoria perguntou sem rodeios, cruzando as mãos na altura do queixo

levemente empinado. — Eu nem te conheço.

— Você acabou escolhendo um ótimo restaurante, sabe? — Aquela não era a resposta esperada. — Um dos melhores da cidade! — O homem olhou em torno, sorrindo e apoiando uma das mãos na cadeira defronte a de Victoria, calmamente. — O frango frito daqui é uma iguaria dos deuses, não é mesmo?

— Como é que você sabe que eu pedi frango frito? — Victoria se abespinhou um pouco, o queixo se ergueu um pouco mais. — Por acaso você estava me espionando? Estava me *seguindo*? Desde que horas está me seguindo?

A garota sentia o coração disparando dentro do peito. Embora parecesse inverossímil, e se fosse um policial à paisana, pronto para levá-la de volta a Waverly Hills?! Mas, se fosse o caso, ele não iria se *sentar* à mesa, simplesmente a algemaria, e fim. Tudo aquilo voava pela mente dela em segundos que duraram uma eternidade. Victoria estava aflita. Será que sua foto já tinha sido distribuída por todas as delegacias de Louisville e arredores? E se tivesse saído nos jornais? Estaria sendo caçada? Ela se recusou a pensar no pai – ele teria meios de encontrá-la ainda mais depressa do que a polícia...?

Discretamente Victoria estendeu a mão para segurar a alça de sua mochila, colocada nas costas da cadeira. Se o homem notou, não demonstrou. Mas mudou o tom da conversa.

— Eu posso explicar tudo se me deixar sentar aqui e... — Ele foi puxando a outra cadeira enquanto falava.

— Um momento! — Victoria disparou, interrompendo-o. — Eu não te conheço. Eu não sei nada sobre você! — Ela pegou a mochila com um puxão. — *Quem* é você? Qual o seu nome? Por que está aqui?

— Calma... — o homem sabiamente retirou a mão da cadeira e a ergueu num gesto de paz. – Fique calma, Victoria, eu sou...

— *Como* sabe o meu nome? — ela resmungou entredentes, colocando a mochila na frente do corpo, como um escudo.

— Se você parar de me interromper e me deixar explicar, vai entender — E num sussurro, lançando a ela um olhar descontente:

— Pare com isso, as pessoas estão começando a olhar para cá.

— Que olhem. Que me importa? Saberão que estou sendo assediada por um lunático – e Victoria se levantou.

O estranho suspirou, erguendo uma sobrancelha. Os olhos azuis faiscaram com um leve brilho de irritação.

— Sente-se — ordenou. — Garanto que o assunto é de seu interesse.

Victoria olhou para ele, num misto de raiva e desconcerto. Mas obedeceu e se sentou novamente.

Mantendo a mochila no colo. Momentaneamente muda.

O homem, ainda de pé, enviou-lhe um olhar significativo enquanto inclinava a cabeça na direção da cadeira vazia.

— Sente-se de uma vez! Mas pode ficar sabendo que tenho ótimos pulmões, sabe. E sei gritar bem alto.

O homem de terno preto puxou a cadeira e se acomodou:

— Eu sei que sabe gritar bem alto.

Teria ela visto uma leve sombra de reconhecimento naquele olhar azulado? Um leve brilho de um sorrisinho?! Victoria balançou a cabeça: é claro que não! Nunca tinha visto aquele cara na vida.

— Sou o Robert — anunciou o desconhecido, com evidente prazer, cruzando as mãos sobre a mesa.

Victoria entortou a cabeça para o lado.

— *Perdão*?!

Ele acabou rindo. E inclinou-se para frente um pouco, sobre a mesa, dando uma piscadinha.

— Sou o seu primo, ora. Como pode ter se esquecido de mim? Sou o *Robert*. Robert Waldegrave.

Ele riu, de novo, da expressão estupefata de Victoria, que não soube o que responder por alguns instantes. E isso era uma coisa muito rara de acontecer.

Na verdade, Victoria se irritou com a risada.

— Muito engraçado — respondeu. — Só que você *não* é meu primo! Eu até tenho um primo, mas você *não é ele*. Pode me dizer que palhaçada é essa?

Novo suspiro por parte do jovem homem à frente dela. Mais fundo. Ele coçou a cabeça: – Não sou seu primo, é claro. Não sabe aceitar uma brincadeira?

— Brincadeira? Mas que *diabos* está fazendo aqui, e quem é você? — Victoria tentou dizer isso sem elevar a voz, quase cochichando, ao mesmo tempo em que também se inclinava sobre a mesa. — Se não me disser o que pretende, senhor, vou gritar bem alto, e você vai ser preso.

Dessa vez o estranho revirou os olhos azuis, bufando. Uma mecha de cabelo escapou do rabo-de-cavalo.

— Eu vou ser preso e você jamais vai saber o que vim lhe dizer.

Victoria mordeu o lábio inferior. Tudo bem. Ele não parecia ter o rosto de um marginal-sequestrador-de-jovens-donzelas.

— Fui eu que levei suas roupas até a pousada — ele acrescentou.

Victoria passou instantaneamente da indignação à perplexidade. Encostou as costas na cadeira, a mochila esquecida no colo, quase caindo para o chão.

— Isso é totalmente bizarro. Como... como você sabe da bagagem?

— Porque fui eu que levei.

— Mas...

— Bizarro, ou não, você recebeu as coisas, não foi?

— Você... Mas você não é meu primo!

— Eu sei. Mas não foi isso o que você disse para o Maxwell?

— Eu... *hã*. Sim, mas... como você... *hãã...* meu Deus. Como pode saber disso?

Ele também recostou contra o espaldar da cadeira.

— Se ficar quietinha e me deixar falar...

— Mas quem é você, afinal? Como se chama?

— Nesse momento, sou o seu primo Robert.

Victoria ia protestar, mas se conteve.

— Estou aqui para te ajudar — o rapaz estranho continuou. Então pareceu se lembrar de algo: – A propósito, você gostou das roupas? Pelo visto, da mochila você gostou. E dos brincos e da pulseira.

— Sim, eu gostei muito das roupas. E da mala. Obrigada!

— Bom, não fui eu que preparei tudo; eu apenas entreguei.

— Então por que pergunta se gostei, se nem ao menos sabe o que tinha na mala?

— Me pediram para não esquecer de perguntar.

— Ah, é mesmo? — Victoria ergueu o corpo, interessada. — Quem pediu? — E direta como uma bala, perguntou: — Foi aquele médico que fez tudo isso?

— Médico? Que médico?

— Sim, o médico que me ajudou a fugir. O que tem cabelo comprido como o seu, mas parece um pouco mais velho. Foi *ele*? — Victoria não queria parecer ansiosa, mas pareceu assim mesmo.

— Sim, foi ele — Um leve dar de ombros.

Victoria ficou em silêncio uns instantes.

— Uau... até parece que ele me conhecia de verdade. Acertou em cheio, em todas as coisas. Mas, diga, ele *comprou* tudo aquilo?

Por um brevíssimo instante, quase imperceptível, tão imperceptível que Robert não imaginaria que Victoria notasse. Mas ela notou. Notou que ele procurou pela melhor resposta.

— Imagino que sim; ou melhor, é claro que deve ter comprado! Ou talvez ele tenha irmãs.

Não soou nem um pouco convincente.

— Qual é o nome dele?

— Você não quer saber por que *eu* estou aqui, ou vai mesmo ficar fazendo perguntas sobre o "médico"?

— As duas coisas — lançou um olhar condenatório para o estranho. — Afinal, não é todo dia que um médico ajuda uma paciente "louca" a sair do hospício, afinal... ah, deixa *pra* lá.

— Não é todo dia que um protetor chega e se senta à sua mesa também!

Ela mordeu o lábio de novo, caindo em si.

— É verdade, desculpe — ficou quieta por alguns instantes. Mas então: — Você não vai *mesmo* me dizer o nome dele? Vai ver é Robert, e por um acaso do destino, eu acertei.

— Não, não, não, o nome dele é outro.

— Não vai me dizer?

— Se ele mesmo não te disse... — respondeu o homem diante dela, dando um leve muxoxo, com o que parecia ser uma ponta de ciúme.

— Ok, "Robert" ... pelo visto vou ter que descobrir sozinha.

— O nome dele é Logus. Satisfeita?

— Nome diferente... — Victoria parou, pensativa, e ficou quieta.

Vendo que ela não dizia nada, o estranho perguntou de novo:

— Satisfeita? Podemos continuar?

Ela chacoalhou de leve a cabeça, como se não tivesse escutado, e murmurou de si para si:

— Que nome estranho... mas, por algum motivo, me parece familiar. Será que eu já conhecia esse médico? Será que ele me atendia na infância, talvez?

— Quem sabe.

— Mas sempre tivemos o mesmo médico... Ou será que esse doutor Logus também foi médico da minha família, em algum momento, e eu era pequena demais para me lembrar? – Ela ergueu

os olhos para Robert. — Será que foi isso, e alguma coisa ficou na minha mente? Será que foi por isso que ele me soltou?

—Isso você vai ter que perguntar a ele.

— Vou vê-lo de novo?

— É possível.

Victoria agora se dava conta de que quem havia "prometido voltar" fora o Robert à sua frente, e não o médico, o que a deixou momentaneamente bastante chateada.

— Por que ele mesmo não me trouxe a bagagem?

Uma leve pausa.

— Problemas de energia.

— A bateria do carro dele pifou?

— Mais ou menos...

Victoria sabia que não adiantava perguntar mais nada. O pianista começara a tocar um *pot-pourri* com várias canções de Natal que irritavam Victoria além do esperado. Também... seu espírito natalino estava a zero. Melhor saber o que Robert tinha a dizer. Ela estreitou os olhos.

— Bem... e como *você* apareceu aqui? Estava mesmo me seguindo?

— Será que eu *posso* falar? Já estou ficando cansado!

— Tá bem, desculpe, fale logo de uma vez.

— Obrigado, *ma'am*.

— Ah, só mais uma coisinha! — Victoria não se conteve. E olhava Robert fixamente. – Vocês são parentes? Você e o Logus?

— E por que seríamos?

Victoria entortou a cabeça um pouco.

— Há de convir, vocês têm um gosto meio estranho para roupas. Bem esquisito *mesmo.* Quando eu ia fugir...

— Fala *baixo*, por Deus! — grunhiu o outro, apertando o braço de Victoria. A garota teve a sensação de que ele teria preferido apertar o seu pescoço. — Quer que alguém escute?

— Claro que não! — Ela olhou de soslaio para os lados. Depois olhou feio para a mão que apertava seu braço.

— Nunca diga a palavra *fugir*! — Robert ordenou, largando-a.

— Ok, desculpe.

— Pare de pedir desculpas.

— Certo. Mas é que o seu amigo me deu um sobretudo vermelho-berrante para *fugi*... isto é... ele me deu um sobretudo, e... e botas *amarelas*. Me senti como um *hot dog* andando por aí. Se o objetivo era passar despercebida... — Victoria lançou um olhar significativo para Robert. — E você está de preto. *Quem* usa terno preto? Não estamos num funeral. E essa sua gravata? Dessa cor? É no mínimo estranha. Seria tolerada no verão, quem sabe, mas nessa época...

Robert olhou para si mesmo, falando com surpresa pela primeira vez:

— Você acha?

Ela assentiu várias vezes, franzindo a testa, como quem diz: "Ééé". E continuou:

— Tem também esse seu cabelo... para dizer a verdade, parece que você veio com a cabeça para fora da janela do trem, ah, ah, *ah*! E depois prendeu o cabelo *pra* disfarçar – o lado sarcástico dela aflorou com ânimo redobrado depois de tanto tempo aprisionada, e sem ninguém com quem se divertir. Mas foi uma risada quase histérica, que colocava para fora a tensão pegajosa que a presença dele tinha causado. — Sua noção de moda é engraçada! – e ria. Quanto mais tentava parar de rir, mais as risadas escapavam, como pipocas pulando da panela. O estômago chegava a doer.

Foi a vez de Robert entortar a cabeça para o lado e cruzar os braços sobre o peito. Ficou quieto esperando que Victoria parasse com aquela crise. Por fim, ela foi se aquietando.

— Olha, me desculpe. Quer dizer, não, não me desculpe. É que não tenho passado muito bem ultimamente. Não há nada de errado com seu cabelo. O que eu quis dizer é que parece que vocês

dois não são daqui. Não são do sul. Talvez, nem mesmo dos Estados Unidos. Aquele seu parente tinha um sotaque leve... igual ao seu. Vocês pronunciam o erre de um jeito gozado.

— Somos de outro lugar, sim.

— Mas de onde, hein?

— Isso não vem ao caso.

— Mas me responda, seu chato! De onde vocês são? Custa dizer isso?

— De um *outro* lugar. Isso já basta.

— É tudo que tem a dizer?

— É.

Silêncio. Quebrado pela chegada do jambalaya.

— Seja bem-vindo, *sir*.

Ele não parecia estranhar a chegada de um acompanhante depois de a dama ter-lhe dito que não esperava ninguém. Nada como a discrição.

— Devo lhe trazer um prato para dividir o jambalaya? Ou prefere o cardápio?

— Ele prefere o cardápio — rebateu Victoria.

— Traga-me um igual ao dela.

— Pois não! – o *garçon* anotou o pedido. — Bebida, *sir*?

— Um suco de laranja.

Quando o *garçon* se afastou, o estranho pousou as mãos sobre a mesa, e olhou Victoria fundo nos olhos.

— Agora já chega. Não posso ficar aqui para sempre, e estamos perdendo tempo. Você pode me ouvir, por favor? — disse com certa severidade. E disparou, sem aviso: — Eu sei o que você sabe.

Victoria ficou imediatamente na defensiva outra vez. Será que ele estava jogando o verde para colher o maduro? Não iria dar nenhuma informação sobre si mesma.

— E o que é que eu *sei*?

Robert ignorou-a.

— Eu vou ajudar você a encontrar o que está procurando.

— E o que seria isso? — Ela sorria zombeteira, e colocou o canudinho do suco na boca, dando um gole.

— O Laboratório do seu pai.

Victoria se engasgou com o suco, e tossia sem parar.

— *Como*? O que você *disse*? — Enxugava as lágrimas decorrentes da crise de tosse. Piscou várias vezes seguidas, e teve uma explosão de raiva. Mas no tom mais baixo que conseguiu. — Você sabe sobre o *Laboratório*?! — O rosto de Victoria estava contraído numa expressão de fúria. Ao gesticular, uma das mãos esbarrou no garfo ao lado do prato, que voou para o chão. Apoiou os punhos sobre a mesa. — Não acredito que você quase me convenceu, que *burra* eu sou! Eu deveria ter imaginado!

— Do que você está falando?

— Seu disfarce acabou de ser descoberto, idiota. Você trabalha para o meu pai! Não é isso?! Você é um espião, por isso sabe tudo a meu respeito, e ainda teve a cara de pau de aparecer aqui do nada, recusando-se a contar como me descobriu! Está só esperando que eu saia do restaurante para me levar de volta, amarrada e amordaçada, não é?

Victoria olhou em derredor, avaliando suas possibilidades de fuga. Robert permaneceu impassível. Um *garçon* apareceu para pegar o garfo arremessado e colocar outro limpo sobre a mesa.

— Sua comida está esfriando — Robert falou.

— Dane-se a comida – não eram os modos que lhe haviam ensinado em casa, mas o momento pedia para faltar com o respeito. Afinal, quem era aquele sujeito? — E quer saber de uma coisa? Eu estou indo embora! E não tente me seguir; não se mexa. Senão eu vou gritar de verdade, porque *eu não volto para lá*!

Victoria fez menção de levantar-se mais uma vez, em fúria, mas Robert foi mais rápido e a segurou firme pelo braço.

— Não, não, *não*! Calma!

— Você não vai me levar para lá de *volta*!

— Já disse que vim te ajudar! Sente aí e tenha calma, ou você vai estragar tudo!

Victoria se sentou, olhou em derredor e tentou dar um sorriso amigável para os que olhavam em sua direção. Depois, vociferou baixinho para Robert:

— Me ajudar, é? Eu sabia! Vocês *dois* têm um sotaque estranho, uma cara estranha, um... um cabelo esquisito, e... e... um me dá roupas esquisitas, o outro *veste* roupas esquisitas. Além disso — Victoria cravou a atenção nos olhos de Robert — vocês têm os olhos diferentes. — Olhou com mais cuidado — Não sei exatamente o que é. E você usa essa pulseira de couro larga, toda diferente. É bonita, é verdade, mas quem usaria isso? E... olha, quer saber? — Ela apontou o dedo na direção do nariz dele, e cochichou, mais do que brava. — Vocês são *soviéticos*! E devem trabalhar com o meu pai, disso eu tenho certeza!

Mais uma vez Victoria fez menção de se levantar, agarrando a mochila, mas Robert a segurou pelo braço com mais força.

— Sente aí *agora*, Victoria, já chega! — a voz dele soou como quem não iria admitir mais nem um pio, firme como uma tijolada! — Do jeito que está agindo vai chamar atenção, e eu garanto que você não quer isso. Fala *baixo*!

— Se você trabalha para o meu pai, eu quero mais é chamar atenção! — Ela puxou o braço de volta.

— Se eu e o seu precioso médico somos parentes, e eu trabalho para o seu pai, por que eu ainda não te levei presa? E por que ele te soltou? Já tem muita gente te procurando, está ouvindo bem? — foi a vez de Robert apontar o dedo para o nariz dela. — Que mulher mais impulsiva, ah, Deus nos ajude! Você não vai poder ficar passeando para sempre. Ou quer voltar para lá?

Victoria sentiu-se murchando como um balão que estoura; e ela mergulhou novamente na realidade da situação. Naquilo ele tinha razão: já deviam ter dado por sua falta há muito tempo.

— Fique quieta e me escute — ele esbravejou, acrescentando, irritado: — Mas que missão essa!

— Como assim, missão? Você está numa *missão*? Tá vendo? Você é um espião, tá na cara!

— N-ã-ã-ã-o... — Ele falou pausadamente e baixo. — A minha "missão" é te proteger. Entendeu? Aliás... Diga-se de passagem que é muito difícil te proteger...

Ele pareceu cansado de repente. Victoria franziu a testa. Cruzou os braços.

— OK. Me proteger.

— Isso.

— Posso cuidar de mim sozinha.

Robert deu uma risadinha sarcástica.

— Estamos vendo. Como pretende se virar se eu for embora nesse segundo?

(Ele tinha certa razão nisso também).

— Arrumaria uma arma — respondeu Victoria. — E passaria fogo no primeiro que quisesse me sequestrar.

Robert deu uma risada e chacoalhou a cabeça como quem diz "Cada ideia".

— Você acha que eu não teria coragem?! Você tem sorte de eu ainda não ter essa arma! Mas... vamos dizer que eu acreditasse em você. Se quer me proteger, em vez de ficar fazendo essa cara de quem comeu e não gostou, e ficar pedindo ajuda para *Deus*, devia dizer alguma coisa que me convença!

— Convencer você do quê, menina? Tudo que já aconteceu não é suficiente?

— Não estou falando do... — baixou a voz. — Do *sanatório*. Estou falando do Laboratório! Como é que você sabe disso, se é um experimento secreto, do qual só a CIA tem conhecimento? E, imagino, a KGB? Não sou burra, ouviu? Você só pode estar querendo me levar até esse tal Laboratório e me devolver *pro* meu pai.

— Não, eu...

— Só não entendo por que o seu amigo me ajudou a fugir, então!

— Na verdade, eu...

— Ele me deu o dinheiro, o documento, a localização da pousada. E confiou em você para vir me entregar as roupas! — Victoria perscrutava o rosto do desconhecido com ansiedade. — Por que me levar de volta para Waverly Hills depois de tudo isso? Ou será que você tá traindo ele? Traindo a confiança dele e me levando direto para a boca do lobo... — ela estreitou os olhos, agora assustada. — Quanto estão te pagando?

Um arrepio percorreu sua coluna e Victoria até estremeceu inteira, mesmo contra sua vontade. Só de imaginar em quanto seu avô não pagaria para tê-la de volta. Robert deixou a cabeça cair pesadamente para frente por uns instantes.

—Vai, me conta a verdade, vai. Diga logo que é soviético, e que te mandaram aqui para me buscar.

— Mas não é possível! Você simplesmente *não para* de falar! Sim, sempre foi tão tagarela, e...

— *Tagarela*? — interrompeu Victoria de novo, surpresa. — Você me conhece desde quando?

Mais uma vez aquela ideia de que Logus fosse algum médico de família passou pela cabeça dela.

— Você também é médico?

Robert viu os olhos preocupados da garota. Então colocou os antebraços sobre a mesa e se inclinou, tentando um tom mais cordial.

— Victoria. Me escute, por favor.

O tom de voz soou ameno dessa vez, especialmente ao pedir "por favor". Ela sentiu-se tentada a simplesmente escutar, mas uma ideia terrível passou por sua mente.

— Se o outro médico me libertou, mas você recebeu ordens de me prender de novo, a essa altura ele pode estar *morto*! — Victoria olhou para Robert ainda mais assustada. Um caroço se

formava na sua garganta e, repentinamente, a traqueia estava estreita demais. — Ele... ele tá morto?

— Não. Ele não está morto.

— Me fala a verdade!

— É verdade... juro!

Ela analisou o rosto dele por mais alguns segundos intermináveis. Por fim deu um leve suspiro de alívio, embora ainda sentisse o coração descompassado com a súbita e poderosa descarga de adrenalina que acabara de receber. Teve vontade de chorar, o que era meio ridículo. O *garçon* se aproximou com o segundo jambalaya e o suco. A conversa ficou em suspenso.

— Então, ele está bem... — Victoria apoiou uma das mãos sobre o peito, e puxou o ar para dentro. Ela não sabia de onde vinha aquela sensação cortante, gelada; uma inquietação, bem insana, é verdade, em relação a ele. Por algum motivo, saber que Logus estava em segurança era importante. — Ele está *bem* mesmo, certo? — Checou.

— Sim.

Pensar em Logus morto fez Victoria perceber, com clareza e perplexidade, que havia um laço inegável entre eles. Como um cordão que ligava o coração dela ao dele, embora não fizesse o menor sentido.

"Será que esse elo se formou pelo fato de ele ter me prestado auxílio naquele momento terrível, quando estava indefesa e frágil...?"

Era uma explicação com alguma racionalidade embutida. Contudo... havia um *algo* mais que Victoria não entendia. Pelo menos, não com a mente e os sentidos humanos. Estava ali, quase ao alcance do entendimento, captável, mas...! Lhe escapulia!

Não conseguir encontrar a resposta era tão incômodo quanto uma pedra no sapato que Victoria não conseguisse tirar. Recusando-se, porém, a chorar diante de Robert, pegou seu copo de suco atabalhoadamente. Estava vazio. Sem pensar, estendeu a mão para o copo dele e engoliu metade com urgência.

Precisava se acalmar. Se chorasse, descontrolada, aí, sim, pareceria louca de pedra. E não precisava de mais ninguém achando que ela tinha algum distúrbio mental.

— Se ele morresse por minha causa... isso seria... quer dizer... — ela tentou se justificar, procurando a palavra certa e aceitável e coerente que explicaria o exagero de sua reação; mas não achou. Então ficou quieta. E terminou o suco de Robert.

— Não se preocupe. Ele está muito bem — Robert falou sem nenhum sarcasmo. E segurou a mão dela, dando um aperto forte.

Victoria sentiu como se ele a entendesse. O que, sem dúvida, era outra coisa bem imbecil, uma vez que Victoria o conhecia havia quinze minutos. Foi difícil segurar as lágrimas dessa vez, pois aquele toque firme e compassivo transmitiu a segurança que as palavras ainda não haviam conseguido. Raramente recebia um toque como aquele. Victoria ficou quieta e imóvel, piscando um pouco mais rápido, para trancar as lágrimas inoportunas e quentes. Vulneráveis. Robert percebeu, mas fez que não percebeu.

— Victoria... só me escute. Por favor? Estamos perdendo um tempo precioso.

Ela assentiu com a cabeça.

— Só peço que acredite em mim quando digo que não vim lhe causar nenhum mal.

Novo aceno com a cabeça. Lágrimas e vergonha empurradas para dentro, com força; ela baixou a cabeça, constrangida. Estava claro que o jambalaya ia ficar para outro dia. Não conseguia comer mais nada. Ficava para um dia qualquer... quando todo aquele pesadelo acabasse.

— Preciso que me acompanhe — falou Robert em tom suave, mas intenso.

— Mas eu nem sei exatamente quem você é... — respondeu Victoria, erguendo um pouco os olhos e puxando a voz de dentro de si.

— Sou um amigo — respondeu o outro. — Um amigo do seu amigo médico.

— Você é *mesmo* amigo do médico?

— Sim. Na verdade, nós somos mais que amigos — Robert sorriu com sinceridade. Ele ficava bonito quando sorria. — E eu levei as roupas, não foi? Sou o seu primo.

Victoria riu, já mais senhora de si.

— Vocês são bem *esquisitos* mesmo. Mas não são soviéticos de verdade, não é?

— Somos de uma outra região. Eu já te disse.

— Que não a Rússia?

Robert meneou a cabeça.

— *Não* a Rússia, decerto. Fique tranquila — Ele enfiou a mão no bolso do paletó e sacou algumas notas, que deixou sobre a mesa. — Vamos. Por favor, me acompanhe.

Ele segurou a mão dela na intenção de puxá-la para fora da mesa. Victoria fez corpo duro só um pouco, mas levantou. Por uma fração de segundo, rápido como um raio, aquilo foi como um *déjà vu*. Mesmo que Victoria não o captasse com a mente consciente, ficou arquivado.

— Você não vai nem mesmo me dizer o seu nome?

— Robert — respondeu o homem enquanto se abaixava e pegava a mochila da garota, caída no chão, e a colocava sobre o próprio ombro. Sem largar a mão dela.

— É claro que seu nome não é *Robert*! — grunhiu Victoria, enquanto era conduzida para fora do estabelecimento. ("Arrastada" era uma palavra melhor). — Você não tem cara de Robert!

Ele não respondeu. Estava ocupado lançando lindos sorrisos para quem os olhava, estranhando.

— Você tem cara de... *de*... — Victoria franziu a testa, enquanto trotava ao lado dele, acompanhando suas largas passadas. — Ai, você tem a cara do... de... alguém que eu conheço, mas não me lembro quem! Você me é familiar.

Saíram para a calçada, banhada pela luz dourada do sol da tarde.

— Está bem. Me escute: *nesse momento*, eu sou o Robert. Por favor, vamos logo.

— Na "sua região" é comum essa falta de polidez, e apresentações devidamente educadas?

— Você não está sendo nem polida, nem educada — respondeu Robert com calma, aproximando-se da *lambretta* vermelha.

— Ok — Victoria puxou a mão que ele segurava. — Aonde é que você vai me levar, *Robert*?

— Você de novo está chamando muita atenção.

— Você é que está. Devia tirar essa gravata, é para ela que as pessoas estão olhando.

— Fique quieta.

Ela ficou.

— Eu vou te mostrar o que você está procurando. Vou te mostrar o que você quer ver – disse Robert, o olhar faiscando com uma mistura de indignação e força.

Victoria ficou impressionada com o tom dele. Como se aquilo afetasse Robert pessoalmente. Ela ficou à espera do resto, tentando não parecer muito confusa.

— Você já sabe que não pode voltar para casa — Robert continuou. — Não é seguro. Acabará de volta naquela clínica.

— Isso eu sei...

— E você não quer voltar para lá, não é?

— Não! Aquele lugar é um inferno. Eu não sei como pode existir algo assim.

Involuntariamente, Robert abaixou um pouco a cabeça; ficou quieto por alguns segundos, o rosto indecifrável. Victoria não gostou muito daquele silêncio.

— Eu *não* vou voltar, certo?! Certo? Porque aquele pessoal de lá é completamente louco. Acredita que me puseram dentro de uma gaveta de necrotério?

Robert virou a cabeça para um lado, como que olhando na direção do rio, mas a verdade é que parecia não querer encará-la.

— Eu te entendo — ele respondeu.

E embora fosse impossível que de fato ele soubesse, aquilo soou estranhamente real. Foi a vez de Victoria baixar a cabeça, inquieta com os sentimentos confusos que afloravam em seu íntimo. Aqueles *olhos* dele...! Bem no fundo havia algo de tão familiar.

— Eu *não* vou voltar para lá — afirmou a garota com convicção, como que para se convencer disso. — Ninguém pode me obrigar. Bom, teoricamente meu pai pode. Mas ele teria que me encontrar. Não vai acontecer. Não volto! Nem que eu tenha que fugir para sempre.

— Deixa isso *pra* lá — Robert falou; sério, mas compassivo. — Não importa agora.

— O meu pai nunca me amou de verdade. Na verdade, acho que eu devo ser adotiva. Um pai biológico *de verdade* não faria isso com a filha...

— Você fala demais... — o homem parecia realmente cansado.

— Certo! Está bem, estou convencida — Victoria botou as mãos na cintura, demonstrando um otimismo que não sentia. — Então, você vai me ajudar a encontrar o que eu estou procurando!

— Exatamente.

— E, porventura, você tem ideia do que eu esteja procurando? — Victoria deu uma risadinha irônica.

— Você está procurando a resposta para aquilo que encontrou na casa do seu avô – respondeu Robert com ar impassível.

— Ah! Você realmente me acha burra, não é?

— Não acho. Por quê?

— Como você pode saber disso, *afinal*? Só se estivesse do lado do meu avô. Meu Deus, de que lado você está? – ela recuou um passo. — Não adianta querer me enganar. Mas você quase conseguiu, confesso.

— Victoria...

— Vocês *são* soviéticos. Você e aquele seu amigo estranho. Está na cara que isso é uma cilada. Então, você quer me devolver para o meu avô?

— De novo esse delírio? Que Deus me ajude.

— Pare de falar como se estivesse falando com uma perdida!

— E você acha que não está?

— Perdida?

Ele assentiu. Victoria suspirou. Com os transeuntes passando perto deles, ali na rua, os carros andando, a vida continuando, Victoria sabia que estava segura.

— Um pouco.

— Então confie em mim.

— Não quero voltar para lá. Você não vai me devolver para lá, não é?

— Não.

— Nem para o meu pai?

— Não.

A moça inspirou fundo.

– Vamos... por favor! Me acompanhe — insistiu Robert. — Vai ser bom você saber disso. Apenas confie em mim!

Dessa vez, ao invés de arrastá-la, Robert lhe estendeu a mão aberta, esperando pela dela; no rosto, surgiu de repente um semblante de profunda ternura. Onde estivera tudo aquilo antes? Victoria se surpreendeu imediatamente. Até parecia que ele estivera escondendo sua verdadeira natureza por trás de irritação e sarcasmo propositais.

Por um motivo que agora ela não sabia explicar, aquele homem, aquele estranho, fez com que Victoria se sentisse preenchida por uma sensação de bondade. Uma bondade extrema que emanava dele, como se pudesse ver seu coração; e compaixão, acolhimento. Empatia. A confiança surgiu no coração dela cristalina e brilhante, quente. O calor encheu seu peito, e era como se tomasse uma xícara de chocolate quente com rum; uma sensação de bem-estar e confiança. Ela sabia. Sabia que Robert a queria bem, e não lhe causaria mal.

Então, estendeu a mão e segurou a dele.

— Está bem. Confio em você. Vamos.

Ele estendeu a outra mão aberta.

— Sim? O que foi? — Victoria interrogou.

— As chaves.

Ele foi apoiando a mochila dela no *sidecar*. Por que aquilo nem causava mais espanto?

— Ei, espere! — falou Victoria. — Não, não, não.

— Hã?

Capítulo 5

O vento agitava o cabelo de ambos depois que saíram da cidade e pegaram a estrada. Mais uma vez a *Dixie Highway*. Volta e meia ele se remexia, tentando encontrar o melhor modo de ajeitar as pernas no *sidecar*.

— Tá vendo o que você fez? — reclamava ele, de quando em quando.

— Não estou vendo nada. O que eu fiz?

— Aqui não tem espaço suficiente para mim.

— Não seja tão chato. Você coube muito bem.

— Olha o meu tamanho e olha o seu! *Eu* sou grande. Você é menor — Robert retrucou, lançando um olhar de reprovação para ela.

— Ah, sim. Isso é só um pretexto para você dirigir. Os homens são muito machistas, acham que mulheres só servem para ficar em casa cozinhando.

— *Eu* não sou machista. É muito mais fácil que eu conduza você, uma vez que sei o caminho. Já reparou na quantidade de buracos em que você conseguiu resvalar? Desse jeito, vai acabar com a sua *lambretta*.

— Mas ela é minha. E eu quero dirigir.

— É sua só porque lhe *demos* o dinheiro — disse Robert, mal-humorado.

— Isso mesmo! Vocês me *deram* o dinheiro; logo, se era meu, podia fazer o que quisesse com ele.

— Cuidado! — Robert avisou, se segurando na lataria.

Victoria olhou para frente e conseguiu não cair na valeta que separava a estrada do acostamento.

— *Ops*! — A garota virou bruscamente a direção. — Se você parasse de reclamar, eu poderia prestar mais atenção!

— Se quebrarmos nosso veículo, não poderei ajudá-la — Ele olhou feio para Victoria, aproveitando que a moça estava agora mais ocupada em prestar atenção adiante. — Deixe-me dirigir, já que estamos na estrada. Estou apertado nesse cubículo, e você nem liga! É assim que você trata quem vem lhe ajudar?!

Então Victoria caiu em si, e cedeu. Foi diminuindo a velocidade, até encostar. Desceu de seu lugar, e Robert fez o mesmo, esticando-se.

— Obrigado — ele falou; e Victoria até se sentiu envergonhada.

Trocados os lugares, partiram novamente. Também era bom ficar ali do lado, e só admirar a paisagem.

— Sabe, Robert, eu estou cheia de perguntas... — Victoria olhou para ele de novo, rapidamente. — Estava aqui pensando com meus botões: acho que já conheço você, de algum lugar. E parece que você também me conhece. Mas de onde seria?

— Não, você não me conhece, não. Deve ser impressão. E eu não a conheço. Tenho certeza de que me lembraria de você — ele mantinha o rosto virado para frente. — Será que agora você poderia fazer um pouco de silêncio?

— Mas eu tenho quase certeza de que já *vi* você. Será que foi um sonho? Acho que sonhei com você...

— Sou uma pessoa comum, e você deve estar me confund...

— Você é tudo, menos comum. Você é muito estranho! — ela interrompeu, dando uma olhada de novo para ele. — E, como eu disse, você deveria tirar essa gravata já que o objetivo é não chamar atenção.

Ele ignorou o comentário e simplesmente se concentrou em dirigir. Ao longe, estava o rio Ohio, banhado de luz, e ela viu uma barcaça flutuando naquele dourado como uma conta num cordão de

ouro. Do outro lado do rio ficava o estado de Indiana. Era um lugar bonito.

Victoria ficou quieta, finalmente. Concentrou-se no caminho, querendo saber em que direção e aonde iam; mas depois se perdeu em pensamentos. O que iria acontecer? Para onde eles estavam indo? O que faria em seguida?

Seria seguro estar com aquele homem...?

No íntimo, sabia que estava certa em confiar em Robert e que tomava a atitude certa em acompanhá-lo. A velocidade constante, o zunido do motor, o silêncio de seu acompanhante e a visão de pastos sem fim, fazendas de trigo e tabaco e campos verdejantes fez com que Victoria se sentisse sonolenta. Estava cansada. O cansaço de Waverly Hills ia demorar para passar. Sem perceber, cochilou.

Robert dirigia devagar. Olhou para a garota, cuja cabeça balançava um pouco, ora para frente, ora para trás, e deu um sorriso. Um sorriso genuíno, que não necessitava fingimento ou disfarce, num misto de carinho e preocupação. Era melhor que fossem em silêncio. Não deviam conversar demais.

Ao parar para abastecer, Victoria acordou. Olhou em torno, sem reconhecer onde estavam, a despeito de ter andado tanto por aquelas paragens. Sentia o pescoço um pouco dolorido, e ajeitou os cabelos com as mãos. A tarde parecia ter ido longe.

— Estamos chegando? — perguntou.

— Ainda não. O problema dessa sua *lambretta* é que ela tem uma autonomia muito curta. Preciso encher o tanque.

— Estou com fome — Victoria olhou para os lados. Havia uma lojinha ao lado do posto. – Será que tem alguma coisa ali para comer?

— Mas você acabou de comer o frango frito. E aquele jambalaya.

— Não consegui comer o jambalaya, se bem se lembra. Mal o provei. Se você tivesse chegado alguns minutos mais tarde à minha mesa, eu teria tido esse privilégio...

Enfiada no *sidecar* Victoria parecia muito pequena e muito menina, e uma menina desconsolada. Robert ficou com pena, embora não demonstrasse.

— Fique aqui, não é bom ficar se mostrando.

Robert foi até a lojinha depois de pagar pelo combustível e trouxe algumas frutas e uma garrafa d'água.

— Tome — ele estendeu o pacote de papel pardo. — Coma isso. Faz bem.

— Obrigada — respondeu Victoria, olhando dentro do embrulho. Havia um pacote de amoras, outro de cerejas, duas maçãs verdes. — Mas isso não mata muito a fome, né? Por que não trouxe pão? Tipo, um sanduiche? Um hambúrguer? E um doce?

— É melhor que você coma algo leve — ele respondeu com gentileza, mas em tom firme.

Assim, os dois retomaram a estrada; Victoria se entreteve mordiscando as cerejas primeiro, depois uma maçã. E Robert concentrou-se no caminho. Depois de beber a garrafa d'água quase toda, Victoria se sentiu saciada; contudo, o mesmo torpor doentio se abateu sobre a moça mais uma vez. Um cansaço estranho e descomunal. Desse jeito não conseguia prestar atenção ao caminho, como gostaria, e nos poucos minutos em que acordava, zonza, nem sabia mais dizer onde estava, nem quanto tempo havia passado.

Isso foi assim até que Victoria sentiu a mão de Robert sobre o seu ombro, sacudindo-a de leve. Victoria estava com a cabeça meio caída sobre o peito, e a primeira coisa que notou foi o saco de papel pardo caído a seus pés, com o resto dos caroços das frutas rolando junto ao pacote de amoras.

Ela ergueu a cabeça, plenamente desperta. Olhando ao redor, Victoria notou que eles não estavam na estrada principal, mas seguiam por uma trilha estreita, coberta por pequenos pedregulhos e ladeada por extenso arvoredo de ambos os lados.

— Nossa, quanta vegetação! — A garota reparou. Parecia o bosque fechado onde ela se escondera ao sair de Waverly Hills, menos de três dias antes. E só para não dar o braço a torcer, e

admitir que não tinha ideia de onde estavam, ela brincou: — Tenho certeza de que estávamos perto de Louisville, não faz tanto tempo assim.

— Estamos nos arredores da Jefferson Memorial Forest — Robert informou.

— Puxa... e isso é muito longe?

— Eu disse "arredores". Não estamos no meio dela, né? As *pessoas* — ele enfatizou o termo — precisam conseguir chegar aqui. Para trabalhar. Significa que a civilização ainda está por perto — Robert deu um leve sorriso na direção de Victoria.

De repente ele parou. Victoria podia perceber, mais adiante, que a trilha terminava num descampado – como uma clareira entre as árvores –, onde havia uma espécie de galpão. O galpão em si era novo, de tábuas espessas, sem janelas. Um portão com grades aparentemente era a única entrada. Ao lado havia uma construção mais antiga, talvez do século passado: um prédio sólido e retangular de quatro andares, fachada reta, com janelas estreitas e altas a partir do primeiro andar. No térreo não havia janelas. Ou, se um dia tivesse havido, foram fechadas com cimento e tijolos, como o restante das paredes do piso inferior.

O galpão e o prédio pareciam estar acoplados, mas o conjunto todo não era grande. E a floresta cercava tudo.

Esticando a cabeça, Victoria reparou que defronte ao galpão havia dois automóveis estacionados sobre os pedregulhos. Mas Robert parou a certa distância, sem invadir a área, e encostou perto das árvores.

— É aqui — falou Robert voltando-se para Victoria.

Victoria ergueu a cabeça.

— É aqui... *o quê*? — Ela precisava que ele *falasse*.

— É aqui o lugar que você procura.

Victoria olhou de novo para o prédio. Sentiu as mãos começarem a porejar com suor frio.

O silêncio era absoluto, exceto por um ocasional piado de passarinhos, ou o som de um caminhão na rodovia mais distante. Estava claro que ninguém que não fosse chamado era bem-vindo, pois tudo estava fechado. Por outro lado, não havia vigias e a construção não era cercada por muros – isso, sim, poderia causar estranheza e chamar atenção.

Parecia apenas uma propriedade particular, um armazém comum para depósito e um prédio onde poderia funcionar, quem sabe, uma destilaria. Se desconhecidos passassem por ali a passeio, ou desavisados, decerto não perderiam mais do que alguns segundos prestando atenção ao local. Porque, na verdade, parecia bem comum.

— Você quer dizer que aqui... é o Laboratório? — Victoria sussurrou, por puro instinto. O coração parecia pesado como chumbo dentro do peito, e um martelo parecia bater nele.

— Sim — ele sussurrou de volta. Robert olhou para Victoria com ar sério, os olhos com um estranho brilho incomum. — Você vai ter a chance de saber exatamente quem é o seu pai. Vai saber de toda a verdade.

— E depois?

— Depois... — o olhar dele continuava brilhando daquele jeito. Ou seria impressão? — Deixe o depois para depois. Uma coisa de cada vez, certo? Agora preste atenção, Victoria. Está vendo a porta principal do prédio?

Ela fez que sim com a cabeça. Era uma porta que já de longe se mostrava sólida e maciça, e não combinava muito com o resto do edifício. Provavelmente a original fora trocada por aquela.

— Você vai passar por aquela porta — continuou Robert, preciso –, e vai sair direto em um pequeno hall. Há mais uma porta adiante, de aço. Abra-a e siga. Haverá um espaço como uma recepção: uma mesa grande ao centro, poltronas, sofá. Coisas do tipo.

— *Como* você sabe...?

— Contorne a mesa e siga direto pelo corredor. O corredor *à sua frente*. Abra a terceira porta à sua esquerda e verá que dá num acesso às escadas de emergência.

— Um prédio antigo desses tem escadas de emergência?

— A fachada é só "cosmética". Ele foi reformado e é totalmente diferente por dentro. Mas escute, só me escute, não interrompa porque o tempo é curto. Suba dois lances dessa escada de emergência. *Só* dois. Saia para o corredor à sua direita, e depois direita novamente... está prestando atenção?

— Sim. Porta, hall, porta, recepção, corredor em frente, terceira porta à esquerda, dois lances de escada. Direita e direita.

— OK. Nesse novo corredor, você encontrará mais um lance de escadas no final. Dessa vez, escadas comuns. Suba só o primeiro lance. Ouviu? Só o *primeiro*, não suba o outro. Assim que sair no corredor acima, verá uma porta branca no final à sua direita. É uma porta diferente, de aço com uma pequena janela de vidro reforçado. Vá até lá. Ao lado da porta você encontrará um teclado, como de telefone, só que com letras além de números. Digite PJTVB3932TS. Repita.

Victoria repetiu algumas vezes, até decorar.

— Essa primeira porta vai abrir. Há uma segunda porta logo em seguida, igual à primeira, mas para a qual você precisaria de um crachá magnético.

— Magnético? Que ideia. E como...

Robert a interrompeu com um gesto brusco das mãos.

— A segunda porta estará só encostada. Olhe pela janela envidraçada *antes* de entrar: isso é importante! Veja se não tem ninguém na sala.

— Certo — ela sentia o suor frio no pescoço agora, e nas axilas.

— A sala onde você vai entrar não é grande. Você verá mesas de alumínio e dois boxes fechados com vidros, como saletas. No

canto dos fundos tem uma geladeira tipo luxo da General Motors ao lado de um *freezer* industrial. Vá direto para lá. O *freezer* vai estar alguns graus abaixo de zero, mas você deve abri-lo.

— Preciso de senha, crachá? — a pergunta foi genuinamente preocupada.

— Não. — Robert continuava olhando fixamente para ela. — Na parte de cima do freezer tem diversos frascos. Alguns de vidro grosso, fechados hermeticamente. Outros com aparência metalizada. Você vai ver um que contém um líquido roxo.

— Mas o que tem nele?

— É isso o que você está procurando. Agora você precisa ir.

Robert de repente parecia muito cansado, como se suas forças se esgotassem.

— Você está bem? — fez Victoria.

— Sim. Vai agora.

— Esse frasco... É aquela arma de guerra na qual meu pai está trabalhando?

Robert não respondeu, mas Victoria depreendeu que o silêncio significava um "sim". A garota olhou na direção do prédio.

— Aquele portão da frente parece estar trancado, Robert. Eles não iriam deixá-lo aberto, ao deus-dará... para qualquer um ir entrando.

— Estará aberto. — O homem afirmou sem titubear.

— Você vem comigo?

— Não.

— Então, vai me esperar aqui?

Ele apenas fez um gesto com a mão. Um gesto de "Vá, vá, *vá logo*". Como ela continuasse parada no lugar, indecisa, Robert acrescentou, esforçando-se para manter a voz firme de antes:

— Você está desperdiçando tempo, Victoria. E o tempo, agora, é um fator *muito* importante.

— Por quê? — Ela sentiu um calafrio. — O meu pai está aí?

Embora os olhos dele procurassem manter-se impassíveis, havia uma leve centelha que Victoria podia perceber. Uma centelha de urgência. Se estava realmente evidente, ou era ela que simplesmente conseguia captar a sensação, Victoria não saberia dizer. Mais tarde, ao lembrar-se de tudo o que aconteceu, ficou com a impressão de que Robert estava aflito pela segurança dela.

— É a última vez que eu vou te dizer isso: VAI! Se você não for agora... — ele suspirou — não poderá ir nunca mais.

Victoria esqueceu do suor frio sobre o corpo, da sensação de medo e inquietação, do coração pesado no peito. Apenas se virou e saiu correndo na direção do portão o mais depressa que podia. O coração batia nos ouvidos dela quando experimentou a tranca. Parecia quase uma miragem: ele abriu e sequer rangeu.

Victoria espiou primeiro. Ninguém. Se esgueirou pela abertura rapidamente, entrou e fechou o portão atrás de si. A segunda porta era de aço, mas gradeada. Isso Robert não mencionara. Talvez porque não fosse um empecilho. Estava aberta também. Não havia ninguém. Ela repetia, na mente, o código de acesso. Tinha medo de que a adrenalina a fizesse esquecer a sequência.

Ela andou com passos rápidos, tentando não perder tempo olhando detalhes. Mas era *surreal*. De repente, perecia que ela tinha atravessado um portal para um novo mundo. A aparência mais simplória da fachada contrastava brutalmente com as paredes sólidas de concreto pintadas de cinza-claro, o teto branco alto e muito iluminado com lâmpadas-neon. O ambiente parecia saído de um sonho de ficção científica. Tudo exalava modernidade. Além de parecer extremamente resistente. A constatação só fez a menina estremecer mais forte.

Não era filme. Era a vida real. E diante de seus olhos havia um edifício que não parecia pertencer ao final dos anos 1950! Provavelmente fora construído um outro edifício internamente, e a fachada antiga permaneceu como uma carapaça. Quando Robert mencionou uma "reforma", Victoria não imaginara aquilo.

Ergueu os olhos rapidamente e notou que havia câmeras apontadas para a entrada. Pelo menos, ela imaginou que deveriam ser câmeras. Pelo sim, pelo não, baixou a cabeça e saiu logo de seu alcance.

De fato, havia um balcão de recepção com uma mesa atrás, e poltronas de couro marrom defronte a um sofá. Uma fileira de cadeiras estofadas estava perto da parede. Na parede havia quadros!

"Minha nossa..."

Victoria contornou o balcão imediatamente, antes que alguém surgisse. Havia entrada para três corredores compridos. Um à direita, outro à esquerda e um ao centro. Era esse que devia seguir. Meio *andando, meio correndo*, evitou ao máximo fazer barulho com os pés sobre o chão de cimento polido.

"Terceira porta à esquerda..."

Entrou. Subiu o primeiro lance de escadas de dois em dois degraus, apoiando-se no corrimão, que era de ferro simples pintado de preto, e a intensidade de luz continuava clara. Se Victoria precisasse se esconder por qualquer motivo, isso seria um problema. Evitou pensar no assunto.

Subiu o segundo lance. Não estava ofegante, mas agora o coração batia também na cabeça inteira, latejando, martelando. E se ao abrir a porta desse de cara com alguém? Ela apoiou a mão na trava, abriu uma frestinha mínima, olhou. Depois encostou o ouvido. Não havia qualquer som. Abriu a porta o suficiente para passar a cabeça.

Que coisa mais deserta... onde estariam todos?

Estava tão tensa. Seria à esquerda ou à direita, afinal, que deveria seguir?

"Direita..." — a mente destravou com um estalo (quase audível, Victoria achou).

Foi até o final do corredor. "Direita de novo", raciocinou Victoria. Então, o inesperado aconteceu! Tão logo fez a curva, ouviu nitidamente a voz de *seu pai*, alta e sonora, vinda de outro corredor

contíguo. Mais alguns segundos e iam dar de cara um com o outro. Que pesadelo! Um frenesi de terror invadiu a jovem.

Victoria fez meia-volta incontinenti e, a toda pressa, correu para o lado oposto, entrando noutro corredor a esmo, sem pensar em nada além de fugir. Encostou-se à parede para ouvir. Havia um certo eco naqueles corredores vazios, e o som da voz de Mr. Milton John causava espanto e pavor. Ele estava falando em *outro* idioma; e, aparentemente, vinha acompanhado por outros homens, pois Victoria os ouvia conversando. Com a respiração entrecortada, ela sabia que tinha que sair dali nos próximos segundos.

Olhou de um lado e outro e correu para a primeira porta que viu. Abriu uma frestinha, deu uma olhada relâmpago. Parecia um pequeno anfiteatro, com poltronas dispostas em fileiras ascendentes de modo que apenas o centro do recinto ficava vago. Ali havia uma mesa grande de alumínio, brilhante, com canaletas que drenavam qualquer líquido que porventura escorresse.

Victoria evitou pensar em que tipo de líquidos poderiam escorrer pela mesa e, mais que depressa, entrou. Correndo sem risco de barulho – já que o chão era acarpetado – Victoria voou para dentro. Sem pensar, ela subiu para a parte alta do anfiteatro e se enfiou no vão entre as fileiras. Deitou rente ao chão, atrás das poltronas. Tentou controlar a respiração.

"Maldição, *maldição*..." — ela se culpava.

Ela agora entendia o que Robert dissera sobre perder tempo.

"Mas como ele poderia sequer *saber*...?"

O fato é que se ela tivesse chegado um minuto mais cedo, teria conseguido acessar a escadaria principal que levava ao andar de cima. Só mais um andar! E agora ela nem sabia direito onde estava, com aqueles corredores se cruzando um com o outro.

Na pressa de se esconder, a porta do anfiteatro ficara apenas encostada, e ela ouvia claramente a conversa em outro idioma. Seria russo? Um dos homens começou a rir, e os outros o acompanharam. Pareciam bem animados. Até felizes. Como se comemorassem alguma coisa, porque às vezes um atropelava o discurso do outro,

sem muita ordem, todos querendo falar ao mesmo tempo. E a voz do pai dela era inconfundível.

Victoria evitava se mover, mas um olho arregalado espiava pelo cantinho entre duas poltronas, lá em cima. A visão do pequeno espaço aberto da porta era só parcial, de modo que ela se esgueirou de gatinhas um pouco mais para a cadeira ao lado, o cabelo arrastando no chão, tentando um ângulo melhor. Só que quando o grupo passou Victoria não conseguiu ver o rosto de ninguém. Da altura em que estava, ela só enxergou pedaços de pernas e jalecos brancos.

Parecia que eram quatro. A garota estava quase em pânico. Sentia o suor correndo nas costas e as pernas bambas. Seu pai estava bem *ali*. Meu Deus, bem ali! Ela procurou respirar um pouco mais devagar para se acalmar. O fato de as vozes estarem ficando mais distantes ajudou. Talvez estivessem descendo as escadas. Ou subindo. Ou entraram em alguma sala.

Não importava. Era sua deixa. Victoria se levantou de onde estava e desceu a rampa do anfiteatro – o carpete era azul-escuro, combinando com as poltronas em tom parecido, agora ela notava. Novamente ao lado da porta, Victoria esticou a cabeça e olhou para fora cautelosamente. Ninguém. Mas para qual lado deveria ir agora? No desespero, perdera o sentido de direção.

Voltou para a segurança das poltronas acima e procurou raciocinar. Precisava lembrar das instruções e do caminho que fizera antes de entrar ali. Sim. Primeiro precisava achar as escadas para o andar de cima, as escadas normais que Robert mencionara. Victoria esperou um pouco ainda, respirando, respirando, até se sentir em condições de ir adiante. Desceu a rampa outra vez, saiu do anfiteatro.

Os corredores estavam novamente mergulhados em silêncio sepulcral, exceto pelo zumbido das lâmpadas.

Ela correu por onde viera, parou na esquina, escutou. Depois olhou. Ninguém. Correu de novo, parou na outra esquina. *Finalmente*! No meio do corredor ela viu as escadas. Voou para lá.

Estava claro que tinha perdido a janela segura de tempo, então, encostada à parede perto dos primeiros degraus, Victoria primeiro apurou a audição. Não distinguindo qualquer som humano, subiu correndo. Não conseguia mais andar de jeito nenhum, tudo ia ser correndo agora.

"Onde estará a tal porta de aço?", ela já nem se lembrava. Por sorte, olhando de um lado e outro no andar acima, viu-a logo, no final do corredor à direita. E o caminho estava livre. "*Bingo*!".

Quase desmaiando de alegria, Victoria chegou perto e puxou a tranca. Uma vez. Duas. "Vamos, vamos, *droga*!"

Então lembrou do código. Ela ainda se lembrava! Digitou com cuidado para não errar. O coração pinoteava como um carneiro bravo e pedrinhas raspavam seu estômago, dando agulhadas a cada dígito. Estava quase chegando ao seu destino!

"Controle-se, controle-se...", ...— ela repetia sem parar, porque a Marcha Fúnebre soava em sua alma, cada acorde reverberando, dramático: seu pai estava tão próximo! Ela não queria nem cogitar no que aconteceria caso... fosse encontrada. Na imaginação pululante de Victoria os corredores do edifício, de cimento polido, com suas paredes extremamente sólidas de concreto, agora a faziam lembrada dos corredores de Waverly Hills.

Tinha que sair dali o mais depressa possível. E para isso precisava entrar ali! Digitado o código, a porta fez um pequeno *clanc*... e abriu! Sozinha. Uau. Victoria escancarou-a e se arremessou de encontro à segunda porta, cometendo o grande erro de não espiar primeiro pela janelinha de vidro, como dissera Robert. Entrou na sala como um tufão, e fechou a porta atrás de si.

Ao se virar, os olhos de Victoria deram com uma mulher que estava dentro de um dos boxes envidraçados, colocando um avental azul-claro sobre uma roupa esverdeada que lembrava um uniforme cirúrgico. Pelo visto, tinha acabado de chegar. Se Victoria não tivesse tido que se esconder!! Teria entrado e saído *antes* da mulher aparecer.

“Oh, meu Deus, *meu Deus*, estou muito encrencada...” – O estômago de Victoria, pesado demais com as pedrinhas, quase foi ao chão e devolveu o conteúdo.

Victoria estacou no lugar, petrificada.

Num primeiro momento a mulher não viu a garota, pois estava de costas e murmurava uma canção, distraída. Diante dela, dentro do box, havia uma bancada protegida por vidro na parte superior, o que permitia acesso aos braços, mas protegia o rosto. Uma potente luminária lançava sua luz sobre *coisas*... coisas que Victoria não sabia bem para que serviam e tubos de ensaio, béqueres, frascos, recipientes, algo do tipo. E um microscópio que parecia bem poderoso.

Victoria pensou em se esgueirar até os fundos da sala rastejando entre as mesas e bancadas, mas a mulher se virou em sua direção. Tinha meia-idade e os cabelos escuros estavam perfeitamente arrumados num coque baixo na nuca.

— Quem é *você*? — perguntou imediatamente a mulher, em tom de surpresa, mas com um toque que pareceu tonitruante.

Um trovão ribombava dentro da cabeça de Victoria. “*Pense*!!”

— Ah, não se preocupe comigo! — A garota esboçou o melhor sorriso que conseguiu, tentando parecer natural, e não como quem ia ter um ataque nos próximos instantes. — Eu só vim pegar uma coisa. — Então, a grande solução se desenhou no cérebro dela, e Victoria disse o nome de seu pai: — O doutor Milton John pediu que eu não me demorasse, por isso não vou incomodar você.

Com passos decididos Victoria caminhou para os fundos da sala, de olho na geladeira vermelha luxo e no freezer industrial ao lado. Mas sentia os olhos da mulher cravados em suas costas. Por fim, uma frase ecoou no recinto

— Você esteve com o doutor Milton John? Onde ele está? Preciso muito lhe entregar o relatório, e não o vi hoje ainda — a

mulher não tinha sotaque estrangeiro; mesmo assim, falava um inglês que não era do sul.

— Entrou agora numa reunião — mentiu Victoria. (Estava *quase* no *freezer*)!

— Reunião a essa hora? Na Sala Amarela?

— Isso — arriscou Victoria, sem olhar para a mulher. – Ele saiu do anfiteatro com o grupo de estrangeiros, e estavam realmente animados. Você sabe como é... hã... quando tudo dá certo, não é mesmo?

— Ah, é verdade! Obtivemos um grande sucesso dessa vez!

— É maravilhoso!

A garota alcançou o *freezer* e o abriu com ímpeto quase bruto. "Tente parecer normal, Victoria, só tente". Mas suas mãos estavam trêmulas. Aquela mulher poderia dar o alarme se não acreditasse nela.

Victoria enfiou a cabeça um pouco para dentro, e remexeu nos frascos. Onde *estava*?! Colocou o outro braço para dentro e pegava freneticamente um vidro após o outro. O *freezer* estava repleto de material. Havia muitos frascos metalizados, caixas e recipientes de várias cores, mas, onde, *raios*, estava o que ela queria?

"Por Deus, *não quebre nada*, Victoria..."

— Qual é mesmo o seu nome? — perguntou a mulher. A julgar pelo coque impecável e o avental engomado, ela deveria ter uma natureza detalhista e metódica. Que combinava com seu dia a dia detalhista e metódico num local de trabalho detalhista e metódico, onde tudo se mantinha em perfeita ordem.

A aparição de uma jovem suada, com os cabelos despenteados pela viagem de moto, a roupa amassada e marcas esfoladas nos joelhos da calça, resultado de andar de gatinhas pelo chão do anfiteatro... bem... *isso* não combinava com o resto.

Victoria pensou por alguns segundos eternos, fazendo que não tinha escutado.

— Seu nome, mocinha? — o tom foi um pouco mais elevado.

— Roberta — respondeu Victoria.

— E você trabalha aqui, Roberta?

Victoria percebeu que a mulher tinha aberto o box envidraçado e vinha em sua direção. Estava chegando perigosamente perto. Erguendo a cabeça, Victoria tentou sorrir de novo.

— Só vou permanecer aqui por um tempo. Aqui, digo, nesse serviço e tal. É... um estágio, na verdade!

(Ela estaria sendo convincente?)

— Estágio? — a outra torceu um pouco o nariz. — Como assim? Você foi recrutada?

Estavam cara a cara agora, e a mulher perscrutava Victoria à procura de alguma coisa errada. Victoria viu um broche pequeno e dourado na lapela do avental, algo como um tridente. Rapidamente ela voltou o rosto para o freezer.

— Recrutada? — repetiu Victoria. — Bom, podemos dizer que sim, eu acho. Coisa do doutor Milton John. – Ah, ah, ah. — A risada pareceu chocha.

— Hum. Não fiquei sabendo nada sobre isso.

— É que estou começando essa semana, e vim por uma indicação — em pânico, Victoria voltou os olhos novamente para dentro do freezer. Onde *estava o maldito*... ah!

Ali estava. O maldito frasco! A garota o pegou. O líquido roxo estava congelado, e seus dedos grudaram no recipiente. Inspirando fundo, ergueu-se, obrigando-se a encarar a mulher.

— É por isso que ainda não tenho uniforme, assim como o seu, porque foi meio que... de última hora. E eu estou também meio que servindo de... *office boy*, sabe como é, né? Serviços de entrega-buscar coisa-levar coisas! — A garota deu uma risadinha que, assim esperava, não soasse histérica, mas calma e controlada, digna de uma aspirante a cientista.

A mulher cruzou os braços na altura do peito.

— Você está me parecendo muito nova. Disse que teve uma indicação, não foi? Quem a indicou?

— O doutor Milton John.

— O doutor Milton John? É mesmo? Que estranho...

— Pois é. — concordou Victoria sem pensar. — Quer dizer... a senhora *acha*?

— Acho sim. E onde foi que ele a encontrou?

Victoria escapou da pergunta falando com grande convicção:

— Você sabe como o doutor *sempre* faz o que quer, não é? Nem sempre gosta de seguir protocolos, e eu não imaginava que não havia outros estagiários aqui.

A mulher ficou quieta, observando a garota com olhos de águia.

— E onde você estudou?

— Eu não terminei ainda. Yale! — As palavras escapavam da boca. — Ciências, sabe? Coisas do tipo que temos aqui, coisas biológicas. Na verdade, faço curso de ciências biológicas, e quero me especializar em bactérias, fungos e todas essas coisas... hã... infecciosas.

— Hum. Você já está cursando mesmo Yale? — A mulher continuava olhando firme para Victoria.

— É claro!

Por fim, a outra aquiesceu, suspirando: — É. O doutor John faz mesmo o que quer.

— E como nós trabalhamos secretamente... não é isso? *Tudo aqui* é secreto, certo? Talvez minha contratação tenha seguido a mesma linha!

Agora bolinhas de gude rolavam pelo chão, e Victoria só queria se equilibrar por entre elas e sair imediatamente dali. — Mas eu tenho certeza de que o doutor tem uma boa explicação para isso.

— Imagino que sim.

— E agora, com licença, viu? Eu preciso levar o Frasco Roxo, e o doutor realmente *detesta* esperar. Não quero me sair mal logo de cara; há, há!

Sem esperar por mais nada, Victoria fechou o *freezer* com um baque.

— Obrigada! Foi um prazer conhecê-la, *madam* doutora.

A garota deu meia volta, mas a mulher de coque perfeito arregalou os olhos.

— *Espere*, menina! — o tom de sua voz havia subido alguns decibéis.

Victoria sentiu-se escorregando nas bolinhas de gude. E agora havia pedras de gelo caindo sobre ela, até afogá-la. A língua congelou com o frio e ficou paralisada. Com muito custo, virou-se, devagar, e encarou a doutora.

— Pois não, *ma'am*?

— Você vai levar isso *assim*? — havia clara reprovação.

Mais pedras de gelo caindo. Maiores.

— *Hã*, *yes*, *ma'am*. O doutor pediu que eu pegasse esse Frasco Roxo, e vou levá-lo, e não posso me demorar por que...

— Mas isso tem que ficar sob refrigeração, Roberta. Precisa ser posto num recipiente de isopor com pedras de gelo.

Já havia pedras de gelo demais. Para congelar a sala toda.

— Oh, meu Deus, que cabeça a minha! Acho que me distraí conversando, ainda bem que me lembrou – fez Victoria.

Sacudindo a cabeça, a doutora se aproximou. Abriu novamente o freezer e retirou um recipiente metalizado. Aparentemente era uma pequena caixa térmica: o interior era forrado com isopor e havia um saquinho cheio de pedras de gelo.

— Tome, use este. Você quase cometeu o maior erro de sua vida. Tenho certeza de que o doutor John a mandaria embora *aos urros* se você aparecesse com o frasco na mão. Para onde você vai levá-lo?

— Eu só vou levar até ele. Ele... quer *mostrar*! Para aqueles homens. Os estrangeiros!

— Mas de que "estrangeiros" você fala?

— Bem, eles conversavam em outra língua.

As sobrancelhas da mulher se ergueram um pouco.

— Bem, acho que você ainda não foi apresentada a toda a equipe. Eles estarão na Sala Amarela?

— Isso mesmo, doutora.

— Eu não sou doutora. Sou assistente sênior de Laboratório. Será que você já não deveria saber disso?

— Me desculpe. São tantos nomes para decorar! – Mais uma risadinha. — Bom, eu estou com pressa, preciso mesmo fazer essa entrega.

— Espere! – A assistente sênior de Laboratório estreitou os olhos. — Por que eles não vieram até aqui?

Victoria deu de ombros. Quanto menos falasse, menor a chance de dizer a coisa errada.

— Não faço a mínima ideia.

A mulher abriu um sorriso rápido pela primeira vez.

— Convenhamos, é motivo de satisfação, não? Desta vez tivemos verdadeiro sucesso!

— Maravilhoso, *ma'am*! — E antes que pudesse se impedir de falar, Victoria já escutou sua voz, perguntando: — E o que é isso, hein?

— Uma bactéria superpoderosa — respondeu a assistente, enfiando as mãos nos bolsos do avental impecável. — E com um presentinho a mais dentro dela.

"Um presentinho..."

Victoria baixou os olhos para o que tinha em mãos. "Estou segurando uma bactéria *superpoderosa* na minha mão... e um presentinho". Mesmo sem querer, o pensamento inundou sua mente: a ideia de que ela poderia deixar o frasco escorregar, e então ele se

abriria no chão, e os germes, e presentinhos, voariam por aí, felizes, satisfeitos, contentíssimos de estarem livres, e...

O caos.

"Será?"

Seria assim poderoso?

A assistente deve ter percebido a expressão um tanto alienada de Victoria, pois bateu palmas, como se para puxá-la de volta à realidade.

— Mas vamos, *vamos*, Roberta, coloque logo o frasco na caixa de refrigeração! Você não passou por treinamento, menina?

— Desculpe-me. *Ainda* estou em treinamento, *ma'am*.

A assistente colocou um par de luvas e tomou o frasco das mãos da jovem, ajeitando-o, ela mesma, no recipiente.

— Esse frasco tem que voltar para cá o quanto antes, ouviu? Transmita meu recado ao doutor Milton. Apesar de que ele é o maior interessado. Que ideia... — ela concluiu, um tanto secamente.

— Embora tudo esteja esterilizado e os protocolos de segurança sejam do mais modernos, da próxima vez aconselho você a usar luvas para manusear esse tipo de material. Pelo sim, pelo não, entendeu?

— Sim, *madam* assistente sênior. Muito obrigada! — respondeu Victoria. — Mas agora vou indo... adorei nossa conversa.

— Tem certeza de que sabe *exatamente* onde fica a Sala Amarela? — A assistente de Laboratório estreitou os olhos.

Mas Victoria já caminhava com passos apressados na direção das portas de aço.

— É claro! — Victoria nem olhou para trás. — Tenha um bom-dia!

A jovem saiu para o corredor tropeçando nas bolinhas de gude e sentindo as pedras de gelo escorregando pela garganta. O frio parecia ter invadido seus pulmões também, mas Victoria se forçou a respirar, *e* andar, bem rápido. Na pressa, não pensou direito

para que lado deveria ir. Só pensava em sair. Virou uma esquina, depois outra – onde *estava* a escada?

Parou um pouco, ofegante, tentando pensar. Estava bem ao lado de uma porta de metal pintada de vermelho. Não tinha reparado nela antes, talvez porque não tivesse passado por aquele lado do andar. Ela forçou o trinco, talvez acabasse saindo nas escadas de emergência. A porta nem se mexeu. Trancada.

Foi então que pareceu a Victoria ouvir gemidos sussurrados, um murmúrio de agonia atrás daquela porta. Era um tipo de lamento diferente de Waverly Hills, não exatamente aquela reclamação contínua do sanatório, mas algo... algo ainda pior.

Victoria encostou a orelha no metal frio. Seria mesmo real? Dor. Pavor. Sofrimento. Victoria apreendeu tudo isso em segundos, pois os gemidos vinham carregados daquilo.

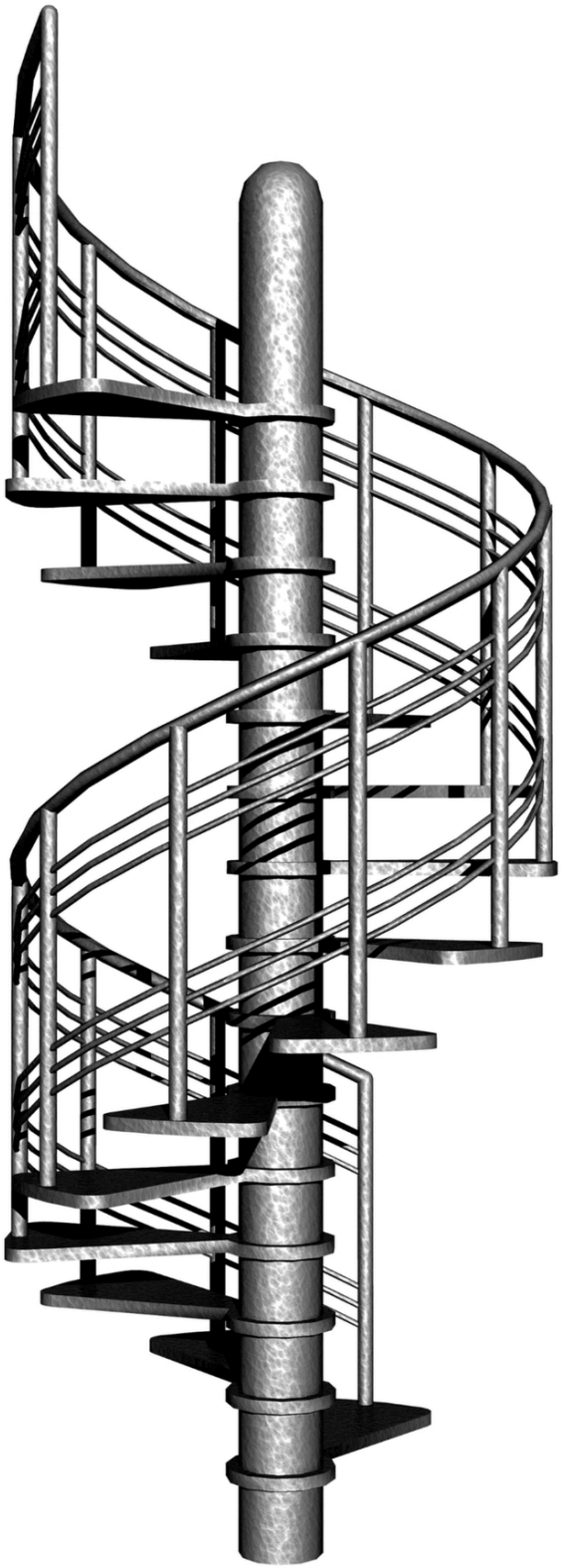
A garota se afastou da porta, assustada, e dessa vez correu.

Enquanto isso, a assistente ficou alguns momentos mordendo o canto da boca com inquietação. Aquilo estava bem estranho. Mesmo que a novata tenha mencionado o nome do seu chefe, será que o doutor Milton teria *mesmo* mandado aquela menina desastrada buscar algo tão importante? Por que ele não discara no número do Laboratório 3, onde ela se encontrava, pedindo que levasse o material ela mesma?

Ele sabia que ela estaria ali àquela hora, como todos os dias, avaliando diversas amostras de células. Decidida, saiu atrás de Victoria. Era melhor ter certeza de que a menina sabia aonde estava indo, senão era capaz de a ira do chefe sobrar pra ela também.

Mas a jovem um tanto descabelada já tinha sumido. Na verdade, evaporado. Ela caminhou pelo corredor, os saltos dos sapatos fazendo um barulho alto, e virou na outra esquina. Ouviu um leve som de passos correndo escada abaixo, já distante.

— Mas o quê...? Onde vai essa menina?



Capítulo 6

Tendo encontrado a escada, Victoria desceu o mais depressa que pôde, pulando os degraus atabalhoadamente. A cada curva se segurava no corrimão a fim de manter o equilíbrio, e mantinha a outra mão de encontro ao peito, segurando a caixa térmica. Seguiu mais um lance de escadas, saltou os últimos degraus.

Teve a presença de espírito de parar por meio segundo e escutar se havia vozes. Nada. Entrou no corredor e olhou de um lado ao outro. Pura sorte! Adiante, no final à direita, estava o hall de entrada, com seu balcão e sofás.

Quase gritando de alegria, ela voou na direção certa. Nesse instante Victoria ouviu vozes que vinham de um dos corredores laterais. Felizmente o portão de aço gradeado continuava destrancado, e foi escancarado na velocidade da luz. Em seguida Victoria o fechou sem fazer estrondo e praticamente se jogou de encontro ao portão de entrada. Abriu-o. Passou. Fechou-o.

Estava encharcada de suor, e segurou o frasco com firmeza de encontro ao corpo. Disparou correndo sobre as pedrinhas de cascalho em direção ao lugar perto das árvores, onde Robert havia parado a *lambretta* vermelha.

— Robert! — ela sussurrou, olhando de um lado para outro — Robert!

A *lambretta* continuava no mesmo local, mas nem sinal do homem. Ele simplesmente *não estava lá*!! Ou será que estava no meio das árvores fazendo xixi, ou algo parecido? Ou alguém aparecera, e ele tivera que se esconder?

— Maldição. *Robert*!! — ela chamou, um pouco mais alto. Chegou até a beira da floresta, onde parecia haver uma trilha meio escondida — *Robert*!

Nada.

— Mas que merda! — Raivosa, ela correu de volta para a *lambretta*. A chave estava na ignição. — Onde se enfiou aquele

imbecil?

A assistente sênior de Laboratório correu até a Sala Amarela, no quarto andar. Teria sido apenas impressão, ou ela *realmente* ouvira os passos de Roberta indo para baixo, e não para cima, como deveria?

Escancarou a porta da Sala Amarela, esquecendo-se de bater devido à tensão crescente no seu íntimo. E verificou, estupefata, que não havia ninguém lá.

— Cristo Redentor...! — murmurou a mulher, imediatamente ficando lívida como uma folha de papel.

Correu na direção do telefone que havia na Sala, discou para a portaria. Demoravam a atender.

— O que está acontecendo aqui hoje? — ela vociferou entredentes. — Onde está o segurança que deveria permanecer no hall principal? No balcão, no *seu posto*?

Ao ouvir o telefone tocando ininterruptamente, um homem de uniforme saiu da saleta do café – que ficava ali mesmo no térreo, no final do corredor –, e veio correndo.

— Alô! — ele atendeu, esbaforido, tentando acabar de engolir um pedaço de pão. — Pronto!

— Samuel? — ela lhe daria uma advertência *à altura*; mas agora não havia tempo. — Passou alguém por aí agora?

Samuel engoliu o pão, mas sentiu a garganta seca.

— Não, senhora assistente — ele conhecia a voz dela. — Ninguém.

— Tem *certeza*, homem?

Samuel sentiu que algo na voz dela não estava certo. Sua boca ficou um tantinho mais seca, porque ele *não tinha certeza*, na verdade, já que havia se ausentado por uns quinze ou vinte minutos.

Mas não era bom admitir isso.

— Senhora assistente: ninguém passou aqui. Nem mesmo ouvi qualquer barulho.

— Quer dizer você não viu a garota nova? — "Oh!", a mulher pensou. Havia uma chance de ter sido tudo um mal-entendido. A assistente começou a respirar melhor.

Mas então, tudo desabou.

— Mas que "garota nova"? — indagou Samuel, em tom severo agora.

— Ora, a Roberta! — retrucou a assistente de Laboratório. — A estagiária faz-tudo do doutor Milton John.

Quando se tratava do doutor Milton John, era melhor não dar nenhuma bola fora.

— Não vi essa... *hãm-hãm*... hum... a estagiária. Desculpe, assistente sênior.

— Está bem. E quanto ao doutor Milton John, com parte da equipe? Acaso, viu-os?

— Não. — respondeu Samuel, com mais convicção desta vez. — Por aqui não passaram.

— Pois então anuncie o doutor pelo autofalante. Peça-lhe que entre em contato imediato com o Laboratório 3 — ordenou a assistente. O tom de voz dela estava bem estranho, Samuel achou. Como se tivesse visto um fantasma. E desligou.

Logo a voz de Samuel, em tom contido e profissional, ecoou por todo o prédio:

— Doutor Milton John, por favor, doutor Milton John: entrar em contato imediato com o Laboratório 3. Doutor Milton John, entrar em contato imediato com o Laboratório 3.

Samuel estava inquieto. Não era possível que alguém, fosse quem fosse, houvesse passado pela portaria sem que ele percebesse. Teria escutado um grupo vindo facilmente, o que lhe permitiria correr de volta ao posto antes que chegassem. Até mesmo se o doutor Milton John viesse sozinho: o chefe sempre assobiava alegremente pelos corredores. E, desde que a porta principal

estivesse devidamente trancada, não era errado que saísse por alguns minutos, afinal. Precisava ir ao banheiro, precisava tomar água, um café de vez em quando, ele também era uma droga de um filho de Deus, não?

Além do mais sua função ali era meramente decorativa, mais para atender telefones internos, usar o autofalante. Ninguém simplesmente *chegava* sem ser convidado. Os chefes principais tinham suas próprias chaves do portão; e os demais seguiam horários específicos, e tocavam a campainha do lado de fora.

Mas Samuel ficou bem encafifado com a tal da estagiária. Como *assim*? Ele deveria ter sido informado dessa alteração no quadro de funcionários logo no início do seu plantão!

Enquanto ouvia o chamado de Samuel sendo feito pelo autofalante, a assistente sênior subiu rápido de volta ao Laboratório 3 com o coração batendo forte, mas compassadamente. Seu rosto continuava pálido. Algo não ia bem.

Ela esperou ao lado do telefone. Em alguns segundos o aparelho tocou.

— O que foi, Mildred? — falou a voz do chefe, com uma ponta de irritação. – Não podia esperar um minuto? Eu ia passar por aí, como sempre.

— Doutor John, por acaso o senhor mandou alguém vir até aqui, buscar material?

— Não mandei ninguém aí. Do que está falando?

O sangue da assistente sênior Mildred circulava muito, muito mais rápido do que o normal. Logo iria explodir por todos os poros de seu corpo. O coque perfeitamente arrumado deixou escapar vários fios conforme a assistente coçou a cabeça com força.

— Doutor... é que uma jovem esteve aqui e...

— Um momento. Do que está falando? *Quem* esteve aí?

— A Roberta.

— Que Roberta?

— A moça que o senhor contratou — respondeu Mildred com voz trêmula.

— Que brincadeira é essa, Mildred? De que "Roberta" está falando?

— Não é brincadeira, doutor. A moça afirmou categoricamente que era a estagiária que o senhor contratou. Eu achei estranho, doutor, é verdade, mas como ela mencionou o seu nome...

Um momento de silêncio. Fugaz.

— E o que ela queria? — Milton John falava baixo, ríspido. — Você disse que ela foi *buscar material*?

— Sim, senhor. Disse que o senhor a havia mandado. Queria mostrar o material ao grupo. E, foi como eu disse, ela mencionou o seu nome, doutor, então eu...

Urros ininteligíveis vieram pelo aparelho. Mildred até desencostou o fone do ouvido, petrificada.

— Por que você não confirmou essa informação, Mildred?! Bastava UM TELEFONEMA, Mildred, sua incompetente! Desde quando temos *estagiários* nesse Projeto?!? Mas quanta idiotice!

— Olha, doutor Milton... — começou Mildred, sentindo a raiva se espalhar pelo corpo. – A garota disse expressamente que o senhor a contratou, disse o *seu* nome. Falou que estava em treinamento. Diante disso...

— Mas *por que* você não ligou, Mildred? *Por que* não segurou a tal Roberta aí e me perguntou de que se tratava, DO MESMO JEITO QUE ESTÁ FAZENDO AGORA?

— Eu estranhei, doutor, é verdade, mas... a moça estava com tanta pressa para atendê-lo! Mencionou o fato de o senhor não gostar de esperar. Falou com tanta confiança, como quem realmente conhece o senhor! – a assistente tentou usar um tom otimista ao dizer: – Apesar de tudo, ela deve estar por aqui mesmo, dentro do

Laboratório, porque Samuel disse que *ninguém* saiu, então suponho...

— De que me interessa sua suposição? Você será severamente advertida, Mildred, diga adeus a uma ficha impecável! De que adianta tanto treinamento?! Se na hora "H" você falha de modo absurdamente lamentável? — O homem falava como quem estava tendo uma apoplexia. Por fim, inspirou tão fundo que parecia o ronco de um motor. — E que material foi levado?

Mildred achou que iria desmaiar. Apoiou-se na parede antes de se sentar na cadeira defronte ao telefone.

— O Frasco Roxo, doutor Milton John.

Novos urros vindos pelo telefone. Mildred desencosta o aparelho do ouvido mais uma vez. Desanimada.

("Desanimada" era uma palavra um pouco branda. "Em pânico" soava melhor).

A assistente sênior não respondeu, só escutou. Mildred fora treinada para jamais perder o controle, e ver as situações com frieza e calma. Mas estava difícil.

Victoria deu partida na *lambretta* depois de acomodar o precioso recipiente no fundo do *sidecar*. O motivo pelo qual Robert a tinha literalmente ~~abandonado~~... esquecido ali, era uma incógnita. Fosse como fosse, Victoria precisava ir embora a todo vapor.

— Droga! Nem sei direito o caminho! — A garota conseguiu fazer a volta na estradinha estreita de pedregulhos depois de algumas tentativas, e saiu dirigindo o mais rápido a que se atrevia; porque nem *praticar o suficiente* ao volante ela tinha praticado, afinal!

Se Robert iria deixá-la sozinha deveria ter permitido que Victoria dirigisse um pouco mais também. Ela se manteve no caminho principal, apesar de uma ou outra bifurcação. Tinha que

conseguir chegar o mais rápido possível na estrada, mas não fazia ideia se estava perto ou longe. Dirigiu a esmo, assustada.

O pior é que a tarde ia *chegando ao fim*. Para onde deveria ir? O que deveria fazer? Não podia levar o frasco para a pousada como se fosse um sanduíche na lancheira. A perspectiva de outra noite ao relento desabou sobre ela como uma avalanche.

Depois de desancar com o que restava da pobre Mildred pelo telefone, uma luz surgiu no fundo da mente de Mr. Milton John:

— Como era essa tal "estagiária", hein? Que *aparência* ela tinha, Mildred?

— Ela... *ham-ham...* — Mildred limpou a garganta enquanto voltava a apoiar o ouvido no aparelho outra vez. Depois encostou o outro lado da cabeça zonza na parede. – Ela era muito bonita, doutor... embora muito novinha também...

— Mas como ela *era*, Mildred?!

— Loura, cabelos compridos, com olhos grandes... e azuis como...

Mildred ia dizer "azuis como os seus", mas se conteve a tempo. O coque dela, depois de raspar na parede de concreto, parecia bem pouco profissional.

— Merda! *Merda*!! MERDA!

— Eu posso ajudar de alguma forma, doutor? — perguntou a assistente sênior, juntando coragem e fazendo sua voz soar firme.

— Claro, Mildred: morrendo! É um favor que você me faz.

Mr. Milton John bateu o telefone na cara da assistente. Teve outra crise de fúria, esmurrando com o punho o tampo da mesa principal da Sala Vermelha, onde ele entrara para telefonar.

O grupo que ainda estava com ele, esperando no corredor, ouvia o destempero terrível. Todos estavam de antenas em pé. A conversa foi silenciando na mesma medida em que Milton John urrava cada vez mais alto. Os três se entreolhavam. Um deles

resolveu correr até a Sala Vermelha, antes que o chefe tivesse um infarto, ou um derrame, o que viesse primeiro.

— Mas não é *possível*! Isso *não* é possível! *Porra, não* está acontecendo. Inferno do *caralho*!!

O homem de pele e barba clara, na casa dos 40 e poucos anos, chegou perto de Milton John. Olhou perplexo para o colega que virava o disco do telefone furiosamente, tentando completar uma ligação externa.

— Doutor. — começou o homem, com o semblante sério. — O que está ocorrendo?

Milton John parecia nem escutar, tamanha sua fúria:

— Merda! — ele continuava falando, agora um pouco entredentes, e nem parecia se dar conta da pergunta do outro. — Vou *acabar* com aquele imbecil do Muller! Ah! Quero degolá-lo com minhas próprias mãos... *ah*, Muller! Se você estivesse aqui agora, ao meu alcance!

— Doutor, por favor, se acalme — falou o outro homem, num inglês cheio de sotaque, porém perfeito.

— Me acalmar? Não vai ser possível nos próximos minutos! — Ele puxou o fio do telefone, que insistia em enroscar-se à perna da mesa. — Maldição! Espere um *pouco*, Dmitri. Tenho que tirar isso a limpo *agora*! Se for o que eu estou pensando...

Dmitri esperou um pouco. Mas não muito. E perguntou de novo, com mais vigor.

— O *que* está acontecendo, doutor?

O pai de Victoria não respondeu. Enquanto aguardava a chamada se completar e alguém atender do outro lado, ele continuou praguejando.

— Mas o que raios, está acontecendo afinal? — exigiu saber Dmitri, em seu próprio idioma agora. Russo.

— O *Apocalipse*! — berrou Mr. Milton, cuspindo perdigotos. — É o Apocalipse, Dmitri! Como ela conseguiu?!

— Quem conseguiu o quê?

— Espere um pouco. ALÔ?!

Os outros dois homens foram entrando, desconfiados. A gritaria chamou atenção do corredor todo. Quem passava, punha a cabeça na porta. Os que se sentiam no direito de entrar na Sala Vermelha, dada sua posição hierárquica, o faziam, com semblantes firmes e olhares ferozes. Uma comoção daquele porte só podia significar alguma desgraça iminente.

Teriam sido descobertos?

Enquanto todos só podiam ficar em silêncio e especular hipóteses mentais, o doutor Milton John ouviu a voz de Ralf Muller. Soando como se tudo estivesse bem. *Como se nada de errado estivesse acontecendo...*

— Boa tarde, caro Milton! — Foi o cumprimento falsamente animado do doutor Ralf Muller. — A que devo a honra?

A ira pulsante do pai de Victoria ia sendo substituída por uma sólida fúria gelada. O que era bem pior. Ele manteve a voz impassível, e foi direto.

— Quero notícias de minha filha.

— Ela está muito bem, Milton. Como você desejava, se é que me entende.

O cretino tinha a cara de pau de blefar. Milton John emitiu um grunhido em resposta.

— Sim — continuou o psiquiatra de Waverly Hills. — Está tudo caminhando dentro do esperado, conforme previamente estabelecemos. Eu fui obrigado a discipliná-la um pouco, é verdade. Victoria ainda não está colaborativa como desejamos, mas acho que você conhece a filha que tem, não é mesmo?

— Onde ela está exatamente *agora*, Ralf?

— Está sedada, no leito. — E o patife nem mesmo tinha a voz trêmula! — Mas em breve Victoria deve acordar para a refeição da noite.

— Tenha a *bondade* de verificar se ela realmente está no leito, doutor. — A voz de Milton John soava como se vinda de um poço profundo

Ralf Muller finalmente emitiu um suspiro resignado, seguido de um muxoxo de raiva. E desatou a vociferar:

— Sua filha é *infernal*, Milton! E não pense que a culpa é minha! Você deveria ter me avisado *antes* que aquele demônio disfarçado de garotinha precisava de um cão de guarda em tempo integral. Que precisava de *correntes* atadas aos pés! Não sei como, não há explicação... mas a danada escapuliu daqui!

— Você tem a audácia de insinuar que *eu* seja o culpado? Eu cuido de meus próprios negócios, assim como você deveria cuidar dos *seus*. Parece que estou cercado de incompetentes medíocres.

Seguiu-se um momento de pesado silêncio, em que o doutor Ralf achou melhor não ousar outra contestação. As pessoas na Sala Vermelha e no corredor se entreolharam, pouco satisfeitas com o comentário.

— Quando isso aconteceu? — volveu Mr. John, gelado.

Contrariado, Ralf desembuchou:

— Provavelmente, foi na madrugada de anteontem. Está solta há umas quarenta horas, por aí.

— Quarenta horas? *Quarenta* horas, Ralf? E em que momento você pretendia me informar, seu irresponsável? Hein?

Ralf Muller não se deixava dobrar.

— Milton. Compreendo seu desapontamento.

— Desapontamento? Vou lhe mostrar meu desapontamento pessoalmente.

— Você deveria ter nos avisado melhor sobre o quanto sua filha é difícil e sorrateira! Devia ter avisado para tomarmos cuidado redobrado.

— *Ninguém* consegue escapar daí!!! — berrou Mr. Milton John, perdendo a paciência mais uma vez. — Por isso eu a mandei para Waverly Hills! Ela saiu daí voando, por acaso?

— Olha, bem poderia ter sido isso, sabe. Sinto informar que não temos a menor ideia de como a garota conseguiu tal proeza, já que esteve obnubilada a maior parte do tempo, sedada, contida, *enfim*! — respondeu o médico. — Todo o aparato. Mas, Milton, não precisa se preocupar. Ela será encontrada logo, já tomamos todas as providências. Victoria não tinha nem dinheiro, nem roupas e estava bem drogada, portanto... não foi longe.

— Ah. Eis o prognóstico dele: *Não foi longe*. — A risada forçada do pai da jovem saiu como um latido. – Pois saiba que minha filha acabou de sair daqui! Daqui!

— Daqui? — O doutor Ralf Muller custou a entender. — Daqui... onde?

— *Daqui*, Ralf, do *Laboratório*! Entende o que estou dizendo?

Silêncio do outro lado. *Muuito* silêncio. Cortado apenas pelo som de uma respiração rápida.

— Você escutou? Ralf?

— Sim. Escutei.

— Agora que você finalmente entendeu a gravidade da situação, percebe que deveria ter mexido sua bunda antes e me informado?

— Mas... não entendo...

— Não há tempo para falar, e nem tempo de entender. Seja lá que providência você tenha tomado, direcione todos os esforços para cá, para os arredores do Laboratório. Você não teve a infeliz ideia de acionar a polícia, imagino?

— É claro que não – respondeu Ralf Muller em tom quebradiço. — Não pretendo expor o que ocorre em Waverly Hills. Seria a primeira coisa que a doidivanas da sua filha faria: contar tudo que viu e ouviu, *tim-tim* por *tim-tim*. Não quero essa gente aqui, investigando nada.

— Você está preocupado com o sanatório? Devia estar preocupado com o Laboratório, porque eu mesmo o matarei, com minhas próprias mãos, se alguma coisa vazar por causa da estupidez

de seus funcionários, que não vigiaram Victoria direito. E a sua estupidez também, por confiar neles!

— Fique calmo. Ela não tem como ir longe — Ralf Muller não estava mais tão convicto. Mas tentou soar agradável: — Mesmo porque, não pretendo colocar em risco nosso "pequeno comércio" também.

— Pequeno e *lucrativo* comércio para você! Ainda bem que se lembra disso. — Volveu Mr. John. E sem delongas, desligou, sem sequer se despedir.

O doutor Ralf Muller soltou o ar que segurava, como um búfalo.

— *Desgraçada* criatura essa menina! Mas deixe-me pôr as mãos nela outra vez, deixe-me! A infeliz verá do que sou capaz! Fui muito bonzinho até agora, e o que ganhei com isso? Nada! Estou muito mal na fita diante do todo-poderoso, e tudo por causa de Victoria.

Ele caminhou até a estante onde guardava seu whiskey, e serviu-se de uma dose dupla.

— Não bastasse o transtorno de ter que encontrar a fedelha, não posso pôr a perder os negócios que tenho com Milton. Sem a venda de pacientes para aquele Laboratório, isso iria – ele bufou várias vezes –, *pesar* no meu orçamento!

Ele se jogou de volta na cadeira. Com sorte encontrariam Victoria logo. E agora que o pai dela estava sabendo, talvez tivesse como ajudar.

— Como ficariam minhas pesquisas para encontrar as causas e a cura das doenças mentais? Milton trabalha *lá*, naquele Laboratório, fazendo o que quer que faça entre aquelas paredes, não me interessa. Mas aqui eu tenho respaldo para fazer o que bem entender. Uma mão lava a outra, somos colaboradores, e não pretendo ficar em desvantagem por causa dessa garota.

Victoria passou com a *lambretta* sobre um buraco grande, pois estava ficando bem nervosa. Ela tinha que ter pegado alguma bifurcação errada, não era possível! A noite logo cairia, como era comum naquela época do ano, e nem sinal da *Dixie Highway*. Nenhuma placa indicando coisa alguma, ou qualquer direção. Nenhum ponto de referência do qual se lembrasse.

Ela passou uma das mãos no rosto para tirar o cabelo dos olhos. Só conseguia pensar na voz do pai, tão perto, tão forte, tão nua e crua naquele outro idioma. Victoria intuía que ele (e o avô) não teriam qualquer clemência dessa vez. Não depois do que ousara fazer. Se a tinham trancafiado num hospício por causa dos "crimes" cometidos da primeira vez, ela não queria nem imaginar o que fariam agora...

"Por que eu peguei o frasco, afinal?", Victoria se pegou pensando. "Robert disse que era para eu olhar, que era para eu *saber* a verdade sobre o meu pai... será que fiz alguma coisa errada?"

Mais um buraco, do qual ela conseguiu desviar por um triz.

"Se eu tivesse olhado antes de abrir aquela porta de aço com janelinha... se eu tivesse falado menos e chegado um pouquinho só mais cedo..." a garota se recriminava. "Ninguém teria me visto, mas *eu* teria visto o que importava. Poderia virar as costas agora e ir embora para sempre, sem nenhum peso na consciência. Ah, meu Deus... meu pai virá atrás de mim..."

Buraco!

Minha nossa...

Que estradinha péssima. Victoria precisava se concentrar e ficar atenta. Teria que refletir em tudo aquilo depois.

Capítulo 7

— Estamos diante de uma situação de guerra — falou o doutor Milton John à equipe, sem rodeios, em frases curtas e diretas. — Algo totalmente inesperado aconteceu. É imperativo agirmos com extrema urgência e rapidez. Não há espaço para falha!

Um grupo de dezesseis pessoas estava agora reunido na Sala Amarela, depois de terem ouvido o Alerta Vermelho vindo pelo autofalante. Em minutos, todos os que ainda estavam no prédio naquele início de noite, homens e mulheres, apressados e com semblante muito sério, iam chegando para a convocação. Alguns estavam sentados, outros em pé – irrequietos demais para ocupar uma poltrona.

Ninguém se manifestou até que o doutor John tivesse a palavra. Todos falavam muito bem os dois idiomas, mas o chefe se expressou primeiro em inglês e depois em russo. Mero protocolo. Quando estavam reunidos, era costume que todos agissem dessa forma.

O grupo como um todo estava acostumado a cumprimentos de turnos e plantões, de modo que o Laboratório jamais ficava sem pelo menos quatro ou cinco pessoas durante a noite – que trabalhavam e passavam a noite nos dormitórios –, sem contar o grupo da vigilância.

— Todo o treinamento e cuidado que sempre tivemos, ano após ano, não será à toa — continuou Milton John.

Ele não precisava enfatizar o recente acontecimento como um desastre de proporções épicas. Todos já tinham adivinhado que o mundo desabara. Restava saber quanto desabara, e aonde, para que o consertassem incontinenti.

— Nem todos os nossos colaboradores estão presentes agora. Designei um emissário para informá-los *pessoalmente*. Quanto a nós, serei breve porque não temos tempo. Em suma: fomos

roubados — disparou Milton, sem rebuscamento algum, as palavras como chicote. — E quem nos roubou precisa ser capturado nas próximas horas.

Um murmúrio percorreu a Sala Amarela; uma raiva imediata, porém contida, pairou como um manto sobre o ambiente. Em seguida, quase de imediato, fez-se silêncio sepulcral quando o doutor Milton John ergueu a mão. Era um silêncio espesso e pesado, quase a ponto de poder ser cortado à navalha.

— Essa pessoa não deve ver a luz de um novo dia nascer! — Foi o veredicto. — Vamos acabar imediatamente com ela. *Essa* noite. Não foi o primeiro "deslize" dessa pessoa. Ela já sabe demais e já causou problemas demais. E o objeto do roubo *tem* que ser devolvido ao seu lugar de origem, caso contrário... — o Doutor Milton cerrou os punhos, apertou o maxilar com força. — Caso contrário será o caos e o trabalho de uma vida inteira irá por água abaixo.

— O que nos foi extraído? — indagou uma das três mulheres presentes. Sotaque soviético.

— O Frasco Roxo.

Foi como receber uma pedrada. O silêncio do grupo se rompeu num falatório violento, e que cresceu exponencialmente em poucos segundos. A surpresa estava estampada em cada rosto, misturada a revolta e fúria. Tudo se ergueu ao mesmo tempo, como um gêiser.

— Silêncio! — berrou o doutor Milton, com o rosto vermelho, batendo na mesa. – *Silêncio*! Todos! Estamos preparados para qualquer emergência, inclusive essa! Ou já se esqueceram de suas origens?

O tom da conversa abaixou, mas a tensão era palpável.

— Os agentes do Comitê de Segurança do Estado da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas aqui presentes — Milton John se dirigiu, calculadamente, aos estrangeiros primeiro, de modo solene: –, responsáveis pelo serviço de espionagem e inteligência científico-tecnológica de seu país, nossos depositários fiéis de

informações confidenciais: o *Projeto Viribaktron*. Sua formação militar-estratégica nos será de inigualável valor nessa noite. Vocês estão sendo comissionados para o serviço de logo mais. Cada agente aja conforme seu treinamento e incumbência.

Os agentes estavam todos de pé. Cinco homens. Uma mulher.

A mulher era uma espiã-ilegal, infiltrada há quase dez anos nos Estados Unidos para engrossar as fileiras daquele Centro de Pesquisa secreto. Iulia Ivanova havia sido recrutada pelo Serviço Secreto quando terminava a universidade em Leningrado. A talentosa estudante de Química se tornou agente *sleeper* em Londres durante alguns anos, onde se pretendia que usasse identidade "duplo morto": aprendeu o idioma, adquiriu uma vida própria e fez mestrado e doutorado em química orgânica. Iulia ganhava seu próprio dinheiro dando aulas, o que evitava pagamentos diretos da URSS ou qualquer outra associação que pudesse ser rastreada.

Quando recebeu sua "ativação" a sequência foi rápida. Já era dada como morta na URSS, e o mesmo aconteceu na Inglaterra — dessa vez, ela "morreu" num acidente de carro. Então Iulia foi transferida com outra identidade para Ottawa, no Canadá, onde ficou por alguns meses antes de entrar nos Estados Unidos pela embaixada soviética de *Ottawa.* Iulia Ivanova se tornou apenas Alex Brown.

Os cinco homens soviéticos eram residentes ilegais na América. Todos tinham servido no Exército Soviético e adquirido patentes altas como militares. Alguns passaram primeiro pela GUGB ou a NKGB, e todos seguiram para as SPETSNAZ, mas seu diferencial era o fato de serem também cientistas, com destaque em trabalhos e pesquisas nas áreas que seriam úteis ao *Projeto Viribaktron*. Como Iulia Ivanova, foram preparados em países ocidentais antes de adentrar o país-alvo, os Estados Unidos. A vantagem de um espião ilegal é a de poder se passar por mero desconhecido, apenas um entre milhões de cidadãos comuns do país. Para fins "sociais" nenhum deles manteve a identidade russa, o que seria "prejudicial para os negócios" durante a Guerra Fria. Assumiram raízes étnicas e

linguísticas aceitáveis, e que não trariam problemas entre os americanos.

O time soviético do *Projeto Viribaktron* tinha ainda mais dois homens – totalizando oito no total. Estes últimos estavam sob cobertura oficial da URSS: eram funcionários da Embaixada Soviética em Washington D.C., e moravam na cidade. Por esse motivo os dois não estavam presentes no Laboratório naquele momento, mas seriam informados ainda naquela noite – um segundo emissário seria despachado num helicóptero militar para Washington D.C. logo mais.

Os dois tinham *status* diplomáticos e todas as mordomias do cargo oficial, incluindo a imunidade diplomática. A vantagem principal de ser um espião residindo legalmente no país era completo acesso a todas as dependências da embaixada soviética, sem falar em estabelecer relações com o pessoal do alto escalão da embaixada americana e outros dignitários durante as missões oficiais e reuniões importantes. Além disso a comunicação com a URSS se fazia, geralmente, bem segura, pois um dos agentes era exímio operador da Inteligência de Sinais, e fora treinado na Alemanha – já que era alemão por parte de pai.

Extraoficialmente, a missão dos dois espiões era colher dados que os mantivessem a par de *tudo*. Tudo que pudesse se associar ao *Projeto Viribaktron*. Este era só um dentre vários programas secretos desenvolvidos pelos soviéticos, mas como envolvia a participação direta do governo e Forças Armadas Americanas, era uma prioridade absoluta manter tudo em sigilo. Nada referente ao *Viribaktron* podia circular fora das esferas consideradas "normais" – que eram muito restritas, até mesmo dentro da embaixada soviética.

Em duas palavras, o serviço de contraespionagem americano deveria ser dificultado ao máximo. Erros de cálculo não seriam tolerados, e isso era um eufemismo.

Para completar os elos dessa corrente de informação secreta, o *Projeto Viribaktron* tinha dois americanos nativos alocados justamente na contraespionagem da CIA. Eram agentes-duplos de elite. Sua missão oficial constava como sendo de contrainteligência

defensiva, capitalizando todo tipo de informações, encontrando vulnerabilidades na própria Agência, mapeando e revertendo ações da espionagem estrangeira nos Estados Unidos e eliminando todo e qualquer alvo suspeito.

Mas, como no caso dos soviéticos, sua função operacional secreta era justamente oposta. Eles colaboravam em dificultar o serviço de contrainteligência americana, entregando material secreto de todo tipo de ação da CIA referente aos tópicos que espionavam. Havia outros Projetos secretos, inclusive científicos. Mas em se tratando da participação do governo e das Forças Armadas Soviéticas no *Projeto Viribaktron*, qualquer informação, qualquer interceptação de conversa e principalmente qualquer *prova* – fosse de material, fossem pessoas – tinha que ser *sumariamente* aniquilada.

Todo aquele trabalho conjunto mantinha as operações secretas invisíveis, as instalações em total sigilo e segurança, bem como todos os colaboradores.

Mas agora, por causa de Victoria...

— O Frasco Roxo ... — falou o capitão Dmitri Rzaev. Ele tinha entrado no modo "ninguém-tem-qualquer-ideia-do-que-estou-pensando-e-sentindo" que já era familiar a todos. – Hum. Não pretendo terminar como Rudolf Abel, doutor Milton.

Rudolf Abel: dispensava explicações. Era o espião soviético que tinha acabado na prisão, dois anos antes. Apenas a chama escura nos olhos do capitão Dmitri – chefe do time soviético – denunciava que ele estava pronto para a caçada.

— Pois bem. — Aquele comentário bastava. Então o doutor Milton John se voltou para os americanos: — Conto igualmente com meus companheiros da Agência Central de Inteligência, os militares das Forças Armadas e os agentes SAD. Parece que uma grande falha foi cometida hoje.

Ele olhou firme para Mildred, que sustentou o olhar do chefe por algum tempo, mas depois abaixou os olhos na direção das mãos. Não era hora, mas ela sabia que não iria sair impune. Ela esperava

que seu treinamento e seu trabalho fossem realmente indispensáveis..., mas era outra coisa da qual não tinha mais nenhuma certeza.

— Assim que a missão de hoje à noite for resolvida, nas próximas horas, os protocolos de segurança do *Projeto Viribaktron* terão que ser revistos — acrescentou Milton John.

— É o que acontece depois de quase quinze anos de serviço sem intercorrências importantes – grunhiu um dos homens soviéticos, bastante mal-humorado.

— É *justamente* pelos nossos protocolos de segurança que não temos intercorrências, Mikhail — rosnou de volta o doutor Milton, seco. — Esse é assunto para depois. O que importa agora é encontrar e exterminar essa pessoa, em nome da segurança nacional e em nome do *Projeto Viribaktron*.

— Bom, em que momento vamos ter a identidade da "Pessoa", doutor? Vai nos dizer de uma vez *quem* teve tal ousadia? — perguntou Iulia, parada ao lado da porta da Sala Amarela. Os olhos cinza-claros estavam compenetrados, e gelados. A voz soou levemente jocosa. — Pelo que depreendi, o senhor falava com o idiota do Muller. O que ele tem a ver com isso? E o que eu quero entender é: Quem poderia invadir o *nosso* Laboratório?!

Milton John respondeu à pergunta sem nenhuma emoção.

— Minha filha.

Um longo e perplexo silêncio. Olhares se lançavam dentro de olhares, e todos enfim se voltaram de novo para o chefe. Ainda em silêncio.

— Aquela que o senhor mandou... *internar*? — indagou, por fim, um dos americanos, incrédulo; era um homem na casa dos trinta e oito, com cabelo curto e espetado em estilo militar. O braço direito do chefe do Laboratório.

— Eu só tenho uma filha, Mark — foi a resposta azeda. — Você sabe perfeitamente disso.

— Como ela *conseguiu*? — Era novamente o soviético Mikhail Klugenko. Falou em tom relativamente baixo, mas por pouco não

exibia os próprios dentes. — E quem seriam os responsáveis por esse desastre?

Milton John olhou para ele. Não havia tempo para discussões e mais rompante de ira. Por isso o chefe do Laboratório ignorou a pergunta, depois de encarar o interlocutor com olhos que não diziam nada.

— Os protocolos serão revistos. — Aquilo era tudo.

Ninguém ousou discutir. Primeiro, *era mesmo melhor deixar discussões para depois*. Cada minuto disponível tinha que ser aproveitado para resolver a situação. E segundo: o pai de Victoria ainda era o chefe majoritário do Laboratório. Milton John vinha da Direção de Planos e era agente da Divisão de Atividades Especiais de Elite, a SAD, um seletíssimo grupo da CIA. Os agentes da SAD geralmente estão envolvidos em operações secretas, militares ou não, cujo nível de perigo se considera alto, ou muito alto.

A particularidade das missões de todo SAD era isentar o governo dos Estados Unidos de qualquer participação – em outras palavras, funcionava como uma saída extremamente qualificada quando operações especiais convencionais, ou ações diplomáticas, não podiam ser acionadas abertamente pelo presidente. Nesses casos a SAD interferia realizando trabalhos de natureza e métodos não-convencionais.

No caso do *Projeto Viribaktron*, uma das vantagens estratégicas era a inexistência de protocolos de "espera" por autorização. Não dependiam de consultas com o Secretário da Defesa e o Pentágono, ou as Agências Nacionais de Inteligência, muito menos o presidente e o Congresso. Ações urgentes requeriam apenas a autoridade do chefe do *Projeto*, no caso, o doutor Milton John.

Se, porventura, estivesse ausente ou incapacitado de dar qualquer ordem, cabia a Dmitri Rzaev e Mark Spencer tomarem a decisão em conjunto. Se não entrassem em acordo, a palavra final cabia ao soviético – por escolha do doutor Milton John. Mark

Spencer deveria relatar por escrito o motivo da falta de concordância para posterior avaliação do chefe. (Uma avaliação *muito* criteriosa).

Após limpar a garganta, o doutor Milton acabou acrescentando, furioso, quase num tom de desabafo:

— Eu não pretendo dar *nenhum vexame* por aqui — ele soltou o nó de sua gravata com um puxão considerável. — Aliás, "vexame" é uma palavrinha bem pobre nesse momento! — Dessa vez todas as cabeças, americanas e soviéticas, assentiram sem hesitar.

O *Projeto Viribaktron* era um posto pouco habitual para agentes SAD. Eles normalmente não eram destinados a missões científicas e internas devido a seu alto potencial e grau de especialização. A SAD era uma das Forças de Operações Especiais mais secretas e qualificadas dos Estados Unidos, e seu treinamento vinha justamente de outras Unidades de Missão Especial e outras Forças de Operações Especiais dos Estados Unidos – o Comando das Forças Especiais do Exército; os *Scouts* e *Raiders* e a *Force Reconnaissance* dos Fuzileiros Navais; as Unidades de Demolição de Combate e as Equipes de Demolição Subaquática da Marinha, chamadas NCDUs e as UDTs; os *Pararescuemen* e as Equipes de Controle de Combate da Força Aérea; os serviços de Segurança e Inteligência do Exército, da Marinha e da Força Aérea; a NSA; os extintos 24º Esquadrão de Táticas Especiais, a OSS, os antigos *Black Devils*.

Como se isso não bastasse, os oficiais SAD ainda tinham treinamento adicional. Milton John recebera o seu antes e durante a Segunda Guerra: tornara-se um UDT e depois fora para a OSS. O que não o isentou dos 18 meses de treinamento no Programa *Clandestine Service Trainee* antes de realmente ser considerado agente de altíssimo padrão.

Assim sendo, um agente SAD não se destinava a falhar. Mesmo que uma missão fosse gravemente comprometida ou descoberta, e o governo dos Estados Unidos pudesse negar qualquer conhecimento do assunto... falhar era inimaginável.

— *Eu. Estou*. *Aqui*. — enfatizou Milton John, como que incitando alguém a questioná-lo. – Sou o responsável e ninguém me faz de idiota. SAD's não falham! Em meu *país* – ele frisou o termo "país", sabendo que a URSS pensava e agia da mesma forma –, agentes incompetentes são desligados sumariamente.

"Desligado" quase sempre significava uma "Queima de Arquivo"; o que, novamente, queria dizer "Morto em Serviço". Pessoas que "não existem" – como é o caso de boa parte dos SAD's –, teoricamente são mais fáceis de neutralizar.

Teoricamente.

Alguns agentes secretos poderiam tentar escapar indefinidamente de seus algozes patriotas. Difícil? Sim, mas não totalmente impossível. Para eles jamais haveria estrelas por honra na Parede Memorial da CIA, em Langley – ainda que algumas delas permanecessem anônimas mesmo após a morte do homenageado –; mas eles também não terminariam como mais um nome esquecido, uma lembrança desastrosa em um Arquivo *Classified* que só seria aberto, quem sabe, em cinquenta anos.

O doutor Milton John, mesmo que jamais carregasse consigo insígnias ou qualquer item que o associasse ao governo ou às Forças Armadas, inclusive ali no Centro de Pesquisas, tinha orgulho de si mesmo, de sua origem militar e sua formação acadêmica. As equipes secretas sempre trabalhavam com muito menos membros do que a maioria das outras Unidades de Missões Especiais, e no *Projeto Viribaktron* não era diferente. Havia somente três SAD's. Milton John, Mark Spencer e Robert McAvoy. Spencer e McAvoy eram os braços direito e esquerdo de Milton John. Juntos, os três constituíam uma equipe de militares-cientistas de primeira classe. Todos tinham mestrados e doutorados, e haviam passado por universidades de primeira linha da *Ivy League*.

O que Victoria poderia saber sobre esse tipo de *empenho*?

Armamento de última geração – o que incluía bombas e armas de fogo, mas não dispensava capacitação exímia em lutas de combate. Direção agressiva de veículos, paraquedismo, mergulho,

sobrevivência em ambientes hostis, fuga de aprisionamentos, comunicações táticas, socorro médico de emergência. Um treinamento duro e sofisticado para fins de espionagem, inteligência e contrainteligência, incursões arriscadas, guerra não convencional e *Ações Diretas*. O que Victoria entendia acerca do imenso esforço empregado para adquirir toda aquela bagagem?

— Iremos *diretamente* ao ponto. E o ponto *direto* é minha filha. Não permitirei que o empenho de toda uma vida termine em fiasco por causa de alguém que não sabe nada da vida, mas acha que sabe!

Nesse momento Victoria D'Angerville não era a filha única do Doutor-chefe Milton John. Ela era o ALVO a ser eliminado.

— Vamos acabar com esse incêndio antes mesmo que comece. Essa é uma guerra não convencional. Os métodos, idem — Ele olhou nos olhos de Dmitri Rzaev enquanto concluía: – Nossos amigos das SPETZNATZ, tenho certeza, entendem bem o que estou dizendo.

— Definitivamente — respondeu em russo, monossilábico e sério, o capitão soviético.

As temíveis SPETSNAZ – ou Forças Especiais – dispensavam apresentações. Foram treinadas para trabalhar dentro das fronteiras inimigas, e sua fama incluía feitos memoráveis. Em tempos de guerra entraram nos países-alvo como civis, e atuaram principalmente como sabotadores. Sabotadores de *tudo.* Contra estoques de armamentos de todo tipo, contra todas as linhas de transporte e de suprimentos, meios de comunicação e todo tipo de logística que pudessem descobrir. Além, de, naturalmente, assassinar líderes políticos e oficiais militares. Às vezes, uma ou duas pessoas podiam desmantelar todo um conjunto de ações inimigas.

Na verdade, desenvolver atributos de guerra não-convencionais que superassem as desvantagens que as Forças Armadas convencionais poderiam encontrar no campo de batalha era um assunto que surgira bem antes de 1939. Mas foi durante a participação na Segunda Guerra que a União Soviética desenvolveu

efetivamente forças básicas destinadas a atos de reconhecimento do terreno inimigo e sabotagem. Com o fim da Guerra as "SPETSNATZ-GRU" ficaram subordinadas ao Serviço de Inteligência militar, que foi reorganizado.

As SPETSNATZ-GRU não tinham precedentes na história russa. A sigla GRU, ou GRU-GSh, significava *Glavnoye Razvedyvatel'noye Upravleniye Generalnovo Shtaba*, ou "Principal Direção de Inteligência do Estado Maior". As SPETSNAZ-GRU eram as *Forças Especiais da Direção Principal do Estado-Maior General das Forças Armadas Soviéticas* – o equivalente às Forças de Operações Especiais dos Estados Unidos –, que se preparou para enfrentar outro tipo de combate: a Guerra Fria. Muitos agentes trabalharam sozinhos, outros foram junto com exércitos de tanques e soldados encarregados de eliminar, principalmente, armas nucleares em países inimigos.

Sendo assim, o treinamento das SPETSNATZ não deixava nada a dever aos colegas americanos. Além do treinamento tático militar de alto nível, esses agentes precisavam completar sua formação com o extenuante curso de manuseio de armas e explosivos, treinamento *sniper*, escalada e rapel, combate corpo-a-corpo, treinamento aéreo, treinamento de mergulho, combate subaquático, demolição subaquática, direção tática, evasão de confinamento, contraterrorismo, sabotagem, entre outros.

Dificilmente poder-se-ia equiparar as SPETSNAZ às Forças Especiais da maioria de outros países. A preparação de seus membros é do mais alto nível, tanto física quanto psiquicamente. A coragem individual dos agentes SPETSNAZ rendeu-lhes muito respeito e honrarias dentre os militares da URSS. Contudo, uma das particularidades mais singulares da organização era o fato de o ocidente ainda desconhecer sua existência!

"Normalmente as SPETSNAZ se concentram em trabalhar com apenas *um único objetivo* por missão", costumava explicar Dmitri Rzaev, sempre com orgulho, quando inquirido sobre o treinamento soviético. "E perseguem esse objetivo a todo preço".

— O senhor não prefere a menina viva? — foi exatamente Dmitri quem perguntou, impassível, dessa vez em inglês perfeito.

— Eu sempre soube do meu calcanhar-de-aquiles, Rzaev, que era ter mulher e filha sob meus cuidados. E uma filha desmiolada, ainda por cima! — Um instante de reflexão. A resposta veio sem hesitar: – Victoria pediu por isso. Foi ela quem selou seu próprio destino. Temos que matá-la; não há alternativa.

— Então, a ordem é exterminá-la? — Dmitri novamente.

— *Qual* parte você ainda não entendeu, capitão Dmitri? — rosnou Iulia, numa demonstração inequívoca de falta de respeito.

O capitão do grupo soviético era um tipo difícil de perder a calma. Deixou passar a insubordinação levando em conta que a agente estava sob forte pressão emocional. (Não que se justificasse, claro). Mas preferiu ignorar a colega.

— Se o objetivo é eliminar o alvo, doutor John, nós o faremos. Daqui por diante a nossa única tarefa é "realizar a tarefa *a qualquer custo*".

O chefe assentiu. Sabia exatamente o que aquilo significava. Os agentes SPETSNAZ eram treinados para aniquilar alvos e passar por cima do que quer que fosse, matar pessoas ilimitadamente e tomar ação contra toda e qualquer oposição que se erguesse – até alcançar o propósito final da missão.

Milton John ainda encarava o colega soviético. Ainda que Dmitri fosse mais jovem que ele, o doutor-chefe admirava o outro. Sempre admirara. A frieza. A perícia minuciosa. A determinação que quase beirava a obsessão.

— Se não dermos esse assunto por encerrado nas próximas horas, tenha certeza de que cabeças vão rolar, Dmitri – com aquele comentário Milton John instigava-o a falar. Queria uma opinião dele, mesmo que não mudasse nada. — No que me diz respeito, não estou querendo botar a *minha cabeça* na guilhotina. Se houver vazamento do material roubado posso dizer que o túmulo é minha próxima estação.

— Teoricamente, Eisenhower nem sabe de sua existência, doutor John! — intrometeu-se Iulia de novo, sem conseguir se conter. Ela sempre tinha um mau-humor ácido quando irritada.

— Isso importa? — perguntou o doutor John. — O PRESIDENTE dos Estados Unidos *sabe* da existência do *Projeto Viribaktron*, e *sabe* que nossas pesquisas têm UM responsável. No caso, *eu*. Ele não precisa saber o meu nome para arrancar minhas entranhas.

Agora Dmitri olhou enviesado para a mulher, que cruzou os braços sobre o peito. Ela não retrucou, mas também não diminuiu a empáfia. O capitão Rzaev sabia o que Iulia estava pensando: "Por que *você mesmo* não matou sua filha logo de uma vez? Que estupidez. Não sabe nem a filha que tem!".

Mas isso ela não poderia dizer em voz alta ali.

— Khrushchev esteve há pouco em visita a Washington. — retomou Rzaev, olhando para Milton John outra vez. — Falando em "convivência pacífica" com os Estados Unidos. Condenando os "excessos" de Stalin, como vocês bem sabem — um suspiro. — Mas é claro que ele ficaria realmente muito... indignado... com isso tudo.

Era um eufemismo e todos entendiam.

— Sendo assim, nosso importante avanço conjunto na corrida armamentista não deve ser exposto — a voz de Dmitri Rzaev soou solitária, mas teve o peso que somente ele conseguia imprimir. A lógica pura e clara como a água, e que não podia ser quebrada: não haveria nenhum espaço para erros. — É bem simples, doutor: ou encontramos sua filha hoje, ou encontramos sua filha.

— Caso contrário — resmungou Mark Spencer –, teremos que nos reportar.

—Sim, não precisa me lembrar — respondeu Milton John, fúnebre. — Teremos que montar um relatório minucioso revelando o que ocorreu aqui.

Um momento de silêncio coletivo. Só respirações eram ouvidas na Sala Amarela.

— Se o conteúdo do Frasco Roxo espalhar e disseminar... — retomou o chefe enquanto olhava a todos, um a um. — Estamos totalmente ferrados. Quanto tempo levaria para Eisenhower e Khrushchev ficarem sabendo dessa *cagada* toda?

— Talvez, a essa altura, o Serviço de Inteligência Soviético já tenha se adiantado ao senhor, doutor John, e queria resolver tudo *à maneira da Cortina de Ferro*. — despejou a agente russa. — Garanto que será memorável. Seremos os maiores fracassados da face da Terra. E, preciso dizer, não sei exatamente o que fracasso significa na América, mas a União Soviética não suporta fracassados! Eles não precisam de explicações nossas e relatórios. Têm seus próprios meios e fontes. Nem tudo está debaixo do seu controle, doutor John.

Podia ser verdade. Era até provável que houvesse "outros olhos", atentos, vigiando o *Projeto* além dos olhos deles. Olhos que não se enxergavam, nem se sabia onde estavam escondidos.

— E o que eu sei, doutor, é que não vão sobrar nem as nossas *bundas* para contar a história! — rosnou Iulia, concluindo.

Milton John olhou para a russa. Deu um sorrisinho. (Ela não tinha medo dele, o que era até louvável. Desde que dentro de um certo limite).

— Entendo seu *medo* em perder uma importante parte do corpo, *Iulia.* Mas você ainda é nova! – Ele falava com um certo desdém, para envergonhá-la, como se a soviética não conhecesse direito a vida. — Bem-vinda ao inferno e ao mundo real, onde os Projetos secretos ainda são comandados por humanos sujeitos a perder a linha! Espero que você não perca a sua. Não quero mais ouvir a sua voz. Apenas o som dos *seus pés* carregando *sua bunda* para longe daqui assim que terminarmos a reunião.

Iulia trincou os dentes, e ia responder, mas o olhar de Rzaev dessa vez foi como uma faca na sua direção. Por mais que os altos escalões militares e políticos da União Soviética e dos Estados Unidos mantivessem agentes trabalhando juntos em missões

secretas, a verdade é que sempre haveria tensões. A Guerra Fria nunca ajudava; nem Cuba, nem a Coreia; muito menos o Vietnã.

Dmitri Rzaev manteve o semblante de poucos amigos para a companheira. Deixar-se dominar por emoções baratas! Ele havia servido no Exército Vermelho. Durante a Segunda Guerra trabalhara no NKGB sob o comando de Vsevolod Merkulov, entre 1941 e 1943, e atuou em operações de espionagem contra a Alemanha. Quanto ao seu diferencial acadêmico, uma sólida formação em Ciências Biológicas pela Universidade de Leningrado conferia crédito inequívoco ao currículo. Seu campo de pesquisa – microbiologia – logo fez dele um candidato em potencial para aliar-se aos norte-americanos.

Entretanto, ser um espião ia muito além de treinamento tático. Requeria *instinto*. Ele conseguia encarnar completamente uma outra vida? Ser outra pessoa, e agir como tal sem levantar qualquer suspeita?

Um espião era um ator. Na verdade, o ator, o roteirista, o diretor de qualquer cenário em que se colocava. Ele era capaz de fazer qualquer um acreditar em sua versão de qualquer fato, seja pessoal, seja a cena de um crime? Conseguia fazer qualquer um crer que esteve em locais onde nunca esteve? Fazer desaparecer qualquer pista de locais onde realmente esteve? Em suma – ele era capaz de aparecer e desaparecer... entrar e sair... –, sem se comprometer ou deixar rastros? Era capaz de forjar provas, alterar fatos, enganar as autoridades, contar uma história falsa sem levantar suspeita alguma sobre si mesmo? Era capaz de seduzir os alvos, de ganhar sua confiança a ponto de extrair informações? Ou matá-los sem questionar?

Era capaz de suportar a tortura antes de entregar tudo; ou infligir tortura que levasse qualquer um a revelar seus maiores segredos, e os de seu país? Era capaz de trair a quem se ama? Capaz de deixar, para sempre, aquele a quem se ama, apenas para protegê-lo? Seria capaz de vencer seus maiores medos? Vencer a si mesmo?

— E que aparência teria sua filha, doutor? — indagou Dmitri, finalmente. — Não que seja possível encontrar muitas meninas adolescentes por aí, a esta hora.

O doutor Milton John deu uma olhada de gelar os cabelos para Mildred. Todos entenderam o que significava.

— Você a *viu*? — indagou Clayton Bullock, sem acreditar.

— É uma história e tanto, não, cara assistente? — Milton John alisava as unhas na lapela de seu jaleco.

Mildred balbuciou alguma coisa, mas não conseguiu formular nada que fizesse sentido.

— A assistente vai nos contar pessoalmente como foi ludibriada por uma garota. — Interveio o doutor John, cansado daquela mulher tola. Haveria de substituí-la! Isso depois de acabar com o currículo dela. — Mas, vamos deixar as histórias para a volta.

Todos ficaram em silêncio, olhando para Mildred.

— Vamos, assistente! — gritou o chefe. — Qual é a *aparência* da minha filha? Será que nem isso você consegue nos dizer?

— Ela é-é ... — Mildred tentou manter a voz firme, mas estava falhando lamentavelmente. — Ela é... *hhum* ... loura... de cabelos bem compridos e... *hã*... os cabelos estavam soltos. Tinha olhos azuis. É m-muito bonita, senhor.

O olhar do doutor estava fixo nela. Nem se mexeu, não moveu um músculo do rosto.

— E, ah! Ela é, assim, um pouco mais alta que eu.

— Que roupa usava? — perguntou Bullock.

— Uma... uma saia que era... azul-marinho, ou preta; e uma camisa esverdeada. Por cima tinha um tipo de... blazer curto, acho – bem se via que Mildred entendia de técnicas de Laboratório, não de moda. — Um blazer que ia até a cintura, por aí; de xadrez. Não era uma roupa muito grossa, de frio...

De repente, um trovão abalou os ares.

— Claro. Vai chover — resmungou o pai de Victoria.

Dmitri olhou mais uma vez na direção do doutor Milton John, mas não houve nenhuma contraordem do chefe. Então ele bateu continência.

— *Copy that*! Já está feito, doutor-chefe Milton John!

Capítulo 8

Victoria notou que o caminho estava ficando cada vez mais escuro. As árvores altas e próximas umas das outras não colaboravam no quesito visibilidade. Para piorar tudo, começaram a soar vários trovões. Primeiro espaçados, e depois cada vez mais frequentes e altos. Relâmpagos cortavam o céu.

Victoria estava ficando assustada, perdida em trilhas e estradinhas do que deveria ser a Jefferson Memorial Forest. Sabia o nome da floresta porque dera uma batida de olhos num quadro antigo, pendurado na parede da pousada, e que mostrava um mapa da região. Não que isso servisse para alguma coisa agora! Victoria já estava perdendo a esperança de chegar a qualquer lugar. Já cogitava ter que parar, ficar escondida na mata e esperar a manhã seguinte.

"*ShitSHIT*!", refletia Victoria, tentando não entrar em pânico. "*Por que*, pelos infernos, Robert me deixou sozinha...?"

Outro trovão. Outro relâmpago. Pelo menos, se chovesse mesmo, isso dificultaria que a polícia rastreasse seu caminho. "Bem, é um motivo para ficar feliz", ela tentava ficar animada. Mas estava difícil. E se fosse eletrocutada por um raio?

Finalmente, ao sair pipocando de uma pequena trilha de terra, a garota deu de cara com uma linha férrea. Uma linha solitária no meio do matagal! Poderia ser sua salvação. Victoria imbicou a *lambretta* para a esquerda, por nenhum motivo em especial – ela era canhota –, e tratou de acompanhar os trilhos pela margem. Eles deveriam levá-la a *algum* lugar.

O problema é que as margens da ferrovia estavam cheias de pequenas pedras, cascalho e mato. O que obrigava a garota a ir bem devagar. Embora não desejasse perder tempo, não havia outro jeito.

"Que eu chegue logo a qualquer lugar... Qualquer lugar que não seja essa floresta..."

Depois de algum tempo a estrada de ferro alcançou um pequeno regato. Havia uma ponte estreita e os trilhos passavam sobre ela. Victoria imaginou que só poderia ser um filete do rio Ohio. E embora a temperatura estivesse caindo rapidamente, ela começou a transpirar, porque quase – *quase*! – não foi possível atravessar para o outro lado com a *lambretta*. Mas Victoria conseguiu. Vá saber quando, ou *se*, chegaria a alguma estação!

Mas, a sorte lhe sorriu um pouco depois que cruzou o regato. Um pouco além surgia uma estradinha coberta com cascalho. Ela vinha de algum lugar no meio da vegetação e, naquele ponto, passava a acompanhar a linha de trem. Era bem melhor andar naquela estradinha que direto nas margens dos trilhos. Assim, Victoria pôde viajar um pouco mais depressa.

De repente, como que por milagre o mato denso se abriu. Havia uma clareira espaçosa diante de Victoria, praticamente livre de árvores, onde ainda passava uma nova linha de trem. Além disso, do lado da estradinha onde Victoria dirigia, o terreno da clareira erguia-se num aclive íngreme até um topo plano. Parecia ser uma colina, coberta de mato rasteiro, e que seguia para longe.

Victoria se esticou. De onde estava, ela conseguia ver o que parecia ser uma placa de trânsito no alto da colina. Embora não desse para ler nada, pois estava ficando escuro, era provável que existisse uma estrada maior lá em cima. Talvez Victoria não estivesse muito longe da civilização!

Tinha alcançado a orla da floresta: Essa era a parte boa. A outra parte não era tão boa: "Que *azar.* Não consigo empurrar a moto até lá em cima...".

(Trovão. Relâmpago. Trovão. Relâmpago.)

Não havia alternativa exceto se manter na estradinha e seguir adiante. Pelo menos a estradinha continuava ladeando a linha férrea, e as duas acompanhavam de perto a colina. Na verdade, Victoria

estava caminhando no "vão" entre a colina e a linha-de-trem/estradinha.

"Bem, tudo que tenho que fazer é encontrar um trecho que me dê acesso ao alto da colina".

Mesmo quando a altura da colina diminuía, deixando a estrada tentadoramente mais perto de Victoria, as árvores impediam sua passagem.

"SHIT".

Agora Victoria tinha certeza de que havia uma estrada acima, e que provavelmente se tratava de uma rodovia. Volta e meia passavam veículos com velocidade, e até uma caminhonete.

(TROVÃO. TROVÃO. RELÂMPAGO)

"Maldição! *Tenho* que alcançar o asfalto!".

Era a única maneira de poder ir mais rápido e se afastar da região.

"Do jeito como estou agora, é quase como se eu tivesse fugido a pé".

Continuou trovejando e relampejando, um vento frio e forte gelava o rosto da garota, e logo uma garoa começou a cair. Mas isso não era nada! Victoria verificou que, ainda por cima, a linha-de-trem/estradinha começaram a seguir noutro sentido, afastando-se da colina. Victoria parou, desconsolada, e apoiou um dos pés no chão. Não tinha como adivinhar se, mais adiante, as duas tornariam a se aproximar da rodovia.

Por outro lado, se optasse em seguir a linha de trem, mas não chegasse a nenhuma estação? Na velocidade lenta em que ia! Claro que seria perfeito acompanhar a estrada de ferro até a próxima estação, deixar a *lambretta* estacionada em local seguro e embarcar rapidamente para o mais longe possível.

"Hum. Acho que é exatamente isso que todos iriam pensar. Que eu fugiria de trem. Não posso ser tão óbvia".

Estava bem escuro. Ela não enxergava muito além do que os faróis da *lambretta* podiam iluminar. Após refletir um pouco, decidiu-

se: “Vou voltar”.

Na verdade, “voltar” significava seguir a linha-de-trem/estradinha no sentido oposto, até voltar à clareira. Fora lá na clareira que a estradinha surgira, junto com a segunda linha férrea (que ia sabe-se lá para onde).

“Se eu chegar na clareira e pegar a estradinha para o outro lado... quem sabe encontro um acesso à rodovia por lá?”.

Virou a *lambretta*. Tentando manter o bom ânimo, começou a voltar pelo caminho em que viera.

Chegando de volta à clareira, Victoria apenas continuou pela estradinha. A linha de trem que a acompanhara foi ficando mais distante conforme a jovem entrava na floresta outra vez. Não era muito agradável. Tinha a sensação de que podia se perder de novo.

“Preciso arriscar. Só tenho que me manter na trilha”, dizia Victoria a si mesma. “Essa estradinha *tem* que dar em algum lugar”.

Por sorte, a preocupação não durou muito. Victoria andou pelo meio da vegetação cerrada por cerca de dez minutos, e saiu exatamente onde imaginava: pertinho da colina e da rodovia. Um sorriso esboçou-se no rosto dela. A noite estava fria e molhada, mas ela precisava continuar. Precisava encontrar acesso à rodovia, custasse o que custasse.

Começou a chover forte.

Iulia Ivanova – ou apenas Alex Brown – estava furiosa. Só manteve o silêncio pelos corredores enquanto o agente americano Clayton Bullock, que acompanhava o grupo soviético, estava junto. Mesmo assim, até sem perceber, os calcanhares dela batiam com muito mais força no piso de concreto. Todos os demais se mantinham sérios, e foi em completo silêncio que chamaram um dos elevadores especiais.

Estes elevadores apenas desciam: direto para o Subsolo. E precisavam de senhas. Cada um tinha a sua.

Uma vez acomodados dentro, o tempo de descida pareceu demorar uma eternidade, em especial para Alex. Ela grunhia baixinho em russo, volta e meia; tão baixinho que ninguém conseguia entender nada, exceto um ou outro palavrão. Aquilo era bem "Alex", então ninguém ligou. Havia mais uma mulher militar no Projeto, e era americana. Quase da mesma idade, a americana costumava ser brincalhona e jovial. Mas, quando nervosa, não perdia para Alex.

Aliás, entre as duas parecia haver sempre uma rivalidade declarada sobre quem era a melhor. "Parecia haver" – era tudo que a maioria dos homens se dignava a imaginar.

Afinal... Mulheres. Hormônios. Quem liga?

Quando a porta do elevador abriu no primeiro-subsolo, eles se viram praticamente diante da "CELA".

A CELA era o salão especial que guardava o arsenal bélico completo da equipe. Tudo que era de ponta-de-linha, e tudo que havia de mais sofisticado e moderno, estava lá. Toda sorte de armamentos de fogo, mantidos em perfeita ordem e passando constantemente por limpeza e calibragem; explosivos de todos os tipos; armas brancas de todos os tipos; equipamentos de combate, vestimentas militares completas, coletes à prova de bala, capacetes, óculos de proteção, máscaras de gás; equipamento de mergulho; equipamento necessário à escalada ou rapel; roupagens térmicas; lanternas e faróis portáteis; instrumentos de localização; rastreadores; gravadores a fita; disfarces; venenos. Além de um sem números de outros itens tecnológicos que cumpriam diversas funções.

Quanto aos equipamentos de comunicação por rádio, havia dois operadores americanos e dois soviéticos experientes no Sistema Morse de Alta Velocidade. Todos estavam também habituados ao uso da *Mill* para transcrição da receptação de mensagens. Steve Messing, veterano da Segunda Guerra, fizera parte do grupo de

inteligência de rádio, a OP-20-G, e depois fora criptologista da seleta (e secreta) Reserva do Grupo de Segurança Naval – ele estava habituado a vigiar não só a Marinha, mas toda a nação. Formado em matemática e biologia, de personalidade reservada e pouquíssimas palavras, Messing era praticamente um gênio como *codebreaker* e *codemaker*.

Além disso, o grupo como um todo contava os aparelhos de radiophoto-facsimile, radiotelegrafia e radiotelefonia. Em resumo: nada faltava em termos de tecnologia, eficácia, segurança e refinamento – tudo meticulosamente providenciado para que os militares do *Projeto Viribaktron* estivessem à altura de qualquer tipo de missão. Desde as corriqueiras até as emergenciais.

Ainda dentro da CELA, num amplo salão contíguo dividido em áreas distintas de acordo com a função, estavam a enfermaria e CTI destinados ao cuidado dos membros do Projeto. (Até então, o CTI nunca fora utilizado). O local contava com sala de atendimento e medicação, equipamento completo de rotina e emergência com tudo que era possível e imaginável. Ali se podia tratar desde uma gripe complicada até um choque por hemorragia ou infecção graves. O complexo médico incluía também quatro leitos de enfermaria e semi-intensiva, além de duas salas completas de cirurgia.

Tudo isso era necessário porque a utilização de um Hospital convencional não se mostrava como opção, na maioria dos casos.

O terceiro grande compartimento do primeiro-subsolo era o estacionamento, cuja posição estratégica, ao lado do salão bélico da CELA, facilitava a saída rápida. Uma rampa engenhosa, larga e alta, em forma de caracol, levava os veículos para a superfície onde havia um portão externo. Um poderoso, indestrutível e maciço portão de aço e titânio que dava nos fundos do prédio, perto do limite da floresta. Ele ficava perfeitamente escondido de quaisquer olhos curiosos por um portão de correr, metálico e comum.

A frota do *Projeto Viribaktron* era considerável: quatro utilitários comuns, do tipo que qualquer pessoa poderia ter; cinco motocicletas; quatro veículos blindados. Havia dois *Jeep's* militares Willys com tração nas quatro rodas – como dissera um repórter de

guerra certa vez, o *Willys* era "*fiel como um cachorro, forte como uma mula e ágil como um cabrito"* –; um MUTT – veículo militar tático de carga –, que era uma evolução do *Willys* e tinha capacidade para mais carga; ainda assim era considerado um transporte leve e funcional, útil para transportar agentes e equipamentos militares: metralhadoras, rifles e lançadores de mísseis. Recentemente, a frota fora implementada com o modernísimo e recém-lançado M151 – um *jipe* tipo "*caminhão tático leve"* de um quarto de tonelada que fora encomendado e desenvolvido sob orientação do Exército. O único transporte estrangeiro do Projeto era uma *Land Rover* britânica da qual Dmitri Rzaev gostava bastante.

Para completar, no telhado do prédio, lá em cima, mantido adequadamente longe da vista de quem quer que estivesse embaixo, havia um heliporto e um helicóptero militar do tipo UH-1E. Este era uma variante do helicóptero Bell UH-1 *Iroquois*, do Exército, que fora adaptado para a Marinha dos Unidos Unidos. Era o preferido de Milton John, que o usava muitas vezes para traslados particulares.

O segundo-subsolo era bem diferente do primeiro: abrigava *stands* de tiro gigantescos; ginásio com modernos equipamentos para hipertrofia muscular e treino aeróbio, bicicleta fixa e alguns aparelhos de ginástica olímpica; ringues e tatames para treinamentos de lutas; complexos conjuntos de obstáculos dos mais estranhos e com dificuldade crescente, para treino de *Ironman* (gíria interna); parede de escalada; piscina semiolímpica e aquecida, rodeada por uma pista ovalada de corrida de 180 metros. Completava o conjunto duas saunas, úmida e seca, para relaxar após um dia exaustivo de treino.

O vestiário era amplo, moderno, bem-equipado e ficava logo ao lado dos dormitórios individuais. Quem passasse a noite no Laboratório – o que sempre acontecia – tinha onde repousar com conforto. E segurança absoluta. O primeiro-subsolo estava quinze metros abaixo do solo. O segundo, a mais de vinte metros. A

extensão completa do Subsolo ia bem além do que a fachada simples do prédio externo sugeria.

Apenas o refeitório ficava na área comum acima, no complexo do Laboratório. Tinha que ser assim porque todos os dias transitavam por ali outros funcionários de apoio, e que não tinham acesso ao Subsolo. A versão que todos eles receberam era de que se tratava de um estacionamento pouco utilizado, precisando passar por reformas. Já a mais diminuta parte dos integrantes do Laboratório – os que prestavam serviços de limpeza e cozinha – sequer sabia o que ocorria por ali. Pensavam estar trabalhando num Laboratório farmacêutico que conduzia pesquisa sobre vacinas.

Alex Brown não se continha em si mesma. Parada e imóvel, a única parte de seu corpo que ainda parecia ter vida era a ponta de um dos pés, batendo ritmadamente no assoalho, esperando que a porta da CELA fosse aberta.

Sim, a porta da CELA impunha respeito.

"Mas também é *chata* e demorada de abrir", pensou Alex.

Parecida com o portão externo do estacionamento, ela era uma montanha de aço e titânio que requereria boa quantidade de explosivos só para começar a rachar. Seu diferencial: dois mecanismos distintos para abertura, o que fazia necessária a presença de pelo menos dois agentes. Um americano e um soviético. Para digitar os códigos de acesso.

Naturalmente o grupo soviético tinha uma das senhas, e o grupo americano, a outra. Só Milton John e seus braços direito-esquerdo possuíam os dois códigos, bem como Dmitri Rzaev. Mas o protocolo oficial era que houvesse, SEMPRE, pelo menos um acompanhante do grupo oposto quando a CELA fosse aberta.

Protocolos à parte, por outro lado vigorava um acordo tácito entre os militares do *Projeto*: uma das equipes se aprontava primeiro, e a outra logo em seguida. Não que soviéticos e

americanos não pudessem *coexistir* ali dentro da CELA. A questão não era o espaço físico, do qual dispunham de sobra. Simplesmente era *mais* confortável – quase uma questão de respeito – estarem entre compatriotas e colegas do mesmo sangue ao se prepararem para treino, ou quando iriam sair em missão especial e havia necessidade de uso do armamento.

Cada equipe recebia suas ordens e diretrizes, e tinha licença de se preparar individualmente. Caso fosse necessário, voltavam a se reunir depois de equipados. Em quase duas décadas, foram poucas as ocasiões em que a intervenção armada se fizera necessária.

Clayton Bullock havia digitado o código de acesso dos americanos, e esperou Rzaev fazer o mesmo.

— Boa sorte — ele rosnou, lançando um olhar para Rzaev assim que a porta de aço abriu. O outro assentiu.

O som da voz de Clayton Bullock logo se volatilizou no ar. Ele se limitou a dar meia-volta e andou em direção ao elevador. Deveria retornar à Sala Amarela para receber instruções.

Uma vez sozinha entre seus compatriotas, Iulia virou o rosto na direção de Dmitri.

— *Eles*! Os *americanos* é que são os defensores da "liberdade", dos "direitos individuais", e coisas do tipo "Todo homem é criado igual"! Não *nós*! O que deu em você lá em cima com o doutor, capitão? Está com pena de garotinhas?!

— Não estou com pena de garotinhas. Apenas estava dando a Milton a chance de voltar atrás. Ele não precisa matar a própria filha, basta devolvê-la ao manicômio e fazer com que *permaneça* lá.

— OH! Um destino bem melhor. — Alex fungou. — Quer saber? A consciência do doutor Milton não me interessa, se é que ele ainda tem *uma*! Eu é que não pretendo sair no prejuízo por causa dessa menina. Até parece que nunca matamos ninguém antes.

— *Isso*, Alex. — Um dos colegas descalçava os sapatos, sentado num dos compridos bancos de madeira no centro do salão.

A voz era monótona de propósito, e foi acompanhada por palminhas irônicas. Em outras palavras, ele queria dizer: "Cale a boca, Alex, e se mexa!"

Iulia entendeu o recado, mas deu de ombros.

— Só temos que acabar com essa filhinha-do-papai, e ponto final. A União Soviética jamais iria nos perdoar — dessa vez Iulia falou para si mesma: — Não existe essa palavra em nosso vocabulário.

— Nisso você tem razão — Rzaev comentou, meio ácido, meio sarcástico. — Mas a pauta do momento não é para tanto.

— Você só está *nervosinha*, Alex — alfinetou o outro colega, largando um pé do sapato de qualquer jeito no chão.

— Eu? Nervosinha?!

— A tal menina está por aí mesmo. — Dmitri pretendia dar o assunto por encerrado.

Os outros soviéticos, que começavam a se preparar com destreza e rapidez, nem se deram o trabalho de interromper o diálogo. Para eles, não era importante. No entanto, agora *todos* achavam que Iulia deveria apenas ficar *quieta* e se aprontar. Quanto antes começassem, mais cedo encerrariam o problema.

Mas ela continuou falando:

— Se algo der errado, vocês todos... — Iulia gesticulou em torno, apontando para os colegas: – Vocês todos, e *eu* também – daí ela apontou para o próprio nariz –, *nós todos* estamos *Fodidos* com F maiúsculo. Não preciso falar das violências do nosso regime. Se algum dia os Arquivos Confidenciais da KGB forem abertos...

— Tenha cuidado com as palavras, subtenente. — advertiu Dmitri em tom mais firme. – Você não tem que explicar nada para nós.

Iulia pareceu cair em si. Baixou a voz. Quando Rzaev mencionava seu posto oficial, era como uma mãe chamando o filho pelo nome completo. Significava encrenca.

— Peço que me desculpe, senhor. É que eu tive muita sorte de poder vir para a América. Não fosse minha formação acadêmica e estaria num posto qualquer do Leste Europeu, espionando a OTAN. Como aconteceu com muitos da minha geração.

— Esse assunto não tem o menor propósito. Já chega de divagar! Estou enganado, ou você está tendo um ataque, Alex? — rosnou Mikhail, fuzilando-a com o olhar.

— Ataque? Eu estou é furiosa. — Ela inspirou fundo, tirou o jaleco e abriu seu armário próprio. A porta do armário quase se dobrou devido à força empregada.

— Pois fique menos furiosa — Mikhail retrucou. — Já está incomodando a todos, e não entendo suas razões.

— Não vou ser *descartada* como uma camponesa ucraniana morta de fome — ela falou calmamente agora. Desde que não se atrasasse, podia falar o que pensava.

— Se está se referindo ao *Holodomor...*

— *Não fale no Holodomor nesse tom*! — de repente Iulia ficou furiosa de novo. — As pessoas morreram de fome no *Holodomor*!

Mikhail e os demais até tomaram um susto com a voz e o rosto dela. O *Holodomor* ocorrera entre 1932 e 1933, quando Stalin exterminou milhões de civis ucranianos. Mas ela não precisava se ofender tanto!

— E por que você está falando nisso agora? — interrompeu, pela primeira vez e com maus-modos, Igor, que estava do outro lado do salão. — Que discussão política *inútil*! Todos têm histórias terríveis para contar. E não só do *Holodomor*, mas da Grande Purgação.

Ele era o mais jovem do grupo. E o último a ingressar no *Projeto Viribaktron*. Iulia lançou-lhe um olhar gelado. E continuou como se o homem não existisse:

— Nunca a URSS irá admitir que o *Holodomor* foi premeditado. Não importa o quanto procurem pelas provas, ou quanta pressão a Comunidade Internacional faça. Foi um genocídio,

e é só mais um dos segredos do nosso país — olhou para Igor. — Como a Grande Purgação.

— Isso já passou, Alex — falou Rzaev, mais brando. — Stalin está morto. Não vem mais ao caso para nós.

— Eu não sei, Dmitri, se as coisas mudaram tanto assim. Eu não pretendo ficar na mira do governo soviético. Ainda mais por causa da filha doidivanas de um agente que sequer *deveria ter uma filha*!

Sem querer Iulia se lembrou de seu pai, e das palavras interrompidas de adeus, quando foi arrancada dos braços dele. Essa fora a última visão que ela teve da figura paterna: na traseira de um caminhão lotado. Antes que Dmitri disse algo, Mikhail Klugenko se adiantou:

— Mas Khrushchev não é Stalin... — ele falava apenas para irritá-la.

— Então você confia nele? — Iulia se voltou para Mikhail. — Você confiaria nele para julgar você?

— Khrushchev não é Stalin. — repetiu Mikhail. Mas sem convicção. Ele não apostaria sua cabeça.

— Quando Stalin estava no poder, um pio contrário ao governo e você era preso, morto, mandado para os campos de trabalho forçado. Khrushchev pertencia aos altos escalões do Partido! Apoiou o Grande Expurgo, as acusações, as deportações e os massacres em massa... Milhões e milhões. E quando foi nomeado chefe do Partido na Ucrânia, continuou *obedecendo* a Stalin. Continuou com os Expurgos.

— Isso foi há mais de vinte anos... — tentou admoestar Mikhail.

— Não importa – insistiu Iulia. — Quando Khrushchev saiu da Ucrânia e voltou para Moscou, se tornou um dos principais conselheiros de Stalin.

— Mas agora *é* diferente. O Discurso Secreto no Partido Comunista...

— Mikhail. Khrushchev faz um discurso para denunciar os "Crimes de Stalin", mas só depois que Stalin morreu. Só depois que ele próprio assumiu o poder. E está posando de "liberal impoluto" e vendendo sua "política de coexistência pacífica" com os americanos. Faça-me o favor. Ninguém muda tanto da noite para o dia. Mas, enfim... — ela ergueu as mãos. — Não quero mais falar nisso. Se você arriscaria sua vida nas mãos dele, boa sorte. Eu não quero. *Blyad*!

— Iulia. — Mikhail parou de se arrumar por um momento. — Você seria torturada até a morte se estivesse em solo soviético. Você fala demais! *Fique quieta* um pouco porque as paredes sempre têm ouvidos. Você deveria passar um tempo no Leste Europeu, afinal; isso a faria repensar seus valores. Nada como estar no campo, em missões de reconhecimento, sabotando armas e tropas da OTAN[2], *High School N*, como você mesma disse. Que tal? Ia te ensinar a não "surtar", como dizem aqui na América.

— Eu sou ucraniana — lançou Iulia, cortante. — Depois do *Holodomor*, apenas eu e meu pai ainda estávamos vivos. Por algum milagre. Anos mais tarde, ele foi... levado. Por ser um kulak. Não me restou *ninguém*.

O grupo ficou num silêncio repentino. Ninguém olhou para Iulia. Todos continuaram ocupados em se arrumar. E Mikhail estava um pouco envergonhado. Ele conhecia Iulia desde que ela ingressara no Projeto, e podia-se dizer que eram bons amigos. Mas nunca soubera de seu passado, pois Iulia nunca o mencionava. Nem para os companheiros da equipe.

Todos têm segredos. E nos segredos é que ficam guardados os "gatilhos" emocionais. Irritado, o "novato" Igor quebrou o silêncio com petulância, escondendo a surpresa inicial. Na verdade, o teor da conversa era muito incômodo.

— E *daí* que você é ucraniana, Alex? Você sobreviveu. Parabéns.

— Vamos *mudar* de assunto, Igor? — volveu Mikhail de imediato, com olhos em brasa.

— Mas é que Alex fala de um jeito!

— Cale. A. Boca. — Dessa vez a advertência veio do colega sentado no banco de madeira. Ele chacoalhou o segundo pé do sapato, esquecido numa das mãos, para Igor.

— *SE* tudo desse em merda, e *SE* fôssemos mandados de volta para a *União Sov*... –

— Igor, não seremos "mandados de volta"! — Mikhail falou alto. — Isso jamais aconteceria.

— Poderia acontecer, sim — rebateu Igor. — Afinal, somos cientistas e fizemos enormes descobertas. Somos militares de alta patente. Ora! É *só uma garota*. Acham que ela vai se esconder aonde? E depois, o único responsável é o doutor John.

— Em que mundo você *vive*, idiota...? — Rzaev meneou a cabeça.

Igor calou a boca. Os demais entendiam perfeitamente o que Iulia estava dizendo desde o início. *Eles* seriam liquidados antes de terem tempo de dizer o próprio nome.

Iulia de repente baixou a voz:

— Nós seríamos tratados de modo ainda pior do que os que já morreram. Seríamos *piores* do que os prisioneiros polacos de Katyn, ou os húngaros nos campos de concentração soviéticos! Seríamos *piores* do que chechenos e tártaros!

Iulia só se atrevia a falar tais coisas ali, na CELA. Ela tirou os sapatos de salto e os deixou sob o banco de madeira mais próximo.

— Para ser sincero — disse Mikhail, tentando amenizar: — Acho que seríamos inoculados com a nossa *própria* bactéria e amarrados, até a morte, nas macas da enfermaria!

Um ou dois deram uma risada, contida, diante do comentário.

— *Fuck*! — deixou escapar um deles.

— Pois bem, já *chega*! — advertiu Dmitri erguendo a voz com espantosa firmeza. — Todo mundo de boca fechada a partir de *agora*!

O capitão olhou feio para Mikhail. Olhou *muito* feio para Igor. Finalmente encarou Iulia, e notou as sobrancelhas da mulher arqueadas em sua direção — *ela* estava falando a verdade!

— Alex. — reiterou Dmitri, esbravejando. — Não quero mais ouvir sua voz.

— Capitão...

— Chega de perder tempo!! Vamos todos CALAR A BOCA!! E FICAR PRONTOS EM CINCO MINUTOS! — exigiu Rzaev, perdendo a paciência.

Iulia tratou de se mexer imediatamente, mas ficou pensativa. Todos ficaram. A maioria estava fora da URSS há uma década, ou mais, excetuando Igor. Às vezes era fácil esquecer da Cortina de Ferro. A política externa tinha uma fachada; lá dentro, tudo podia ser muito diferente.

Rzaev observou quando Iulia pegou calça, blusa e colete em quatro segundos. Por baixo do *tailleur* cinza, elegante e justo, a musculatura saudável era de ferro. Quando estava brava, seus cabelos pretos e lisos, em corte reto na altura do queixo, balançavam de um lado para outro. E o rosto demonstrava uma vontade de aço. Com 33 anos, a soviética era enérgica e muito difícil de se abater. SE ELE FOSSE levar em conta a impulsividade da companheira, Iulia iria se dar muito mal pelo desacato.

Mas não valia a pena. Tirando aquele fator, ela era excelente em tudo que fazia. Trabalhavam juntos há muitos anos. E em grupos pequenos se toleram as pequenas coisas que, num pelotão, seriam inimagináveis.

Iulia correu para um dos gabinetes reservados a fim de se vestir. Suspirou quando estava longe da vista dos demais. Não estavam realmente atrasados: a conversa não durara mais que seis minutos, e nenhum deles estivera parado à toa.

Embora jamais admitisse – seria como assinar uma sentença de morte – Iulia sempre quisera deixar a Cortina de Ferro. Os fantasmas da Ucrânia e do *Holodomor* eram ainda piores do que os do Grande Expurgo (Talvez porque fosse muito criança durante o

primeiro evento. Tinha cinco ou seis anos. E não estava acostumada a ficar longe da mãe). Tudo com que sonhou enquanto crescia era só isso: escapar do regime comunista. A qualquer custo.

Tinha sido admitida na Polícia Secreta aos vinte anos. Trabalhou para o Ministério de Segurança de Estado, o MGB, cujas funções eram as mesmas de sua predecessora, a NKGB: inteligência e contrainteligência, segurança interna, proteção do governo, comunicações secretas. Mas tanto a NKGB quanto o MGB remontavam à antiga GPU que, por sua vez, viera da poderosa Tcheka de Lenin – cujos poderes eram ilimitados.

As detenções em massa e assassinatos começaram nessa época, indiscriminadamente. Todos os que foram considerados "inimigos do povo" perderam a vida ou foram deportados para campos de trabalhos; dentre eles civis e militares que prestaram serviço ao derrocado Império Russo; os oficiais, as famílias dos voluntários, mesmo as crianças. Qualquer representante da Igreja; qualquer trabalhador que se mostrasse descontente com o governo soviético. E todos que possuíssem uma propriedade privada que valesse mais de dez mil rublos – um kulak.

Apesar desse histórico, Iulia preferiu ser uma representante da poderosa União Soviética, da repressão, do terror, dos crimes contra a Humanidade, do que se tornar, mais uma vez, vítima do regime. Não deixava de ser uma forma de escapar. Ela tinha fechado os olhos e cumprira com seu dever. A obediência deveria ser cega. Nunca haveria nenhum questionamento. E as ordens seriam sumariamente cumpridas. Era melhor mandar do que ser mandada; melhor matar, que ser morta.

O recrutamento e o posto no *Projeto Viribaktron* foram sua chave de salvação. A formação em química, e depois biologia molecular, foram decisivas. Iulia era brilhante. Inteligentíssima. Uma peça de ouro para ser alocada nos Estados Unidos.

Quando estava vestindo o colete sobre a blusa térmica escura, Iulia teve seus pensamentos invadidos pela voz do capitão:

— Talvez eu precise informar o Sacarov em Washington, ainda hoje — dizia Dmitri para Mikhail Klugenko.

Iulia mais que depressa botou a cabeça na porta do gabinete de vestir.

— Mas, e se Sacarov fizer contato com o *Kremlin*, capitão?

Os dois homens viraram o rosto para ela. Estavam adequadamente vestidos, como que num passe de mágica.

— Ele não vai reportar o Kremlin — respondeu Rzaev, irritado com a nova interrupção. — Nosso agente só precisa saber o que está acontecendo.

— Mas, Dmitri, *espere* — Iulia saiu do gabinete, fechando a calça cargo de qualquer jeito.

O capitão se afastou na direção de algumas das portas metálicas de correr. Eram brilhantes, fortes e resistentes, e estendiam-se ao longo de todas as paredes do salão principal da CELA. Ele abriu uma para selecionar as armas de fogo que pretendia levar, mas Iulia segurou seu braço. Um leve tremor soou na voz dela.

— Não me cabe dizer isso, senhor, mas... — Ela olhava direto nos olhos de Rzaev. – Mas *espere* até amanhã.

O capitão olhou para ela sem entender.

— Sacarov é do nosso time, Alex. Quer escândalos tanto quanto eu.

Na sala contígua da CELA havia um sortimento inimaginável de facas, adagas e outras armas brancas. Os três que já estavam com suas armas de fogo tinham seguido para lá. Talvez por isso Iulia se atrevera a falar de novo com Rzaev, pois apenas Mikhail estava ali.

— Se essa menina escapar levará com ela uma prova gravíssima contra todos nós. – E, entredentes: — Por favor, capitão, não use o telefone, o rádio, ou o que quer que seja, *hoje*.

— Nossa comunicação é segura. O que está *havendo* com você, afinal?

Iulia ficou impassível. Demorou um pouco para responder. Por fim, o fez, justo quando os demais voltavam da outra sala. A voz dela soou trincando como vidro quebrado.

— Não pretendo terminar como os Rosenberg, capitão.

Todos olharam para ela, sem exceção.

— Não é possível que seu pessimismo irá continuar, subtenente! – exclamou, extremamente aborrecido, Rzaev. — Você está tendo delírios. Acho melhor que fique por aqui, Alex.

— É uma ordem, capitão?

— Se você não calar a boca *imediatamente*, será. E vou mandá-la ao psiquiatra da nossa equipe, Alex. O seu estrese pós-traumático está pior do que nunca.

Os demais continuaram em silêncio. Que péssima hora para mencionar os Rosenberg. Péssima! O casal judeu fora punido exemplarmente para servir de lição. A acusação: conseguir coletar segredos sobre as bombas atômicas dos Estados Unidos e repassá-los à União Soviética. Nem a opinião pública, muito menos o Papa, foram suficientes para reverter a sentença. Em meio à histeria anticomunista que assolava os americanos por causa da Guerra Fria, os Rosenberg acabaram mortos na cadeira elétrica, em 1953. E outros colaboradores acabaram na prisão.

Dmitri Rzaev sentiu o silêncio opressivo que o nome dos Rosenberg provocou. E se viu no dever de consertar as coisas de vez. Gritar ordens não ajudaria. Ao líder cabe animar e incentivar seus subordinados. Então ele lançou um breve sorriso para a moça, e falou com certo desdém:

— Confesso que prefiro Harry Dexter White...

Iulia não queria, mas sorriu de volta.

— Esse seu comentário é uma tentativa de melhorar meu humor?

— Claro.

O espião russo Harry White fora bem-sucedido em envenenar a opinião japonesa contra os Estados Unidos. Isso facilitou o ataque

a Pearl Harbor. Mas a voz descontraída do capitão, e o sorriso que conseguira arrancar da subordinada dissipou a nuvem negra. Todos praticamente prontos, só se ouvia o som de uma ou outra porta de correr. Alex se agachou para amarrar os cadarços das botas.

Nenhum deles tinha família. Era o ônus da missão. O que chegava mais perto de "família", ali, era o grupo. Dmitri não permitiria que aquilo fosse tirado deles. Olhou para o armário enorme que ficava atrás das portas que ele abrira: nas prateleiras sob medida diante dele havia desde pistolas até fuzis. Ele pegou um fuzil *Kalashnikov* e munição para detonar um pelotão inteiro. Mikhail Klugenko aproximou-se e fez o mesmo.

Iulia dispensou o *Kalashnikov*. Sair com um fuzil parecia desnecessário. Preferia outro tipo de coisa para aquela noite. Ela pegou com brusquidão uma pistola automática e a enfiou num suporte na coxa. Pôs outra ao lado do quadril. Depois correu para a outra sala.

Mikhail foi atrás de Iulia. Ela já selecionava duas facas, uma de lâmina reta e outra denteada. Gostava muito de facas. Parecia-lhe já poder sentir a pulsação da infeliz-filhinha contra a lâmina.

— Essa filha maluca do doutor John não me escapa, Mikhail! Eu mesma quero cortar a carótida dela...

A soviética também gostava de garrotes, e foi rápida atrás deles. Se Rzaev *permitisse*... enforcaria a maldita! Mikhail Klugenko pegou uma das adagas de que gostava. Limpou a garganta com um ruído desagradável.

— Só espero que a estúpida menina não pense em abrir o Frasco — rugiu ele, no impulso, voltando o rosto para Iulia.

— Acha que eu já não pensei nisso? — ela respondeu. Já tinha mordiscado tantas vezes o lábio inferior, que estava a ponto de sangrar. — O doutor John deveria ter cuidado melhor do destino da filha. Colocou todos nós em risco.

O receio não era *deixar* de achar a garota. Isso facilmente seria resolvido nas próximas horas. Mas o manuseio inábil do Frasco

Roxo... Isso fugia da alçada deles. E não teriam como esconder. Seria um desastre de proporções épicas!

— Imagine virarmos desertores sem opção, implorando proteção do governo americano em troca de informação confidencial. Será que teríamos chance a uma Corte Marcial aqui nos Estados Unidos?

Mikhail sabia que era só uma tentativa de fazer piada. Mas Iulia logo ficou séria.

— Quanto ao que você disse antes... Acha *mesmo* que nos inoculariam com a bactéria, e sequer sairíamos desse Laboratório?

— Se fosse *eu* a dar a sentença, essa opção seria a melhor de todas. A equipe de incompetentes: derrotada por uma adolescente louca, fugida de Waverly Hil...

Nenhum dos dois havia visto Rzaev entrar na sala. Ele escutara tudo.

— Calem-se agora, tenentes! *CALEM-SE* IMEDIATAMENTE! — Dessa vez Dmitri Rzaev categoricamente não admitia réplica. Pelo visto ele também tinha avaliado a possibilidade de o Frasco ser indevidamente violado. — OS CINCO MINUTOS JÁ ACABARAM: *POSIÇÃO*!

Os dois se perfilaram.

— Não acho que a menina vá abrir o material. Ela parecia *saber muito bem* o que estava fazendo! Ao contrário de vocês! Klugenko, está suspenso por três dias assim que terminarmos essa tarefa. Não quero ver a sua cara.

— Pois não, senhor! — gritou Mikhail. E como Rzaev não orientou que descansasse, ele permaneceu na mesma posição.

Então os olhos do capitão chisparam na direção de Iulia:

— Subtenente Iulia Ivanova! Estou cansado de suas idiossincrasias. E começo a achar que você não está à altura do cargo que ocupa. Você nunca foi militar, mas recebeu treinamento adequado. Mas não há treinamento no mundo que adiante se você não controlar seus nervos. Controle seus nervos *agora*! Se você não

mudar seu comportamento, serei responsabilizado. E a mandarei de volta à União Soviética *eu mesmo*! Você também está suspensa por três dias. Relatarei tudo por escrito quando retornarmos.

Iulia sentiu explodir dentro de si aquele ímpeto flamejante de fúria que às vezes sentia, impossível de controlar, e que já fora responsável pela realização de feitos terríveis. Ela pensou em *russkii mat*. Bem além do *blyad*. Mas não ousou se mexer. Sequer respirava de modo apressado, ou ruidoso. Nem piscava. Era imperativo recuperar o controle. Imediatamente.

— *Sim*, senhor! — respondeu com voz firme.

Rzaev ficou olhando para os dois.

— Ora, mexam-se e saiam logo daqui! A *bosta* está escorrendo montanha abaixo, e precisamos recolhê-la!

Iulia virou o rosto rapidamente na direção das portas ainda abertas. Emputecida. Se esforçou para fechá-las delicadamente. Mikhail Klugenko ignorou-a como se Iulia fosse uma mosca amassada na parede, e saiu após o capitão.

Os preparativos estavam terminados. Todos tinham ouvido Rzaev e seu destempero mais que justificado, e ficaram em completo silêncio.

— Grupos de três — ordenou Dmitri. — Os dois suspensos vêm comigo! Temos todas as chances de a missão ser totalmente bem-sucedida. A menina não será louca de mexer nas bactérias!

Ele deu uma olhada para Iulia. Seu rosto agora estava pálido. O capitão recebera relatórios quando ela fora admitida no *Projeto.* Sabia qual o maior terror de Iulia Ivanova, que tinha sido identificado (e, supostamente, tratado) – Ivanova tinha pavor de ficar à mercê do governo e de suas autoridades. Mas Rzaev imaginava que *Alex Brown* teria superado isso.

Até então, ela vivera de modo tranquilo na América. Mas agora, Dmitri notava que seria necessário resolver aquela situação.

Depois.

Agora era hora de partir. Embora nada dissesse, ele não podia parar de pensar consigo mesmo: "Quisera eu saber como essa garota *conseguiu*...".

Mistério completo.

Capítulo 9

Enquanto isso, na Sala Amarela, tendo Clayton Bullock regressado da CELA, o doutor Milton John continuou rapidamente:

— Bullock! — rugiu ele assim que o homem que acompanhara os três soviéticos à CELA retornou. — Você e Spencer vão sair *já* com Stan e David. Victoria não pode estar longe, e nós conhecemos a região muito bem.

Esse era um fato incontestável, porque muitos exercícios físicos e treinos eram feitos justamente na floresta e suas trilhas – amplamente mapeadas. O chefe do Laboratório encarou os restantes na Sala Amarela

— Os outros, forme o quarto grupo — determinou.

Mildred, misteriosamente, não estava mais por ali.

— O senhor nos acompanha, doutor? — indagou Mark Spencer, aparentando tranquilidade, mas com o semblante fechado.

— Vou acionar a retaguarda da nossa equipe de segurança, dividirei os grupos e seguirei com um deles. Quanto a vocês, vamos, vamos, vamos. Se equipem na CELA e partam de imediato. Vasculhem os arredores, revirem tudo, *andem*! A equipe soviética já deve estar saindo.

Enquanto esperava pela equipe de retaguarda, o pai de Victoria foi atrás de Samuel pessoalmente. Queria escutar em primeira mão o que o funcionário teria a dizer.

Toda a equipe de segurança do *Projeto Viribaktron* fora escolhida pelo diretor executivo do FBI, a pedido do doutor John. Algumas das funções do *Federal Bureau of Investigation* era apoiar parceiros federais e estaduais, além de prestar serviço de inteligência e investigação para proteger os Estados Unidos. Os

agentes não tinham conhecimento exato sobre qual era o trabalho realizado no Projeto, apenas que se tratava de uma operação secreta no setor da Indústria Farmacêutica. Dessa forma, não era estranha a presença de pacientes indo e vindo em veículos militares.

Para todos os efeitos, essas pessoas eram voluntárias de uma pesquisa avançada sobre drogas novas para as fases avançadas da tuberculose, além de vacinas preventivas para outras doenças infecciosas – e a maioria dos pacientes vinha de Waverly Hills. Novos medicamentos estavam em fase final de testes antes de serem, em breve, aprovadas pelo *Food and Drug Administration*, o FDA.

De tempos em tempos a equipe do FBI era substituída, mas aquela em especial já estava ali há quase nove meses. Sem qualquer intercorrência.

Agora Samuel Baer se sentia trêmulo por dentro, desconfortável com os olhos de águia do médico cravados em suas costas enquanto ele providenciava a filmagem das câmeras de segurança da tarde.

— Talvez alguém tenha facilitado as coisas para Victoria, mesmo antes da tarde de hoje — resmungava o doutor John, no cangote de Samuel. Alguém que poderia ter feito cópia das chaves de entrada? — *Tem* que haver alguma coisa. E, mais tarde, seu *único* trabalho, Baer, será verificar as filmagens dos dois dias anteriores *na íntegra*. Isso tem que ser apurado sem demora. Para ontem, entendeu?!

— O portão da frente esteve trancado o tempo todo, como sempre — defendia-se Samuel. — Ninguém passou por aqui, senhor. Não é possível. Sempre sou avisado pela equipe externa em que dias chegam os pacientes, e em que horários. Ninguém simplesmente aparece por aqui...

Enquanto esperava para dar uma primeira varredura na filmagem daquela tarde, Milton John tamborilava com uma das mãos apoiada na parede. E quanto aos códigos de segurança? Sem eles, Victoria não poderia ter entrado no Laboratório A. Haveria alguém de dentro traindo a confiança dos demais? E com qual objetivo?

O médico, irritado com a demora da filmagem, olhava para as imagens com um olho enquanto discava para as torres de vigia usando o outro. Havia duas delas, posicionadas a uma distância segura da sede do Projeto. Assim que atenderam, o chefe perguntou à queima-roupa:

— Alguma aproximação estranha hoje? — Ele sabia que era o turno de Hudson e Benji.

— Nenhuma, chefe — respondeu a voz de Hudson no aparelho. — Por quê?

— Como é possível que não tenham visto *nada*?!

— A que se refere, senhor? — Hudson percebeu que o doutor estava muito zangado, o que não era exatamente uma novidade; mas foi o tom da voz do doutor que fez com que o agente sentisse o coração acelerando levemente.

— A que me refiro? Um *roubo*, imbecil! Um roubo!

— Roubo? Mas, senhor...

— CHAME o seu amigo igualmente incompetente agora mesmo!

— Sim, senhor.

Houve um barulho forte do telefone sendo largado sobre a mesa, e vozes abafadas ao fundo. Mais barulho. Dessa vez cadeiras se arrastando com força.

— Pois não, senhor! Agente Benji falando.

— Alguém invadiu o Laboratório, sabia disso, Benji? E eu espero que você tenha algo para me relatar a respeito.

Silêncio.

— BENJI?

— Não, doutor Milton! Nada fora do normal. Nós...

— Vocês estão de sacanagem COMIGO. Como tem a cara de pau de dizer que não viram nada de anormal *durante o turno de hoje*?!

— Estivemos a postos o tempo todo, e nada foi registrado no perímetro vigiado. Nada no radar também.

— Pois acho muito bom irem preparando os seus *rabos*! — gritou Milton John. — Se ficar provado que a pessoa passou pelo território de vocês, os dois estão *fodidos*! *Fodidos*!

O chefe bateu o telefone no gancho; sentia o suor porejando nas mãos e na fronte. Bando de ineptos! Samuel mantinha-se estrategicamente com sua cadeira mais para o canto, longe da fúria do doutor John – que ligou para a segunda torre e obteve as mesmas respostas obtusas. Embora ainda estivesse furioso, agora também se sentia indiscutivelmente perplexo.

"Como essa menina conseguiu...?", ele pensava.

Depois da varredura rápida na filmagem, os agentes de segurança que haviam sido recrutados já estavam de prontidão, no hall de entrada, e ao lado das poltronas e do sofá. Todos moravam em Louisville, ou nos arredores. Milton John era o único que residia afastado da sede, mas por um *milagre*! – ele estava ali naquele final de tarde. Queria supervisionar a enfermaria antes de sair para o fim de semana, pois a última inoculação com o material do Frasco Roxo fora realizada há três dias. Um pouco mais, e estaria a caminho de sua casa em Pérola do Sul, o que só retardaria que tomasse ciência do ocorrido.

Sem nem se despedir de Samuel Baer, o doutor Milton John imediatamente deu ordem para mais dois grupos saírem à caça de sua filha. Do lado de fora, escutava-se a chuva.

Ele desceu sozinho para a CELA. Em dois tempos selecionou armas e munição, friamente e com método, como sempre agia.

— Minha filha é apenas *uma menina que mal saiu dos cueiros*! – Ali sozinho por alguns minutos, os olhos dele estavam fitos nas granadas de mão. Mesmo parecendo um absurdo, ele pegou algumas para si e para a equipe que iria com ele.

Uma *garota* tinha causado aquela mobilização toda. Aquele rebuliço. Mas, não. Ela não tinha feito aquilo sozinha. Não havia outra explicação. Era bom estar prevenido para acabar com todos os

rastros. Por isso Milton John se dirigiu a seu armário pessoal e o destrancou. Depois destrancou também a pequena gaveta que ficava na parte inferior.

Havia um anel dentro de uma pequena caixa simples de metal e vidro. Não havia qualquer insígnia no anel, apenas uma dose letal de cianeto dentro dele. O doutor colocou o anel no dedo. Tinha sido um presente, conferido numa data especial; e não fazia parte do arsenal comum de armas do *Projeto*. Em seguida Milton John olhou para outras das suas armas pessoais, e pegou o garrote e um punhal com cabo de prata. Eram armas de pequeno alcance, mas *MUITO EFICIENTES*. Silenciosas e mortais. Ele sempre as trouxera consigo.

Fechou a gaveta e o armário, e por fim, pegou um par de luvas grossas utilizadas pelas Forças Armadas. Puxou-as com força, encaixando os dedos com perfeição.

Naquele instante, seu olhar era de congelar qualquer um.

Milton John entrou no estacionamento com passadas largas e firmes. Os dois agentes que iriam com ele já o aguardavam ali. O chefe fez um sinal com a cabeça para que o acompanhassem. Enquanto caminhava, de repente a cabeça do chefe majoritário do *Projeto Viribaktron* sacudiu de novo, para um dos lados, várias vezes seguidas. Ninguém comentou nada, embora aquilo fosse esquisito.

Na verdade, era um tique nervoso que acometia o doutor quando estava extremamente – *extremamente* – tenso. Parecia quase uma "convulsão" focal provocada por uma fúria descontrolada!

Ele parou ao lado do M151. O veículo era ideal para as trilhas encharcadas que teriam de acessar, e nele os três cabiam melhor do que dentro de um *Willys*. Os agentes embarcaram em silêncio. Se houvesse ordens específicas, provavelmente seriam dadas quando já estivessem em andamento.

Uma mistura de angústia e raiva dominava o doutor John quando ele abriu a porta do M151. O pesquisador dentro dele sentia a angústia – que era uma *merda*! – pelo sumiço do material. Já a raiva, era boa.

Raiva limpava a mente de sentimentos inúteis e mostrava exatamente o que devia ser feito. Depois de quase catorze anos de dedicação, um percalço daqueles, *justo* quando chegavam a um dos resultados mais satisfatórios dos últimos tempos!

Mais do que um "azar", era uma afronta! O que Victoria fizera não tinha adjetivos! Que constrangimento! Um verdadeiro vitupério! Um vilipêndio! Um... um... uma... a cabeça do chefe voou para o lado de novo, mais rápido, quase involuntariamente. Ele deu a partida no M151. Os responsáveis iam pagar por aquilo, *ah*, iam SIM! Ele os pegaria, uma a um. E se houvesse traidores... *ah*!!! Seriam descobertos e mortos *muito lentamente*...

O veículo subiu a rampa em caracol que levava à superfície. Milton John olhou no relógio. Parecia ter-se passado uma eternidade desde que deixara Samuel, mas fora há apenas seis minutos. Não dava para acreditar. Eles haviam reunidos todas as forças disponíveis e estavam saindo para buscar... sua *filha*!

"Fui tolerante demais; deixei Victoria se contaminar com as ideias feministas, as leituras *fantasiosas* sobre o papel das mulheres na sociedade! Dei-lhe excesso de estudo. *Maldita* sorte a minha. Quando eu mais precisava de um filho, me nasceu essa maldita *mulher*"!

E ele não podia sequer pensar em ter um segundo filho. Estava terminantemente proibido pela SAD. Não era seguro. Ele já tinha ido longe demais quando arrumou uma esposa; Elizabeth, mãe de Victoria. Fora ainda mais longe ao tornar-se pai. Não fosse seu currículo e habilidades, somados ao fato de que trabalharia em solo americano, teria sido dispensado. E, se falhasse naquela noite, seria eliminado sumariamente, antes de qualquer outro, por ter assumido riscos com os quais não fora capaz de lidar.

"Ah, se tivesse tido um filho..."

Hoje ele seria quase um homem; e poderia em breve estar a seu lado, trabalhando. Mas a sorte não lhe sorrira.

"Maldição".

Depois de um tempo, Victoria teve a impressão de ouvir um barulho forte de água correndo. Seria o Rio Ohio à distância, encoberto pela noite, a névoa e as árvores? Ela parou a *lambretta* e escutou um pouco. Se fosse, talvez a Dixie não estivesse longe. Será? Aquela estradinha estaria *acompanhando* justo a Dixie? Seria perfeito!

Perfeita não estava aquela chuva toda. Dificultava a visibilidade e ela tinha medo de atolar, caso precisasse passar por qualquer lugar com terra. De repente, porém, Victoria começou a ver algumas áreas descampadas no meio da mata, luzes e casas à distância. Deveria ser algum vilarejo, ou cidadezinha. Ela não tinha ideia de onde estava. Mas se havia um lugar onde poderia achar um *contorno*, uma rotatória, uma *maneira qualquer* de pegar a rodovia, seria ali.

Dito e feito, a estradinha onde Victoria rodava com a *lambretta* finalmente cruzou uma rua! Uma rua até "importante", já que era asfaltada. Deveria mesmo ser uma cidadezinha.

"Preciso pedir uma informação", refletiu Victoria, entrando na rua asfaltada. "Alguém que me diga como pegar a Dixie, ou outra rodovia. Mas não há viva alma!"

De fato, tudo estava deserto. Victoria dirigia por uma rua-fantasma, debaixo de chuva. Decerto a chuva era culpada por todos terem ido cedo para casa. Irritada, ela seguiu a rua por alguns quarteirões, sem encontrar ninguém.

Por fim, vislumbrou ao longe um grupo de três rapazes, com blusões impermeáveis de capuz. Vinham na direção oposta, e Victoria viu que eles a viram. Talvez pudesse perguntar-lhes algo. Mas quando foi chegando mais perto, alguma coisa no olhar deles

incomodou Victoria. A jovem mais que depressa fez meia volta, amaldiçoando o tamanho da *lambretta* com aquele *sidecar*. Era melhor acelerar, sair dali imediatamente e continuar por alguma outra travessa.

Seres *humanos*. Poderiam ser a sua desgraça naquelas circunstâncias, e não salvação. Com o coração batendo forte, virou numa ruazinha perpendicular e ganhou distância. Cruzava uma casinha aqui, outra ali, e mais travessas.

A chuva estava torrencial e Victoria sentiu-se meio em pânico. Ensopada, ela não tinha noção de em qual direção estava indo. Não percebia nada que fornecesse qualquer ponto de referência.

Formava-se uma pocinha de água no fundo do *sidecar*, então ela pegou o recipiente térmico e o colocou sobre o banco, ao lado da mochila.

Mas então, parece que a sorte lhe sorriu outra vez. Instintivamente, a menina brecou, dando até um pulo no banquinho, ao notar que no próximo cruzamento a rua era maior que as demais. Talvez fosse uma principal. A *lambretta* derrapou um pouco, mas parou antes de bater em qualquer coisa ou invadir a outra rua.

Parada, Victoria olhou de um lado e outro antes de seguir. Primeiro para a direita. Depois para a esquerda. Foi aí que Victoria passou a mão no rosto com força, limpando a chuva dos olhos. Ali! À distância e em linha reta, *ali pertinho* estava o vulto escuro do rio Ohio! Victoria agora tinha certeza. Podia ouvir o som das águas, mesmo com a chuva. Ela riu, e com um suspiro de alívio, ia embicando a *lambretta* para lá. Antes que o fizesse, contudo, nesse exato instante ela ouviu outro som que chamou sua atenção: era sem dúvida um caminhão que se aproximava, passando bem perto dali, e numa velocidade considerável.

Sem pensar, Victoria virou a cabeça na direção do som. E olhou para o lado direito da travessa, bem a tempo de ver o caminhão passando em sentido paralelo ao dela. Aquilo só podia significar uma coisa: era a estrada!

Mesmo sem perceber, ela tinha conseguido encontrar uma *porcaria* de acesso, *finalmente*, à estrada! Reparando melhor, podia vê-la agora, apesar da pouca luminosidade da travessa e da chuva. Apenas *um* quarteirão de distância, não mais que 120 metros; ainda mais perto do que o rio.

— Graças a *Deus*! — ela exclamou, aliviada e feliz. Se não tivesse ouvido aquele caminhão miraculoso Victoria poderia ter seguido pelo caminho errado. Ou, se não totalmente errado, com certeza, pior. Nada como o asfalto para rodar a sua *lambretta*.

Uau, ali estava. Provavelmente era a *Dixie Highway*! Tinha que ser. Tinha cara de Dixie. Victoria sabia que para distanciar-se de Louisville precisava manter o rio Ohio à sua direita. Então tomou o sentido certo na estrada e até cantarolava uma musiquinha. A água escorria pelo rosto e pelo cabelo, mas Victoria nem se importava mais com isso. Nem com o frio. Logo estaria longe, recuperando o tempo perdido e se afastando do Laboratório que estava em-algum-lugar-qualquer-por-aí-mas-ainda-muito-perto.

A jovem notou como a rodovia ia subindo progressivamente, devagar. Ironicamente, em dado momento ela conseguiu ver a linha-de-trem/estradinha por onde viera, de relance lá embaixo. Que coisa. Estava voltando no mesmo rumo, só que agora na estrada, e não lá no meio da floresta.

Logo em seguida, Victoria deu de cara com duas placas de informação da rodovia. A primeira: "*West Point agradece sua visita e lhe deseja uma boa viagem*". (Então, o tal vilarejo deveria ser West Point). A segunda: cinco milhas e meia até Muldraugh, oito milhas para Fort Knox. Victoria quase chorou saltitou de gratidão.

Antes, porém, de continuar definitivamente, Victoria parou um instante, apoiou o pé no chão. As pernas e sapatilhas estavam sujas, cobertos de lama espirrada. Ela refletiu por alguns momentos. Tinha duas alternativas: poderia seguir em direção a Fort Knox. Por algum motivo isso lhe causava certa sensação de segurança; afinal, era uma base do Exército, onde poderia pedir ajuda.

Ou então, seguiria no sentido inverso e trataria de encontrar o caminho da pensão, que ficava mais perto de Louisville. Ela tinha andado muito pela Dixie nos dois últimos dias, e com certeza não passara por West Point. Se aquela fosse mesmo a Dixie, a opção de voltar era boa em parte: poderia pegar sua *bagagem*! Só que também parecia muito perigoso.

Por sorte, o dinheiro estava todo com ela, dentro da mochila. Mas o cardigan xadrez que usava era leve demais, seu corpo ia precisar de algo seco e quente mais tarde. Sentiu falta do casacão vermelho. Que pena. A bagagem teria que ficar temporariamente para trás. Depois, daria um jeito de se comunicar com a pousada e pedir que a enviassem a... aonde quer que ela pudesse *parar* novamente.

Então, apenas acelerou.

Victoria rodava com a *lambretta* e se manteve animada nos primeiros vinte minutos do percurso. Estava cheia da adrenalina que jorrara em seu sangue depois da proeza de conseguir alcançar a estrada! Tudo em que pensava era que iria passar por Muldraugh e depois seguiria rumo a Fort Knox.

Em suma: tudo certo. Tudo correndo dentro dos conformes. Tudo sob controle.

Victoria ficou a imaginar se já a estariam procurando. O sanatório, sim, com certeza. O doutor Ralf Muller estaria pondo fogo pelas ventas e a polícia deveria já estar em seu encalço. Era óbvio. Ela só não sabia se o doutor Muller teria informado tudo ao seu pai, ou se tentaria reaver primeiro a "paciente". Era uma pergunta sem resposta.

Mas, e quanto ao Laboratório? Teriam dado falta do material? Estariam também procurando por ela? Disso Victoria não podia ter certeza. Talvez sim, talvez não.

Se a assistente sênior de Laboratório tivesse acreditado nela, e continuado a fazer o que quer que fosse que estava fazendo... talvez hoje ninguém desse pela falta do material. Talvez a assistente sequer encontrasse com Milton John naquele dia! (Será que estaria se enganando...?).

Victoria soltou um muxoxo abafado. O fato é que quando se encontrassem, a assistente falaria ao seu pai sobre o Frasco Roxo.

Mas a pior hipótese, a *pior mesmo*, era se a assistente tivesse desconfiado de "Roberta". A garota estremeceu, e dessa vez não foi de frio. E se a estas horas os russos pudessem estar à sua caça? E se a CIA estivesse à sua caça? E se até mesmo o Exército tivesse sido acionado, dada a gravidade da situação...?!

O coração tamborilava no peito. Eram mais perguntas sem resposta, mas foi precisamente esse fato que trouxe a Victoria uma certeza: "Eu simplesmente devo me afastar de Louisville. Tenho que achar um jeito de ir embora para sempre, de *desaparecer*. Antes que seja tarde demais".

Ela acelerou vigorosamente a *lambretta* sem pensar em mais nada. De repente, apesar do nervosismo (ou talvez *por causa* dele), Victoria começou a rir às gargalhadas, compulsivamente. Só de imaginar a *cara* do doutor Muller! Seu riso beirava a histeria, e a jovem se surpreendeu com a intensidade de seus sentimentos. Como *odiava* o doutor Ralf!! Era um ódio tão puro, tão perfeito, que precisava ser cultivado.

Ela ficou rindo até sentir que aquilo esvaziava a tensão de dentro dela. Então o riso parou. Ela ficou quieta, ouvindo o som do motor da *lambretta*.

De repente, um pensamento funesto invadiu sua mente. Tinha gosto amargo, não desgrudava mais dela e resumia-se no seguinte: Victoria começou a questionar se era seguro aproximar-se de Fort Knox, afinal... A verdade é que ela já não tinha mais tanta certeza. As dúvidas lhe deram dor de cabeça imediata. E embora mantivesse a velocidade da *lambretta*, ficou matutando.

"Não seja exagerada", recriminou-se lá pelas tantas. Mas o pensamento continuou. "Será? Será que era um *risco*?".

Ela cogitava pedir ajuda aos militares para sair do estado, para procurar a Embaixada ou qualquer órgão que defendesse os Direitos Humanos. Não falaria do Laboratório; isso só pioraria sua situação. Talvez ela fizesse uma denúncia anônima, mais tarde, quando estivesse em segurança. Mas se chegasse a Fort Knox iria contar como fora internada *à força* em Waverly Hills, e denunciaria o que vira lá. Queria também pleitear uma nova identidade e seguir para o norte dos Estados Unidos.

Agora, no entanto, seu coração se enchia de dúvidas. Seguir para Fort Knox faria dela um rato caindo direto na ratoeira? Victoria chacoalhou a cabeça. Não sabia o que fazer. Ela ficou ouvindo o som do rio Ohio, tentando chegar a uma conclusão.

E foi aquele som que acabou lhe dando a ideia: talvez fosse melhor esquecer Fort Knox por enquanto. E encontrar uma maneira de cruzar o Rio Ohio para entrar no estado de Indiana. Esse era o caminho que todos pensariam ser o menos provável (ela assim imaginava).

Mas onde haveria passagem? Durante os passeios por Louisville, Victoria havia visto algumas indicações sobre onde cruzar o rio. Que eram bem longe de onde ela se encontrava no momento.

"Perto de Jeffersonville", lembrou. "Ou em Albany. Mas aí eu teria que seguir para o norte, e teria que passar pela região central de Louisville. É arriscado demais..."

Na falta de alternativa, continuou na direção em que estava. Poderia continuar até Muldraugh, na esperança de que houvesse, quem sabe, conexão com outra estrada. Assim evitaria Fort Knox. A estrada se distanciou das luzes de West Point.

Capítulo 10

À medida que Victoria seguia, a sorte lhe sorriu mais uma vez.

Perto já de Muldraugh, Victoria viu uma indicação não muito clara, e que ela quase deixou passar, para uma nova via, a Kentucky Route 1638, chamada *Old Mill Road*.

Sem pensar, ela desviou a *lambretta* para lá, pois o primeiro acesso a Fort Knox deveria estar a menos de uma milha e meia. E se tivesse uma barreira na estrada? (Ela se convenceu de que havia lido livros policiais em quantidade exagerada). Pelo menos a *Old Mill* seguia em sentido oeste e, portanto, na direção do rio Ohio. Talvez encontrasse algum transporte fluvial, *ferryboat*, balsa ou... pelos infernos, *qualquer coisa que flutuasse*!

Embora, conforme a noite caminhava, isso ia ficando cada vez mais improvável.

"Minha nossa, onde será que eu estou...?"

Talvez o plano de sair do estado do Kentucky tivesse que ser revisto de manhã. Ela teria que pedir informações, e arrumar um mapa. O melhor era se esconder e...

Uma indicação na estrada interrompeu seus pensamentos. Lickskillet. Devia ser o próximo lugar habitável, ela supôs, onde com sorte poderia encontrar um canto para passar a noite. Nunca tinha ouvido aquele nome na vida. Três milhas e meia até lá.

Pouco adiante, outra placa indicava a cidade de Brandenburg. Onze milhas. Se Lickskillet fosse uma droga, apesar do cansaço pesado e repentino, Victoria dirigiria até Brandenburg.

A chuva tinha parado. Brandenburg. O nome não lhe era estranho. Brandenburg. Brandenburg. Então Victoria se recordou: na altura de Brandenburg era possível cruzar o rio e passar ao estado de Indiana. Se bem se lembrava, Mauckport ficava do outro lado do Ohio, pois fora exatamente por ali que o ônibus escolar passara,

quatro anos antes, ao levar a turma de Victoria para visitar as cavernas Daniel Boom.

Na época os monitores fizeram questão de fazer várias paradas e enfiar na cabeça de adolescentes todos os meandros de sua aventura. O que incluía uma escaramuça local da Guerra Civil: naquele trecho o general Morgan e seus confederados haviam se apoderado de dois barcos a vapor e cruzado o rio, chegando a Mauckport, onde havia um grupo de democratas que não apoiava a guerra: os *copperheads*. Victoria nunca tinha se esquecido desse nome.

Os alunos haviam descido do ônibus para ver de perto o marcador da Sociedade Histórica do Kentucky – uma bela placa que mencionava exatamente aquele fato.

Victoria sentiu-se mais confiante, e até feliz. A estrada secundária estava tranquila e mal passavam veículos, a maioria de gente local com *pick-ups* velhas e pequenas caminhonetes. Mesmo assim, Victoria não queria ser vista, e tão logo divisava faróis à distância, encostava a *lambretta*, desligava os próprios faróis e se escondia no matagal de beira de estrada.

Se alguém indagasse por uma moça sozinha, ninguém por ali poderia dizer que vira uma. Nem que estava motorizada. (Pena não poder dizer o mesmo dos três rapazes...)

Mas nas redondezas onde ela estava, no máximo alguém poderia mencionar uma *lambretta* estacionada na estrada. Todos iriam supor que o dono decerto fora até o mato aliviar-se de uma bexiga cheia. A moça acelerou e seguiu viagem para Brandenburg. Mesmo que não houvesse balsa à noite, teria onde passar a noite, e faria a travessia do rio de manhã.

O vento açoitava o rosto de Victoria. Com o corpo e o cabelo molhados, ela sentia muito frio. Olhou de relance para o recipiente térmico ao lado dela. Já tinha se esquecido dele! Só então se perguntou: *Por que*, pelos diabos, ela o *trouxera*!?

A essa altura, era bem capaz de o gelo já estar derretendo. "Eu é que não vou abrir para ver. O que vou fazer com isso, afinal?

Será que é perigoso jogar tudo fora, mesmo depois que o material descongelar?”

Victoria tirou o cabelo molhado da testa. Será que as bactérias morreriam ao ficarem em temperatura ambiente? Ou seria justamente o *contrário*?

“Pode ser que, descongeladas, elas se tornem letais...”. Ela deu um longo suspiro. Aquilo *não* era bom. E se bastasse um sopro de vento para espalhá-las pelo ar?

Victoria se lembrou do modo como a assistente sênior de Laboratório dera mil recomendações com o manuseio do Frasco Roxo. Será que as bactérias (com presentinhos!) já estavam *mesmo* totalmente prontas para causar estrago?!

“E se eu encher o Frasco com água?”, matutava Victoria.

Será que as danadas das bactérias morreriam, ou a água seria um habitat propício e as manteria vivinhas da silva...?

“Quem sabe se eu *esquentar* a água?!”. Aquilo animou um pouco a garota. “Acho que ferver as bactérias haverá de matá-las... não? Afinal, é assim que se esterilizam as coisas”.

Mesmo assim Victoria temia que, se abrisse o Frasco Roxo e o manuseasse, isso já fosse suficiente para espalhar alguns germes pelo meio ambiente. E só Deus sabe o que poderia acontecer!

“Imagino que essas bactérias sejam bem resistentes, afinal é uma arma de guerra biológica! Se qualquer coisinha as eliminasse não teriam serventia alguma, e nem os governos estariam investindo tão pesado em pesquisas secretas”.

E que dizer dos “presentinhos”? O que a assistente teria querido dizer com isso...?

Victoria lembrou da voz regozijada do pai, falando em russo... lembrou do comentário efusivo da assistente, ao mencionar que daquela vez tinham conseguido melhores resultados...

— É. — A garota resmungou, preocupada com as constatações. E muito irritada com a própria idiotice: — Você fez uma grande *besteira* pegando isso e trazendo com você, Victoria

D’Angerville, sua maluca. Agora vai ter que resolver o problema de algum modo, ou ficará ainda mais encrencada do que já está. Burra!!

No dia seguinte arrumaria um meio de ferver o conteúdo do Frasco Roxo. Ainda achava que a fervura seria a melhor solução, e a maneira plausível de evitar uma catástrofe. Depois, ela poderia enterrar o frasco na floresta. (Aquilo trazia um mínimo de consolo. Haveria de ser uma boa estratégia).

Assim, por ora, ela se convenceu de que não tinha com que se preocupar. Pensaria no Frasco Roxo *amanhã*. E tratou de se concentrar em outra coisa. Mas não havia muito o que ver – estava muito escuro, e em volta tudo era floresta. O ruído do motor da *lambretta* era monótono, e a velocidade constante, meio hipnótica. Victoria bocejou.

O bocejo, associado a um leve piscar de olhos mais prolongado, fez com que a *lambretta* desviasse um pouco para o meio da pista, à revelia da garota. Victoria virou o *guidon* rapidamente para o lado oposto, consertando a trajetória. Estava terrivelmente exausta. Tudo que queria era poder parar em algum lugar e se abrigar. Queria um banho superquente e uma cama.

Em Brandenburg. Se Deus assim o quisesse!

Subitamente, porém, a *lambreta* de Victoria engasgou. A moça tomou um susto danado e olhou para baixo instintivamente, procurando algo de errado. Mas não havia nada *errado*, não havia fogo, ou fumaça, ou peças se soltando. A *lambretta* engasgou de novo, e de novo. Victoria acelerou mais. Parecia que o motor não queria responder!

— Mas o que está havendo, *meu Deus*! — Ela acelerou até o fundo e, para sua completa confusão, a moto morreu. Deslizou uns poucos metros sobre o asfalto...

E parou de vez.

— Essa não... essa *não*... — chiou Victoria.

Ela deu partida novamente, forçando a chave na ignição. Um ruído esganiçado e repetitivo era tudo. O motor não funcionava.

Indignada, Victoria repetiu a partida; novo ruído esganiçado. E era tudo.

— Maldição!

Ela tinha entrado na *Mills* não fazia muito tempo, nem chegara a Lickskille. E o pior é que Brandenburg estava bem longe ainda! O que significava que ela estava parada no meio do nada.

— Mas o que aconteceu? Porcaria de *lambretta*, foi comprada hoje e já quebrou?!

Como não estivesse acostumada a dirigir, foi só depois de alguns minutos tensos que Victoria teve a luz: tentou olhar o marcador de combustível. Naquela escuridão era difícil!

Então a voz de Robert pipocou na mente dela, naquele suave sotaque indistinguível: "O problema é que essa sua *lambretta* tem pouca autonomia". Ela deixou a cabeça cair sobre o peito por uns instantes.

Então xingou:

— *Shit shit SHIT*...! — Desceu da *lambretta* e quase gritou de raiva, andando de um lado para o outro. Como ela poderia ter abastecido se não havia passado por qualquer posto?

— Claro que eu *não* poderia ter abastecido, claro, claro! E por que não? Porque fiquei *perdida na floresta* gastando o que me restava do tanque! E *por que isso*?! Ora, ora, *porque Robert me largou sozinha lá*!!

Victoria tentou se acalmar. Demorou um pouco. Ela olhava de um lado e de outro da estrada, pensando no que fazer. Nem os faróis da *lambretta* funcionavam mais. Estava um completo breu. A única alternativa seria esperar que alguém passasse pela estrada e lhe desse um pouco de combustível. De mãos na cintura, ela olhava de novo. Nada. Nem ao menos um brilho de faróis. Sentou na beira da estrada. "Inferno!".

Ficou esperando. Mas nada acontecia. Então uma vozinha cochichou na mente dela, e Victoria ficou pensativa. "E se os próximos faróis que eu vir forem dos russos?"

Aquilo era um pesadelo. Sentia-se no limite das forças, mental e fisicamente. Fora um longo dia, e com emoções demais. Aliás, "emoções" não lhe tinham faltado nos últimos tempos, e agora cobravam seu preço. Estava esgotada. Desde que saíra do sanatório só tinha perambulado sem parar. Nem de longe a duas noites de descanso na pousada tinham sido o suficiente para reparar seu corpo e sua alma.

Mas não podia ficar ali. De jeito nenhum. Então Victoria tratou de empurrar a *lambretta* para fora da estrada. Ela tirou forças nem sabe de onde para fazer o veículo andar alguns metros, aos solavancos sobre terra úmida e pedras e galhos secos, e entre arbustos, puxando e empurrando, criando um caminho que antes era inexistente.

Depois de um bom esforço, finalmente a estava fora da vista de quem passasse pela estrada. Atrás de uma moita grande, Victoria ainda arrastou galhos secos que estavam caídos por ali depois da chuva forte, e cobriu o veículo como podia. Não dava para ficar melhor.

Transpirando debaixo da roupa molhada, ela se sentia mal. Precisava *parar* um pouco. Brandenburg estava muito longe, e dessa vez Victoria duvidava que estivesse em condições de caminhar por milhas. Lickskillet, mais perto, podia ser uma faca de dois gumes: sem nenhuma pousada, e com pessoas assustadoras e perigosas pelas ruas.

Além do que, iria abandonar seu veículo? Quando retornasse na manhã seguinte, podia muito bem não encontrar mais a *lambretta*, e teria que depender de trens e ônibus para fugir.

Não. Era melhor ficar por perto, ainda que "por perto" fosse um modo de dizer. Victoria não podia simplesmente adormecer ao lado da moto porque, se seu transporte fosse visto quando amanhecesse, era melhor que *ela* estivesse mais bem escondida. Por isso Victoria marcou bem o local onde estava a *lambretta*, e optou por se colocar um pouco mais distante.

Era melhor passar a noite na floresta e esperar que amanhecesse. Aliás, essa era a única alternativa. Victoria não pretendia se arriscar andando pela estrada, sozinha, altas horas da noite. Já que estava a pé por tempo indefinido, melhor ficar invisível. Não temia apenas a polícia, ou os soviéticos, ou o exército. A verdade é que não conhecia aquela região. Podia ser estuprada tanto por algum *playboy* passeando com o carro que ganhara do papai, quanto por um vagabundo ou andarilho qualquer.

Pela manhã seria mais viável encontrar diversos veículos e pessoas que poderiam ajudá-la. Ela olhou para cima. Mesmo sem chuva, uma névoa úmida permeava tudo, encobrindo parte do asfalto e das árvores adiante. Um pedacinho de Lua aparecia volta e meia no céu, mas as nuvens densas logo a encobriam. E então tudo eram sombras.

Victoria pegou o recipiente térmico com cuidado e o pôs debaixo do braço. Havia uma maçã esquecida no fundo do *sidecar*. Apesar de a fruta ter ficado por algum tempo mergulhada na água da chuva, Victoria a jogou dentro da mochila e a levou também. Com os pés chafurdando na lama, se enfiou pelo meio do matagal. Caminhou o máximo possível em linha reta, a despeito do terreno inclinado. Assim seria mais fácil achar a *lambretta* de manhã.

Não tinha nada com que marcar o caminho, nada para se orientar na escuridão. Além do mais, nem sempre conseguia andar direto para *frente* – ou o terreno estava encharcado e deslizando, ou não tinha onde apoiar direito os pés, nem onde se segurar direito. Victoria sabia que não era possível dormir ali, na colina, então continuou devagar, pisando com cuidado, tateando as árvores em derredor.

O terreno continuava subindo, sabe-se lá para onde. Mas não havia motivo para pânico; era apenas desconfortável. Ninguém estaria ali depois da chuva, nem mesmo os bichos. Era só ir adiante e logo haveria de achar um local qualquer onde se encostar...

Depois de escorregar duas vezes, e arranhar os joelhos na terra cheia de gravetos e pedregulhos, a jovem achou que já estava longe o suficiente da estrada. Tinha que tomar todo cuidado com o

recipiente que continha o Frasco Roxo; e se caísse de sua mão e rolasse ladeira abaixo? Ela não queria nem imaginar. De repente, Victoria tropeçou nas grossas raízes expostas de uma árvore enorme, e só não caiu porque conseguiu se apoiar no tronco, meio instintivamente. Depois de tanto esforço, o frio tinha passado. Estava exausta. Mas então, finalmente, Victoria percebeu que o terreno tinha se tornado mais plano.

"Ufa!"

A chuva praticamente cessara, e, olhando um pouco melhor, Victoria parecia enxergar algo à frente: as árvores estavam um pouco mais espaçadas ali, dando espaço ao que parecia ser uma pequena cabana. Ela estacou imediatamente. E se tivesse gente ali? Pronta para dar meia volta, no mais profundo silêncio, de repente ouviu o pio de uma coruja. Como que por milagre as nuvens se afastaram e houve um breve momento com alguma luminosidade. A coruja saía da cabana, certamente para caçar depois da chuva.

Era provável, então, que estivesse abandonada. Victoria resolveu se aproximar para dar uma espiada. Parecia estar caindo aos pedaços. Agachada ao lado de uma das paredes, ela esticou a cabeça e espiou, sorrateira, por uma janela (só havia duas). Era praticamente um barraco, e estava decididamente vazio. A jovem hesitou um pouco. Deveria entrar?

Fosse como fosse, o dono não aparecia por ali há muito tempo. A porta estava amarrada com uma corda que passava pelo buraco do que deveria ser a fechadura, e se enrolava num pedaço de tronco do lado de fora. Ela não se deu o trabalho de tentar desatar a corda, e entrou pela janela.

Era só um cômodo pequeno e havia muito pouco dentro dele. Uma mesa de três pernas com uma cadeira como quarto apoio; duas outras cadeiras encostadas à parede; e uma cama de madeira, estreita, sem colchão. A falta do colchão deu à jovem mais certeza de que o lugar estava abandonado e não servia para mais nada.

Talvez tivesse servido como uma cabana de caça, mas era difícil dizer. Por sorte, não ventava tanto ali dentro, como Victoria

logo constatou. O chão de terra batida estava seco em alguns pontos, para sua felicidade. Victoria não se atreveria a deitar naquela cama.

Escolheu o melhor lugar no chão: oposto à porta. Facilmente ela arrastou a mesa para perto de uma das janelas e, erguendo-a no sentido do comprimento, encostou o tampo contra as venezianas. Duas cadeiras foram postas contra a mesa de forma a deixá-la bem segura na posição vertical – não queria que fosse derrubada caso o vento aumentasse. Quanto à última cadeira, foi parar atrás da porta. Se alguém a abrisse, ela ouviria.

Olhando em torno, ela agora mal conseguia distinguir qualquer coisa. Ficou parada um pouco deixando a vista se acostumar à escuridão.

Colocou o Frasco Roxo num canto longe dela, encostado na parede. Então, tirou o cardigan ensopado, torceu-o e chacoalhou-o o melhor que pôde. Ficaria imprestável, mas não tinha opção. Fez o mesmo com a blusa e a saia, em seguida vestiu tudo de novo. A linda meia trabalhada estava destruída, mas ainda servia para esquentar um pouco as pernas.

Quanto à mochila, não torceu nem chacoalhou. Retirou de dentro os livros e a revista, que estavam molhados e foram apoiados no assento das cadeiras. A mochila Victoria pendurou com todo esmero nas costas de uma cadeira, ajeitando o tecido para que não fizesse dobras indesejáveis – ali haveria de secar sem estragar. Depois de tudo isso, a cabana não parecia tão fria, nem tão desconfortável.

Victoria se acomodou no canto escolhido: a parede onde não tinha janela, com as costas quase tocando a parede. Encostou a cabeça sobre o braço dobrado. Inspirava fundo, e expirava. Inspirava e expirava. Uma névoa de estafa preenchia sua mente.

"Como estou cansada...";

Mas, por outro lado... tudo estava bem agora. Tudo certo. Tudo sob controle. Era preciso acreditar nisso fervorosamente.

Afinal, ninguém no *Universo* sabia que Victoria estava ali.

Em poucos minutos a cabeça dela, devagarinho, ia ficando mais pesada. Meio que por instinto, Victoria cruzou os braços na frente do corpo, encolheu as pernas. Estava um pouco frio, mas ela não tinha mais vontade de se mexer. Exausta...

"Ainda bem que ouvi o pio da coruja...", foi seu antepenúltimo pensamento.

O último foi mais um *feeling* que um pensamento – uma sensação indistinta, mas forte, de já ter-se abrigado numa cabana abandonada. Era como um *dejá-vù*. Na beirada da consciência, aquilo não fez sentido; Victoria não ligou. Coisa de mentes exaustas...

Em pouco tempo, encolhida daquele jeito, sentiu que seu corpo estava relativamente confortável.

Caiu no sono quase instantaneamente.

É claro que Victoria não sentia frio.

Estava um dia tão lindo!

Ciclo 5

ESTAÇÃO 12

O mundo estava embebido numa maravilhosa luz cor-de-ouro, rósea, e... outros tons brilhantes. Um campo de girassóis vasto como o mar, infinito, banhado em luz, se estendia diante dela. O perfume das flores, tão grandes que até ultrapassavam a altura de sua própria cabeça, impregnava tudo. Ela adorava aromas! De todo tipo. E ali havia como que nuvens e nuvens daquele cheiro! Que a preenchia, exatamente como a felicidade.

Estava tão feliz! Havia tanta liberdade!

Saiu correndo por uma das alamedas entre as flores. Agitadas na brisa, elas balançavam de um lado para o outro, perfeitas e indolentes, alheias à menina que passava correndo, sorvendo o aroma inconfundível dos girassóis, e da terra fresca, orvalhada, profunda. Enquanto corria, percebeu o vigor indescritível de seu corpo.

Victoria percebeu que aquela potência física não era comum; era como se pudesse correr para sempre sem jamais se cansar. Num acesso de alegria irreprimível ela correu mais rápido. Esticou os dois braços, e as pontas dos dedos tocavam de leve nas flores. Deu gritos agudos, por pura vontade de gritar. Os cabelos, completamente soltos, eram jogados para trás.

Foi nesse momento, quando Victoria virou a cabeça para um lado, que algumas mechas muito compridas de seus cabelos pularam ao redor dela. A luz incidiu direto neles. Foi então que Victoria notou que não eram os seus cabelos de verdade. Os seus cabelos naturais eram louros, mas agora eles mostravam-se num tom vermelho intenso! Além disso, eram ainda mais compridos e mais volumosos do que ela estava acostumada a ter. E mais cacheados.

Ficou tão surpresa que parou a corrida bruscamente, e os cabelos voaram para frente. Fascinada, Victoria observou como deslizavam sobre seus ombros e braços. Ela os tocou, passando a mão por entre os fios. Eram de uma extrema maciez, brilhantes, perfeitos! Os cachos pareciam se dissolver nas mãos dela, mas quando os soltava voltavam à sua forma levemente encaracolada outra vez. Quando terminou de admirá-los, juntou num maço displicente as mechas que estavam à frente de seu corpo, e as jogou para as costas.

Foi então que Victoria soube que estava realmente sonhando. Os cabelos se enroscaram em algo, e ela se virou, olhando sobre o ombro a fim de ver o que ocorria. Eles estavam enganchados no cabo de uma espada! Uma espada que ela trazia presa às costas.

Aquilo a intrigou. Mas só por alguns instantes.

Ela puxou o cabo, que estava perfeitamente posicionado na distância e altura certas para sua mão. Victoria escutou o som do metal, espantada pelo modo como seus dedos se encaixavam perfeitamente no punho da espada. Quando a sacou das costas, o movimento foi fácil, natural.

Cheia de surpresa ela percebeu que, apesar de robusta e claramente letal, a arma era muito leve. Estendeu o braço à frente. A empunhadura era magnífica: sua mão ficava acolhida dentro de um nicho, de onde saíam diversas pontas reluzentes. O conjunto parecia uma estrela em três dimensões, que cobria a mão dela. Quando movimentou lentamente a espada, a empunhadura brilhou em diversos tons entre azul e violeta! Já a lâmina pareceu criar vida própria com o movimento, brilhando, poderosa, deixando ver o trabalho minucioso de desenhos e inscrições em sua superfície – era como ouro líquido sobre diamante!

Foi então que Victoria se lembrou da menina ruiva! Tinha sonhado algumas vezes com ela. A menina guerreira que treinava na *Arena* – a melhor Escola de Combate de Elite da Cidade Dourada.

Mas... era difícil *separar* a menina do sonho... da menina que ela mesma, Victoria, era. Parecia que ela estava sentindo o que

aquela menina sentia; e aquela espada era dela.

De repente, algo fez Victoria olhar de lado, desviando a vista da espada. Viu que não estava sozinha. Havia um jovem ao seu lado, que lhe enviou um sorriso aberto. Victoria sentiu que sorria de volta espontaneamente, olhando para cima, pois ele era uma cabeça e meia mais alto que ela. Seus olhos tinham uma cor diferente, como âmbar. Como os olhos de um tigre. Era difícil desviar deles.

Por algum motivo ele sacou a própria espada das costas. O gesto foi firme e preciso, como de quem está acostumado a fazer aquilo por toda uma vida. Mas não havia nenhuma animosidade. Talvez pretendesse mostrar a arma para ela, pelo menos foi o que Victoria achou.

Mesmo assim, ela não conseguiu se concentrar na espada, e continuou olhando para ele. Além dos olhos incríveis, os cabelos do jovem lhe chamavam atenção – iam até abaixo dos ombros, em diversos tons de castanho. Não estavam exatamente bem-penteados, mas ela gostou. Ele o usava com duas tranças laterais, estreitas, puxadas e presas na parte de trás da cabeça; o restante permanecia solto, volumoso, e repicado em diversas direções.

Na verdade, ele era de uma beleza singular...

Antes que pudesse realmente concentrar atenção na espada, ou dizer alguma coisa, Victoria se sentiu confusa subitamente. Por mais esforço que fizesse, não se lembrava do nome dele. Ela *sabia* que o conhecia, tudo era familiar, mas...

Na aflição de tentar recordar, o campo desvaneceu e o homem já não estava lá.

Um quadro. Victoria estava olhando para um quadro de Van Gogh. Girassóis meio desmilinguidos dentro de um jarro.

Ela acordou – ou achou que acordou – sentindo um terror passar por ela, congelando seu corpo. O lindo campo não existia, então? Ela estava sonhando com uma *pintura*? Olhou em torno, perdida, a angústia apertando. Era noite. Onde ela estava? Será que

o campo de girassóis nunca existira, tinha sido só um sonho, e ela jamais estivera correndo por ele, não passava de um *delír*...

Melhor nem usar essa palavra. Victoria não sabia direito se havia despertado, ou se ainda sonhava. Talvez ela houvesse despertado por alguns segundos, e apenas *pensado* no quadro de Van Gogh... "Os girassóis". Ela conhecia o quadro, tinha visto... onde mesmo? ah! Num calendário decorado.

Tanto amarelo, tanta esperança... Mas o quadro era meio maníaco, escondendo a dor da alma de quem estava próximo ao fim trágico da vida...

Victoria abriu os olhos, ou pensou que os abriu; não sabia onde se encontrava. Olhou de um lado e de outro; e não enxergou nada. Tudo estava escuro. Onde estavam as viçosas flores, o seu profundo aroma perfumado? Não era possível que essas sensações tão fortes fossem produzidas pela lembrança fugaz de um *quadro*!

O coração batia forte. Victoria não sabia o que as flores significavam, nem o campo. E aquele jovem? Seu sorriso era doce, simples. Autêntico. Ela o *conhecia*! Tinha certeza! Mas, sua memória estava falhando. Havia nuvens espessas que toldavam suas lembranças, um buraco negro sugando suas recordações. Quando um pedacinho delas escapulia, logo era levada de volta ao inconsciente.

E *ela*? E... e a espada *dela*, que brilhava no sol nascente...? Era tudo uma confusão. Victoria foi puxada de volta para o sono profundo. Pois, ao invés da força física, o cansaço se abatia sobre ela. Tornou a sonhar, como acontece, às vezes.

Era outro lugar.

Victoria estava no quintal dos fundos da sua casa, de frente para a angra do Lago de Prata – ela conhecia aquele lugar porque já tinha sonhado com ele antes. Era ali que a menina ruiva morava.

Olhando em torno, Victoria se indagou: "*Onde* estará ela?"

Perto do pomar havia uma árvore gigantesca, de copa belíssima e selvagem, sobressaindo-se perante as demais. Era um carvalho. Tão poderoso, tão forte e, talvez, tão antigo quanto a Cidade Dourada. Parte das raízes saíam da terra por todo o entorno, grossas como toras e cobertas de musgo. Bem lá em cima, as costas apoiadas num dos galhos ascendentes e as pernas balançando ao sabor da brisa, uma de cada lado do galho... ali estava a garota, afinal. Era sua árvore preferida no mundo inteiro!

Diante dela havia uma sacola enorme, de tecido resistente, pendurada na ponta de outro galho. E dentro da sacola estava uma diversidade de armas, na maioria punhais, adagas e outra de pequeno porte que Victoria não reconhecia. Incluindo um... leque? Ah, sim! *Aquele* leque vermelho. (Aperfeiçoado).

A menina não estava só. Lyra, a tigresa albina, estava desabada num entroncamento amplo pouco acima, onde ela gostava de ficar, sonolenta e relaxada. Parecia um recôndito já preparado pela natureza especialmente para felinos de grande porte. Por ser toda branca, Lyra se destacava entre a folhagem, mas olhando melhor, Victoria viu outros tigres descansando nos galhos da árvore, tanto acima, quanto abaixo de onde estava a garota.

Um sem-número de outros animais, pequenos e grandes, brincavam por ali, correndo para todos os lados, e as aves faziam festa nas árvores frutíferas, no carvalho, e mesmo perto da garota, pousando em seu ombro ou sua cabeça. Os cabelos vermelhos estavam soltos, caindo pelos ombros e costas, às vezes sobre o rosto, furiosamente despenteados. As roupas não eram das mais limpas também, de tecido claro e bom, mas com manchas de terra e alguma coisa vermelha num formato de dedos.

Ela conversava distraidamente, ora com os animais, ora consigo mesma. Cantava. Ria de alguma coisa que só ela sabia o que era. E pegou da sacola a única espada.

Victoria ficou olhando, curiosa. Avaliando. Aquela não era a espada que Victoria tinha visto... era? Porque agora ela não brilhava, nem refulgia; não mudava de cor. Parecia apenas uma espada de metal polido. Sem a empunhadura em forma de estrela...

Será que a espada precisava de algo para ficar... "ativada"? Algum tipo especial de energia, ou coisa semelhante?

Continuando a observar, ficou claro para Victoria que a garota queria deixar a espada muito bem afiada e, com o rosto contraído de frustração, às vezes, fazia um barulhão com instrumentos de amolar. Victoria achou que não parecia estar funcionando adequadamente...

De repente, uma voz masculina veio de baixo, chamando seu nome o nome da garota ruiva. Uma voz agradável. Mas firme. Forte.

— Mithry!

(Mithry?)

(Onde Victoria tinha ouvido *mesmo* aquele nome?)

(Num outro sonho.....?)

Victoria não lembrou qual era o sonho. Mas o ar se impregnou com um aroma suave, tão intenso quanto delicado, agradável.

Era como... verbena misturado com amêndoas, sândalo e cravo, romã e *patchouli*, em intensidades diferentes. "*Era como*", pois, na verdade, ela não tinha como descrever o perfume. Ela o aspirou, intrigada, estranhando que seus sentidos pudessem captar essências tão diferentes.

(Essências que ela nem conhecia)

Mas tão bom! Victoria aspirou de novo. O aroma fazia com que ela quisesse ficar perto. Era maduro, franco e jovial, poderoso e capaz de conquistar. Exalava amor. Era um cheiro de amor.

(Seria só o aroma que exalava amor?)

Victoria olhou para baixo, por entre os galhos. O dono da voz, tranquila e sonora, estava lá embaixo. Ah...! Era *ele* que levava consigo aquela aura perceptível de amor. Victoria teve vontade de descer e ir para perto do homem lá embaixo, mas esperou. Será que a menina ruiva não notava *aquilo*?

(Ou estaria tão acostumada que não percebia direito...)

Parecia algo que se desprendia da presença do rei.

O rei. Victoria se lembrava do rei! Ela achava que já o vira em seus sonhos.

— O que você está fazendo aí em cima, filha? — tornou o rei, com a cabeça inclinada para cima, buscando-a no meio das folhas.

— Mas você não está vendo? — respondeu Mithry, sem modos. — Estou afiando a minha espada, é o que estou fazendo.

— Desça aqui um pouco! — ele chamou.

Lyra apenas olhou para baixo, preguiçosa, e voltou a fechar os olhos azuis. Quanto a Mithry, foi passando uma das pernas por cima do galho, a fim de descer. Usava uma roupa de tecido claro, calça e uma camisa solta, mas que estavam para lá de puídos, com uns rasgos aqui e acolá, além de sujos de terra. Então escutou:

— E traga a sua espada e os instrumentos de amolar!

Os instrumentos caíram todos na grama, perto do rei, depois de quicar pelos galhos até lá. A espada, pelo menos, ela trouxe consigo. Quando Mithry desceu, Victoria sentiu como se descesse junto. O rei tomou a filha pela mão.

— Venha aqui, pois quero lhe mostrar uma coisa.

— Mas, tem que ser agora? — Mithry fez corpo duro, torceu o pulso tentando soltar-se. – Estou ocupada *afian*...

— Sim, é sobre isso mesmo que eu quero falar. Afiar espadas. Quero te ensinar uma coisa.

— Mas ensinar *o quê*?

O rei apenas olhou para ela e colocou o dedo indicador sobre os próprios lábios: “Fique quietinha”. E sorriu. Depois, ele próprio catou os instrumentos de amolar e os levou para perto das águas do Lago de Prata, que banhavam os fundos da casa da filha. Colocou-os na água, depois pegou a espada também a molhou.

Ele olhou a lâmina de perto, e mostrou a ela:

— Olhe como está: do jeito que você está amolando sua espada, vai ficar tudo torto! Sua espada vai parecer um serrote quando terminar.

— Ora, não está tão ruim.

— Bem, vamos afiar! — ele falou com entusiasmo. — Mas, antes, precisamos melhorar o seu cabelo, para combinar com essa espada-serrote.

O rei descabelou a já descabelada filha, arrancando dela o som de risos e nenhum gesto para arrumar-se. Novamente Victoria viu que seus cabelos eram ruivos, não louros.

— A água faz com que os instrumentos deslizem muito mais facilmente na sua lâmina. E você terá um fio bem melhor.

Victoria ficou olhando, encantada, a cena entre pai e filha. Depois de mostrar o jeito certo, o rei pegou as mãos de Mithry e mostrou exatamente como ela deveria fazer o movimento perfeito. Ele começou a cantarolar uma musiquinha, ali, na beira da água. A menina estava adorando a atenção que recebia.

Logo seus olhos brilharam. Ela verificou a lâmina.

— Uau! Funciona bem melhor assim. Eu não sabia disso!

— Tá vendo? É assim que faz.

— Aaah! – Era o som do entendimento. Depois, olhando de soslaio para ele: – Alguém te contou alguma coisa sobre isso?

— Digamos que sim. Um passarinho me contou.

— Sei. Um passarinho chamado *capitão*, aposto!

Victoria se lembrou: era aquele professor da Arena. E o rei deu risada, franco e alegre. Era jovem... aparentava uns trinta e oito anos, quarenta... se tanto. Mas a risada fez Victoria sentir uma *coisa* por dentro. Uma mistura de ternura. Saudade.

— Vamos, experimente mais uma vez — ele disse.

Enquanto Mithry obedecia, o rei apoiou uma mão sobre o ombro dela e começou a cantar de novo sua musiquinha de afiar espadas: dessa vez um misto de cantiga de ninar com marchinha, especialmente para ela. Ou, como diria o capitão, uma musiquinha para "garotas-mimadas-e-teimosas-que-acham-que-sabem-tudo".

Victoria sabia disso. *Como* ela sabia, não importava agora. Só queria ouvir o rei cantar.

— "*Afiando essa lâmina, bem afiadinha,*

Afia, afia, afia,

Afia sem parar!

Afiando a espada

Para minha Mithry,

Afia, afia, afia,

Para a ajudar!"

— Você *inventou* essa música agora, rei! — gritou a menina. Então, sem se conter, Mithry se desvencilhou agilmente dele, ergueu-se e, dando um hábil chute-voador (meio forte) nas costas dele, o empurrou direto para dentro da água. (Que absoluta e completa quebra de protocolos!)

Diante do rei com as roupas ensopadas, ela desatou a rir descontrolada, alto, sem um pingo de remorso. A cabeça até foi para trás e ela apoiou as mãos na barriga, se contorcendo. Tinha sido mais fácil e engraçado do que ela tinha imaginado.

— Essa música não existe, rei! — ela falou de novo, ainda dando risadinhas. Olhou para ele, que estava sentado na beira do Lago, com as águas rasas e cristalinas batendo em seu abdome.

— Agora existe! É a Música-de-afiar-espada-exclusiva-da-Mithry — O rei passou uma das mãos pelo rosto, enquanto espirrava água na garota com a outra. Mithry deu gritinhos de alegria.

O rei admirava a areia branca e fina do fundo do Lago, deixando-a passar por entre os dedos, deixando a água escorrer. Quando ele fez isso, Victoria ficou imediatamente atraída pela água: parecia ouro líquido. Olhando adiante, o Lago de Prata estava inteiro brilhando! Fulgurava em tons de fogo – ouro, escarlate e laranja. Mas quando a água se movimentava, deixava entrever o profundo e vívido azul-turquesa de antes... o Lago inteiro era como uma joia se movendo em meio às chamas!

Victoria nunca presenciara nada igual. Ela sentiu os olhos marejando sem saber o porquê. Aquela água era tão *linda*, tão *maravilhosa*, que ela nem mesmo conseguia achar um nome exato

para as cores. Mas despertava um sentimento tão profundo que... ela soluçou.

Aquela textura – (*oh*, como se água tivesse textura...!) –, aquela textura parecia quase palpável, lisa e suave como um manto de tecido precioso, finíssimo, no qual você quisesse passar a mão, e mergulhar nele. Era diferente da água que Victoria conhecia, e ela quase podia sentir o abraço daquele manto líquido.

E de onde vinha aquela luz? Em parte do céu, ela notou. As cores de crepúsculo refletiam sobre as águas como num espelho, o céu dourado era um citrino fulgurante, pincelado por labaredas. Até o ponto que não se reconhecia entre água e céu. Mas não era só isso... a Luz parecia vir...

Victoria estava matutando sobre isso, mas então o rei lançou um olharzinho para a filha. *Aquele* olharzinho.

— Por que você não deixou que nenhum de seus professores a ensinasse sobre a afiação corretamente? — ele perguntou.

Mithry deu de ombros, sem hesitar.

— Da minha espada cuido eu. *Eu* a ganhei, é minha. Ninguém mexe! — ela falou, empinando o queixo, e dando dois ou três passinhos para dentro do Lago, para se aproximar do rei. Com água pouco abaixo dos joelhos, a garota ficou ao lado dele, e pôs as mãos à cintura. – Não haveria de ser tão difícil assim! Afiar uma simples *lâmina*. Mas, o senhor me ajudou muito... e ainda ganhei uma música.

— Da próxima vez, permita que seus professores ensinem aquilo que eles sabem, e você, ainda não — o rei comentou, em tom brando, de pernas cruzadas sob a água. – Para isso entrou na Arena, não é mesmo? Para aprender com quem sabe mais.

Mithry ficou quieta diante de uma lógica tão simples, e se arrependeu de sua arrogância. Ela só teve tempo de pensar que...

Não. Ela não teve tempo de pensar em nada. Num movimento ainda mais rápido que o dela, totalmente impossível de prever, o rei agarrou o tornozelo da menina e a puxou para a água. Mithry caiu meio de lado, meio de bunda, espirrando água para todo

lado. A cabeça afundou por último, e ela nem tinha visto o que ocorrera.

Ao emergir, pulou direto sobre a cabeça do rei, afundando-o com o peso do corpo. E gritando e rindo alto.

— Eu não queria dizer nada, sabe? — Mithry falou para o rei quando ele pôs a cabeça fora da água. — Mas você devia ver o *seu* cabelo agora! — e ria.

O rei riu também. O temperamento irreverente e extrovertido, sempre pronto para fazer graça, piada ou troça, entrava em ebulição. Nenhuma das princesas seria capaz de tanta ousadia: chutar e molhar o rei, afogá-lo. Nenhuma delas iria gritar ou rir daquele jeito.

O rei gostava da ousadia moderada pelo amor. Sabia que a filha agia assim porque gostava dele, e não por desrespeito. Suas brincadeiras eram sempre meio brutas, talvez porque sempre estava rodeada pelos seus muitos felinos, com os quais estava acostumada a rolar e lutar. E sempre no meio dos guerreiros – ainda mais agora, tendo sido admitida na Arena.

O rei e a jovem ficaram ali, brincando no Lago. Mithry estendeu a mão e, num gesto costumeiro, deixou sua natureza latente fluir: a água começou a girar em torno dela. Adorava aqueles redemoinhos! Girando e girando, a menina dava gritinhos à medida que ia cada vez mais rápido. Depois a princesa fez redemoinhos em torno do rei, para ver quem girava melhor.

Lyra viu a festinha lá de cima da árvore e foi a primeira que resolveu descer aos saltos, e entrou junto no Lago. Mithry logo pulava nas costas dela, mergulhando, a luz do entardecer batendo na água e cintilando em cores, radiante...

"A água que brilhava, parecendo fogo, um manto espesso de ouro líquido..." – Victoria ficou repetindo aquilo dentro da cabeça.

Victoria acordava devagarinho. A sensação morna daquela água que brilhava ainda estava na mente, e o eco de risos. Uma fagulha alegre de inocência. Dela mesma, parecia. Ou era da Mithry? Ela não sabia.

Buscou os sentimentos dentro dela, com cuidado, como quem segura uma flor muito delicada. Havia uma sensação de paz, e um mergulho dentro... do amor de alguém. Mas também havia aquela saudade.

Saudade. De quem? De onde?!

Capítulo 11

Algum lugar do Kentucky, Estados Unidos;
Dezembro, 1959 d.C.

Victoria viu-se finalmente desperta. Olhou em derredor e reconheceu a cabana caindo aos pedaços onde passara a noite.

Suas roupas estavam ainda levemente úmidas, mas não incomodavam muito. A luz do sol entrava pela janela do lado oposto, batendo direto em seu rosto. Parece que aquele caprichoso raio de sol conseguira se esgueirar por entre a folhagem e os galhos das árvores com a única intenção de despertá-la!

Mesmo assim, a sensação do sonho ainda persistia, especialmente diante daquela luz suave... Como Victoria queria *reter* aquela impressão! Era uma pena que aos poucos, se desvanecia.

Permaneceu deitada, só observando a luz que passava através da janela e aos poucos se derramava até o canto onde ela estava. Era a primeira luz da manhãzinha. Um novo dia estava nascendo. Victoria apenas ficou ali, por algum tempo, pensativa. Depois ergueu o corpo, um tanto dolorido, mas surpreendentemente descansado.

Caminhou até a janela e olhou por entre a folhagem das árvores. O alvorecer tinha tom rosa-alaranjado, e ela escutou o canto de infindáveis passarinhos. Pegou sua "bagagem" e pulou a janela, do mesmo jeito que fizera na noite anterior. Só descartou a maçã – tinha ficado com medo de comê-la. Estava bem frio fora da cabana, e a pele de Victoria se arrepiou toda. Olhando em derredor, agora era possível notar que estava no alto de uma colina. Viu a copa dos pinheiros e outras árvores mais abaixo, por onde viera na noite anterior. Victoria tinha, literalmente, passado por dentro do matagal.

Mas havia um caminho melhor para voltar. A poucos passos da cabana, na direção leste, uma picada de terra se enfiava entre as árvores: quem quer que usasse a cabana havia providenciado um acesso a ela. Na véspera, tinha sido impossível ver aquilo. Animada, Victoria foi na direção da passagem para inspecioná-la. Era estreita, mas relativamente limpa de obstáculos. Talvez ainda fosse usada por gente da região.

Enquanto olhava, a luz do sol começou a passar suavemente pelas árvores, iluminando a trilha. O caminho de terra lhe pareceu convidativo. Era como se uma voz interior lhe dissesse, bem lá no íntimo: "Siga a luz".

Victoria sabia que, se caminhasse para o leste, estaria indo em direção contrária a Brandenburg. Mas a voz continuava; tênue, porém vibrante. Como um sininho, tilintando: "Caminhe na direção da luz".

Ela apoiou a mochila nas costas, manteve nas mãos a caixa térmica, e obedeceu, dizendo a si mesma: "Vou só admirar um pouco o nascer do sol".

Era possível que a estradinha também desse acesso à rodovia em algum momento; afinal, era o caminho para a civilização. Haveria de ser mais rápido do que esgueirar-se pela floresta. E mais quente também, a julgar pelo sol! Uma vez que alcançasse a rodovia, bastaria seguir novamente rumo a oeste para buscar a *lambretta*. Só ia ter que arrumar combustível *de algum modo*. Talvez tivesse a sorte de conseguir uma carona para o posto mais próximo.

Ela deixou o pensamento de lado. Iria se preocupar com isso depois, quando chegasse à rodovia. No momento só queria aproveitar a trilhazinha, cada vez mais ensolarada, ora subindo um pouquinho, ora descendo. Poder andar sem ser debaixo de chuva se mostrou muito reconfortante, mesmo que o solo estivesse um tanto enlameado. Mas o cheiro da terra molhada e orvalho era muito bom! Victoria sorvia grandes quantidades de ar, e observava as nuvens vaporosas que saíam de seus pulmões. Sentia um pouco de frio ainda.

Dez minutos depois, a caminhada fez o corpo dela ficar mais aquecido e as mãos menos enrijecidas. Por fim, Victoria vislumbrou o sol. Parou um momento e ficou olhando pela brecha entre as árvores. Posicionou-se de modo a que os raios batessem em seu rosto e, com os olhos semicerrados, inspirou fundo. Sempre sentia bem-estar quando deixava o sol bater nela daquele jeito, bem em cheio.

Fazia com que se sentisse esperançosa. Sentia-se em paz; tranquila; como se tudo estivesse bem. Como se tivesse... chegado. Chegado ao destino, e ela só tinha que ficar parada; aproveitando a luz. Porque a corrida terminara... O esforço, a privação... tudo tinha ficado para trás. Victoria sorriu. Fazia sentido? Não. Qual era o destino? Victoria não sabia.

A sensação durava alguns instantes, então a luz mudava, e tudo mudava junto. A realidade já era outra, e a vida a chamava de volta.

Victoria achou uma pedra um pouco mais alta, que parecia estar ali apenas para que alguém pudesse se sentar e contemplar a vista. A mochila ficou pousada num galho de árvore e a caixa com as bactérias estava no chão ao lado dela.

Olhando adiante, a garota percebeu que a estradinha estivera rodeando ao longo da colina, e por aquela brecha na floresta podia-se contemplar todo o verde estendido abaixo e além. Uma floresta fechada. Era muito bonito! Os raios de sol faziam brilhar as folhas recém-lavadas. Victoria ficou aproveitando a vista e observando os pássaros que sobrevoavam as árvores, no seu alvoroço matinal. Pouco acima dela havia uma teia de aranha enorme, enroscada nos galhos da árvore, onde também brilhavam gotas de orvalho incandescentes.

Depois de um tempo, Victoria se ergueu da pedra e retomou a trilha. O caminho fez logo uma curva brusca para a direita e aparentemente ia descer a colina, por fim. Talvez não demorasse

para alcançar a Mills. E como a manhã ia se adiantando, era mais provável achar a alma caridosa que lhe fornecesse a carona. Ou um pouco de combustível num recipiente.

Então, ela iria para Brandenburg, para Indiana; e sumiria do mapa. Animada com a perspectiva, foi descendo a encosta. Lá pelas tantas, a boca estava meio seca. Há quanto tempo não bebia água?

"Não gosto de admitir isso, mas talvez eu devesse ter aceitado a sugestão do meu pai e fazer o curso de escoteira. Acho que *hoje* haveria de me ter alguma serventia".

Ela pensou se poderia ter recolhido orvalho das plantas, como se vê em filmes. Ou se teria conseguido produzir uma pequena fogueira na noite anterior. A lembrança do pai fazia seu estômago embrulhar. Era mais provável que pusesse fogo na cabana. Quanto à água, daria um jeito. Acharia um córrego. E não estava longe da Mills.

Victoria se recordou de como *detestava* a simples ideia de entrar no mato com um grupo de pequenos escoteiros falantes, e instrutores cheios de ideias. Não. Jamais. A natureza não combinava com lampiões, cordas, gravetos ou comida em lata. Tantas vezes ela estivera sozinha nos arredores mais "selváticos" de sua casa, em Pérola do Sul, que nem tivera medo na noite anterior. Simplesmente dormira, e ponto final. Quantos escoteiros poderiam dizer o mesmo?

Ela continuou caminhando, agora com os olhos voltados para o bico dos sapatos, refletindo sobre quanto tempo *mais* aguentaria andar com eles por ali. Sem dúvida não tinham sido feitos para longas trilhas no meio da floresta. Victoria não queria nem pensar em bolhas se formando em seus pés.

"Que pena...", lamentou Victoria, em silêncio. "Eram tão bonitos... e agora estão arruinados!"

Embora continuasse descendo de modo suave, nesse momento o caminho fazia uma curva alongada no meio das árvores. Como estivesse ainda a olhar para as sapatilhas, pensando se poderiam chegar ao cúmulo de rasgar-se, Victoria ia contornando a curva distraidamente.

Então, o inesperado aconteceu. Havia um par de sapatos bem diante dos seus. Na verdade, Victoria viu *outro par de sapatos* à sua frente. Ela estacou. Um segundo, e a mente dela registrou:

BOTINAS MARRONS E GASTAS/

DE COURO MACIO, CLARAMENTE *BEM* MACIO/

E MASCULINAS.

Mais um segundo: o coração de Victoria já sentia a descarga de adrenalina, queimando no peito, acelerando. Os pulmões se encheram de ar. Estava em ignição o processo de "luta-ou-fuga" ... "fuga-ou-fuga".....

Outro segundo: suas pupilas se dilatavam. Estava pronta para dar meia volta e sair correndo. Victoria ergueu os olhos involuntariamente. Antes que pudesse "fugir-ou-fugir" deu de cara com outro par de olhos; bem *acima* dos seus. Ela congelou e o pensamento lhe fugiu. Foi quando uma mão apoiou-se no ombro dela a fim de impedir qualquer reação precipitada. Uma mão grande e forte. Mas, bondosa.

A mão funcionou como uma escora, afinal, pois menina jurava que poderia ir direto para o chão. Os segundos foram passando, e ela permaneceu plantada no mesmo lugar, incapaz de qualquer reação. Só o sangue, pulsando. No pescoço, na fronte, na garganta.

— Tenha calma... — A voz soou entre divertida e amável. — Parece que você viu um fantasma. Assim vai desmaiar.

Victoria sentia as pernas bambas, por diversos motivos; o principal, entretanto, é que tinha tomado um susto gigantesco. Sem mencionar que a aparição não tinha qualquer lógica!

— Mas... é você? — Ela deu um passinho para trás, enfim; a mão dele ainda estava em seu ombro. — Você? — Victoria repetiu. Não encontrava palavras adequadas.

Era *ele*! O médico de Waverly Hills!

Victoria pensou se teria visto um leve sorriso dançando nos seus olhos. À luz da manhã ela conseguia vê-lo bem melhor do que na penumbra de Waverly Hills, na noite em que escapara. Com a

ajuda dele. (Levando também em conta, claro, que agora ela não estava totalmente dopada, como na ocasião). Victoria verificou que os cabelos que ela antes julgara totalmente brancos eram, na verdade, de um louro muito, muito claro. Brilhavam no sol da manhã, caindo nos ombros. Na verdade, ele parecia um pouco mais jovem do que ela se recordava... (vinte e oito... no máximo?); olhos cinza-claros olhavam em sua direção.

— Como... como você me encontrou? — Victoria piscava vezes seguidas, sem acreditar. De repente, ela se percebeu soltando a respiração ruidosamente. Uma sensação de alívio. Alegria.

Ela não soube dizer como aconteceu, mas a caixa das bactérias foi parar estrategicamente na mão dele – antes que Victoria simplesmente a derrubasse, como acontecera com a mochila, que jazia estatelada no chão, atrás da garota. Tinha escorregado de seu ombro esquerdo, onde estava apoiada, em algum momento indefinido. Victoria não conseguia raciocinar.

Durante mais alguns segundos ela ficou olhando para o homem à sua frente. Buscando respostas. Tentando lidar com a forte sensação de *dejá vù*. Isso! Era o *dejá vú* que era estranho.

Era. *Muuuuito*. Estranho.

Uma sensação que não estava necessariamente ligada ao sanatório; ia *além*. Mas era um "além" que Victoria não conseguia captar com a razão. Por um lado, sua vontade era de se atirar de encontro a ele – uma atitude despropositada e irracional. Por isso Victoria deu mais um ou dois passinhos para trás, cambaleante, escapando do calor que irradiava da proximidade. Precisava garantir que não seria traída pela vontade de fazer justo o oposto: diminuir a distância entre os dois.

— Eu te conheço...? — balbuciou. Que pergunta estúpida. Victoria chacoalhou a cabeça. – Eu *sei* que a gente se encontrou no sanatório, e você me ajudou, mas... é que... é que... você me é *meio* familiar.

"Meio" queria dizer "Muito". Não era adequado falar assim, sua mãe teria um ataque ficaria aborrecida. Daí Victoria esqueceu-se

do que devia dizer a seguir, porque afinal nada parecia adequado. E isso nunca acontecia com ela! Sem saber o que dizer, parecia uma boba! Pior! E se estivesse parecendo *louca*?! O pensamento macabro não ajudou Victoria a mudar de atitude.

— Eu... hã. — ficou muda.

Atraída pelos olhos do médico, a garota buscava achar lá no fundo deles *qual* era, por *Deus*, a fonte de tanto reconhecimento. Uma sensação tão forte! Algo passou pela mente dela... tinha *algo* no sonho da noite passada... mas Victoria não se lembrava mais do sonho inteiro! Só da sensação da água, da luz, de animais brincando... *Tinha* mais coisa! Quando ela despertou, estava lá, ao alcance, mas agora...

Aqueles olhos dele estavam perto demais dela. Por isso ela deu outro passo atrás, e ele deu um passo à frente. Estavam perto demais *mesmo*. Ele estava olhando para dentro dos olhos dela com a mesma intensidade. (Será? Ou estava vendo coisas?) Procuravam uma fagulha nela, uma fagulha de... de quê?

Por um momento, Victoria sentiu que tudo ficou em suspenso. O sol. A floresta. A trilha de terra sob os pés. O som. Ela já nem sabia o que estava fazendo ali, tinha perdido a sequência dos próprios pensamentos. Podia praticamente assegurar que já tinha *visto* aquele olhar antes.

"Não no sanatório, *não* no sanatório...".

Em outro lugar.

Por mais que procurasse, era em vão. Havia um espaço vazio na sua mente; um buraco negro que ocultava as respostas. *Isso* Victoria conseguia discernir. "Caminhe na direção da *luz*", se lembrou. O que isso significava? Respostas? Explicações?

A alegria momentânea deu espaço ao pesar; o alívio cedia à inquietação. Victoria se ouviu falando; e parecia que sua voz soava estranha até para ela mesma:

— Eu te conheço, sim... — foi mais uma afirmação que indagação. — Mas, de onde...? – Após um instante de silêncio,

Victoria insistiu: — Você se lembra de mim, eu te faço lembrar de alguém?

— Você me conhece. — ele respondeu. Uma afirmação resoluta. A sensação que Victoria tinha, de estar suspensa no tempo e espaço, se desvaneceu ao escutar o homem acrescentando: — Mas isso não é importante agora.

— É importante, sim...

Ele meneou a cabeça de leve, numa negativa quase imperceptível, mas que a jovem captou. Ela ficou quieta.

— Victoria. Vim até aqui apenas para te dizer uma coisa.

— Como você me encontrou? — ela repetiu baixinho.

A resposta não veio. Após um momento, o médico apenas continuou:

— Você não tem como fugir do seu destino. — ele falava sem desviar o olhar. Era intenso. *Continuava* intenso. Queimava o coração dela.

Silêncio.

— O que você disse...? — inqueriu Victoria.

— Eu disse o que você precisa saber. Que não pode escapar do seu destino.

— Que destino?

— Todos têm o seu, não?

Victoria mais sentia do que entendia as emoções dele. Estavam todas elas lá, embora o médico não se movesse. Não desse dicas. Aparentemente. Uma sombra passou, muito rapidamente, pelos olhos acinzentados.

– Mas não fique preocupada — reiterou. — Eu vou te ajudar na sua travessia.

— Que travessia? — Victoria estremeceu de leve. Estava inquieta por algum motivo. Não era o que queria ouvir. Um turbilhão crescia por dentro. Tinha vontade de chorar. Um monte de coisas nada a ver. — *Do que* você está falando? Eu...

Ela se engasgou com um caroço de tensão na garganta, e as palavras não saíram. Victoria queria ouvir e raciocinar, mas alguma coisa não soava bem naquelas palavras. Não queria ouvir! Já sentia os olhos ardendo, e baixou rapidamente a cabeça. O homem se adiantou na direção de Victoria e abraçou-a, apertado. Só então a jovem percebeu realmente o quanto era pequena e frágil diante daquele homem.

Sua cabeça mal chegava aos ombros dele. Os braços que ele pôs ao redor dela eram fortes, o peito onde ela encostou a cabeça, de aço. Para seu próprio espanto, ela o abraçou firme de volta – firme com toda a sua força frágil. Percebeu como precisava de um abraço, de um instante de aconchego e segurança, após semanas de maus tratos e de solidão.

— Quem é você? — Victoria continuou insistindo.

Ele abraçou-a mais forte, como se isso fosse possível, mas não disse nada. Victoria se acomodou naquele abraço. Não queria sair dali. Não queria seguir em frente sozinha. Sua mente esperneava, mas o corpo ficou imóvel. Não se mexeu. Se não se mexesse, o momento duraria eternamente.

– Eu... te conheço? — ela persistia. Mesmo que não mexesse um músculo.

O médico inclinou a cabeça sobre Victoria, e murmurou em seu ouvido, falando com incontida ternura:

— Sim. Você me conhece. De algum lugar. Um lugar distante. — Ele fez uma pausa. Para Victoria, parecia que procurava palavras certas para o que não podia explicar. – Mas é um lugar para o qual você está destinada a voltar!

Do que ele estava falando? Um sentimento mais profundo do que conforto e segurança borbulharam dentro de Victoria, e logo cresceu como um gêiser, fervente e mortal. Angústia. Aflição. Agonia. Um lugar... Umlugar-umlugar-umlugar-umlugar... Que lugar?

Para onde deveria "voltar"? Não fazia ideia! Ele certamente não estava se referindo a Waverly Hills. Ou estava?

Sem querer, Victoria apertou as mangas da malha fina que ele usava, puxando-o, como que para impedi-lo de se desvanecer no ar. Fechou os olhos com força, lutando contra as lágrimas.

— Seu nome não é Logus?

O médico ficou um pouquinho surpreso, mas logo entendeu.

— Foi o seu primo que lhe contou, não é?

Victoria sentiu que Logus sorria. Mas depois, os braços se afrouxaram ao redor dela, o corpo se afastou um pouco. E uma certeza *terrível* a invadiu. Não era real. Nada daquilo era real, *ele* não era real. Victoria continuou de olhos fechados, assustada. Ainda sentia a presença dele, o leve contato do abraço; mas não passava de um delírio. Era a única explicação! Ele a havia encontrado no meio da floresta, no meio do *nada*, a milhas e milhas da pousada e de Waverly Hills.

"É agora. Vou abrir os olhos, e ele não estará aqui", ela refletiu. Mas a terrível previsão não se concretizou. O médico continuava ali, e continuava olhando para ela.

— Isso é para você – ele tomou uma das mãos de Victoria na sua, virou-a para cima e colocou algo sobre a palma dela. O objeto ainda estava morno das mãos dele. Em que momento o havia pegado?

Logus permaneceu com a mão sobre a dela por um pequeno instante, e o objeto no meio. Quase como se faz com uma criança... "surpresa"! Victoria desviou os olhos para a palma da mão quando ele a descobriu. Havia uma pedra azul, de um intenso tom de azul! Era polida, brilhante, oval e achatada, quase do tamanho da sua mão. Victoria a observou, sem falar. Então fechou a outra mão sobre a primeira, fazendo uma concha que envolveu a pedra. Para reter o calor. Ela ergueu os olhos, mas não sabia o que dizer.

— Você já me deu tantos presentes...

— Eram necessários. — Um sorriso aberto.

E de novo aquele *dejá vù*. O sorriso.

— Obrigada, eu gostei muito.

— Dos presentes ou da pedra?

— De tudo. — Ela esboçou um sorriso também. — O que a pedra significa...?

— Sabe, você... — Logus escolheu as palavras –, essa pedra foi um presente.

— *Foi*? O que quer dizer "Foi"? No passado?

Ele escapuliu da pergunta.

— Foi um presente dado a você. E a todos os que faziam parte do seu grupo. Todos receberam uma pedra como essa. É uma turquesa.

— Mas o que ela *significa*?! — Victoria perguntou ansiosa, num tom um pouco mais alto. Mas ela não tinha certeza se queria ouvir a resposta. *E havia* uma razão para não querer!

(Uma razão. Tão entranhada, tão perdida no tempo e afundada no abismo do inconsciente, aprisionada, esquecida há tanto. Era impossível apreendê-la. Que dirá, compreendê-la!).

Não ia acontecer ali. Não naquele momento. Victoria ficou esperando por uma resposta que não traria entendimento.

— Significa... uma lembrança — Logus respondeu.

— Uma lembrança.

Victoria baixou os olhos novamente para a concha das mãos. Mas não a abriu. Queria, e não queria ver. Era um presente; mas ele estava envolto num emaranhado de sensações inquietantes, cuja origem ela desconhecia. Alguma coisa *não* soava bem. E uma pontada de medo aguilhoou o estômago dela, dolorida.

— Ei. Não fique assustada.

— Não entendo o que você quer dizer. Destino. Travessia. E agora essa pedra. Eu deveria me lembrar de alguma coisa, mas não sei o que é...

— Você vai descobrir.

— Não sei...

— Fecha teus olhos — Logus pediu com suavidade, parado diante dela. — E tenta lembrar.

Victoria obedeceu. Escutava seu coração batendo. O farfalhar do vento nas folhas das árvores. Um ocasional ruído de pássaros. E os segundos foram correndo.

Mas ela não se lembrava de nada! *De nada*! O que ele esperava?

Culpada por não ter qualquer lembrança, Victoria sentia a mente agitada. O fato de Logus estar ali, observando, não ajudava. Então ela abriu os olhos após um minuto, abruptamente. Ia dizer alguma coisa, mas, olhando em derredor, as palavras lhe fugiram. Ele se fora.

Estupefata, Victoria teve que apoiar o corpo contra o tronco da árvore mais próxima. Tentava entender. O que *fora* tudo aquilo? Onde Logus estava agora? Como tinha saído tão depressa? Mais ainda: como a encontrara?

Victoria permaneceu ali por algum tempo, até se acalmar. A pedra estava mais quente agora, como uma brasa delicada no meio de suas mãos, como se emanasse calor por si mesma. Era perturbador. Seria radioativa, magnética, ou algo do gênero?

Não, é claro que não podia ser "radioativa".

Será que a lembrança estaria relacionada àquela pedra azul?

"Todos os do seu grupo receberam uma assim". De que *grupo* ele estava falando?

Por fim Victoria abriu devagarinho a concha de suas mãos, e olhou para a turquesa. Era lindamente brilhante e lisa. Virou-a e revirou-a nas mãos, apreciando tanto o calor como o brilho da gema, sua textura, seu formato perfeito.

Victoria percebeu que, como uma brasa, era também o amor que já brotava, devagarinho, dentro do seu coração.

Amor.

Ela nunca tinha se apaixonado por ninguém, que dirá *amado*! Mas, agora, "Amor" parecia uma palavra confortável. E estava

brotando. Victoria sabia que havia amor no coração de Logus também. Estava em seus olhos.

Victoria franziu a testa, de repente. Aquele amor... Estava mesmo "brotando"? Ou, quem sabe, ela simplesmente estivesse se lembrando de um amor que já existia? Com os olhos perdidos, avaliou: "Será que era *isso* que eu precisava me lembrar?"

Que ela e Logus já se conheciam e já se amavam, de algum lugar distante, de algum... tempo? Outro Tempo.

"Mas será que isso é possível?"

Victoria não acreditava em reencarnação, em outras vidas. Toda a bagagem familiar que recebera vinha do Cristianismo. Mesmo assim...

"Você me conhece" Logus dissera. "De um lugar distante". Ideia estranha. Victoria havia morado em Pérola do Sul por toda a vida! Sendo assim o tal lugar distante tinha que ter feito parte de... uma outra vida.

Entretanto, todas as recordações, aparentemente, tinham sido deletadas de sua memória. De forma impiedosa, sem deixar rastro.

Victoria pegou a mochila devagar, guardou a pedra com cuidado junto aos livros e a revista. Apoiou a mochila nas costas e olhou em torno, procurando pela caixa de bactérias. Quem sabe ele havia dado sumiço naquilo, e ela estaria livre do *probl*... mas, não. O recipiente térmico continuava ali no chão, perto de onde eles haviam estado, no meio da trilha.

Com um suspiro, Victoria pôs-se a caminho. Não devia estar muito longe da estrada.

"Que pena. Não sei quando o verei de novo..." – aquilo trazia uma sensação de desconsolo. Por outro lado, havia a turquesa. Um presente do passado. O símbolo de um "Grupo".

Por que aquilo não trazia alegria?

Depois de andar, e andar, Victoria estava cansada.

Tinha passado por uma bifurcação ou outra, mas parecia que perdera o rumo da estrada, uma vez que o encontro com Logus a deixara aérea e distraída. Ainda por cima, agora o cansaço a punha irritada. Não sabia para onde estava indo, ou o que deveria fazer.

Pensava na injustiça de sua situação: uma fugitiva da noite para o dia, sem ter onde pousar em segurança! Pensava que tinha sido seu próprio *pai* o causador de tanto sofrimento; fora *ele* que fizera isso com ela. Victoria pensava na maldade *dele*, e na maldade de seu avô Otto, que havia sido conivente com a situação.

E ela também pensava na maldade do doutor *Ralf Muller*. E espumava de indignação. Já não conseguia notar a beleza da floresta. Diante dos olhos de Victoria desfilavam os intermináveis corredores de Waverly Hills, as filas de camas alinhadas, o necrotério com seus frigoríficos. Os ouvidos dela não registravam o canto de pássaros nem o som da brisa na copa das árvores. Ela escutava os pacientes e toda a sua angústia.

Quanto mais cansada se sentia, mais os urros e lamentos dos pacientes se faziam presentes. Sons que ela nunca tinha ouvido na vida...! Não era apenas dor. Não era apenas pavor. Não era apenas agonia. Era o espelho da completa desesperança, a expressão de seres – já não tão humanos – que atingiram a mais profunda *miséria*. Física e emocional. E Victoria tinha experimentado essa miséria. Graças ao seu *pai*. Ele era o principal responsável pelo que tinha acontecido.

Uma mágoa profunda se revolvia dentro da jovem. À mágoa, somou-se amargura. E à amargura, ira. Aquilo tinha um gosto horrível em sua boca seca. Traída daquele jeito por quem deveria protegê-la. Maltratada por quem deveria cuidar dela!

Victoria nunca demonstrara especial fé no mundo dos homens; parece que já tinha nascido assim: desconfiada do ser humano. Mas os últimos dias tinham provado que era tudo muito pior, o ser humano era *muito pior* do que ela supunha. Bastava lhe dar a chance de mostrar!

Naquele momento, Victoria odiou seu pai com todas as forças. Odiou o doutor Muller. Odiou a Humanidade inteira, que construía asilos e sanatórios para aprisionar os indesejáveis. Por que simplesmente não lhes concediam o direito a uma morte limpa, ao invés do aprisionamento por toda uma vida?

Sua roupa estava agora molhada de suor. Ela tropeçou num pedaço de madeira. Tinha muita sede. Não sabia para onde ir, e isso não apenas em relação ao rumo da estrada...

No meio daquela névoa medonha que explodia no coração de Victoria, o homem lindo que estivera à frente dela parecia nunca ter existido. A pedra azul: essa estava bem longe; esquecida. No fundo da mochila. Talvez nunca mais a pegasse!

"Maldita *sede*...!"

Victoria tropeçou de novo, dessa vez num obstáculo invisível.

— Mas que *merda*, até onde vou andar, e onde estará minha *lambretta* depois dessa peregrinação? Como posso expor minha cara na estrada? Só para ser caçada?! — falava Victoria, alto, furiosa — Grupo. Grupo. De que grupo ele estava falando? Eu não pertenço a grupo algum. Sou, e sempre fui sozinha!

Capítulo 12

De repente, Victoria já não tinha para onde seguir. Duas figuras surgiram à frente, praticamente do nada: uma mulher jovem e um homem mais velho; os dois em roupa militar. Em instantes, a jovem percebeu que havia mais alguém às suas costas. Mas ela não olhou. Apenas parou de andar. Estava cercada por uma patrulha, ou o que quer que fossem eles, e não havia rota de fuga.

Victoria não teve tempo de sentir medo; apenas surpresa. Sua fúria ainda era dominante. Encarou os dois recém-chegados em silêncio. Eles se aproximaram sem pressa, estacionaram bem perto dela, e encararam de volta. A mulher chamou mais a atenção de Victoria: tinha cabelos pretos, curtos; queixo firme. E foi a que se aproximou mais. Como as duas tivessem a mesma altura, os olhos de ambas se encontraram num duelo implícito. Victoria se recusou a baixar a vista. Um pouco de petulância, pelo visto, era tudo que lhe restava.

Quanto a outra, exibia um ar de regozijo ao erguer uma pistola, que parecia bem mortífera, e posicioná-la na têmpora da garota. Olhava para Victoria com superioridade e certa frieza, mas principalmente com raiva. Victoria não se moveu. Entretanto, apesar da demonstração de força, ela podia jurar que havia uma ponta de curiosidade... Como se a mulher estivesse pensando...: "*A-há*! Então essa daí é *ela*!".

Mas curiosidade estava em segundo plano. Ficou óbvio que, se pudesse, ou se recebesse ordem para tal, a mulher simplesmente lhe daria um tiro à queima-roupa. Sem remorso.

A pessoa que estava atrás de Victoria logo postou-se ao lado dela. Victoria pressentiu uma aura de hostilidade imediata, e outro par de olhos cravando nela. Além de mais uma arma apontada para a cabeça. Victoria deu uma olhada de relance. Por trás do cano de um fuzil estava outro homem, mais jovem que o primeiro, com cabelo curto de militar. Embora não fosse muito alto, tinha

compleição robusta. E um ar de *mau*, como Victoria constatou em instantes, sem fazer esforço. Ela estremeceu de leve.

Por fim, não havia alternativa exceto ignorar a mulher-assassina e o Mau, e olhar para aquele que, evidentemente, era o líder. Embora mais velho, impunha respeito. Era alguém acostumado a ser temido. Foi o único que não apontou uma arma na direção de Victoria, mas não havia necessidade. O olhar gelado e um rosto totalmente sério e imóvel era suficiente.

Victoria tinha certeza de que ele era russo. A mulher também não tinha traços exatamente americanos.

"Como se precisasse de *tudo isso* para caçar uma adolescente...", o pensamento rolou na cabeça dela, enquanto os segundos passavam vagarosamente. (Tudo bem que ela tinha subtraído roubado algo importante, de um certo lugar secreto).

Pois bem. Victoria entendeu que estava muito, *muito* encrencada. Mas era melhor morrer ali do que voltar para Waverly Hills. Talvez seu rosto tivesse revelado algo, porque, logo em seguida, o momento encarar-e-analisar a filha do doutor John tinha acabado.

O líder, com sua tez pálida, finalmente abriu a boca. Falou sem sotaque, sem preâmbulos.

— Você tem que vir conosco. — E o tom não admitia qualquer réplica.

A mulher-assassina olhou bruscamente para o líder. Victoria entendeu o gesto: ela só queria puxar o gatilho, ponto final. Victoria se esforçou para não pensar no que causaria a seu cérebro um tiro daquela distância. Morreria na hora.

— Isso que está nas suas mãos nos pertence — disse o líder, mais uma vez.

"Quem sabe...", avaliou Victoria. "Se eu conseguir ganhar tempo...". Talvez, se ela prometesse ir embora para *todo o sempre*, para o outro lado do mundo, para a *Lua*...

— Eu não pretendia trazer o material comigo! — ousou Victoria, por fim, olhando para o líder. Ela esperava que sua voz

fosse firme. Mas sentiu as pernas enfraquecerem. – É que a assistente sênior ficou me fazendo perguntas, e ela mesma me deu a caixa térmica. De repente, para fazer parecer que era verdade o que eu dizia, acabei saindo com o Frasco Roxo.

Victoria estendeu o braço com a caixa na direção dele. Mas foi a mulher-assassina quem a arrancou da mão de Victoria, com força, indignada. O Mau estava na mesma disposição de sua colega: impaciente e raivoso. Victoria sentiu quando o fuzil que ele levava encostou em sua outra têmpora.

Imóvel, a jovem manteve os olhos na direção do líder. Era o único que continuava com uma expressão indecifrável. Se havia um caminho, tinha que ser por ali.

— O que vocês vão fazer com... isso? — apesar de mal respirar, Victoria arriscou a pergunta.

Ainda antes de terminar a frase, ela captou uma elevação exponencial da raiva por parte da mulher-assassina, junto com um muxoxo incompreensível, provavelmente em russo. Ela avançou um passo para mais perto de Victoria. Já o Mau, com uma fungada de javali, apertou um pouco mais o cano do fuzil contra a têmpora de Victoria. Era muita *ousadia*. Arriscar outra quebra de silêncio? E com duas armas apontadas para a cabeça?

No entanto, Victoria pareceu discernir um vislumbre de surpresa no olhar do líder. Tão leve. Fugaz. Teria sido real?

— A sua pergunta deveria ser outra. — Foi o que aquele militar respondeu, sem alterar o tom da voz. Sempre firme e fria: — Sua preocupação deveria ser sobre o que vamos fazer *com você*, e não com o material.

— Vocês vão me matar?

Ninguém acreditava que *a garota ainda estivesse falando*. O chefe deu um leve sorriso, aproximou-se dela.

— Quem sabe. Você não parece ter discernimento do que fez. É mesmo muito louca... ou então... – "Tem muita "coragem", pensou Dmitri Rzaev avaliando a filha do doutor John de perto. "Por que ela não está chorando, implorando pela vida?"

Ele achou que não havia problema em esclarecer algumas dúvidas.

— Como você entrou no Laboratório?

A pistola da mulher-assassina e o fuzil do Mau não se moveram um milímetro. Então Victoria entendeu que o chefe esperava uma resposta, mas não dava qualquer esperança de livramento.

— Meu primo me levou até lá. Ele conhecia o lugar. — Victoria achou que podia mentir de modo inteligente e misturar informações. Não haveria como comprovar as mentiras sem a presença do pai dela.

— Primo. Quer que eu acredite nisso? — Dmitri riu com certo escárnio. — E as portas magicamente se abriram para ele, junto com você?

— Meu pai tem lhe mostrado as instalações, acho que vai convidá-lo para... hum. Trabalhar lá com vocês. Pelo menos, foi o que ele me disse. Então, abriram o portão para a gente; não foi uma invasão. Depois disso – Victoria falava num fôlego só –, meu primo foi encontrar meu pai, pois ouvimos a voz dele pelo corredor. E eu... não queria ver o meu pai! Afinal, o senhor deve saber sobre... Waverly Hills. Então meu primo sugeriu que eu fosse conhecer o lugar onde vocês guardam as amostras – ela engoliu em seco e segurou a língua a tempo – ...onde vocês trabalham. Dar uma volta, sabe como é? E foi isso. Daí, entrei naquela sala porque olhei pelo vidro e achei tudo tão incrível, tão moderno, e... – Isso era verdade –, abri a geladeira só de curiosidade, e estava vendo os frascos. Tão interessante! Não ia pegar nada. Mas quando a *madam* assistente entrou, eu tive medo de que ela dissesse ao meu pai que eu estava ali. Então, para ela, sim, eu inventei uma mentira. E saí com o frasco na mão, sem perceber...

— Quer me convencer de que pegou o Frasco Roxo por puro acaso.

— Roxo é minha cor favorita — Victoria piscou várias vezes, como se isso ajudasse a soar mais convincente.

Os olhos do capitão Rzaev se estreitaram, fixos nela. Olhos de predador.

— E onde ficou o seu primo? — ele perguntou, depois de uns instantes.

— Não sei. Fiquei assustada e saí de lá o mais rápido possível. Se meu pai me encontrasse, ele iria me devolver ao doutor Muller —Victoria não parou para pensar se o grupo sabia a quem ela se referia.

— Qual é o nome do seu primo?

— Robert.

— Robert. Mas Robert *de quê*?

Victoria quase disse "Waldegrave". Mas engoliu as palavras a tempo: – D'Angerville. É.

Sentia que era imprescindível se safar daquele interrogatório, então a garota acrescentou, num tom de voz firme que ela sabia ser igual ao do doutor Milton John:

— Imagino que meu pai não forneça notícia de cada passo que dá, não é mesmo?

Silêncio.

Victoria fez força para manter o rosto o mais natural possível. "Noticiar os próprios passos" era o tipo de coisa que Milton John *não faria mesmo*. Ainda assim, Victoria não tinha como saber o que o homem estava pensando.

Mas, como ele não voltou a mencionar o primo, Victoria achou que tinha tido um pequeno avanço. Agora, ela só tinha que dizer que jamais revelaria qualquer segredo, por medo do próprio pai. Mas, antes que pudesse fazê-lo, o chefe soviético tomou a dianteira:

— Doutor Muller. Como você saiu de lá? — pelo visto, ele não ia parar de fazer perguntas difíceis.

Victoria inspirou fundo, mas com todo cuidado. Seu pescoço já estava ficando com dores musculares de tanto permanecer imóvel, tensionado, na mesma posição. Mas não iria mencionar o

médico Logus. Não. De jeito nenhum. Robert era uma figura que não existia: ele não era seu primo de verdade. Não apareceria nas câmeras de filmagem. Estava seguro.

— Meu primo me tirou de lá — respondeu Victoria sem piscar. — Ele estava muito contrariado, segundo me disse, pela falta de oportunidade de visitas. Contou que minha mãe está definhando, sem notícias minhas. Sou a única filha! Robert veio me visitar, mas o doutor Muller não permitiu que me visse. Recebeu Robert em sua sala, mostrou até o meu prontuário e deu informações do meu estado. Foi assim que meu primo ficou sabendo qual era o quarto onde eu me encontrava. Ele apenas se despediu do doutor Muller, mas não saiu do sanatório. Subiu as escadas e me pegou. Saímos pelo túnel dos trilhos. Estava aberta, não sei o porquê.

Victoria olhou para o capitão Rzaev com olhos suplicantes.

— Olha, senhor militar, eu lamento pela minha irresponsabilidade. Como eu disse, fiquei com medo de que a assistente me delatasse. Eu nunca deveria ter trazido comigo coisa alguma. Na verdade, já deveria estar longe! Não fosse pelo problema da gasolina da minha moto. Se quisesse denunciá-los, já teria feito. Tudo que eu quero é ir embora e nunca mais ver o meu pai na vida! Não me entregue para o meu pai, por favor! Ele vai me mandar para Waverly Hills...

— Certo — respondeu Rzaev, nem um pouco tocado.

— O senhor... o senhor me deixará ir, então?

Silêncio de novo. O coração de Victoria batia descompassado agora.

O capitão se aproximou um passo de Victoria. Então, fez um gesto rápido de cabeça para o Mau, que retirou o fuzil da têmpora de Victoria e o apoiou no ombro, afastando-se levemente. Mais um gesto do líder, e a mulher-assassina retirou a pistola da outra têmpora de Victoria, afastando-se também. Mas só o suficiente para poder esticar completamente o braço e mirar a arma para a testa da garota: a uns trinta centímetros de distância.

Victoria respirou de alívio por um instante. Só um instante.

Foi a expressão mal disfarçada no rosto da mulher-assassina que denunciou o que estava para vir. Victoria leu aquela gota de regozijo, mas não houve tempo para esboçar nenhum movimento. Alguém a segurou por trás e torceu um dos seus braços na direção das costas. Victoria deu um pequeno grito de dor e retesou o corpo. Ela se sentiu prensada contra o Mau, é claro, que havia sumido do seu campo de visão no mesmo instante em que a mulher-assassina dava seu sorrisinho. Ele passou um braço de ferro pelo abdome de Victoria.

Ela se recusou a choramingar. Olhou para o líder:

— Me deixe ir embora... — pediu, com voz firme apesar do medo.

A mulher-assassina deu uma risada seca quando embainhou a pistola. O ato de embainhar com precisão certeira a arma e se aproximar de Victoria foi, tipo, uma coisa só, feita com destreza impressionante. Em seguida, a mulher-assassina empurrou a cabeça de Victoria para o lado contrário ao do capitão, furiosa, sem qualquer delicadeza. Victoria sentiu como se o músculo do lado oposto do pescoço fosse arrebentar. Dessa vez, ela fez força para não gritar de dor.

— Senhor militar... não me entregue para o meu *pa*... — Victoria tentava olhar para ele, mas a mão de aço da mulher não permitiu que virasse a cabeça.

Então, uma picada. Na porção exposta do pescoço. A garota já conhecia aquela dor fina de agulha. *Desgraçados*! Sabia que restava pouquíssimo tempo.

Então Victoria se contorceu. Toda chance de diálogo estava, evidentemente, acabada. Mas ainda tinha chance de fazer uma *última* coisa. Aproveitou o controle que ainda tinha das pernas: ergueu um dos joelhos e o lançou com toda força contra a mulher-assassina. A outra soltou o ar ruidosamente, se desequilibrou um pouco, mas não caiu. Mesmo naquela situação, Victoria ainda conseguiu rir. A outra vociferava.

Mas num décimo de segundo a risada foi interrompida: Iulia desferiu um *cross punch* com o punho direito no lado esquerdo do rosto de Victoria, perto do olho. A cabeça virou para o outro lado, o supercílio abriu, e o sangue escorreu. Como se fosse mágica, a mulher deu um passo largo e fluido para a direita, tão rápido que Victoria nem viu direito. Parecia que a mulher-assassina nunca tinha feito nada na vida, exceto lutar boxe, ou algo do gênero, porque Victoria sentiu a segunda pancada quase que imediatamente após a primeira: um *upper* com a esquerda, encaixado direto na parte frágil da última costela direita de Victoria.

Victoria viu estrelas. Porém, o mais perturbador foi aquele som: uma espécie de "crec". Foi assustador. Victoria só não caiu estatelada porque estava muito bem segura pelo Mau. Após o golpe, o ar saiu dos pulmões dela num fluxo ruidoso e não entrava mais. Uma dor aguda invadiu-a. A garota parecia um peixe fora d'água, morrendo asfixiada. Ela tentava puxar ar, mas só havia a dor queimando, deixando-a paralisada. E o sangue escorria da têmpora esquerda até seu queixo.

— Achou graça agora, bonequinha? — Era a primeira vez que ouvia a voz da mulher-assassina.

Victoria finalmente conseguiu dar "micro respiros", curtos e sôfregos. Como doíam-lhe as costelas...! Era pior que a dor espraiando do olho para o rosto todo e pela cabeça. Então, contra sua vontade, sentiu os músculos começando a pesar. As pernas, em especial. Os ombros.

O Mau envolveu o braço em torno do pescoço da jovem, muito, muito apertado. Era de pura raiva. Para deixar um hematoma que vingasse sua companheira? Victoria se engasgou quando seus pés praticamente saíram do chão. Todos sabiam, até ela mesma, que aquilo era totalmente desnecessário. Victoria fora sedada muitas vezes para saber que logo... logo, *logo*...

Mesmo assim, a sensação de ser asfixiada de novo foi terrível. A garota tentava inalar o ar, mas a traqueia parecia fechada. Não conseguia lutar. Sabia que seu rosto deveria estar muito, muito

vermelho. O torpor inundava-a; só não sabia se era o aperto inabalável ou o efeito da droga. Victoria teve muito medo.

Iria morrer ali...

Tentou se debater, e gritar, mas o grito não saiu. Os membros pareciam cobertos por uma substância pastosa e grudenta, dificultando os movimentos. Pareceu-lhe ouvir uma ordem curta dada de modo muito severo, numa língua estranha, e então o aperto no pescoço diminuiu. Mas não a dor. Ela inspirou, ou tentou inspirar fundo.

O Mau soltou Victoria, que cambaleou, não encontrou onde se apoiar e caiu de joelhos. Sua cabeça estava muito, muito zonza. Sentiu o pescoço pender para frente. Apoiou as duas mãos no chão para evitar cair. Percebeu que não conseguia coadunar palavras.

— Por... fav... vor. — Suas palavras desconexas pareciam geleia.

Iulia a empurrava com o pé:

— Menina insuportável!

Victoria se esforçou para não cair. Continuou naquela posição humilhante, de quatro no chão. Sua respiração estava difícil e aquilo não durou muito. Um dos braços dela ameaçou falhar, o tronco inclinou para o lado. Victoria tentou firmar o braço, mas não estava enxergando direito – seria o olho inchando ou a droga...?

Ela não tinha mais forças.

Tombou para o lado esquerdo com um baque não muito forte, já que não estava mesmo muito longe do chão. Era como se seu corpo desmontasse. A cabeça permaneceu inerte contra a terra e Victoria sentiu os olhos fechando. Antes de adormecer por completo (ou morrer, já que ela não sabia que tipo e que dosagem de droga lhe haviam aplicado), um pensamento vagaroso percorreu a mente de Victoria, tão pálido e suave...

Era como cócegas na consciência: "*Por que meu pai me odeia tanto*?"

Pensamento aleatório, aleatório. Ela deu um sorriso de leve. Ou achou que deu. E apenas respirava pesadamente, esperando; o sono ou a morte. Mas aí... "*Aaah*, agora sim".

Aquilo foi como um bálsamo. O começo de um alívio. Estava afundando naquele sono narcótico, desprovido de sentimentos, de preocupações... um *alííívio*...

"Vou morrer, e não me importo". Ela não estava realmente pensando nisso. Naquele momento eram palavras sem significado. Satisfeita, Victoria manteve os olhos fechados, rumando para o nada. Só que, de repente:

— Aiii. — gemeu ela. E começou a tossir com força.

Victoria tentou abrir os olhos, zonza e assustada novamente, sem entender o que estava acontecendo. A visão continuava embaçada. O corpo, letárgico, caído de lado, não respondia aos comandos com coerência. Porém, foi capaz de erguer um pouco a cabeça, que estava afundada na terra, e notou o que parecia ser água empoçando sob ela.

"Ora essa...".

A mulher-assassina abrira seu cantil e estava jogando o conteúdo no rosto da garota.

— Acorde, *Cinderela* — exclamou Iulia, de pura maldade.

Victoria não ligou para o comando porque estava contando, a surpresa estampada no rosto, "uma, duas... três..."; gotas de sangue pingavam na água. Ela tentou esticar um dedo para enfiar no sangue que pingava, só para ter certeza... "Que curioso".

Outro grito de Iulia Ivanova fez com que Victoria se distraísse de tal tarefa, e erguesse os olhos. Só os olhos. E a*chou* que viu aquela mulher-assassina, *achou* que ouviu sua risada. A verdade é que podia estar apenas sonhando que estava acordada, vai saber. Ou então estava de fato acordada, mas quase adormecendo.

A linha lógica de raciocínio desaparecia. Victoria já nem se lembrava de que tinha sido drogada. Sem perda de tempo, a mulher soviética se abaixou e jogou o peso do joelho e da perna sobre o peito de Victoria. Estava tomada de fúria. Tinha sacado de dentro do

seu colete o garrote, e o passou em torno do pescoço da garota, sem aviso e *sem permissão*. Cruzou as extremidades do garrote como se fosse um laço, apertando-o. Um esgar de sufocamento escapou da garganta de Victoria.

— Pare com isso, que está fazendo? — perguntou Klugenko, perplexo.

— Aproveitando o tempo que resta, *ora*, o que mais? — Iulia puxou o garrote ainda mais, inclinando o corpo para trás. – Quero matá-la olhando em seus olhos! Ela tem que ficar de olhos abertos! Que dose você injetou, *caralho*?

Victoria estava de fato com os olhos abertos, e ergueu um braço descoordenado na direção do próprio pescoço. Mikhail olhou para o capitão. Um breve aceno de cabeça de Rzaev fez com que Mikhail se adiantasse como um raio, segurando os antebraços de Iulia.

— Mas me *largue*! — Iulia se soltou com um puxão; o laço do garrote afrouxou. Mas a mulher-assassina o ajustou e apertou novamente. — Vamos, Cinderela, *abra seus olhinhos para mim uma última vez*. Não quero matar uma boneca inflável!

— Já vi o bastante, Ivanova. Pode *parar*. — rosnou o capitão. Os olhos dele rugiam por dentro, faiscando, coléricos. — Pare agora. Imediatamente.

Iulia não parou.

— Alto! *Agora*, Alex! — berrou o capitão. Indignado, ele próprio se adiantou e apertou os pulsos de Iulia com força realmente considerável até que os dedos dela se abriram. O garrote escorregou para o chão.

Com a água escorrendo pelos cabelos, junto com terra e lama e folhagem, Victoria não abriu mais os olhos. Só respirava com dificuldade, sugando o ar, sofregamente. Uma linha de sangue começou a pintar a pele branca como alabastro do pescoço dela. Um rastro maior de sangue continuava saindo do supercílio.

— Está satisfeita? — indagou Rzaev.

Iulia Ivanova não se continha de raiva. Tinha dificuldade até em articular frases completas: — *Por que*... por quê? Capitão? *Eu* é que quero matá-la.

— Você não vai fazer nada. Porque. Eu. Estou. MANDANDO!!!

— Mas foi a ordem do doutor Milt...

— Silêncio! — dessa vez ele falou baixinho. Quase sussurrando. O timbre foi de gelar o sangue nas veias. Até Mikhail olhou para Rzaev com olhos arregalados. - Estou farto de suas atitudes nas últimas horas, Iulia. *Saia da minha frente*.

Victoria, impotente, respirava. Sentia dor, mas não sabia de onde ela vinha. Havia vozes, mas a dor eclipsou as vozes, e elas ficaram em segundo plano. Então, a dor passou. As vozes silenciaram. A última coisa que Victoria percebeu foi como seu coração batia... Vagarosamente... Como se quisesse dormir também.

Ou parar.

Tudo bem.

Podia bater... bem... devagar... mesmo.

Não se importava.

OK.

Victoria foi arrastada para o sono.

Isso.

Ela só queria dormir.

Iulia pegou seu garrote de volta com um "*Humpf*", batendo a terra e limpando o sangue na barra da calça. A atenção dos dois companheiros de equipe estava concentrada em Victoria.

A menina estava *mesmo* desmaiada agora. Solta no chão, os membros do corpo totalmente inertes, espalhados ao redor do corpo em posições estranhas e os cabelos desarrumados sobre a terra e o rosto. Ela não se movia mais. A filha do doutor John parecia muito jovem e frágil. O capitão se abaixou e tomou o pulso da menina.

— Ela ainda está respirando –, resmungou, entredentes. Olhou na direção de Mikhail Klugenko: — *Da*. Vamos.

— Aonde? — perguntou o outro, com certo espanto — Precisamos dar um fim no corpo.

— Vamos *indo* — o comandante entregou o fuzil para Klugenko e pegou Victoria do chão, jogando o corpo da menina sobre um dos ombros. Começou a caminhar. – Ela não é tão pequena, por isso daqui a pouco você vai carregá-la também.

Mikhail Klugenko apoiou o fuzil do chefe no ombro.

— Não acha mais fácil matá-la por aqui mesmo e...

— Repartir o corpo dela em partes? Ficaria bem mais leve — respondeu Rzaev, com um sorrisinho sarcástico.

Iulia deu um grunhido à distância. Só Mikhail escutou. Ela se manteve a uma distância segura dos ouvidos do capitão. Sabia que tinha esgotado sua quota de rebeldia.

— A caminho — Rzaev disse outra vez. Em passadas largas, ele foi deixando os outros dois para trás. Victoria não era mais que um saco de batatas, molhada, suja, descabelada. Ninguém disse mais nada. Foram seguindo atrás do líder.

— Até que ela demonstrou bastante coragem, não acha? — reiterou o capitão.

— Nisso até que você tem até razão — aparteou Mikhail. Ele sentiu o olhar de Iulia, ao seu lado, fuzilando-o.

— Por isso não a matarei aqui — concluiu Rzaev.

— Mas ela me acertou uma joelhada — retrucou Iulia, alto dessa vez.

— E daí? — rosnou Rzaev. — Você lhe deu um soco. Jogou água na cara dela. Garroteou seu pescoço.

Iulia ainda estava espumante de ira, e não respondeu.

— Bem. Vamos levá-la conosco. Não serei eu a matá-la; se o doutor John quiser, ele que a mate. — E, com um dar de ombros, acrescentou: — Além do mais, foi a equipe soviética que encontrou a menina. Faço como bem entender.

Capítulo 13

***Tsarskoye Seló, sudeste de Petrogrado; Rússia**.*
1916 d.C.

Aquele ano foi difícil para todos. Um ano terrível, e não só pela Grande Guerra da Europa. Nessa época a família Romanov ainda morava no Palácio de Aleksandr em Tsarskoye Seló. Mas, havia algo... Anastasia, talvez por ser a mais jovem, se sentia perdida por que... por quê? Ora, ninguém lhe contava nada.

O que estava *acontecendo*, afinal?! Havia alguma coisa além da guerra, alguma coisa que superava tudo. "Mas Papa é evasivo nas respostas, e Mama só insiste em que 'tudo está bem'".

Ela passou a pressionar os tutores. Mas eles se saíam *esplendidamente bem* de todas as suas arguições. Às vezes as irmãs também se mostravam inquietas, mas tinham muito mais o que fazer. Certo dia, após ser espremido cruelmente por Anastasia, monsieur Gilliard, o tutor de francês, havia dito: "Anastasia Nikolaevna, quando há uma monarquia, sempre há 'certo perigo'".

Silêncio. Neurônios pensando. Então: "Mas a guerra não tem nada a ver com a monarquia. Qual o problema da monarquia?".

"Ora, veja, é o desassossego de sempre. É isso o que eu quero dizer", reiterou Gilliard, ajeitando papeis sobre a mesa que não precisavam ser ajeitados. "Já tivemos os *mesmos* problemas, *dezenas* de vezes. A guerra só deixou tudo pior..." — Ele não completou a frase.

"Mas tem alguma coisa *a mais* acontecendo?", ela insistiu com sagacidade, sem hesitar.

Gilliard era suíço; educava as irmãs há uns doze anos, vinha cinco vezes por semana e as conhecia muito bem. (Apenas Olga já tinha completado os dez anos obrigatórios de estudos, porém seguia

aprendendo por conta própria). Justamente por conhecer as garotas, por tê-las visto crescer, Gilliard entendia o grau de sua inocência. Tinham uma pureza em relação ao mundo que às vezes lhe causava enlevo, às vezes pena. Tão cercadas dentro dos palácios por guardas, oficiais, *cossacos* e agentes da *Okhrana* muito bem pagos. Viviam alheias a tudo. Apenas Aleksei, agora, tinha uma nova vivência, mas era com o pai no Stavka, o quartel-general do exército – o que também não deixava de ser lamentável, compungindo o coração do mestre.

"A Guerra piorou tudo...", suspirou Gilliard.

"Piorou tudo o quê?"

"Olha, sempre que há uma monarquia – especialmente uma dinastia tão longa quanto a de sua família –, há também os insatisfeitos. O mundo é assim. Sempre há quem queira assumir o poder, ou mudar o regime. A Guerra só aumentou a insatisfação dos insatisfeitos"

"O senhor quer dizer que não está havendo nada de anormal, então?".

Gilliard, mãos cruzadas sobre a mesa, começou a girar os polegares como uma pequena roldana. Estava encurralado.

"Sim, sim. A Guerra foi como colocar fogo num rastro de pólvora que já existia. Não é possível agradar a todo mundo".

"A *quem* não estamos agradando?", foi Tatyanna, com o tom de voz firme e claro, que inquiriu dessa vez.

"Oh, Deus. Poupai-me.", pensou Gilliard, agitado. "Essas meninas estão *impossíveis* nos últimos tempos, fazendo perguntas sobre as quais não devo discorrer".

Então, em tom que não admitiria mais réplicas, respondeu: "Já chega. Tatyanna Nikolaevna e Anastasia Nikolaevna: Sou pago para ensinar francês, não discutir política".

Anastasia ferveu de raiva. Monsieur Gilliard estava se esquivando! Monarquia! Era assunto de História. Além do mais, para que dizer "*Sempre* que há uma monarquia... "blá-blá-blá". Havia *vááárias* monarquias, e daí? Cada realidade era uma realidade, e

fazer comparações era inútil porque *ali* era *ali*. Outro país era outro país.

Por que a Anya não questionou mais?

Um pensamento voou pela cabeça dela: será que as mais velhas sabiam de *alguma coisa* que *ela* não sabia...? E só fingiam ignorância para poupá-la?! Mas poupá-la *de quê*?

Ao invés de prestar atenção à aula, ela perscrutou e avaliou com cuidado o rosto de Mariya e Tatyanna, já que Olga não estava. Olhou fixamente de uma para outra. *Huuumm*. As garotas só olhavam de volta. Bem. Definitivamente: elas não sabiam de nada.

E não teriam conseguido esconder tudo *dela.*

Anastasia tinha que conseguir informações por si mesma. Graças ao seu excelente hábito de escutar atrás de portas, começou a captar algumas *coisas.* Coisas *muito sérias*.

Passava de um choque a outro, sentindo que o mundo que tinham construído para ela ia desmoronando. Seus pais tinham mantido os filhos à parte dos problemas do Império, a ponto de eles viverem uma... fantasia! A realidade era outra, difícil de entender.

Sentiu um misto de perplexidade e raiva: até quando? Seriam mantidos para sempre assim? As pequenas crianças de porcelana, eternamente debaixo das asas do casal imperial, eternamente protegidas da crueldade humana.

Se não fosse a Grande Guerra, enfim expondo as feridas de sua pátria, abrindo-as como laranjas podres... teriam tido acesso à verdade? Anastasia sentiu que *jamais* havia visto a verdade. Mas não culpava os pais. Poupá-los era amá-los. Agora, porém, eles nunca seriam crianças outra vez, nunca mais seriam tão jovens quanto sua idade indicava. O pavor nu e cru da realidade os abalroou e marcou.

Então, por que não abrir o jogo para valer? Era disso que Anastasia não gostava: do esquive das pessoas.

Quanto mais se esgueirava e ouvia cochichos e pedaços de conversas, quanto mais se enfiava em esconderijos novos e ousados, fosse detrás de cortinas que mal cobriam seus pés e faziam seu nariz coçar, ou abaixada pelo lado de fora de janelas, ou dentro de armários; ou ainda – seu melhor número interpretativo – permanecendo com rosto lânguido, inexpressivo, fingindo leituras ou deveres de escrita, no escritório de seu pai durante discussões com conselheiros, ministros e comandantes, que Anastasia viu a realidade se mostrar ainda pior do que imaginava.

Alguns dos homens não gostavam da presença dela ali, em especial os da nova geração. Os velhos parentes do governo de seu avô, com cargos de alto escalão, e os agentes da segurança pessoal de Nicki – cuja maioria Anastasia conhecia – não davam muita bola. Mas os ministros e membros das Forças Armadas eram menos tolerantes. Olhavam para ela com caras de dar medo.

Anastasia só desviava a vista de novo para seu livro, ou que quer que estivesse fazendo. E evitava retribuir com sorrisinhos. Desde pequenos, os filhos de Nicki tinham trânsito livre no gabinete, desde que se comportassem. Ele gostava de trabalhar em casa e do contato estreito com as crianças e a esposa.

Então era assim que era. Contrariando probabilidades e disque-disques, a família imperial era... Feliz! Unida e feliz. O oposto do que ocorria na maioria das Casas Reais. Além do mais, a Corte não morava no Palácio – como era comum por toda a Europa –, mas na capital, perto dali. No Palácio residiam apenas a família e colaboradores muito próximos, permitindo mais liberdade a todos e solidificando os relacionamentos familiares

Quando Nicki precisou se ausentar por muito mais tempo de Tsarskoye Seló, partindo para o Stavka, Anastasia colou na mãe, tratando de ser a filha perfeita e comportada. Assim não ficaria longe das notícias enquanto Alix estava com as damas mais próximas em seu *boudoir* cor de malva.

Era ainda mais fácil escutar as conversas da mãe durante as reuniões com os ministros e os pilares do governo, fazendo o papel que lhe cabia na ausência do marido. Isso porque os ânimos se

exaltavam facilmente: a tzarina, de modo geral, não os escutava, o que gerava discussões e arranca-rabos. Dava para ouvir tudo.

"Ah, que falta faz o Papa...!"

Sua ausência deixava todas elas tão, tão preocupadas...! Escreviam muitas cartas, rezando diariamente por sua segurança e saúde. Com Aleksei fora também, eram cartas e orações em dobro. "É tão chato sem você aqui, Aliosha!", escreveu Anastasia para o irmão, com quem tinha um laço muito forte. "O palácio está muito silencioso! É aflitivo. Nada de gritarias, latidos e berros de governantas. Como eu iria conseguir fazer isso sozinha?! Parece que arrancaram um pedaço da gente. Sem os homens de nossa família parece até que nem estamos em casa. Seu *cocker spaniel* Joy está amuado, sente saudades suas".

Anastasia anotava tudo em um pequeno caderno. As informações desconcertantes pareciam desconexas no começo. Mas, à medida que o tempo passava, até os empregados falavam e comentavam sobre tudo que ocorria na capital. E tudo era ruim. Na verdade, havia uma preocupação geral com todo o império. Mas qual era a questão principal?

Imaginou as informações como sendo peças de um quebra-cabeças. Às vezes, juntando aqui e acolá, esclarecia-se alguma coisa; mas outras dúvidas logo surgiam. Havia retalhos de conversas por todo canto no palácio. Era mesmo um quebra-cabeças, mas um no qual ela não tinha o desenho inteiro, de antemão, para dirigir o trabalho.

Peça Número Um: A Guerra era um ponto nevrálgico. Mas havia um conflito interno importante se desenrolando.

As causas do conflito? Mistério.

O espanto de Anastasia crescia: as confusões de todo tipo nas ruas de Petrogrado, as mortes, a repressão de multidões, e quem estava ao lado de quem. E monsieur Gilliard dissera que os

conflitos internos da monarquia sempre existiram. Mas era disso que falava?

"Não", ela refletiu. "É uma somatória com a guerra".

Uma loucura coletiva assolava o país, todas as classes sociais estavam insatisfeitas. (Os motivos? Mistério). Parecia multifatorial. Dependia da classe também.

Uma informação em especial calou fundo. Algo terrível tinha ocorrido no ano de 1905. Chamavam de "Domingo Sangrento" e culpavam seu pai pelo ocorrido. "Meu Deus. Do que estão falando...?". Aparentemente todos sabiam do que se tratava.

E ela tinha escutado pessoas no gabinete do pai gritando com sua mãe, acusando-a, a despeito de usarem todas as formalidades. "Vossa Majestade Imperial": "*Vashe Imperatorskoye Velichestvo* Aleksandra Fiodorovna, se tivesse agido como esposa sábia naquele tempo, talvez evitasse que seu marido cometesse tal erro. Talvez agora não estivéssemos colhendo agora as consequências daquilo! E são problemas cem vezes maiores do que em 1905!"

(Em 1905 Anastasia tinha só quatro anos de idade).

Definitivamente algo antigo vinha cozinhando e fervendo, fechado dentro de uma panela. Feridas não curadas, rancores, divisões, desejos de vingança... uma miscelânea na iminência do desastre, ameaçando explodir *a qualquer momento*.

"Explodir a qualquer momento" parecia ser um termo muito empregado pelas pessoas de modo geral. A garota ouvia em cada canto, as palavras como corvos crocitando promessas de morte.

A voz dentro do quarto malva era assustadiça: "Aleksandra Fiodorovna, alguma coisa catastrófica está mesmo para acontecer!". Era Anna Vyrubova, melhor amiga e dama de honra de sua mãe.

A baronesa Iza Buxhoeveden, sentada ao lado de Alix, aquiesceu num tom baixo e infeliz: "Ah, querida Alix... Uma turba de operários e soldados vem praticamente tomando conta da capital. Chegaram a invadir a reunião do *Soviet* de Petrogrado...! E não é que o presidente do *Soviet* veio calmamente até o líder dos revoltosos com um manifesto impresso, assegurando que ali se

explicava tudo que deveriam saber e fazer. Então despachou-os ordenando que lessem tudo e se inteirassem, ao invés de interromper a reunião", uma pausa gelada. "E se essa gente toda se unir?"

"Mas esses *Soviet*s não são grupos novos. Têm pelo menos... o quê? Uns dez anos?", fez a tsarina, friamente.

"Começaram a se formar depois de 1905, pelo que sei...", respondeu Vyrubova. "São revolucionários".

"E foram inexpressivos, até hoje", insistiu Alix.

A baronesa meneou a cabeça: "Foi um milagre que os soldados e operários não expulsassem debaixo de sangue os membros do *Soviet*, e assumissem o governo. Desconhecem sua força de massa e ainda estão indecisos sobre como agir. Se se amotinarem aos camponeses que chegam, podem passar por cima do Império como um tanque.

"São pessoas ignorantes. O que fariam com o poder, caso o conquistassem? Brigariam entre si e se destruiriam. Mas, antes que isso ocorra, nós interferiremos".

Anastasia ficou com os neurônios girando, tentando fazer sinapses: "Interferir..... interferir como?

"O povo simples e pobre está acostumado a se curvar diante dos mais cultos e dos mais poderosos. Mas os *Soviet*s, além de revolucionários, contam com membros de partidos políticos, estudantes e gente mais culta. Podem ser os que vão dar uma direção clara a todos. O cérebro de um exército de descontentes; pessoas com nada a perder".

"E quem não tem nada a perder...", Anna deixou a frase desvanecer.

"Já não o teriam feito, Anna?" sobreveio Alix em seguida. "Ao invés de gastar tanta energia com manifestações, arruaças e lutas armadas?"

"Há grupos que estão atacando e batendo em pessoas bem-vestidas nas ruas, Alix! A situação da Rússia está além da imaginação! Tudo fora de controle" — a voz de Anna soou insistente,

mas fraca: ela sofrera um terrível acidente ferroviário no início do ano anterior. A tsarina não queria que sua amiga se exaltasse. Ficou calada e bebeu um gole de chá.

Tinha sido pavoroso. Logo após o acidente, Anna fora levada ao Anexo em Tsarskoye Seló, e foi Tayanna que recebeu a dama de honra. Não esperavam que Anna Vyrubova se salvaria. Mandaram chamar os pais dela, que Tatyanna recebeu em lágrimas, bem como o Pai Grigóry, monge, e antigo amigo da família imperial.

A doutora Gedroits, cirurgiã sênior no Hospital da Corte, não gostou muito daquela intromissão "desnecessária" e do "desperdício de tempo precioso". Ela não entendia como a família se apegara àquele homem, mas o escutou. O monge garantia que "Ánnuchka iria viver". A princesa Vera Gedroits agradeceu, e disse: "Obrigada pelas orações; mas eu vou salvá-la".

Nikolai, que estava presente, não deixou passar o comentário. Sorriu e disse: "Cada qual em sua seara". Pareceu a Gedroits, e a Valentina Tchebotariova, que estava de serviço nessa noite, que o tsar não acreditava de fato nas propriedades de cura do monge, mas mal também não faria receber suas orações. E, fosse como fosse, Vyrubova precisou de seis semanas de cuidados delicados. Depois, recuperou-se lentamente em casa, mas ficou com sequelas físicas.

Finalmente, Alix murmurou: "Fiquem calmas, amigas. O serviço secreto não está de férias, nem o imperador".

"Sim, mas... bem, eu não sei aonde querem chegar!"

"Ao poder, é onde querem chegar. Não seja ingênua", respondeu Alix, a voz alta e clara novamente, embora viesse se sentindo cada vez mais cansada naqueles dias.

As três mulheres caíram num silêncio reflexivo.

"Bem, eu espero realmente que esses rebeldes não acabem destruindo o Império, para atingir seus objetivos...", resmungou, por fim, Iza. A voz soou trêmula, e ela estendeu a mão para o chá quase intocado. Ninguém disse mais nada.

Aquilo trouxe à lembrança de Anastasia uma conversa em tom semelhante, onde protagonizava a voz firme como rocha do tio

Sandro, numa conversa com seu pai.

"Tudo pode *ruir* a qualquer momento, Nicki!", dessa vez havia fúria misturada com alarmismo. O tio Sandro, cunhado mais velho do pai, casado com a tia Ksênia, era um dos melhores amigos de Nicki. E não era dado a alarmismos. Isso assustava.

Nicki tinha profundo respeito pelo antigo oficial da marinha mercante, autor de grandes projetos, e que geralmente sabia do que estava falando. Desde o momento em que assumiu às pressas o trono da Rússia, após a morte súbita do tsar Alexandr III, seu pai, Nicki confiou em Sandro. Estava às vésperas também do casamento – com uma noiva muito jovem e pega de surpresa, que sequer tinha um vestido: Alix.

Nicki havia posto as mãos na cabeça: "Sandro, o que vou fazer? Não tenho nem ideia de como começar a discutir, seja o que for, com os ministros do meu pai. O que será de nós, de minha mãe, da Rússia? Posso contar com sua ajuda? Não quero ser tsar, nunca *quis*. Não pensei que seria tão cedo!"

Sandro – o príncipe Aleksandr – era um dos Mikhailovich. Seus traços caucasianos, exóticos, e uma provável ascendência judaica não foram bem aceitas no começo do enlace com a grã-princesa Ksênia, mesmo que também pertencesse à Casa Romanov. Sandro era neto do tsar Nikolai I, e tinha conseguido dobrar o tsar Alexandr III, tarefa nada fácil. Casou-se com Ksênia, irmã de Nicki, e acabou por se tornar o melhor amigo deste, além de conselheiro. Era o tipo de pessoa que jamais se esquivava de criticar o cunhado, até duramente, se houvesse motivo.

Anastasia ouviu novamente o som poderoso da voz do tio, reverberando pelas paredes do lindo gabinete de seu pai, renovado e decorado em tons de verde. "Se você não fizer nada, Nicki, e *agora mesmo*, e demonstrar que está disposto a ceder em alguns pontos, não sei *não*... Acho que não fica pedra sobre pedra, sabe?"

"Diga algo que não sei", rosnou Nikolai, acendendo o charuto.

"Eu sei que sabe. E sei também que *você sabe* que a liberdade política da DUMA nunca existiu realmente. Estou lhe

dizendo: o que começou em 1905 vai explodir em nossas caras, e vai ser infinitamente pior do que naquela época!"

"E você sugere...?"

"Nicki, de uma vez por todas, consinta com a existência de uma DUMA verdadeira, democraticamente eleita e sem interferência imperial! Você pode acalmar o país com sua assinatura num documento! *Faça-o* de uma vez! Caso contrário, pode ser o fim!

("Como assim... o fim?". Para Anastasia: Mistério. "Fim de quê?").

Ela perdeu parte da conversa refletindo no que seria "O Fim". Só voltou a si ao ouvir a voz muito irritada de sua mãe, que estava também dentro do gabinete.

"Nicki, você é um Autocrata! Como poderia dividir seu poder divino com um parlamento? Isso não existe. Dirão que está com medo, o que só virá a fortalecer essa gente".

De novo a voz de Sandro, entredentes, furioso, agora para sua mãe: "Alix, se você continuar a intervir nos assuntos de Estado, levará seu país e seu marido à ruína".

"Ora, mas não me diga!", retrucou a tsarina, ácida.

Sandro ignorou o comentário e continuou a olhar para o tsar: "Nicki! Escute o que estou dizendo. Em pouco tempo não haverá o que governar se você não ceder às petições do povo".

"Ceder a um bando de arruaceiros, é o que você quer dizer? Como isso seria sequer possível? A disparidade dos grupos, Sandro... é enorme. Cada um quer uma coisa! Seria como tentar agradar a gregos e troianos.

"Foque na DUMA. Boa vontade com a DUMA mostraria a *todos* os grupos que você se preocupa, que você ouve, que está atendendo a parte das solicitações. O resto veremos depois de apagar essa caldeira!"

"Oh, sim, a DUMA" – voz fria da tsarina. "Já na primeira inauguração os grupos opostos, cada um aglomerado de um lado do salão, se olhavam como se quisessem assassinar-se mutuamente".

Mesmo assim advertências semelhantes não paravam de chegar de todos os parentes, especialmente os que ocupavam cargos de alto e médio escalão. Ao contrário do povo, tinham muito a perder com aquela crise terrível. Conselheiros, ministros, comandantes – todos em polvorosa.

Até a Igreja Russa se preocupava: o tsar era conhecido como "*Saint* Nikolai, o Portador da Paixão", e ele e sua família eram absolutamente devotos da Ortodoxia – o que era confortável para a Igreja, que já tinha experimentado tempos muito menos pacíficos.

Mas depois de um tempo, o tsar apenas ouvia os conselhos, as reclamações furiosas e as estratégias fumando cigarro atrás de cigarro, sem nenhuma vontade de discutir. Fosse com Sandro, com os parentes, a esposa ou o governo.

Sua vida fora entregue a Deus há muito tempo, e ele sempre procurara fazer o melhor como Governante Supremo. Aquela confusão de opiniões raivosas o deprimia. Preferia pensar e refletir nas melhores soluções, do que brigar!

Cada vez menos punha os pés em casa, sempre no Stavka, e quando punha era acossado por aquela balbúrdia. Dessa vez ele viera porque Olga e Aleksei estavam com um sarampo fortíssimo, febre alta e muita tosse; Olga também tivera uma séria infecção de ouvido. Por fim foi Tatyanna que caiu enferma com sarampo grave. Nikolai não queria deixar a família naquele momento.

Mas logo o grão-príncipe Mikhail, irmão do tsar, chegou correndo a Tsarskoye Seló alardeando alto e em bom som que o exército ameaçava um motim iminente caso o imperador não retornasse *imediatamente* para o Stavka. Era o fim do Mundo!

Desde a segunda metade de 1915 Nikolai II se tornara o Comandante Em Chefe do Exército, após uma sequência de derrotas russas, a perda de quase um milhão e meio de soldados e a captura de mais um milhão. A insegurança e insatisfação do exército estava cada vez maior. Não havia como postergar: Nicki destituiu o grão-príncipe Nikolai, seu tio, e tomou o lugar. Antes da partida, Anastasia, insegura e preocupada, havia tentado conversar com o

pai sobre aqueles assuntos. Os dois sempre tinham sido próximos. Ela notava nos olhos dele aquilo que não queria dizer. Muita preocupação. (E *temor*. Será?).

Quanto a Nicki, se ficou surpreso com o teor da conversa de sua caçula, não demonstrou. Beijou-a na testa e disse que não se preocupasse: aquele era assunto de adultos.

As anotações no caderninho de Anastasia só cresciam.

Peça Número Dois: A participação desastrosa da Rússia na Grande Guerra colocava seu pai na posição de grande vilão. Os ecos da insatisfação reverberavam:

"Perda incontável de soldados..."

"Milhões de mortos, desaparecidos, prisioneiros..."

"Falta de *tudo*... Os soldados não têm comida, agasalhos; faltam até sapatos..."

"As armas de guerra do império não são modernas..."

"Após a investida dos alemães contra a Rússia tudo ia de mal a pior..."

"A estrutura retrógrada da monarquia, bem como *seu pai*, eram os responsáveis..."

Peça Número 3: "O Governo da Tsarina".

Alix assumiu o país durante a ausência do marido, assessorada pelos ministros. No entanto...

"Ministros enfurecidos..."

"O Povo ainda mais enfurecido... com a Guerra e a escassez de tudo, mas particularmente com a tsarina".

A regência de Aleksandra estava condenada. Sua tendência de empossar e retirar ministros do cargo soava mal, como brincasse com marionetes. Pelo que se dizia, a tsarina cortava do poder homens competentes, desorganizando bastante o trabalho do governo, já que nenhum deles ficou no cargo tempo suficiente para

fazer algo útil. No total da gestão de Alix, seriam mais de vinte trocas.

E Anastasia se perguntava qual seria o critério da mãe, pois estava a criar inimigos por todo lado. (Mistério). O coraçãozinho da jovem grã-princesa palpitava no peito, de preocupação, pois o povo também detestava sua mãe.

Por quê? Se havia quem governasse, quem cuidasse deles?! Sim, grassava muita fome e miséria por causa da Grande Guerra, mas *toda a Europa* se encontrava assim, enfrentando problemas semelhantes! Por que julgavam tão mal sua mãe?! Anastasia não sabia quando isso tinha começado.

Pareciam esquecidos de todo o esforço de Alix (e suas filhas) para suprir o que faltava ao exército; pareciam esquecidos dos inúmeros hospitais, do espaço cedido nos palácios e residências da nobreza para enfermarias.

Olga e Tatyanna ainda serviam como "Irmãs da Misericórdia". Anastasia e Mariya também tinham muitos afazeres auxiliando os pacientes menos graves em Fedorovsky Gorodok, homenageando os que faleciam, visitando suas famílias. Às vezes as incumbências se tornavam até perigosas, mas as duas encaravam como aventuras!

"Nastya caiu numa vala no cemitério", falava Mariya, "pois estava muito cheio de neve, funda e meio traiçoeira. Mas continuamos procurando pelos túmulos dos conhecidos para colocar flores. A neve estava muito funda e traiçoeira.

As quatro irmãs serviam de boa vontade e, quanto mais sua presença aparecia, mais eram admiradas (adoradas!) por todos. Se não fosse pela iniciativa da mãe, elas não teriam tido oportunidade de fazer isso. A tsarina fora rápida, certeira e primorosa em dar início aos trabalhos.

Ainda em 1914 Alix prontamente emitiu um *ukaz* imperial que estabelecia o "*Conselho Supremo para o Cuidado das Famílias dos*

Soldados e das Famílias dos Feridos e Mortos" – um suporte destinado às centenas de milhares de feridos da Grande Guerra que voltavam a Petrogrado, e por toda a Rússia. Aleksandra o dirigia, Olga era vice-presidente e responsável pelo Comitê Especial de Petrogrado. O incentivo da família imperial levou os comitês a se espalharam por cidades de todo o império. O objetivo era assessorar famílias e angariar fundos para o Conselho Supremo.

Alix, conhecedora da índole de suas filhas, criou um comitê para cada uma – o intuito era desenvolver maneiras de ajudar, arrecadar recursos e envolver pessoas. Sabiamente, Alix colocou Tatyanna para desempenhar um papel prático nesse esforço de guerra. O "Comitê Tatyanna" desde o começo se mostrou muito eficaz. A voz da segunda filha do tsar ecoou com singeleza e conhecimento da causa, mas foi sua personalidade marcante, associada ao exemplo que dava, que fez o resto. Tatyanna se engajou nos assuntos da Guerra, fez campanhas de arrecadação, participou ativamente no desenvolvimento de abrigos, entregas de sopão, lares para mulheres grávidas e crianças.

As grã-princesas imperiais tinham feito uma longa sessão de fotos para distribuir nos comitês porque, ainda que as Irmãs Romanova pouco conhecessem do "Mundo Lá Fora", o Mundo lá fora tinha grande interesse nelas! Ninguém sabia, contudo, que estas seriam as últimas fotos oficiais das moças.

Sua exposição completamente inédita, nesse caso foi muito benéfica. Deu voz às jovens pela primeira vez, gerando resultados e ultrapassando os limites da Rússia. Por incrível que pareça, foi a guerra que trouxe alguma liberdade às irmãs. Todas se lembravam da sessão de fotos. Tinham se preparado com graça, mas também honradez e firmeza, cientes da importância do ato. Elevar a virtude perante o tormento da Guerra, de maneiras práticas.

Ao invés das roupas sem-graça do dia a dia – as saias longas e blusas simples –, as irmãs se puseram em seus melhores vestidos, bordados com rosas, usando os colares de pérolas dados pelos pais e braceletes de ouro. Como Anastasia ainda não completara 16 anos, só podia se apresentar com os cabelos soltos. E estava linda

com sua cabeleira loura-arruivada, brilhante e bem penteada, cacheada nas pontas, batendo em sua cintura.

Quanto às outras três garotas, tinham escolhido penteados diferentes, cacheando as mechas e prendendo-as em estilo *chignon*. O próprio cabeleireiro de Aleksandra, Delacroix, preparou as quatro.

Aleksei também foi fotografado. O tão esperado tsarevich da Rússia, um dos maiores tesouros da nação, agora aparecia regularmente, como suas irmãs, também em cinejornais – eram imagens oficiais, liberadas ao público. Posteriormente, porém, Nikolai II decidiu chamar um cineasta britânico para filmar em Tsarskoye Seló, e permitiu a produção de um filme da família imperial em situações "não-imperiais". Quase mil metros de filme foram gerados, mostrando a vida da família no dia a dia. O objetivo era elevar o moral do povo e mostrar que por mais difícil que fosse, eles estavam ali. Seu Governante e sua família.

Em 1915, Nikolai II assumiu o posto de general do Exército. Diante dos terríveis fracassos no campo de batalha e a perda de milhares, o general responsável foi destituído. O tsar decidiu assumir o comando ele mesmo. Agora Nicki vinha muito pouco para casa, e boa parte do tempo Aleksei estava com o pai no Stavka.

Foi somente tempos depois que Anastasia veio a entender que seu irmão *poderia* correr perigo... Só mais tarde que ela entendeu que o tsarevich de todas as Rússias certamente poderia, sim, ser alvo de atentados. Era o único filho de seus pais. Importante demais para correr riscos.

Anastasia tomara conhecimento (sem qualquer rancor) do desespero gerado pelo seu nascimento. A grã-princesa Ksênia, irmã mais velha do tsar e uma de suas tias prediletas, exclamara, com as mãos na cabeça: "Meu Deus! Que Decepção! A quarta menina!". Do mesmo modo, o grão-príncipe Konstantin Konstatinovich, neto do antigo tsar Nikolai I, respondeu tristemente: "Que o Senhor nos perdoe, mas estamos todos desapontados, e não em júbilo; esperávamos *tanto* que fosse um menino, mas é mesmo a quarta menina...".

Peça Número Quatro: Fome e Miséria.

Toda a intervenção incessante em prol dos feridos e o esforço de suprir as demandas no campo de batalha não se mostraram suficientes. Não quando o império tinha dimensões continentais.

O mais surpreendente para Anastasia foi constatar que fome e miséria eram cotidianos em sua terra, e não apenas reflexo da Guerra.

"Camponeses e operários sempre viveram em extrema pobreza..."

"Os impostos são altos demais..."

"E agora eles morrem como moscas numa Guerra que não lhes pertence...".

Sobre os mortos, sim, ela sabia, tinha olhos para ver o caos. (Embora não enxergasse a situação que se dava nas regiões longínquas). Mas, miséria e fome?

"Há tantas riquezas em nosso país! Ele é tão grande!".

"A solução? Aparentemente não era mais um Mistério: a Rússia tinha necessidade urgente e inevitável de mudança. O Mistério mesmo ficava por conta da praticidade: que tipo de mudanças seriam essas? Mr. Gibbes havia dito que precisavam ser "*Muito* profundas, para tentar sanar, pelo menos, o problema principal".

E depois ele se calou e não disse mais nada, a despeito do quanto ela insistisse.

Anastasia não tinha como saber de todas as coisas. Ouvia conversas, mas não ia a Petrogrado, não saía do Palácio. Foi da boca de parentes que escutou o quanto os funcionários do Governo estavam apavorados.

"Ninguém sabe realmente o que pode acontecer..."

Por outro lado, (o que era chocante!):

"O sistema Autocrático sempre foi uma catapulta para a corrupção dos *chinovniki*, os funcionários do Governo..."

O tsar não tinha como supervisionar *tudo*. Precisava dos altos funcionários para governar, e estes dependiam de funcionários de escalão menor. Isso criava a brecha perfeita para que até mesmo ministros fizessem coisas por conta própria, visando unicamente seu benefício. Chegava-se ao cúmulo de abolir-se leis, quando consideradas desvantajosas, sem o conhecimento do imperador. A Autocracia foi amplamente explorada pelos *chinovniki* porque o sistema era ideal para ocultar tais atos, praticados em todos os níveis.

"Se houver uma mudança de Governo...".

Peça Número Cinco: O império está como um barril de pólvora por questões políticas.

Era um desdobramento de sua "Peça Número Um"! Anastasia se lembrou tanto das vozes quanto das anotações anteriores: "Tudo está a ponto de explodir" ... "Pode ser o Fim" ...

Os grandes conflitos internos ameaçavam engolir a Rússia. Já não era preciso esforço para ouvir falar nisso. Coisas escondidas debaixo do "colchão do império" tinham embolorado, estavam rasgando o tecido e deixando sair um enchimento fétido e perigoso. E isso eram metáforas e eufemismos. A realidade ia além de qualquer definição.

"Problemas sobre problemas...": "Em Petrogrado e Moscou ocorre o de sempre, mas agora está cem vezes pior" — esse foi o comentário do doutor Bótkin, que Anastasia anotou no caderninho dado o tom sombrio da voz dele.

O médico continuou falando:

"O número dos operários na Rússia supera toda e qualquer economia do ocidente europeu, mesmo as mais desenvolvidas. É gente *demais*! Se essa gente se unir de verdade, como vem

acontecendo, é só uma questão de tempo para tudo ruir. Será irrefreável".

"Os *Soviets*" e partidos políticos vêm se multiplicando desde o 'Domingo Sangrento' de 1905..." (De novo esse Domingo Sangrento! Era parte da "Peça Número Um" de Anastasia, e ela ainda não sabia o que ocorrera).

"O 'Domingo Sangrento' deflagrou um caos generalizado em São Petersburgo, na época: manifestações públicas, combates nas ruas, greves em massa, motins, rachas nas Forças Armadas. O nível de confusão foi tamanho que foi chamado de Revolução..."

"... E por causa disso seu pai precisou fazer concessões políticas, na tentativa de acalmar os ânimos..."

"Foi daí que surgiu a DUMA estatal...!!"

(O quê?)

Isso deixou Anastasia alarmada. Como nunca soubera?! A DUMA, resultado de uma Revolução, de derramamento de sangue?? Estaria entendendo direito?

Em sua mente ecoou a voz de Aleksandra: "*Nicki, você é um Autocrata! Como poderia dividir seu poder divino com um parlamento*?".

E seu tio Sandro: "*A liberdade política da DUMA nunca existiu realmente*..."; "*consinta com a existência de uma DUMA verdadeira*"!

A DUMA foi criada por Nikolai II visando dar certa liberdade política nos moldes da monarquia constitucional. Anastasia sabia que a instituição tinha sido dissolvida por três vezes, mas logo em seguida, rearranjada. Um sinal de que seu pai tinha *real intenção* de conceder tais direitos. (Não era?)

"Os '*Soviets*' começaram a surgir após o 'Domingo Sangrento', primeiro em São Petersburgo e Moscou, depois se alastrando por todo o país..."

"'SOVIET' = Denominação dada aos 'Conselhos de Operários e Soldados' = Grupos detentores de poder político armado..."

"Mesmo com a formação da DUMA, a insurreição da classe operária em 1905 se prolongou por meses... Finalmente foi derrotada pela repressão imperial... Não havia outro jeito..."

"Eis uma das inúmeras manchas que, passada mais de uma década, ainda abalam o governo de Nikolai Romanov..."

"Em dez anos os *Soviets* estavam muito mais organizados. Eram uma *força* contrária verdadeira..."

"Os *Soviets* têm incitado o povo, e todos se amotinam em greves e manifestações, mesmo estando estas *terminantemente proibidas*. Ninguém segura mais ninguém. Há mesmo milhares de mulheres nas ruas, falando em voto e melhorias nas condições de trabalho".

Anastasia estava com dor de cabeça. Peça do quebra-cabeça número seis... sete... oito..... Ela precisava parar de pensar. Precisava tomar um chá, comer qualquer coisa. Ainda bem que, pelo menos as mulheres da família Romanov, estavam todas seguras em Tsarskoye Seló.

No dia seguinte, Anastasia ainda se sentia angustiada. Era *tanta coisa*. Folheara o caderninho diversas vezes, pensando: "Qual a verdade? Qual a mentira? Quais as meias-verdades?". Ela não tinha como julgar. Então Anastasia foi conversar com sua avó.

Mariya Feodorovna – Minnie – tinha sido a Imperatriz-consorte de Todas as Rússias ao lado de seu avô, o tsar Aleksandr III. Dinamarquesa de origem, ela sempre foi linda e popular, interessada nos costumes do povo de seu marido, convertida à Igreja Ortodoxa e fluente em russo. Minnie adorava os meses da Temporada Social da Corte, passada no Palácio de Inverno em São Petersburgo: naturalmente, iniciava no inverno e se estendia até a primavera. A Páscoa marcava o final do Temporada. Minnie tinha muitas amigas na Corte e sempre participava de festas e eventos. Também se dedicava a trabalhos de caridade e não interferia na política.

Embora Alix fosse ainda mais bonita do que Minnie na juventude e abraçara fielmente a Ortodoxia, o casamento de supetão não ajudou na fluência do idioma. E, de resto, sua mãe era diametralmente oposta à sogra. Especialmente no que dizia respeito à Corte, com a qual Alix não queria contato estreito. Como Nikolai também não fizesse questão, preferindo a vida familiar e os amigos próximos, assim ficou.

Esse histórico certamente fazia de Minnie um verdadeiro poço de informações.

Além do mais, sua mãe não tinha tempo para nada, assoberbada por compromissos. Anastasia achava que a mãe vinha se saindo bastante bem fazendo coisas que nunca fizera antes. Na ausência de Nicki ela se jogara de cabeça no trabalho pesado, o que, paradoxalmente, também lhe dera uma injeção de vida! A chance de se tornar participativa e ser útil tinha renovado a tsarina como um tônico.

Mas, às vezes, os compromissos extrapolavam suas forças. Os hospitais, os comitês, aturar ministros e toda a gente importante do governo – muitos deles desejando vê-la fracassar – a exauria completamente. E Alix acabava de cama por alguns dias. Anastasia sabia que não deveria importunar mãe com questionamentos pessoais. Quanto a Minnie, ficou feliz com a aproximação da neta.

As duas foram próximas quando Anastasia era criança, e até mesmo no início da adolescência. Antes da Grande Guerra bagunçar tudo.

Anastasia foi muito sincera. Segurou a mão de Minnie e disse: "Querida Babushka... Vovó... A senhora foi tsarina ao lado do meu avô, e entende as coisas. Por favor. Ilumine minha compreensão. Posso fazer algumas perguntas?".

"Sim, diga-me".

"Oh", a menina não sabia explicar a urgência. "São coisas bem antigas... que ajudaram o país a... ficar como está agora".

"Nastya. Você já é uma mocinha, e tem o direito de entender o que se passa. É a sua vida também. Diga-me o que quer saber".

Capítulo 14

Louisville, Kentucky; Estados Unidos.

1960 d.C.

Por algum tempo, Victoria não se lembrava de nada. Sua mente estava vazia, sugada por um ralo. Os olhos – não sabia direito se estavam abertos ou fechados, pois não focalizavam coisa alguma. Mas havia um ruído em algum lugar, de tempos em tempos. Algo estridente, enérgico, intenso.

Victoria tentou falar. A voz estava amolecida, a garganta não tinha intenção de colaborar, nem suas cordas vocais. Sentia-se... apertada. Os movimentos... Onde estavam? Ela se esforçou, mas não conseguiu. Tentou de novo, mas as pernas estavam inertes.

Estava morta?

Pausa.

Victoria acordou assustada.

Teria cochilado?

Os mesmos sons altos e estridentes, capazes de se fazer ouvir pela mente mais atrofiada, continuavam, de novo e de novo. Victoria apurou os ouvidos. Eram *gritos*. Dessa vez a mente de Victoria entendeu.

E uma onda vertiginosa de angústia a abalroou; sentia-se completamente tonta, girando.

"Não consigo me mexer..."

As ondas de vertigem vinham, uma após outra, chegando perto, quebrando-se sobre Victoria. Como a maré que sobe, trazendo terror e desespero. Ameaçando afogá-la.

"Não estou morta?".

Vácuo.

Ela foi puxada para cima de novo.

Sentiu que emergia do negrume da inconsciência. O que a trouxera de volta? Dessa vez era pânico. Victoria tentou se mexer. Alguma coisa a prendia e estava *doendo*. De onde vinha aquela dor? E frio. *Tanto* frio! Seus músculos rígidos convulsionavam em espasmos involuntários de vez em quando.

Pânico, pânico de novo. E foi então que Victoria se lembrou. O terror que estava sentindo era por causa dos gritos. Pois eram os *mesmos* gritos. Os *mesmos*! Aqueles que *conhecia*!

(De *onde* conhecia mesmo?)

"Então *não* estou morta..."

A mente se aclarou um pouquinho. De novo, então, ainda mais pavorosos, os gritos se quebraram contra sua cabeça já esfacelada, como ondas impiedosas contra um penhasco rochoso. Ela ia arrebentar. Sua cabeça. Como uma noz. Sua noz Sua cabeça ia abrir em pedaços. Pois era como uma noz pequena e marrom, como no Natal, quebrada com um martelete..."

Victoria estremeceu; aliás, não era mesmo época de Natal? Sem conseguir raciocinar direito, começou a gemer, baixinho. A cabeça doía tanto! Só conseguia pensar nela, na sua noz... sua cabeça. Os gemidos se intensificaram. Victoria tentou levar uma das mãos até a têmpora esquerda, que latejava muito. Mas era um esforço vão. Os músculos não respondiam aos seus desejos.

Aquela ideia aleatória, que ficava voltando, era muito chata: "No Natal meu pai pegava o martelete e batia nelas... nas nozes. Quebrava todas as nozes...". Os pensamentos não faziam sentido. Ela afundava neles, mergulhava, e... nada.

Adormecia? Desmaiava? Estava morrendo?

O som estridente dos gritos a puxou de volta num susto. “Que som medonho!”

Quando os gritos cessavam, ela naturalmente adormecia outra vez. No fundo, Victoria não queria encarar a realidade, e enquanto dormisse... não precisava pensar... Mas, aquele *bungee-jump* emocional trazia, aos poucos, uma nítida sensação de mau a... é.

“Onde estou...?”

Oh, a noz cabeça. Doía *tanto*! E o corpo também doía. De repente, Victoria começou a senti-las, todas elas, todas as *dores*: a base da coluna, os músculos do pescoço e dos ombros, os ossos do tórax, os braços, os tornozelos, as pernas. Teria sido atropelada? Aquilo não era normal; Victoria tinha bastante condicionamento físico por causa dos longos passeios de bicicleta a vida toda. O que tinha ocorrido para deixá-la em tal estado?

Uma chama de esperança se acendeu no peito: sim, tinha sido atropelada e agora estava num pronto-socorro qualquer. Pessoas também gritam no pronto-socorro.

(Mas não aquele tipo de grito...) – Ela bloqueou aquele pensamento.

A ideia do pronto-socorro lhe trouxe consolo. Adormeceu.

Mais tarde. Só podia ser. Dava para ver como estava escuro – Victoria conseguia distinguir apenas uma luminosidade mortiça que vinha de algum lugar, muito além. E mais nada.

Ah, agora dava para notar: ela estava num corredor.

“Pense, pense, *pense*... o que aconteceu?”

Certo. Agora havia a lembrança de algo. Estava bem ali, pronta para ser capturada e trazida à tona. Mas lhe escapava, a maldita lembrança fugidia! Espremendo as memórias, Victoria teve a atenção desviada para uma aranha na parede, andando bem perto dela. Era a primeira coisa que conseguia ver desde, desde....

Odiava aranhas! Odiava! Teve a intenção de lhe dar um peteleco para arremessá-la longe, mas não conseguiu se mexer. O braço doía muito, e parecia pesado como chumbo.

Gritos pavorosos outra vez.

Victoria estremeceu e fechou os olhos com força.

Ela estava semiacordada outra vez. Quanto tempo se passara? Não havia como saber.

"Onde é que eu estou, *meu Deus*... O que me aconteceu?!"

Então, na semiescuridão do recinto, ela lembrou. Victoria sentiu o peito apertar e apertar, o coração bateu mais rápido e o rosto se contorceu numa expressão de choro. Sentiu uma dor forte do lado esquerdo do rosto. A despeito disso, começou a soluçar. Primeiro como um cicio, e depois mais alto. Incontrolável.

Que profunda tristeza! Sabia agora o porquê não podia se mexer. Era porque estava amarrada, *presa*. Se lembrava perfeitamente agora: *Waverly Hills*!

Estava em *Waverly Hills*!

— Não, não, *não*... — ela gemeu. E, como se estivera no décimo andar de um prédio e se jogasse lá de cima... o estômago subia e descia, havia náuseas na garganta – Ah! *nãoaaah*... nã...o...

Depois de passar horas, (ou dias?), sem falar, aquele era apenas um balbucio trôpego, sussurros ininteligíveis que escapavam de seus lábios, moles como gelatina. Os pensamentos iam e vinham, se repetiam a esmo, mudavam, progrediam conforme ela ia ficando mais desperta.

"Então", raciocinou Victoria. "Eles me mandaram *de volta* para cá!"

Após um tempo, os soluços que faziam seu peito subir e descer se tornaram em algo que não era soluço.

Era só um ruído desconhecido, inominável, escapando de seus lábios. O produto de um corpo submetido à agonia. E, sim,

aquilo traduzia o barulho de *todo o corpo* de Victoria, não apenas das suas cordas vocais: incluía as unhas quebradas que ficavam raspando sem parar no metal frio sob ela; o som áspero do couro quando Victoria tentava puxar os pés e os pulsos para escapar; o estampido da parte posterior de sua cabeça quando, volta e meia, acabava batendo-a na superfície dura – só que não era atrás que ela sentia mais dor. Victoria agitou a cabeça de um lado para outro, sentindo.

A cabeça doía inteira, mas era pior do lado esquerdo. Estava muito sensível, e Victoria não fazia ideia do motivo. Teria caído? Ela tentou se acalmar para evitar sentir mais dor e, sem pensar, tentou erguer a mão até a têmpora esquerda, que latejava. Porém, foi contida pela amarra.

"Não, *nãããooo*!!!". Aquele foi um pensamento de raiva.

Os balbucios e gemidos e soluços e ruídos, tudo junto, retornaram com força total. Victoria queria gritar, mas não o fez. Sentia-se fraca. E a movimentação da cabeça trazia vertigens. O barulho involuntário de suas unhas raspando o metal pela enésima vez arrepiou até sua alma.

Começando a ficar inconformada, deu um tranco com o corpo sobre a maca – (pois estava numa maca sem colchão). Mesmo sentindo dor, ela fez o movimento várias vezes, erguendo o quadril e o descendo com força.

Mas, para piorar tudo, as rodas da maca rangiam.

"Mas que merda!"

Maldito barulho. Victoria odiava barulhos incômodos que não podia "desligar".

Evitou dar trancos muito fortes. E chorou de verdade pela primeira vez.

Aquele soviético não a matara. E, estava óbvio, o pai dela também não. Victoria lembrou-se de que a mulher-assassina teria

dado cabo dela ali mesmo na floresta; o que, talvez, avaliando agora, tivesse sido um destino mais misericordioso. Mas o líder preferira um final digno de filme de terror devolvê-la a seu pai.

Victoria se viu presa ao pensamento destrutivo de "que *pai* faz uma coisa dessas com a *única filha*?!". Não era a primeira vez que pensava assim. Mas agora era mais forte, mais afundado em perplexidade absoluta e raiva. O doutor Milton John não o fizera apenas uma vez, mas duas. Porque, claro, a decisão final de enviar Victoria *de novo* para o sanatório tinha sido tomada pelo onipotente doutor Milton John.

Ela sabia que era muito prejudicial, emocionalmente, ficar dando *loopings* na ideia. Já estava esgotada; era melhor não entrar nessa paranoia. *Ele* era o louco, ela não. Victoria fez um esforço mental sobre-humano para redirecionar o que sentia e pensar em outra coisa. Tentou lembrar de *qualquer* coisa do que acontecera depois do cerco na floresta, mas foi uma tentativa frustrada. Sim, sabia que tinha tomado um soco no rosto, e nas costelas... fora literalmente espancada e envenenada com drogas!

— ...Oh, então foi *isso*, agora me lembro! — ela murmurou. As dores na cabeça, na face, no olho já tinham uma ótima explicação.

Depois de a terem sedado e raptado, ora essa! para onde a tinham levado? Será que para o Laboratório? Um calafrio percorreu o corpo de Victoria. Será que tinha estado frente a frente com seu pai e agora não lembrava? Impossível saber. Era um branco total.

Ela fechou os olhos instintivamente com muita força, mas desistiu e tornou a abri-los: fazia doer mais ainda sua cabeça, seu olho esquerdo e a maçã do rosto correspondente. Tentou sofregamente pensar em outra coisa. Mas não sabia no quê. O pior pesadelo ficava passando pela mente de Victoria...

O doutor Muller.

Se ele ainda não tinha ido vê-la, podia fazê-lo a qualquer momento. Seria esse o motivo de estar jogada no corredor e não na sua própria cama? O corpo de Victoria estremeceu de repente.

Começou na altura do umbigo e subiu até sacudir seus ombros. Duas vezes. Intenso.

Foi quando Victoria começou a perceber algo que, aparentemente, preenchia seu estômago vazio. Disso ela tinha certeza: o estômago *estava* vazio. As náuseas aumentaram. Era como se quisesse vomitar, era como se houvesse todo o peso de uma bola de boliche no estômago, e um *gelo* também, pedras enormes de gelo. Quanto mais desperta ficava, mais o mal-estar aumentava.

Não levou muito tempo para conseguir discernir aquela sensação, porque já lhe era conhecida. Era pavor. Ela estremeceu de novo, sem controle.

Havia também tristeza e decepção. Pois é. O fato de Victoria estar em Waverly Hills *após desperdiçar toda uma chance de vida nova* aparentemente tinha o poder de *revirar* suas entranhas.

Sem refletir, ela gritou. Duas notas, agudas, e Victoria nem precisou pensar para emiti-las; apenas saíram de dentro de si e ecoaram pelo corredor, traduzindo o que palavras não podiam. O mais profundo lamento da alma. E um estrondo feito mais de fúria, que dor.

Pensar no doutor Muller fazia efervescer uma profusão de reações viscerais, instintivas e selváticas, que chiavam como azeite numa chapa quente. Milhares delas! Prontas para fazer com que o corpo de Victoria "cantasse e tocasse" a melhor sinfonia de Waverly Hills.

Nos dias em que estivera livre Victoria avaliara algumas das atitudes extremas que tomara no sanatório, e entendeu que tudo vinha de uma região sombria do seu "Eu". Vinha do âmago, da sua porção mais antiga e selvagem e primitiva, que precisava se defender a qualquer custo, que precisava lutar. Era ali dentro, muito lá no fundo, que estavam sendo gerados aqueles sistemas não só de defesa, mas de ataque. Eles iam se acumulando nas entranhas de Victoria, ela podia perceber, como filhos gerados e já quase prontos para vir à luz.

(Ah! Eles iam ver e ouvir o que jamais tinham visto ou ouvido. Seria questão de lhe darem a chance. A motivação).

As sementes tinham sido plantadas pelo doutor Muller. E agora que Victoria estava de volta ao sanatório, cedo ou tarde tudo seria trazido à tona. À luz. Victoria sabia que era necessário estar preparada, e talvez sofresse menos. Sabia o que a aguardava.

Só havia um fato novo: Victoria não tinha certeza do que poderia fazer caso as coisas fossem ainda *piores* do que antes. Os seus "filhos" da dor e do terror e da solidão e do desprezo iriam ajudá-la. Deles viria a força para lutar, para enfrentar, para gritar, para revidar, para chorar e para tudo o mais que fazia parte de um frenesi emocional – o que não se pode traduzir.

O tempo foi passando. Mesmo extenuada, o corpo de Victoria continuava ativo em seus sons e ruídos. E foi assim até ela se cansar e não ter forças nem para gemer. Não havia ninguém muito perto, pois todos os sons que agora ouvia – fossem das enfermeiras, fossem dos pacientes – vinham mais de longe. Estava sozinha ali. E ainda era noite.

A ira pela reviravolta nos acontecimentos ficava cozinhando na mente de Victoria. Fermentando. Apodrecendo. Agora, tendo emergido quase por completo do torpor e da nuvem escura onde estivera, Victoria se sentia mais capaz fisicamente.

Num esforço supremo e sem ligar para as dores, ela reuniu toda a força possível dos músculos; se concentrou nela. E se contorceu, puxando todos os membros ao mesmo tempo, aplicando uma força isométrica absurda contra as amarras. Os músculos queimaram, responderam, mas não o suficiente. O esforço só serviu para que a maca desse uma remexida mais forte, fazendo aquele rangido insuportável. E que sua cabeça ameaçasse trincar em pedaços.

(Como uma noz). Victoria não sabia o motivo de ficar pensando naquilo.

A vista estava embaçada e com uma infinidade de pontinhos pretos dançantes. O coração acelerou. Victoria respirou mais lentamente, se recuperou. E lançou mais uma investida contra as amarras. Se conseguisse afrouxá-las, nem que fosse *só* um pouquinho, só uma... talvez pudesse escapar de novo. *Sabia* o caminho agora! Poderia aproveitar a calada da noite. Até então, ninguém tinha passado por ali.

Mas não adiantou. Claro que eles sabiam prender alguém muito bem. Só faziam isso. Victoria percebeu que não havia o que fazer, exceto esperar. Estava exaurida, a energia parecia ter sido drenada.

Mais nefasto, porém, era o fato de que se sentia *completamente* derrotada.

Lá pelas tantas, a noite já ia longe, Victoria tinha certeza.

Atemorizada, Victoria revezava entre cochilos entrecortados e nem um pouco restauradores, e momentos de lucidez. Estava à espera. Só podia ser por pura maldade que o doutor Muller demorasse tanto a aparecer. Viria ainda nesta noite? Ou só pela manhã?

A incerteza agourenta e a expectativa tornavam o descanso impossível. As dores pelo corpo latejavam; ela sentia suas artérias pulsando nos piores locais, como os pés e as mãos, muito inchados por causa das amarras excessivamente apertadas, e por todo o esforço que ela fizera. A cabeça e o lado esquerdo do rosto pareciam estar sendo espremidos numa morsa.

Num dos despertares, resultado de uma gritaria extrema em algum quarto, Victoria de repente se lembrou: *havia* algo mais a ser retirado da memória. A lembrança dos soviéticos, do pai e até do doutor Muller esmoreceram por um instante e Victoria se concentrou. Uma visão longínqua brotou na mente. Um lugar. Alguém. Ela não podia esquecer.

Acalentou a visão do médico que a tinha salvado, reviveu seu semblante; reteve a sensação do abraço pelo maior tempo possível. Aquela indistinta emoção... a certeza de que o *conhecia*, o *conhecera*, arrebatou o coração dela. A pedra azul... não tinha ideia de onde tinha ido parar, quem ficara com ela. Aquilo a entristeceu tanto que choramingou. Era a única coisa que provava que o médico era real.

E... E se ele não fosse? E se simplesmente tivesse dado sorte e escapado pelo túnel sozinha, criando, depois, uma ideia delirante de um salvador pessoal?

"Ele disse que eu precisava cumprir meu destino..."

Mas que destino, *maldição*?

Teve medo. E se o destino fosse ficar ali, em Waverly Hills? Até ficar velha? A jovem sabia de histórias que vão passando de geração em geração, de pessoas que acabam largadas em sanatórios por décadas, a família se esquece delas, naqueles depósitos de vidas humanas.

Teve mais medo ainda. Seria tão simples: seu pai jamais deixaria sua mãe vê-la outra vez; poderia até dizer que Victoria havia morrido; e faria um enterro com outro corpo. Ela percebeu que seu pai não teria qualquer dificuldade com isso. Começou a ficar sobressaltada com aqueles pensamentos. Depois, meio histérica. Hiperventilava, olhando de um lado e outro do corredor vazio. As palmas das mãos estavam úmidas. De repente, parecia que estava vendo sombras estranhas perto dela.

Um vulto passou tão perto de seu rosto que ela deu um grito involuntário. Tinha certeza de que vira um vulto. Aquele... aquele mesmo... que vislumbrara algumas vezes. Como aquele dia no Clube Náutico em South Pearl, quando tivera um acesso de pânico. Como quando aquela Gárgula havia se debruçara sobre ela no escritório de seu avô; quando tinha rido dela.

Ela choramingou de novo, em desespero, os olhos arregalados, procurando. Não tinha conseguido se mover um milímetro. Não podia sequer se encolher, se proteger – caso

houvesse uma proteção possível. Até quando ficaria ali amarrada? Por quanto tempo?!

Uns olhos estavam muito perto dela agora. Os olhos da Gárgula. Victoria gritou de novo, afastando a cabeça. Então, numa lufada de vento frio – que Victoria sentiu, tinha *certeza de que sentiu*! – o monstro se foi. Rindo. De algum modo ela sabia que ele *estava* rindo, estava satisfeito com o desenrolar da situação. Não precisava perder mais tempo com ela. Já estava destruída.

"Vou destruir tudo o que você ama".

Já não sobrava muita coisa...

Era como se aquele *monstro* soubesse! Victoria tremia sem controle, o suor frio empapou suas vestes já imundas – o monstro sabia que não havia salvação alguma para Victoria. Era como se ela já estivesse condenada ao inferno e aquela Gárgula não tivesse mais que fazer qualquer esforço.

Não fazia sentido, e ao mesmo tempo fazia completo sentido. Porque desde que começaram os ataques de pânico, quem poderia prever que aquele seria o seu destino final? Waverly Hills?

"DESTINO..."

A garota fechou os olhos, apertados. Mas, por quê? Era *isso*? Seu destino era se decompor em vida naquele sanatório? Victoria sabia que não iria dormir tão cedo. Ficou lá, estremecendo, sentindo as dores que só aumentavam e as lágrimas que resolveram escorrer sem chance de controle.

Por que não amanhecia logo? E por que o *maldito doutor Muller não aparecia*?

Se o médico viesse, pelo menos Victoria ficaria logo sabendo o que ia lhe acontecer. O medo parecia consumir suas entranhas e Victoria lamentou que a sedação houvesse passado.

"Vou enlouquecer. Vou enlouquecer de *verdade* nesse lugar"

De súbito, passos no corredor. Vindos de longe, e se aproximando. Não eram saltos de mulher. Victoria engoliu em seco e se preparou, já que podia ser o maldito Muller.

Não estava errada.

Ele veio pela cabeceira da maca, e trazia uma lanterninha com ele. Pelo visto, era equipamento necessário para percorrer os enormes corredores do sanatório – e vá saber que outros locais –, à noite.

Hank Muller apontou a lanterna direto nos olhos de Victoria. Ela baixou o rosto próximo ao queixo, e apenas estreitou os olhos, sem fechá-los. Estava indefesa ali.

— Hum. — Foi só que ela escutou. Um grunhido. E barulho de papel numa prancheta.

Depois aquele tamborilar IRRITANTE dos dedos dele sobre o metal da maca, perto da cabeça da garota. Ela queria gritaaaar! Mas não fez qualquer ruído.

Finalmente o doutor Muller deu a volta e ficou parado ao lado da maca. Victoria sentiu-se claustrofóbica imediatamente, com o médico quase encostado nela e a parede do lado oposto. Victoria se esforçou em controlar os batimentos cardíacos e a respiração entrecortada. Não daria aquele prazer ao doutor Muller: deixar que a visse tão assustada.

Decidida, Victoria foi virando o rosto devagar na direção dele. O olhar de ambos se cruzou. Gélido. O médico, com seu jaleco branco, fantasmagórico à penumbra, parecia um pesadelo vivo; quase mais apavorante do que a Gárgula. A Gárgula assustava Victoria, afirmava prometia muitas maldades... mas o médico tinha um poder *mais que real* de maltratá-la, de matá-la, caso quisesse, com toda a crueldade. Isso fazia dele um monstro ainda pior do que qualquer... qualquer... espírito desencarnado, qualquer fantasma, entidade, demônio... ou o que quer que fosse a Gárgula.

Victoria estava realmente apavorada. Mas não abaixou os olhos e não moveu um músculo do rosto. O doutor Muller, se irritado com a ousadia dela ou apenas por divertimento, mirou o facho

luminoso exatamente na direção do rosto de Victoria. De novo. Ela virou um pouco o rosto, mas não fechou os olhos – de novo. Sentia-se meio cega agora.

Por fim, ele desligou a lanterna.

— Brincadeira cansativa, não?

A escuridão pareceu ainda maior do que antes para a jovem. Victoria teve que se esforçar para controlar a ânsia que lhe subiu, a vontade de vomitar.

"*Desgraçado*!" passou pela mente dela, apesar daquele misto de pavor e fúria que a invadia. O rosto neutro permaneceu.

Hank Muller achou que a maca de Victoria estava meio desalinhada com a parede e, indignado, a arrumou abruptamente, chacoalhando tanto a maca quanto a paciente.

— As pessoas dificilmente conseguem fazer as coisas de maneira eficiente! – Rugiu. — Odeio, *odeio* incompetência.

O rangido estridente do metal contra a parede foi pior para os ouvidos de Victoria do que a luz o fora para os seus olhos. Sem querer, dessa vez Victoria soltou um gemido baixo de agonia.

Um sorriso no rosto, Hank Muller fez o que sempre fazia: aproximou-se mais e debruçou-se sobre o rosto da jovem, passando a examiná-la de perto, muito de perto. Aparentemente ele não estava cego quanto Victoria. Ela aguentou firme. Será que ele conseguia ouvir os batimentos cardíacos dela?

Que médico aparece no meio da noite, que nem uma alma penada, para ver uma paciente?

Talvez ele tivesse feito de propósito.

Era pavoroso encarar o doutor Muller, sozinha, naquela semiescuridão. Foi com esforço sobre-humano que Victoria manteve os olhos fixos no rosto do doutor Muller: bem fundo nos olhos dele, enquanto se aproximavam e a avaliavam. Victoria nem piscou. Se não estivesse tão intimidada poderia ter sido divertido.

De uma coisa ela tinha certeza: iria pagar caro pelo que fizera, pelo que não fizera, pelo que ainda estava por fazer. Iria

pagar. Essa era uma certeza matemática. Ela não precisava piorar as coisas. Mas...

Depois de ficar olhando com atenção para Victoria, respirando em cima dela, ele apoiou vagarosamente os dois punhos na maca: um perto do pescoço de Victoria, e o outro perto do quadril. Ela quase gritou de verdade.

— Então. — O doutor Muller tinha a voz soturna. — *Cara-paciente-atrevida*. Vamos ao que interessa: como você *ousou* fugir do meu sanatório, hein, menina? — Pausa. Uma fungada. Funda e nojenta. — Como foi que *fez isso*?

O nariz do doutor Hank quase encostou ao de Victoria. Ela permaneceu absolutamente quieta. Sentiu outra ânsia violenta. O hálito dele sempre tinha aquele resíduo alcoólico.

— Ninguém... foge... do meu... sanatório. — Cada palavra vinha carregada de algo perigoso. Letal. – Eu ainda *não te dei alta*! Está louquinha demais, ou você consegue perceber esse fato?

De novo Victoria não se mexeu. Nem falou.

— *Consegue-perceber-esse-fato*?! — ele berrou com todas as forças no nariz dela, lançando perdigotos por todo o seu rosto.

— Sim. — Fez Victoria, a contragosto, em tom baixo. Fervia de raiva e de medo ao mesmo tempo.

Hank Muller se ergueu rápido, acrescentando peremptoriamente:

— Como você fugiu? Responda, ou não respondo pelas consequências.

— Não tenho culpa que a porta do túnel estava aberta.

Hank Muller não estava acreditando muito. Uma paciente sedada tinha conseguido descer vários lances de escada e saíra para a noite, no frio do inverno? Ele torceu a boca para um lado; tamborilou os dedos no metal ao lado do corpo de Victoria. Olhou fundo para a garota mais uma vez. E não fez comentários.

Em vez disso, prosseguiu:

— Eu tinha a esperança – veja só, que tolo eu fui! –; eu tinha a *ESPERANÇA* de encontrar aqui uma pessoa arrependida do que fez, que me suplicasse por uma nova chance de tratamento, que ansiasse em ser curada de sua... — ele ergueu a voz vertiginosamente, o dedo em riste: — *LOUCURA*! Sua *maldita insanidade* dos infernos!

Victoria virou o rosto para a parede, mas o médico colocou a mão contra sua bochecha e a fez olhar de novo para ele.

— Mas o que eu encontro AQUI? Uma menininha mal-agradecida e arrogante, cheia de si, que tem a coragem de me olhar do modo como está olhando! Uma menininha que perdeu a linguinha.

Os olhos de Victoria fuzilaram os do doutor Muller. A mão dele ainda estava espalmada sobre a bochecha dela.

(Se pudesse, Victoria morderia aquela mão, arrancaria um dedo fora).

— Quando eu a encarar, menina — tornou ele –, aprenda: você deve baixar os seus próprios olhos, e dizer: "Sim, doutor Muller. O senhor tem toda razão"!

Victoria manteve-se quieta.

— *VOCÊ-ME-ENTENDEU*?! — bradou novamente, dessa vez bem dentro de um dos ouvidos dela.

Victoria estremeceu e fez uma careta de ódio. Seu tímpano parecia ter estourado.

— *Entendi*! — Victoria gritou de volta. A fúria foi mais forte do que o medo. Incapaz de se conter, acrescentou: — Carniceiro! Torturador da Idade das Trevas. Você é tudo, *menos* um médico!

O rosto de Hank Muller ficou lívido. Mesmo assim, ele sorriu. Encarou Victoria algum tempo ainda – segundos que pareciam durar uma eternidade. Victoria sabia de sua clara desvantagem, e que tinha piorado tudo. Se é que ainda havia o que piorar.

— Sabe? Eu tenho pena do seu pai. Quando ele me trouxe você pela primeira vez, achei que estava tomando uma atitude um

tanto... drástica. Mas agora, *conhecendo* você, vejo que seu pai foi até que bem tolerante. — O doutor abaixou-se perto do ouvido de Victoria, e sussurrou: — Ele quer você morta, sabia disso?

Victoria permaneceu impassível. A despeito do coração batendo alto, da adrenalina circulando vigorosamente pelo seu sangue. Uma reação de luta-ou-fuga. Só que ela não tinha como escapar.

Hank Muller colocou as mãos nos bolsos do jaleco, como se tudo o que ocorrera não passasse de uma visita normal e comum. Comentou em tom firme, mas com entonação alegre, como as coisas iriam transcorrer para Victoria.

— Eu esperei pacientemente que você estivesse totalmente desperta porque terá que refletir em tudo o que fez, minha cara. Não podemos dar sequência ao seu tratamento sem primeiro nos livrarmos dessa sua disposição de ânimo rebelde.

— Que "tratamento"? — quando viu, Victoria já tinha falado. — *Nunca* fui bem tratada aqui! O senhor sabe exatamente o que fez comigo! E o que faz com *todos* os pacientes desse mausoléu!

— Exatamente. Faço com cada um o que julgo necessário para que fiquem sãos. Infelizmente, nem todos ficarão...

O médico foi tratando de começar a empurrar a maca para frente.

— O que você vai fazer comigo, doutor Muller? *Hein*? O quê?!!

O doutor Muller a ignorou por completo. Victoria começou a ficar descontrolada. E como a *merda* já estava feita mesmo...

— Me solte, me deixe sair daqui seu monstro, me deixe sair, médico desgraçado!! Me deixe SAIRRRRR... AAAHHH! — o berro virou um rosnado brutal, sem palavras.

Victoria continuou aos urros pelo corredor. Não demorou, e dois enfermeiros apareceram correndo, mas ao ver que a paciente já estava contida, apenas acompanharam o doutor Muller. Um deles tomou a cabeceira da maca, levando-a em frente e o outro caminhou logo atrás do doutor Muller.

Iam mais rápido agora. Desceram pelo elevador e, nos corredores mais estreitos e nas curvas, batiam com a maca em tudo, aos trancos e barrancos, fazendo uma barulheira dos infernos. O costumeiro sorrisinho sarcástico do doutor Muller brilhava em seu rosto.

Mas, não. Não era só sarcasmo. Por baixo do sorriso, ele exibia uma cara de dar medo. Estava realmente furioso...

Capítulo 15

Victoria sabia onde estava. Conhecia aquela porta. Conhecia aquelas paredes. Conhecia o cheiro.

Sem que ela pudesse prever, um pano, ou algo do tipo, foi colocado com brutalidade em sua boca por um dos brutamontes sem que a garota pudesse evitar. Foi tão profundo que ela sentiu ânsia de vômito. E, o pior: vomitou mesmo. O pano meio que escapou de sua garganta com a violência do jato estomacal, e tudo caiu sobre o pescoço dela, sobre seu peito. Foi tão rápido que por pouco ela não aspirou parte daquele conteúdo.

— Huh! Mas quanta imbecilidade! — foi a vez de Hank Muller reclamar. — Vocês não servem nem mesmo para uma tarefa tão simples!?

Victoria ofegava, vomitando mais uma vez. O médico só esperou que ela acabasse. Uma aspiração de vômito era um quadro grave. Podia causar uma pneumonia fatal. E ele não queria que Victoria morresse tão cedo assim. De qualquer modo, ele não tinha aguardado tanto para que a maldita paciente ficasse *bem* desperta para agora ser obrigado a sedá-la novamente o que, possivelmente, acabaria mal, com ele tendo que passar um tubo nasotraqueal nas vias aéreas de Victoria e conectá-la ao *Bird Mark 7*, um moderno ventilador mecânico que garantiria sua respiração na enfermaria. ("Na *enfermaria*, e não ali no necrotério, por todos os infernos!").

Não, essa não era a solução. Além do mais, o *Bird* não era isento de falhas, e se desse defeito, a mataria. E ele não iria deixá-la morrer bem debaixo de seu nariz!

Sendo assim, calçou luvas de borracha que encontrou em cima da pia e ele mesmo ajeitou o pano, e depois a mordaça de couro. Um dos auxiliares segurou a cabeça de Victoria até que a mordaça fosse presa por trás dela.

Victoria viu a expressão de descaso no rosto de Hank Miller. Lutou contra as lágrimas, porque poderia literalmente se afogar nelas. Obstruiria o nariz – a única passagem de ar, e que já estava meio queimando com o vômito que tinha saído também por ali.

Contudo, Victoria achou que poderia realmente morrer fazendo isso. Segurou as lágrimas para quando estivesse sozinha... não ia demorar...

Ela olhava para o teto, as luzes queimavam sua vista, deixando-a embaçada. Também era culpa daquele início de choro, que Victoria tinha conseguido conter. Foi sua alma que estremeceu ao escutar o barulho do gavetão no necrotério, o ruído áspero de metal ao deslizar sobre os trilhos. Era de gelar o sangue. Só mais alguns instantes, e estaria lá dentro.

Não queria pensar.

O coração agora parecia que ia explodir.

Victoria não conseguia respirar, em parte pelo nariz entupido, em parte pelo pavor. E em parte pelo cheiro de vômito que, como notou, ia ficar sobre ela. A sudorese fria já inundava todo o corpo. Os dois auxiliares brutamontes soltaram as amarras dos pés e mãos de Victoria.

Ela esperou "calmamente", deixando o pé e a mão soltos totalmente inertes sobre a maca, como se sequer lhe pertencessem. De braços cruzados a dois passos de distância, Hank Muller observava, triunfante.

O outro pé foi solto. Quase em seguida, as correias da última mão se soltaram. Como se fosse de mola, mais rápida que um raio, a jovem deu um pinote com o corpo, ergueu o tronco, acertou um chute no auxiliar que se aproximou dela primeiro e conseguiu descer da maca. Fez a maca de aríete e a empurrou com violência contra o outro auxiliar. O doutor Muller não tinha qualquer condicionamento físico. Levou um pisão do auxiliar que foi abalroado pela maca e teve que se apoiar para não cair.

Victoria saiu correndo como se não houvesse amanhã. Só a adrenalina para fazer o corpo dela funcionar tão espetacularmente

após horas de tortura, amarrada naquela maca.

"Se a porta do túnel estiver aberta..."

Ela bateu em uma das mesas, mas ainda assim estava em vantagem. Sem pensar nas dores, disparou pela passagem que a levaria ao túnel, mas não conseguiu alcançá-la. Subestimara o condicionamento físico dos brutamontes. Os dois a alcançaram quase juntos. Um agarrou Victoria pela cintura, erguendo-a do chão.

Gritos. De todo mundo.

Victoria lançou uma cotovelada para trás, rente ao corpo, e conseguiu acertar o auxiliar graças ao tórax largo do homem. Ele afrouxou o aperto um pouco, mas o segundo simplesmente se jogou contra a menina e a derrubou no chão. O impacto contra o piso tirou todo o ar do pulmão de Victoria, que saiu pelo nariz numa lufada barulhenta, e levou com ele o muco e o vômito que estavam presos nas narinas.

Ela achou que fosse morrer. Não conseguia inspirar o ar; e foi acometida por uma dor horrível numa das bases do tórax. Não tinha mais jeito. Tinha perdido. Ficou quieta, o marmanjo ofegando e espremendo seu corpo contra o dela. O outro passou uma corda comum pelos pés de Victoria enquanto ela ainda estava no chão. Depois foi a vez dos pulsos.

Estava apertado demais. A corda arranhava sua pele.

Finalmente, num puxão inspiratório que a fez morrer de dor na base das costelas, o ar entrou dentro dela. Começou a respirar aos trancos, entrecortada. Ninguém esperou que se recuperasse: como um saco de arroz Victoria foi carregada de volta para o necrotério.

O doutor Muller acompanhara o desenrolar de perto e estava espumando. O rosto vermelho e inflado. Veio ao encontro da jovem ainda no corredor, ainda usando as luvas e, desvairadamente, rasgou a parte da frente imunda das vestes de Victoria. Ergueu o sutiã num puxão brutal, expondo-a. Então, ele mostrou o que trazia consigo. Ergueu a mão bem diante dos olhos de Victoria: uma pinça cirúrgica prateada.

(Será que ele a levava no bolso?!).

Aterrorizada, a garota começou a gritar por detrás das mordaças. O médico deu-lhe as costas e caminhou; entrou de novo no necrotério. Foi seguido pelos auxiliares, que praticamente arremessaram Victoria na mesa mais próxima.

— No gavetão — fez o doutor Muller, seco, com um gesto de cabeça.

Eles a tiraram da mesa e a depositaram na tábua metálica do gavetão. Cada um deu um passo para trás, ofegantes, abrindo espaço para o médico. Victoria não se desviava da mão do doutor Muller, o branco dos olhos se sobressaindo.

Talvez ele só quisesse assustá-la. Iria dizer que a pinça seria usada "da próxima vez...", caso ela "não se comportasse..."

O gavetão onde Victoria fora colocada era o do meio. Muito fácil para o doutor Muller olhá-la. Olhar seus seios nus. Respirar em cima dela. Colocar a pinça perto de seus olhos, e manuseá-la. Respirando loucamente, Victoria não sabia o que estava vendo, não entendeu o mecanismo da pinça; só percebeu que tinha o formato de uma tesoura e era possível fechá-la e *travá-la*.

Victoria tremia muito. Sem aviso, o doutor Muller levou a pinça a um dos mamilos da jovem. Ela tentou se esquivar, mas as mãos dos auxiliares a seguraram, seguraram seu seio. O doutor Muller apertou a pinça com força, mas não a travou. Ele ficou segurando o instrumento porque queria sentir o desespero, a dor, os movimentos.

Os olhos de Victoria se reviraram para o alto enquanto ela gritava e se contorcia como uma cobra. E a pinça caiu, mesmo com três homens a segurando.

Xingando, o doutor Muller pegou a pinça. Antes, estimulou o mamilo com os dedos até que se elevasse; então, puxando-o para cima, instalou a pinça na sua base. Dessa vez Victoria pensou que desmaiaria. A dor nas costelas ficou esmaecida, e todas as outras dores, inexistentes.

Gritos, gritos abafados saíam pela mordaça. Gritos de um animal encurralado, contemplando a morte.

Hank Muller fez questão de checar as cordas nos tornozelos e pulsos de Victoria, ele mesmo. A garota que ficasse com as cordas! Ia dar muito trabalho colocar as amarras de couro. Ela se contorcia demais, e gritava a plenos pulmões com a pinça muito bem segura à sua carne dessa vez. Isso dificultava o trabalho.

— Deem uma última olhada — ele ordenou aos assistentes.

Enquanto eles checavam as cordas, de súbito Victoria pareceu que ia entrar em choque. Os gritos diminuíram bruscamente, restando apenas gemidos baixos; o pescoço era jogado de um lado para outro, a esmo, e os músculos, antes totalmente contraídos, agora estavam flácidos.

— A Merdinha vai desmaiar.

Ele pegou o cabo da pinça e soltou a trava. O mamilo sangrava profusamente. Se a pinça estivesse quente – como ele já tinha experimentado em outras pacientes problemáticas –, teria cortado o mamilo fora como se fosse feito de manteiga. Esperou um pouco.

Como Victoria demorasse a ter noção de onde estava, o médico embebeu um pano em água gelada da torneira e o colocou cobrindo o rosto de Victoria. Como ela não se pusesse imediatamente ativa como ele gostaria, começou a derramar água gelada sobre o pano na altura do nariz da jovem.

Lutando para respirar, logo Victoria estava novamente gritando alto. Pareciam gritos de louca. Ela entendeu muita coisa, ali, naquele instante.

Antes de enfiá-la para dentro, Hank Muller tirou o pano encharcado e olhou Victoria nos olhos. Parecia calmo agora. Porque tinha vencido. Tinha feito ela berrar, urrar, se mijar de pavor. Tinha

infligido dor considerável. Ela merecera. Estava calmo e tranquilo porque agora via nos olhos da paciente que ela estava rendida.

Ele não gostava de mulheres histéricas que não se dobravam, se debatiam, se jogavam contra paredes e urravam como se numa mesa de sacrifício. Bem, ele gostava de dar-lhes algum motivo para berrar.

Se Victoria continuasse assim, arrancaria o útero dela. Vai-se o útero, vai-se a histeria. Assim estabelecia a ciência. Mas antes disso, talvez ele usasse a pinça quente no outro mamilo. Ou em seu clitóris. Sorriu, regozijando-se. Bastaria ela lhe dar motivo.

— Hoje você vai ficar aqui o mesmo tempo que ficou da última vez – o doutor falou, alto e em bom som. — Quero você *viva* para dar continuidade aos meus planos de tratamento para o seu caso. — Uma pausa dramática, fria e úmida. O único som foi o do vento cortante assobiando tão alto nas janelas de cima que era possível ouvi-lo. — Só que da próxima vez, cara Victoria, não me teste.

O ruído do gavetão sobre os trilhos, arranhando, rasgando estridente, seguido de um sonoro *Blam*!... era como se tivesse o poder de esmigalhar a cabeça de Victoria. Ela não suportava mais nenhum som.

Fechada a porta, a escuridão tomou conta de tudo.

Victoria mal conseguia se mexer, e isso não era apenas por causa das cordas enroladas nela. As dores que havia sentido antes na maca já nem importavam, excetuando a cabeça, que pulsava mais freneticamente. Uma ou duas costelas deviam estar quebradas, ela tinha certeza, a julgar pela dor a cada inspiração mais profunda. E o mamilo... *queimava*. Deveria estar destruído. Sem contar o quanto ela se sentia *humilhada* naquele momento. E sozinha. Muito sozinha.

Victoria desatou em choro copioso, emitindo grunhidos e sons inexprimíveis debaixo da mordaça e do pano na garganta. Seus pulsos tinham sido amarrados na frente do corpo, estirados para baixo. Com muito custo, ela deu um jeito de dobrar os cotovelos e subir as mãos até o peito. Estava encharcado de sangue.

Victoria tentou tocar de leve o seio machucado, e quase gritou de dor outra vez conforme a corda roçou no machucado exposto.

Ofegava, entredentes. Melhor não se mover, seu corpo doía demais. Melhor rezar. Entre orações murmuradas, ela chorou e chorou. *Melhor* tentar dormir... se acalmar... morrer logo...

Depois de um tempo, porém, Victoria notou que o entupimento do nariz não a faria morrer asfixiada, e só aumentava seu desconforto. Resolveu mudar a estratégia. Tinha que *parar* de chorar. Precisava que o ar entrasse! Com ou sem dor nas costelas, ela tinha que, pelo menos, *respirar*! Fungava com força, tentando engolir a secreção nasal e sugando o ar como podia, com sofreguidão, já que a mordaça também cobria parte do nariz.

A cada inspiração, sentia aquela dor aguda nas costelas direitas. Será que se a dor aumentasse ela não conseguiria respirar? Victoria não sabia. Tudo aquilo se convertia numa sensação apavorante e um desconforto inimaginável.

A câmara foi se tornando mais e mais abafada. Calor. Calor. Calor. Victoria tinha impressão de que seu corpo entraria em combustão espontânea. O suor escorria pelo couro cabeludo, pela testa, caindo nos olhos, nos ouvidos. A parte de trás das pernas e as costas estavam encharcadas, porém, quando ela tentava mover o corpo para ficar de lado, ou mover a cabeça para redirecionar a transpiração, batia num dos lados do gavetão. Sem contar que qualquer movimento dava as malditas agulhadas nas costelas.

Era tão pequeno ali. Tão apertado. Tão claustrofóbico. Victoria gemia, baixinho, assustada. Era como ser enterrada viva.

Mas precisava parar de chorar. E não ficar pensando no pior: ela não tinha ideia de quanto tempo ficara ali da primeira vez! E o doutor Muller prometera deixá-la ali pelo *mesmo*... *tempo*...

Concentrou-se em si mesma e em tentar se acalmar. Contava as batidas ainda frenéticas do coração; tentava respirar o mais profundo que conseguia, bem devagar, para não disparar abruptamente a dor das costelas. *Tinha que se acalmar*!

Ela odiava o doutor Hank Muller. Percebeu que, a despeito de tudo em que vivenciara na vida, estava começando a odiar *seu pai* também. Era um sentimento tão palpável que ela se surpreendeu.

"Não desejo vê-lo nunca mais" — ela fez a promessa em seu coração.

Mesmo que sobrevivesse a Waverly Hills, mesmo que conseguisse sair dali... no seu coração o doutor Milton John tinha perdido o brilho, tinha se transformado em carrasco. Seu *carrasco*!

"Ah, que dor angustiante e sofrida...".

Melhor mudar o rumo dos pensamentos. Melhor pensar em *outra* coisa.

Mesmo que aquele ódio invadisse suas veias como veneno e os pressentimentos quanto ao futuro fossem funestos, Victoria fez um esforço para se concentrar em coisas boas. Seus passeios de bicicleta, totalmente livre, com Tobi ou sozinha, aproveitando a brisa, colhendo flores em suas tardes na floresta; o rio, tão maravilhoso...! Ela se concentrou na lembrança da água, e de como o sol a transformava em puro cristal líquido, e permeava a folhagem das árvores traçando fitas saídas de conto de fadas... ou de sonhos...

Sonhos... ela também se lembrava de sonhos. Havia um lugar onde o sol fazia a água brilhar com infinitas cores – só não se lembrava aonde...

Estava sonolenta, percebeu. O estresse sofrido cobrava seu preço mais uma vez. Sentia-se mole, e as dores eram agora como um surdo pulsar constante. Victoria pensou em suas amigas. O que será que diriam às suas amigas?

Será que o feriado de Natal já tinha passado? Ela estava perdida no tempo outra vez. Teriam as aulas recomeçado?

Aos poucos – muito aos poucos – o coração desacelerou. O nariz estava menos obstruído. Só que o cheiro do vômito era cada vez mais nauseabundo. Estava em seu pescoço, em seu peito, nas costas e em partes de seu cabelo, misturado com o cheiro ferroso do sangue, e suor. Tinha impregnado tudo por onde escorrera, pelo que restava de sua roupa.

"Talvez o cheiro melhore quando toda essa sujeira estiver seca", refletiu a garota.

Por falar em "seca", ela se viu mais ciente do que nunca da sede que sentia. Sede. Sede. Sede.

Sem saber quanto tempo havia passado, Victoria acordou de repente, quieta como uma boneca de pano que alguém jogou fora. Tinha conseguido controlar a maior parte das sensações negativas e se sentiu ligeiramente melhor com a constatação. Apesar da prisão, Victoria se descobria como uma jovem de coragem e força. Havia um certo conforto em saber que *ninguém* poderia lhe fazer mal enquanto estivesse enfiada nas profundezas da terra guardada no Necrotério, naquela caixa apertada.

De súbito, porém, um *feeling*... uma *sensação*... já conhecida. Uma *presença*.

Foi o suficiente para a que sensação clara de *pseudocontrole* começasse a tremeluzir.

"*Não entre em pânico-não entre em pânico-não entre em pânico-não entre em pânico-não entre em pânico-não entre em pânico-não entre*!"; Victoria engoliu em seco. "*NãoentrenãoentrenãoentreNÃOENTRE!"*

Mas já estava quase lá. Foi como ir de zero a cem em instantes. O terror de perder o controle, de ser vencida pelo pânico que aquilo olhe causava – como acontecera algumas vezes antes de

vir para o sanatório –, a sufocava. Se lhe faltasse o controle emocional poderia enlouquecer de verdade.

"Para sempre!"

A sensação de tragédia iminente ameaçou inundar todo o seu coração e mente, todo o seu ser e transbordar para fora. Estava enchendo todo o gavetão, onde ela se afogaria e afogaria.

Num esforço sobre-humano, Victoria tentou trancar o pavor dentro de si. Mas... Parecia-lhe escutar a risada *outra vez*. Mais alta. Aquela risada de escárnio. A alegria petrificante da Gárgula.

Não. *Não*.

Victoria. Respirava. Respirava.

Só respirava.

Então seus olhos rodaram na escuridão. E se o visse novamente?! Não ali, não *ali*!!

"Apenas. Respire".

O ar não parecia suficiente. Não enchia seus pulmões. Mesmo no escuro as sensações de vertigem vinham em ondas, e tudo rodava, ela própria rodava; subia e descia, como se levada pelas ondas do mar, girava como uma pluma ao sabor da ventania.

Náuseas. Outra vez. Já não tinha nada no estômago! Ela trancou a iminência do vômito. Mas não adiantou. De algum modo ele subiu, queimando o esôfago a garganta. A nova golfada era *puro líquido.* Foi sorte, pois a maior parte saiu pelo nariz, a via mais fácil. Victoria segurou a respiração por instinto, ficando sem ar por vários e vários segundos, evitando aspirar os resíduos, deixando que eles escorressem pelo pescoço. Uma parte menor de vômito escorria pelas beiradas úmidas do pano oclusivo na boca, empapando-o, bem como a mordaça. E o que restou represado na boca, foi preciso engolir de volta.

"Não respire! Não respire!".

Então, sufocada, experimentou puxar um pouco de ar, bem pouquinho, com cuidado. Uma vez. Duas. *De-va-gar.* Então assoprou ruidosamente o conteúdo nojento do nariz. O corpo se remexia em espasmos. Percebeu que tremia como vara verde. Medo. Tanto medo. Nem percebeu que estava de novo gemendo. Sentia parte do rosto formigando, o pescoço. As extremidades.

A barriga inteira doía pelas contrações do vômito. A cabeça ia explodir. As costelas ameaçavam perfurar seu pulmão, a julgar pela dor. Sua respiração estava mais uma vez curta e superficial, e ela, tendo limpado seu nariz o suficiente, tentou respirar devagar, compassadamente. Mas o coração cavalgava frenético, e ela não tinha como fazê-lo desacelerar por pura vontade. Então, a única coisa a ser feita era Victoria tentar ignorar aqueles sintomas. Sabia que era resultado do pânico e do medo.

Ainda sentia a presença do monstro ao lado dela. Era muito perturbador. Aparentemente as paredes da câmara não o restringiam. Ele estava bem ali, ao seu lado, dentro do gavetão. Victoria sentia um ar gelado do lado esquerdo do rosto. Como se *aquilo* respirasse perto dela.

O corpo da jovem estava inteiro contraído. Não adiantava gritar. Não havia para onde correr. Presa pelas cordas, ela virou o rosto para o outro lado, os olhos bem abertos, as pupilas dilatadas mesmo naquela escuridão.

"Ele irá embora logo, irá embora como das outras vezes... se eu apenas puder ignorá-lo..."

Depois de um tempo o ar, que havia ficado carregado com aquela presença maligna, se tornou *ar* de novo. Abafado e nauseante, mas era *só ar*. Victoria fechou os olhos com alívio. A Gárgula havia desaparecido por completo. Então, ela se apoiou na convicção de que a porta do gavetão iria abrir em algum momento.

Tentou engolir, aliviar um pouco a garganta e a queimação que sentia nela. Gritos, a aspereza do pano, o ressecamento pela

sede e o suco gástrico não eram uma boa mistura. Mas não adiantava pensar no desconforto da garganta. Victoria tinha que se comportar como um maratonista durante sua longa corrida: *concentração*, e um passo após o outro. Força. Não pensar no desgaste do corpo, mas na linha de chegada.

Se Victoria se concentrasse assim também...

Coragem.

Não daria ao doutor Hank o gosto de vê-la sucumbir, afogada no próprio vômito. Iria dar um pouco mais de trabalho. Aquela não seria a noite em que seu pai haveria de receber notícia de sua morte. De jeito nenhum. Ao contrário do que estivera pensando antes, *de jeito nenhum* morreria ali!

De novo as dores foram ensurdecendo; seu latejar era constante, mas suportável. Victoria simplesmente as acolheu, sabendo que aquele martírio não duraria eternamente. O mau cheiro podia não ser tão ruim se ela só pensasse em receber o oxigênio de que necessitava. Se relaxasse os músculos ao invés de forçá-los inutilmente contra as cordas, transpiraria menos e o local ficaria menos abafado. Além de poupar suas forças.

Então ela se acalmou o suficiente. Fez o mesmo caminho de antes: "Agora pense em alguma outra coisa, Victoria. Alguma coisa boa".

Alguma coisa que a transportasse momentaneamente para outro lugar. Então, apenas surgiu na sua lembrança, vívida, a pedra!

Qual seria seu significado? "Uma lembrança", o médico lhe dissera. Victoria ficou refletindo. Uma lembrança. Uma lembrança.

"Mas... uma lembrança do quê?... E, por quê?"

Pensar na pedra, no médico, o encontro na floresta, os presentes que ganhara... era bom, e não era ao mesmo tempo. Porque agora estava *ali*, presa em Waverly Hills, e quando teria chance de escapar? Victoria tinha impressão de que não seria tão

fácil. Imaginar como o doutor Muller seria consciencioso em evitar outra fuga...

Não. Ela não ia pensar nisso agora. Teria que criar algum plano.

"E se ele vier até mim... mais uma vez?

Victoria achou que, pelo fato de Logus ter feito tudo quanto podia para libertá-la, talvez isso quisesse dizer que ele se arriscaria a tentar de novo. E, dessa vez, Victoria não seria burra! Se Robert não tivesse aparecido e a levado até o Laboratório, nessa altura ela estaria bem longe!

"Humpf...."

Tentou se acomodar um pouco melhor. Ajeitou o corpo como pôde. A base do pulmão direito se ressentia a cada inspiração mais profunda. Mas era aquela queimação no mamilo que a preocupava mais. Embora estivesse surda e latejante, e se espraiasse pelo seio como um todo, não era mais como se o tecido estivesse sendo cortado fora. Mesmo assim Victoria se preocupou se ficaria com alguma cicatriz monstruosa.

Melhor não pensar naquilo. O tempo foi passando. Victoria permanecia quieta.

Foi invadida por uma nova onda de sono. Poderosa. Agora que já tinha visto o médico e recebera a punição, certamente não o encontraria nas próximas horas, ou mesmo no próximo dia. Aquilo fez a adrenalina ir caindo. Mas foi deixando Victoria completa, total e inteiramente exaurida. Não se aguentava mais. Não tinha qualquer condição de raciocinar.

Sua mente enevoou-se com aquela fadiga desconcertante. E Victoria desligou. Apagou.

(Seu corpo estava sendo mais inteligente do que sua mente.)

Mais tarde, Victoria iria avaliar o que acontecera sem encontrar as respostas que queria. Se tinha sido um desmaio, se

finalmente a piedade de Deus lhe trazia um alívio, ou se o sono era resultado de ultrapassar todas as forças físicas e psíquicas... Quem haveria de o saber? Ali não havia testemunhas.

Fato é que, dentro do gavetão, aprisionada e amarrada e sem poder mudar seu destino, a única escapatória era a inconsciência. Victoria apenas a tinha acolhido.

CONTINUA
TOMO 3

———

[1] Quarto privado das mulheres de alta classe e da realeza.
[2] Organização do Tratado do Atlântico Norte, por vezes chamada Aliança Atlântica, é uma aliança militar intergovernamental baseada no Tratado do Atlântico Norte, que foi assinado em 4 de abril de 1949. (Wikipédia)